



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO
EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE - PPGCom

MAYRA CRISTHINE DOS SANTOS CABRAL

ÂNIMOS JUVENIS E TRADIÇÃO LITERÁRIA: a imprensa estudantil no
Maranhão Oitocentista (1870- 1900)

Palmas/TO

2022

MAYRA CRISTHINE DOS SANTOS CABRAL

ÂNIMOS JUVENIS E TRADIÇÃO LITERÁRIA: a imprensa estudantil no Maranhão
Oitocentista (1870- 1900)


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins – UFT, como requisito a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Jr.

Palmas/TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C117  Cabral, Mayra Cristhine dos Santos .
 Ânimos Juvenis e Tradição Literária: a imprensa estudantil no Maranhão
 Oitocentista (1870-1900) . / Mayra Cristhine dos Santos Cabral. – Palmas, TO,
 2022.
 197 f.

 Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
 – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em
 Comunicação e Sociedade, 2022.
 Orientador: Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior

 1. Imprensa Estudantil. 2. História da Imprensa. 3. História da Imprensa do
 Maranhão. 4. Imprensa Oitocentista. I. Título

CDD 302.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

MAYRA CRISTHINE DOS SANTOS CABRAL

ÂNIMOS JUVENIS E TRADIÇÃO LITERÁRIA: a imprensa estudantil no Maranhão Oitocentista (1870-1900)

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora

Data de aprovação: 19/12/2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Gilson Rebouças Porto
Universidade Federal do Tocantins/UFT
Orientador

Prof. Dr. Luiz Francisco Munaro
Universidade Federal de Roraima (PPGCOM-UFRR)
Segundo avaliador

Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes
Universidade Federal do Tocantins/UFT/UNESP
Segundo avaliador

Para José, meu sobrinho, que acaba de nascer.

08/12/2022.

AGRADECIMENTOS

Professor Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior, meu orientador, pela confiança, ensinamentos e sensibilidade no decorrer desta pesquisa. Professores Luiz Francisco Munaro e Nelson Russo de Moraes, membros da minha banca de qualificação e defesa, pela leitura atenta e observações valiosas sobre este trabalho. Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) e o Programa de Pós Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (PPGCOM-UFT) por subsidiarem essa investigação.

Márcia, minha mãe, por tudo. Cabral, meu pai, por tanto. Maryanna, minha irmã, pela força. Jarina e Mateus, meus amigos, pela escuta sensível em momentos difíceis. Sâmela, minha amiga, pela solicitude e empolgação. Almicéia, minha amiga, pelo apoio desde sempre. Wauanne, minha prima, sem você não tem graça. Andréia e Rita, minhas amigas, pelas trocas. Vó Dedé e Vó Gregória, João, Sandro, Fátima, Gisely, Ária, Duke e todos que acreditaram e atravessaram comigo essa estrada, todo o meu amor.

[...]

Talvez pareça a alguns que esta pequena revista se propõe desdobrar novas estéticas. Engano será, se tal antevirem, porque as nossas aspirações modestas fluem num âmbito limitado.

Nada mais ambicionamos, com todo ardor dos nossos ânimos juvenis, do que viver a tradição literária do Maranhão, que sempre se manifestou impetuosa e brilhante.

(A Actualidade, 16 de agosto de 1900, p. 01).

RESUMO

Apresenta os impressos organizados pela comunidade discente maranhense que, imbuídos de *ânimos juvenis e tradição literária*, trabalharam em prol do desenvolvimento intelectual de sua terra natal e fizeram parte de uma imprensa estudantil bastante expressiva em fins do século XIX. Objetiva-se analisar o movimento dos impressos estudantis que circularam no Maranhão Oitocentista, identificando e resgatando os jornais que compuseram esse tipo de atividade periódica, apresentando os aspectos relacionados à sua materialidade, os sujeitos e instituições que fizeram parte da sua produção social, bem como as temáticas mais retratadas nesses impressos. A abordagem teórica e metodológica se baseia nos pressupostos da História Cultural e da História Cultural da Mídia, com o aporte da pesquisa bibliográfica e documental: a primeira pautada nos estudos sobre História da Imprensa, História da Imprensa do Maranhão e História dos Impressos Estudantis; a segunda, centrada em fontes tipográficas auxiliares, na figura dos jornais Diário do Maranhão (1855-1919), O Paiz (1863-1886) e Pacotilha (1880-1939) para a identificação dos títulos pertencentes à iniciativa do alunado, e em fontes principais, os próprios jornais estudantis, junto a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e do Acervo Raro da Biblioteca Pública Benedito Leite para o encontro e resgate dessas materialidades. Os resultados da investigação registram a circulação de 22 *jornalsinhos* organizadas por estudantes entre os anos de 1870 e 1900 no Maranhão. A imprensa estudantil maranhense foi materializada em pequenos jornais organizados pela comunidade discente do Liceu Maranhense, com o apoio de diversos atores e instituições sociais, que utilizaram esses impressos como objeto contra a apatia literária e cultural que se instaurara na *Atenas Brasileira*.

Palavras-chave: Imprensa Estudantil. História da Imprensa. História da Imprensa do Maranhão. Imprensa Oitocentista.

ABSTRACT

It presents the printed matter organized by the Maranhão student community which, imbued with youthful spirit and literary tradition, worked for the intellectual development of their homeland and were part of a very expressive student press at the end of the 19th century. The objective is to analyze the movement of student publications that circulated in Maranhão in the 19th century, identifying and rescuing the newspapers that composed this type of periodical activity, presenting aspects related to their materiality, the subjects and institutions that were part of their social production, as well as the themes most portrayed in these prints. The theoretical and methodological approach is based on the assumptions of Cultural History and Cultural History of the Media, with the contribution of bibliographical and documentary research: the first based on studies on Press History, Press History of Maranhão and History of Student Prints; the second, centered on auxiliary typographic fonts; in the figure of the newspapers *Diário do Maranhão* (1855-1919), *O Paiz* (1863-1886) and *Pacotilha* (1880-1939) for the identification of titles belonging to the initiative of the student body; and in main sources, the student newspapers themselves, together with the National Library's Digital Hemeroteca and the Rare Collection of the Benedito Leite Public Library to find and rescue these materialities. The results of the investigation record the circulation of 22 newspapers organized by students between the years 1870 and 1900. The student press from Maranhão was materialized in small four-page newspapers that had irregular periodicity, however its creation and maintenance involved several actors and institutions which aimed to use newspapers as an object against the cultural and intellectual apathy that had taken hold in Brazilian Athens.

Keywords: Student Press. Press History. History of the Maranhão Press. Nineteenth-century Press.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01 – Jornal Diário do Maranhão.....	28
Figura 02 – Jornal O Paiz	29
Figura 03 – Jornal Pacotilha	30
Figura 04 – Identificação de <i>títulos efêmeros</i> a partir do termo Jornalsinho	31
Figura 05 – Termos representativos da imprensa estudantil nos grandes diários	32
Figura 06 – Mapa das fontes auxiliares de pesquisa, termos utilizados e títulos de jornais estudantis encontrados	33
Figura 07 – Forma da imprensa Estudantil Maranhense Oitocentista (1870-1900).....	39
Figura 08 – Jornal O Estudante	40
Figura 09 – Jornal A Mocidade	41
Figura 10 – Jornal Revista Juvenil	42
Figura 11 – Jornal A Escola	44
Figura 12 – Jornal O Sorriso	45
Figura 13 – Jornal O Século	48
Figura 14 – Pedido de pagamento d’A Actualidade (1900)	49
Figura 15 – Nota de suspensão d’O Progresso (1878)	49
Figura 16 – Jornal O Ensaio	50
Figura 17 – Jornal A Eschola	51
Figura 18 – Jornal O Porvir	52
Figura 19 – Jornal A Alvorada	53
Figura 20 – Jornal O Ideal	54
Figura 21 – Jornal A Actualidade.....	55
Figura 22 – Anúncio de aprovação dos estatutos da Sociedade União Juvenil.....	64
Figura 23 – Nota sobre sessão preparatória.....	64
Figura 24 – Nota sobre a criação d’O Progresso pelo do Club Litterario	64
Figura 25 – Anúncio de sessão no Club Litterario	64
Figura 26 – Crítica ao trabalho literário dos mestres.....	73
Figura 27 – Crítica ao trabalho docente dos mestres.....	73
Figura 28 – Homenagem ao trabalho literário e jornalístico dos discentes.....	74
Figura 29 – O primeiro número d’A Actualidade	76
Figura 30 – Acróstico da comunidade docente do Liceu	81
Figura 31 – Crítica ao prédio do Liceu.....	81
Figura 32 – Notícia sobre a distribuição d’A Mocidade (1875).....	83

Figura 33 – Agradecimento pelo envio d’A Alvorada (1895)	83
Figura 34 – Nota sobre a distribuição d’O Estudante (1885).....	83
Figura 35 – Rastros da dispersão dos Jornalsinhos pelo Brasil.....	84
Figura 36 – Rastros da dispersão dos Jornalsinhos pelo Brasil.....	84
Figura 37 - Mapa de dispersão e intercâmbio da imprensa estudantil maranhense pelo Brasil.....	86
Figura 38 – Expediente d’O Ensaio com impressão pela Tipografia da Pacotilha	88
Figura 39 – Anúncio d’O Século no Jornal Pacotilha	88
Figura 40 - Diagrama de assuntos da Imprensa Estudantil Maranhense Oitocentista.....	93
Figura 41 – Mapa das “redações” da imprensa estudantil (1870-1900).....	97
Figura 42 – Aviso de reunião da Sociedade Porvir no Liceu Maranhense.....	98
Figura 43 – Redação d’O Ensaio	98
Figura 44 – Redação d’A Actualidade	98
Figura 45 – Redação d’A Alvorada.....	98
Figura 46 – Partida dos amigos da Imprensa Estudantil	99
Figura 47 – Partida dos amigos da Imprensa Estudantil	99
Figura 48 – Partida dos amigos da Imprensa Estudantil	99
Figura 49 – Criação de Gremio Literário	100
Figura 50 – Reuniões de Sociedades Literárias	100
Figura 51 – Permuta de jornais.....	100
Figura 52 – Permuta de Livros	100
Figura 53 – Poema.....	102
Figura 54– Folhetim	102
Figura 55– Edição Especial em Homenagem a Victor Hugo.....	103
Figura 56– Edição Especial em Homenagem a Gonçalves Dias.....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Impressos estudantis recuperados.....	34
Quadro 02 – Periodicidade dos jornais estudantis maranhenses (1870-1900).....	49
Quadro 03 – Longevidade dos jornais estudantis maranhenses (1870-1900).....	50
Quadro 04 – Dispositivos envolvidos na produção da imprensa estudantil maranhense....	57
Quadro 05 – Clubes e sociedades literárias da imprensa estudantil maranhense.....	63
Quadro 06 – Títulos e subtítulos da imprensa estudantil maranhense Oitocentista.....	71
Quadro 07 – Datas celebradas pela imprensa estudantil maranhense.....	110

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Justificativa	16
1.2	Problema de Pesquisa e Objetivos da Investigação	17
1.3	Pressupostos Teóricos e Metodológicos	21
1.3.1	Procedimentos metodológicos	23
1.4	Itinerários de Identificação e Resgate dos Impressos Estudantis	25
1.4.1	Fontes auxiliares, instrumentos de pesquisa e termos de identificação dos Títulos efêmeros	28
1.4.2	Resgate e tratamento das fontes	34
1.5	Organização do Corpus	36
2	A IMPRENSA ESTUDANTIL DO MARANHÃO OITOCENTISTA (1870-1900)	38
2.1	A mocidade estudiosa vai à imprensa! Os primeiros passos dos Jornalsinhos....	40
2.2	Reaparecem os Jornalsinhos Litterários que a mocidade atirava aos quatro ventos: as dificuldades enfrentadas pelos impressos estudantis.....	45
2.3	Os órgãos da classe estudantil: os jornalsinhos como interpretantes fiéis dos desejos da mocidade na imprensa	50
3	A PRODUÇÃO SOCIAL DOS JORNAIS ESTUDANTIS MARANHENSES NO SÉCULO XIX	56
3.1	Deixai passar em paz o Estudante: as estratégias de introdução dos alunos no campo da imprensa e da literatura a partir da criação de jornais.....	60
3.2	Um apoio de classe! O exemplo dos professores e o envolvimento dos intelectuais na atividade literária e jornalística do alunado	70
3.2.1	O exemplo dos mestres	71
3.2.2	Os intelectuais na colaboração	74
3.3	Écos da redação: o papel do Liceu Maranhense e a promoção dos jornalsinhos na imprensa	78
3.3.1	O Liceu na instrução.....	79
3.3.2	A imprensa na promoção	82
4	O DISCURSO DA IMPRENSA ESTUDANTIL MARANHENSE OITOCENTISTA	89
4.1	A vida do estudante literato-jornalista e seus jornalsinhos na Atenas Brasileira	94

5 CONCLUSÃO.....	112
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	120

1 INTRODUÇÃO

Seja pela importância política que exerceu ou pelo valor literário dos que nela militaram a imprensa do Maranhão foi uma das mais notáveis do Brasil no século XIX. Fundada em 1821, quando circulou pela primeira vez a folha **O Conciliador do Maranhão**, os jornais ocuparam lugar de destaque no cotidiano maranhense, sendo palco de intensas lutas e debates sobre os mais variados temas da vida política, econômica, educacional e cultural, chegando a ser considerada uma das instituições mais tradicionais, representativas e influentes na sociedade oitocentista. A proliferação dos periódicos, em seus mais diversos segmentos, a fecundação da atividade tipográfica e jornalística local, e o aparecimento de ilustres intelectuais, que se valiam desse veículo para a divulgação de suas produções e externalização de suas ideias, era uma realidade no único espaço territorial denominado de *Atenas Brasileira*¹. (SERRA, 1883; JORGE, 2008).

Diante desse quadro nos interessa compreender o surgimento dos impressos organizados pela comunidade discente maranhense que, imbuídos de *Ânimos Juvenis e Tradição Literária*, trabalharam em prol do desenvolvimento intelectual de sua terra natal, a partir da publicação de inúmeros *jornalsinhos*² que fizeram parte de uma imprensa estudantil expressiva e bastante atuante na sociedade entre os anos de 1870 e 1900. A respeito dos periódicos estudantis, eles fazem parte da Imprensa de Educação e Ensino que engloba toda e qualquer publicação periódica, notadamente jornais, revistas e boletins, produzidos por pessoas ligadas direta ou indiretamente a instituições escolares ou à educação. Tais impressos tem despertado o interesse de diferentes pesquisadores por se constituírem fontes privilegiadas de pesquisa, onde se cruzam em suas páginas diferentes ideias e múltiplos atores sociais. (NÓVOA, 1993; AMARAL, 2002).

Dito isso, neste trabalho, investigamos o movimento da imprensa estudantil maranhense do século XIX no intuito de desvelar a relação do estabelecimento da atividade tipográfica feita por alunos com a manutenção do imaginário da *Atenas Brasileira* e da sua importância na formação de políticos, jornalistas, escritores e intelectuais que, ainda na mocidade, marcaram de maneira especial a História da Imprensa do Maranhão. A realização desta pesquisa inova ao propor uma compreensão mais ampla sobre a História da Imprensa e

¹ Epíteto arquitetado pela sociedade letrada maranhense na primeira metade do século XIX como sinônimo de superioridade linguística e intelectual e que até hoje é ícone da identidade cultural da cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão.

² Ao longo desta investigação evocamos a palavra *jornalsinho* para fazer referência aos periódicos organizados por estudantes maranhenses entre os anos de 1870 e 1900, optamos por utilizar o termo em sua grafia original, com S ou invés de Z, tal qual encontrado nas fontes.

do Jornalismo, principalmente sobre a relevância da atividade periódica estudantil para esses campos. Metodologicamente, a investigação torna-se original ao preconizar o uso dos próprios impressos estudantis enquanto objeto e fonte estudo simultaneamente, através da operacionalização e coadunação de teorias e métodos para o exame do jornal impresso enquanto objeto cultural, contribuindo dessa maneira para a evidência desse patrimônio documental, esquecido em sua maioria nos fundos³ de Arquivos e Bibliotecas, enquanto elemento significativo da construção e manutenção da memória e, sobretudo, da identidade cultural maranhense.

1.1 Justificativa

A História da Imprensa Estudantil do Maranhão, campo de investigação desta pesquisa, têm sido desvelada de maneira significativa nas últimas décadas. Dentre os autores que tratam dessa temática Costa (2009) e Borges (2017) revelaram a existência de uma série de periódicos produzidos por nichos distintos da educação maranhense na primeira metade do século XX, trazendo à luz a imprensa produzida pelo movimento estudantil acadêmico e pelas escolas primárias locais. Com relação à historiografia dos jornais produzidos pelos estudantes do Liceu Maranhense⁴, Aquino (2016) sinaliza a circulação de três jornais organizados pelo corpo discente liceal na década de 1950 onde se publicavam textos literários sobre o cotidiano escolar, artigos e notícias relacionadas à política da cidade de São Luís e do Brasil. Por sua vez, Furtado (2016) resgatou uma série de folhas organizadas e publicadas por estudantes do Liceu no período da Primeira República⁵ e constatou que os periódicos estudantis configuravam-se, sobretudo, “[...] como um importante veículo de identidade e resistência, entre o ideal e o concreto vivenciado pelos estudantes dessa instituição.” (FURTADO, 2016, p.07).

Retrocedendo temporalmente ao século XIX, Castro, Cabral e Castellanos (2019) revelaram a existência de seis jornais criados pela comunidade discente liceal na primeira década republicana, foram eles: **O Século** (1889), **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Porvir** (1895), **O Ideal** (1898), e **A Actualidade** (1900). Ao analisar a influência do Liceu Maranhense na concepção desses impressos, os autores salientam que as folhas estudantis

³ Na arquivologia, *Fundo* ou *Fundos Documentais* refere-se ao conjunto de documentos produzidos ou acumulados por determinados sujeitos (entidade, pessoa ou família) que guardam entre si relações orgânicas e que são preservados como prova ou testemunho legal ou cultural.

⁴ Primeira instituição de ensino secundário do Maranhão, criada por meio da lei de N.º 77 em 24 de julho de 1838.

⁵ O momento da chamada *Primeira República* é o período da história do Brasil entre os anos de 1889 a 1930.

carregaram e refletiram, tanto em suas páginas quanto na sua organização social, os ideais e modelos de educação proporcionados por sua instituição de origem.

Desse modo, à sombra de diferentes olhares e perspectivas, jornalistas, historiadores, bibliotecários e professores, ao tomarem tais jornais sob análise, revelaram a presença de uma rica atividade tipográfica feita por estudantes maranhenses, passível de ser inventariada desde a última década do oitocentos até meados do século XX, e ligada a diversas instituições de ensino do Estado, principalmente ao Liceu. No entanto, o registro da presença de uma organização estudantil mais robusta em torno da criação e manutenção de jornais no século XIX, especificamente no Período Imperial, ainda é uma lacuna a ser preenchida pela História da Imprensa do Maranhão.

Tal fato não quer dizer que a imprensa produzida por discentes teve pouca relevância na sociedade maranhense ou sequer existiu no século XIX, mas sim um indicativo do apagamento da importância do jornalismo estudantil para a História da Imprensa do Maranhão e do Brasil, aliada a falta de estudos mais sistematizados que prezem pela identificação e recuperação das materialidades produzidas por esses agentes nos depósitos de memória (Arquivos, Bibliotecas e Museus) e sua evidenciação enquanto veículo responsável por formar diversos pensadores que marcaram de forma singular o cotidiano e imaginário do Maranhão no passado.

Portanto, investigar o movimento da imprensa estudantil se justifica pela ausência de pesquisas sobre essa atividade periódica durante o oitocentos, além da falta de estudos sobre a constituição desse tipo específico de imprensa na realidade maranhense do século XIX, sua relação com o desenvolvimento do campo literário, político, cultural, educacional e, principalmente, com a construção do imaginário da *Atenas Brasileira*. Em face disso, a realização desta investigação possibilita uma compreensão mais ampla sobre a historiografia da imprensa e do jornalismo, no que tange ao papel do movimento estudantil, e os vínculos entre a atividade literária e periódica, além de suas efetivas contribuições para o desenvolvimento e manutenção da imprensa no Maranhão e no Brasil.

1.2 Problema de Pesquisa e Objetivos da Investigação

Na obra *Novos Atenienses: subsídios para a história literária no Maranhão*, publicada pela primeira vez em 1909, Antonio Lobo⁶ realiza um breve relato baseado em suas memórias pessoais sobre o momento de criação de *um par de periódicos* por estudantes e suas contribuições para a passageira fase de efervescência literária que o Maranhão experimentou após a proclamação da República. Enquanto testemunha direta da movimentação dos jovens em torno da imprensa, como aluno e redator do jornal estudantil **O Século** fundado em 1889, Lobo (1909) narra que a folha discente era uma consequência direta das *Cavatinas* ou *Cavacos Literários* realizados por Manuel de Béthencourt, professor de filosofia do Liceu Maranhense que acolhia em sua própria casa “[...] amistosamente, em franca e íntima camaradagem, sem que procurasse afetar os ares de mestre-escola, a dominar pela carranca conselheiral e doutrinária” (LOBO, 1909, p. 38) os seus alunos para discutir os sistemas filosóficos, o romance, o naturalismo, a literatura portuguesa, brasileira e o campo das letras do Maranhão, uma vez que no final do século XIX vida literária em São Luís praticamente não existia e se o Maranhão ainda assegurava alguma representação na cultura geral do Brasil era pelo que faziam os escritores maranhenses na capital do país, muito cedo migrados de sua terra natal em busca de campo propício para expansão de suas atividades intelectuais.

A representação reclamada e que pouco a pouco ia se deteriorando diz respeito ao título de *Atenas Brasileira* que a capital maranhense ostentava desde o início do século XIX, já que foi em São Luís que nasceu e/ou desenvolveu-se um contingente expressivo de intelectuais com grande importância para os campos da cultura e da literatura nacional, lugar de onde saiu Gonçalves Dias⁷ o autor do primeiro grande livro da literatura brasileira: *Primeiros Cantos* (1846), símbolo do nosso Romantismo, juntamente com o *Grupo Maranhense* que passou para a história da literatura brasileira como expressão regional de vida literária, cultura e talento.

A comparação dos valores cultuados no mundo greco-romano com a vida literária de São Luís, a Atenas do Brasil, em parte do oitocentos se justificou, portanto, pela viva admiração nacional não só da figura de Dias, mas também de homens das letras como Odorico Mendes⁸, Sotero dos Reis⁹, João Lisboa¹⁰, Sousândrade¹¹, Gomes de Sousa¹² entre

⁶ Antonio Francisco Leal Lobo (1870-1916) figura central dos principais movimentos literários, jornalísticos e culturais surgidos em São Luís no início do século XX. Foi escritor, jornalista, professor do Liceu e diretor da Biblioteca Pública do Estado.

⁷ Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) poeta, professor, crítico de história e etnólogo maranhense. Por sua obra lírica e indianista, ele é um dos mais típicos representantes do Romantismo brasileiro e forma, com José de Alencar na prosa, a dupla que conferiu caráter nacional à literatura brasileira. (A. B. L., [201-]).

⁸ Manoel Odorico Mendes (1799-1864), em ordem cronológica, é a primeira grande figura literária maranhense. Desenvolveu as atividades de deputado, jornalista, poeta e tradutor, com reconhecida cultura humanística (MORAES, 1976).

outros poetas, jornalistas, tradutores, publicistas, biógrafos, professores, editores e historiadores que integraram o *Grupo Maranhense*¹³ e trabalharam para o desenvolvimento intelectual de sua terra natal, paralelo à criação de diversos centros de cultura e educação como a *Biblioteca Pública*, o *Liceu Maranhense*, o *Seminário Episcopal de Santo Antonio*, as *Associações Filomática e Literária*, o *Ateneu Maranhense*, os Institutos de *Humanidades*, *Pedro Nunes Leal* e o *Literário Maranhense*, a *Escola Onze de Agosto*, e a circulação de uma imprensa bastante expressiva, com destaque para o jornalismo literário d'A *Revista* folha política e literária, do *Jornal de Instrução e Recreio* revista literária e de conhecimento úteis, d'O *Arquivo* jornal literário e científico, da *Revista Universal Maranhense*, do *Parnaso Maranhense* e do *Semanário Maranhense* que ajudaram a forjar para o Maranhão, entre os anos 1832 e 1868, o mesmo reconhecimento angariado pela sociedade ateniense no período clássico da Grécia antiga, isto é, como o centro artístico, intelectual e cultural do Brasil. (MORAES, 1976)

Cabe destacar que o epíteto da *Atenas Brasileira* foi arquitetado pela sociedade letrada maranhense, sendo um fruto da elite colonial agroexportadora do final do século XVIII e início do século XIX e da possibilidade de migrar os herdeiros mais afortunados do Maranhão para estudar no exterior. Ao regressarem essa elite sucessora, letrada e bacharelada, ocupou os mais variados espaços de poder da província e se empenhou, sobretudo, em desenvolver o campo intelectual de sua terra natal, a partir de um referencial simbólico baseado em uma *superioridade* linguística e escrita adquirida por eles nas universidades europeias. Assim, o aparecimento de uma *Atenas* no Brasil, na ilha de São Luís, ajudaria na construção de uma nova identidade social para o Maranhão no século XIX que assolado pela decadência econômica algodoeira, abandonado pela administração imperial e saudosos da relação diferenciada estabelecida com o regime colonial necessitava se colocar no cenário cultural do Brasil Império. (RESENDE, 2007; BORRALHO, 2009).

⁹ Francisco Sotero dos Reis (1800-1871) deputado provincial, professor, filólogo, prosador, crítico e jornalista maranhense, responsável pela elaboração da primeira gramática no Brasil. (MORAES, 1976).

¹⁰ João Francisco Lisboa (1812-1863) jornalista, crítico, historiador, orador e político maranhense. Por sua atividade e por sua obra se distinguiu, talvez pela proximidade material e espiritual da Metrópole, por acentuado pendor classicizante, traduzido na fidelidade aos padrões tradicionais do vernáculo e na defesa da tradição e do rigorismo gramatical. (A. B. L., [201-]).

¹¹ Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902) formou-se em Letras e em Engenharia de Minas na Universidade de Sorbonne, em Paris. Poeta e político maranhense, Sousa Andrade criticava a aristocracia rural e apoiava as ideias republicanas e abolicionistas em seus poemas. (MORAES, 1876)

¹² Joaquim Gomes de Sousa (1829-1863) matemático, pensador, poliglota, astrônomo; Doutor em Medicina e em Ciências Matemáticas e Físicas. Falecido ainda jovem, Gomes de Sousa desfruta até hoje, pelas demonstrações que ofereceu, da reputação de um verdadeiro gênio maranhense. (MORAES, 1976, p. 100).

¹³ O Grupo Maranhense não é uma escola literária ou estilo de uma época. A designação considera tão somente a contemporaneidade de maranhenses literariamente importantes, não atentando para as diversas filiações estéticas de cada um. Convivem nesse período neoclássicos e românticos [...]. (MORAES, 1976, p. 54).

No entanto com a extinção do *Semanário Maranhense* em 1868, o periódico literário onde o *Grupo Maranhense* teve maior expressão contando com a direção de Joaquim Serra¹⁴ e a colaboração de ilustres escritores de renome local e nacional, entre eles Machado de Assis¹⁵, “Começou então para o Maranhão essa tristíssima e caliginosa noite, em que por tão longo tempo viveram imersas suas letras.” (LOBO, 1909, p. 14) seja pela eminência da morte que levou muitos dos seus atenienses fundadores e/ou a debandada de outros atenienses promissores para a capital do país, fazendo com que entre os anos de 1870 e 1900 se transforme em “[...] um período em que brilha não propriamente a literatura maranhense, mas uma literatura feita por maranhenses não necessariamente vinculados a sua terra natal.” (MORAES, 1976, p. 194). Nesse cenário de apatia literária que vivia a *Atenas Brasileira*, Lobo (1909) e Moraes (1976) assinalam que reações isoladas e infrutíferas foram operadas para o seu reerguimento mental, embora em São Luís jovens estudantes mantivessem jornais e integrassem sociedades literárias, sendo o legado mais tangente deste período a criação de *um par de periódicos*: a folha artística, científica e filosófica *Filomatia* (1895-1896), organizado pelo professor Manoel de Béthencourt, os jornais estudantis: **O Século** (1889), **O Estudante** (1895) e **A Alvorada** (1895), além da publicação do livro *Frutos Selvagens* (1894) do poeta Inácio Xavier de Carvalho¹⁶ que conseguiram perturbar de maneira passageira a estagnação das letras que vivia a cidade.

Mesmo que Antonio Lobo (1909) e Moraes (1976) indiquem muito brevemente as circunstâncias de aparição e apresente nominalmente apenas três jornais organizados por estudantes entre em fins do século XIX: **O Século** (1889), **O Estudante** (1895) e **A Alvorada** (1895), Castro, Cabral e Castellanos (2019) sinalizam que a circulação de impressos estudantis fora ainda maior, acrescentando mais cinco folhas: **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Porvir** (1895), **O Ideal** (1898) e **A Actualidade** (1900), como brumas leves de ressurreição intelectual da *Atenas Brasileira*.

A partir desses rastros e indícios, esta investigação se orienta pela seguinte problemática: como se constituiu o campo da imprensa estudantil que circulou no Maranhão em fins do século XIX? Tendo em vista as condições específicas de produção, circulação e apropriação desses jornais, e, em que medida, a atividade tipográfica discente contribuiu para

¹⁴Joaquim Maria Serra Sobrinho (1838-1888) jornalista, professor, político e teatrólogo. Enquanto deputado geral do Maranhão foi um combatente na campanha abolicionista na imprensa. (A. B. L., [201-]).

¹⁵Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo brasileiro, considerado o escritor maior das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa. (A. B. L., [201-]).

¹⁶Inácio Xavier de Carvalho (1871-1944) magistrado, professor, jornalista e poeta e membro da Academia Maranhense de Letras.

a manutenção do epíteto da Atenas no Maranhão, durante o período de estagnação cultural e literária, e para a representatividade de seus produtores frente à sociedade maranhense. Diante desse quadro, analisar o movimento da imprensa estudantil maranhense no período oitocentista (1870-1900) é o objetivo geral deste trabalho, para tanto foram traçados os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar e resgatar os jornais que compuseram a imprensa estudantil maranhense entre os anos de 1870 e 1900;
2. Apresentar os aspectos relacionados à materialidade da imprensa estudantil oitocentista, destacando as questões referentes às condições de produção e circulação de cada jornal;
3. Descrever a natureza, função e finalidade dos jornais organizados pelo alunado na realidade da sociedade maranhense do século XIX, partindo das posições ocupadas por seus produtores na imprensa estudantil;
4. Verificar as temáticas recorrentes na imprensa estudantil, com fins de apresentar os principais assuntos debatidos, as maneiras de pensar, de se comunicar e as necessidades de serem ouvidos dos jovens jornalistas frente à sociedade maranhense oitocentista, e de que forma esse discurso se relacionou com o imaginário da *Atenas Brasileira*.

1.3 Pressupostos Teóricos e Metodológicos

A nossa incursão interpretativa sobre os processos comunicacionais estabelecidos pelos estudantes maranhenses no século XIX, a partir da organização e manutenção de periódicos, desenvolveu-se ao abrigo da *História Cultural* como grande matriz teórica e dos preceitos mais apropriados da sua herdeira natural a *História Cultural da Mídia*.

Ao “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 1988, p.16-17) a abordagem teórica e metodológica da *História Cultural da Sociedade*¹⁷ toma a *representação* como categoria central de análise, entendendo-a como prática cultural inerente da vida social em diferentes lugares e tempos, construída por meio de classificações, divisões e delimitações que são capazes de dar sentido ao presente, tornar o outro inteligível e um

¹⁷*História Cultural, História dos Annales, Nova História* são as denominações para a narrativa da história inaugurada pela *Escola dos Annales*, abordagem historiográfica fundada por historiadores franceses no século XX que privilegia os modos de sentir e pensar dos indivíduos.

espaço decifrado. (CHARTIER, 1988). “Expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos, tais representações formam como que uma realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas.” (PESAVENTO, 2012, p. 21).

A partir de tratamentos inéditos baseados nesse conceito de representação, essa Nova História tem facultado a (re)descoberta de objetos de investigação histórica antes ignorados pela historiografia tradicional que se interessava somente pelos eventos e feitos dos *heróis*, dos *vencedores* e na *veracidade* dos documentos oficiais. Ao centrar sua análise na realidade construída culturalmente temas como a religiosidade, os sentimentos, os rituais, a culinária, o corpo, a escola, as crianças, as mulheres e os jovens passaram a pautar a pesquisa histórica. O impacto das mudanças epistemológicas provocadas pela História Cultural na História da Mídia influenciou então na incorporação da cultura como elemento chave da interpretação dos processos comunicacionais, permitindo “[...] visualizar como os homens do passado consideravam as múltiplas representações da imprensa, do rádio, da televisão, etc.” (BARBOSA, 2015, p. 108).

Tomar a Nova História como perspectiva teórica, portanto, sugere a realização de uma *história das representações* e uma *história dos suportes materiais*, recusando-se assim a trabalhar ideias desencarnadas das práticas dos agentes que as produziram ou das formas impressas que as puseram em circulação e que possibilitaram a sua apropriação (NUNES; CARVALHO, 2005), o que no campo da História Cultural da Mídia diz respeito a interpretar o complexo movimento de atores sociais em um dado momento e lugar, tendo em conta suas práticas de comunicação e levando em consideração não tão somente os meios utilizados ou os enunciados proferidos, mas também a ação humana dentro de um contexto mais amplo do universo social onde elas estão incluídas. (BARBOSA, 2015). É nesse cenário que ela nos ajuda a investigar a imprensa estudantil enquanto prática cultural, realizada por sujeitos que buscaram, a partir da construção de representações sobre o mundo social, a defesa e legitimação de seus interesses, tendo como meio propagador o jornal.

O uso da História Cultural também se justifica pelos avanços na concepção de *Documento* desenvolvido por essa corrente teórica, uma vez que ela refuta a ideia de que este é um retrato fidedigno de uma época que passou ou qualquer coisa que fica por conta do passado, capaz de auxiliar na busca da verdade dos fatos, mas sim o encarando como produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força dos que naquele momento detinham o poder. Tal deslocamento sobre os significados de um documento ocasionou o alargamento da concepção de *Fonte* para além dos registros tradicionais na investigação historiográfica. (LE GOFF, 1990).

Desse modo, a partir das problematizações da História Cultural, registros anteriormente encarados como “[...] pouco adequados para a recuperação do passado, [...]. [que] Em vez [de] permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas.” (LUCÁ, 2008, p.112); a exemplo, os relatos orais, mapas, fotografias, documentos sonoros, audiovisuais e os jornais; passaram a ser encarados como fontes para o trabalho historiográfico, cabendo ao pesquisador não fazer o papel de ingênuo diante delas, mas sim “[...] desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos [...].” (LE GOFF, 1990, p. 549). É a partir desse pressuposto que tomamos os jornais estudantis não só como objeto de estudo, mas também como principal fonte de análise.

Cabe destacar que os estudos sobre a história da imprensa brasileira são, em sua grande maioria, “[...] tributários de uma ideia de história linear, orientada e baseada em grandes feitos, nos grandes personagens.” (BARBOSA, 2007, p. 11) aproximando-se assim das tendências da historiografia tradicional, que exclui aqueles que não participaram dos grandes e mais duradouros veículos de comunicação. Nesse sentido, esta proposta de estudo mais uma vez se adentra na perspectiva da Nova História ao evidenciar os impressos e as práticas culturais de sujeitos esquecidos na historiografia da imprensa, os estudantes, elevando o valor de sua atuação frente à imprensa enquanto elemento significativo da construção e manutenção da memória e da identidade cultural maranhense. São nesses jornais - *materialidade cultural* - em que se inscrevem os discursos - *representações* - que contam a sua própria história e, por extensão, são testemunhos do cotidiano e imaginário do Maranhão oitocentista.

1.3.1 Procedimentos metodológicos

Esta investigação é do tipo histórica, pois se debruça sobre o movimento da imprensa e do jornalismo estudantil no Maranhão oitocentista, com abordagem quanti-qualitativa para compreensão dos fenômenos que envolvem o estabelecimento desse tipo de atividade tipográfica em fins do século XIX. A investigação esta fundamentada nos procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental: a primeira, a partir de obras que versam sobre o tema da História da Imprensa, História da Imprensa do Maranhão e Impressos estudantis, em seus aspectos históricos, teóricos e metodológicos; já a segunda dividida entre o uso de fontes auxiliares e de fontes principais.

Na pesquisa documental, recorreremos primeiramente à análise dos jornais **Diário do Maranhão** (1855-1919), **O Paiz** (1863-1886) e **Pacotilha** (1880-1939) como enciclopédias do cotidiano, uma espécie de catálogo para a identificação, a partir da análise de seus anúncios, notas e notícias, dos títulos organizados pelos alunos maranhenses no oitocentos. Após encontro e resgate dos periódicos que fizeram parte da imprensa estudantil que circulou no Maranhão, esses impressos foram inquiridos enquanto objetos na sua materialidade produzidos por diferentes agentes sociais, a partir de práticas culturais específicas, permeadas pelas variações históricas das formações sociais, estruturas psíquicas e armaduras conceituais do século XIX.

Assim, alicerçado ao percurso metodológico proposto pela História Cultural, segundo Nunes e Carvalho (2005), analisamos nosso objeto de investigação historiográfica, a imprensa estudantil, a partir do relacionamento de três eixos indissociáveis: a *história dos objetos na sua materialidade*, a *história das práticas nas suas diferenças* e, por fim, a incursão das duas primeiras em uma *história dos dispositivos sociais, conceituais e psíquicos* para “[...] visualizar a singularidade do ato comunicacional em toda a sua complexidade.” (BARBOSA, 2015, p. 108).

O primeiro eixo indissociável de análise diz respeito à realização de uma história dos objetos na sua materialidade, uma arqueologia dos objetos, que no nosso caso procurou apanhar cada jornal em cada aspecto que compõe a sua forma e frequência de objeto cultural, bem como os dispositivos que o regulam e a estrutura que obedece. O segundo eixo indissociável da metodologia proposta pela História Cultural faz referência à realização de uma *história das práticas nas suas diferenças*, que aplicada ao nosso objeto de estudo consiste em revelar as intencionalidades por trás do estabelecimento da imprensa estudantil no oitocentos, tendo como foco os sujeitos e as instituições que a produziu, assim como os diferentes usos que essas pessoas fizeram de cada jornal publicado.

O terceiro e último eixo de análise da História Cultural, diz respeito à inserção da história dos objetos na sua materialidade e da história das práticas nas suas diferenças, em uma forma mais ampla de compreender as formações sociais, estruturas psíquicas, e as armaduras conceituais em suas variações históricas, ou seja, uma *história dos dispositivos sociais, conceituais e psíquicos* que conceberam a imprensa estudantil na realidade maranhense do século XIX. No que diz respeito às formações sociais, a metodologia proposta aplicada ao nosso objeto de investigação, nos indaga sobre os dispositivos sociais envolvidos na produção dos jornais estudantis, assim como as posições ocupadas por esses sujeitos na sociedade maranhense, bem como as relações traçadas entre eles para a criação desse

empreendimento, além das formações sociais ocasionadas com o seu estabelecimento. Por outro lado, as mudanças nas estruturas psíquicas se referem à captação das tentativas de legitimação da imprensa estudantil e de cada jornal à que ela pertenceu, frente às instituições e espaços em que circulou. Por fim, sobre as armaduras conceituais, procuramos identificar os modelos e conceitos que nortearam e influenciaram a concepção dos jornais, desde os ideais de educação produzidos e reproduzidos pelos estudantes, até os epítetos atribuídos ao Maranhão durante todo o período oitocentista.

As informações extraídas na análise documental são contextualizadas a partir da pesquisa bibliográfica, baseada em estudos sobre as bases teóricas e metodológicas da História Cultural e História Cultural da Mídia, para análise dos jornais enquanto objeto e fonte (CHARTIER, 1988; LE GOFF, 1990; NUNES; CARVALHO, 2005; LUCÁ, 2008; PESAVENTO, 2012, BARBOSA, 2015), sobre a História da Imprensa e do Maranhão (SERRA, 1883; LOPES, 1959; MEIRELES, 2001; BARBOSA, 2007; JORGE, 2008; LUCÁ, 2015; FURTADO, 2016; BORGES, 2017), além de biografias de intelectuais maranhenses (LOBO, 1909, MORAES, 1976) e as leis e regulamentos que pautaram os conhecimentos aprendidos e o cotidiano escolar maranhense no século XIX.

1.4 Itinerários de Identificação e Resgate dos Impressos Estudantis

Nos estudos que se dedicaram a História da Imprensa e da Literatura maranhense do século XIX, escassas são as informações sobre o movimento estudantil e sua ligação à prática jornalística e literária a partir da criação de jornais. Resquícios desse momento foram pontuados pela primeira vez por Joaquim Serra em 1883, quando da publicação de *Sessenta anos de Jornalismo: a imprensa no Maranhão (1820-1880)*¹⁸, que resumiu a empreitada discente em torno da imprensa como “[...] alguns pequenos jornais de literatura fugitiva, fundados por estudantes do Liceu, de escassa circulação e existência fugaz, que por forma alguma representam a vitalidade intelectual e a superioridade dos estudos literários dos jornalistas maranhenses.” (SERRA, 1883, p. 90).

Mais tarde, os pequenos jornais de literatura fugitiva, circulação escassa e vida fugaz foram retratados de forma breve; em um capítulo de não mais que quatro páginas nos

¹⁸Livro sobre a História da Imprensa do Maranhão produzido por Joaquim Serra (1838-1888) que, segundo Antonio Lopes (1959, p. 16): Com o talento e as qualidades do escritor discreto que tanto o distinguem, o preclaro jornalista maranhense realizou um trabalho sem dúvidas brilhante [...], mas infelizmente cheio de inexatidões, porque escrito de longe da província natal e, pois, das fontes onde poderia conseguir seguros informes. Além disso, no julgar alguns homens da imprensa, o autor de *Sessenta Anos de Jornalismo* nem sempre se mostra imparcial.

Subsídios para a História Literária do Maranhão de Antônio Lobo (1909), e até mesmo em dois parágrafos nos *Apontamentos de Literatura Maranhense* feitos por Jomar Moraes (1976); onde o legado da imprensa estudantil foi reduzido a “[...] tentativas operadas no sentido de reagir à apatia literária em que havíamos caído, tentativas que apenas se afirmaram positivamente pela publicação de *periódicos efêmeros* e de um livro de versos.” (LOBO, 1909, p. 22.) no último quartel do oitocentos, onde “Em São Luís, jovens estudantes mantêm jornais e integram sociedades literárias, mas tudo não passa de mero prenúncio da futura ressurreição intelectual que, a contar de 1899, marca o aparecimento dos novos atenienses.” (MORAES, 1976, p. 124). Nesses vestígios documentados sobre a atividade periódica discente, dois desses *títulos efêmeros* foram levantados: **O Século**, criado em 1889, e **A Alvorada** fundado em 1895, todos gerenciados por um grupo de estudantes do Liceu Maranhense.

Recentemente, impulsionado pela proliferação de pesquisas nas áreas de História da Educação sobre os impressos escolares, enquanto fonte e objeto de investigação, os jornais estudantis produzidos no Maranhão começaram a ser pouco a pouco desvelados, revelando uma intensa atividade periódica estudantil que perpassou por diversas instituições educativas de seu território e, conseqüentemente, por produtores com diferentes graus de instrução. Nesse cenário, as folhinhas criadas pelas escolas primárias, os jornais fundados pelos estudantes do Liceu, das escolas particulares de São Luís e os coordenados pelos universitários formaram a imprensa estudantil maranhense ao longo de todo o século XX, circulando de praça em praça e de casa em casa, pleiteando um espaço na arena jornalística. (COSTA, 2009; AQUINO, 2016; FURTADO, 2016; BORGES; 2017). No entanto, em um recuo temporal sobre a movimentação discente no oitocentos, o protagonismo do Liceu Maranhense na produção de jornais parece permanecer, é o que indica o artigo *A imprensa estudantil liceísta no Maranhão* ao identificar mais quatro *títulos efêmeros* que compuseram o periodismo estudantil entre os anos de 1890 e 1900, nomeadamente: **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Porvir** (1895), **O Ideal** (1898) e **A Actualidade** (1900). (CASTRO; CABRAL; CASTELLANOS, 2019).

Diante desse panorama, o itinerário de identificação dos jornais estudantis publicados no Maranhão durante o século XIX, adotado nesta pesquisa, começou pela literatura oficial que aponta, ainda que de maneira limitada, a presença de sete impressos produzidos pela comunidade liceísta entre os anos de 1889 e 1900. Após tomar consciência d’**O Século** (1889), **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Porvir** (1895), **A Alvorada** (1895), **O Ideal** (1898) e **A Actualidade** (1900) como representantes do jornalismo estudantil de fins do

oitocentos, a nossa pesquisa por mais informações sobre a movimentação tipográfica discente e, principalmente, a identificação de outros *títulos efêmeros* acabou por desembocar na própria imprensa, dada a capacidade dessa fonte histórica em aglutinar uma variedade de informações e vestígios dos múltiplos aspectos da vida social em diferentes espaços e tempos.

Sobre esse lugar da imprensa na historiografia brasileira, Lucá (2008, p. 111) afirma que até 1970 eram poucos os trabalhos que se valiam dessa fonte para a escrita da História do Brasil “Reconhecia-se, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da Imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História *por meio* da Imprensa.”, embora se pudesse encontrar dados de toda natureza nela. Essa perspectiva muda drasticamente com o advento da terceira geração da escola dos *Annales* nas últimas décadas do século XX onde após deslocamentos de ordem estrutural no fazer histórico realizado por esse grupo, as gazetas, os folhetos, os jornais e as revistas saem do vácuo da desconsideração para ocupar o lugar de centralidade na produção do saber histórico. Tal virada da imprensa enquanto fonte de informação dá a ela o status de suporte privilegiado para a (re)construção histórica, uma vez que em suas páginas estão inscritas a história das cidades, do movimento operário, do mundo das letras, da infância, das questões de gênero... (LUCÁ, 2008).

A utilização da imprensa para se obter dados de quaisquer natureza, portanto, é atualmente uma tônica em diversos campos do conhecimento aplicado a igualmente diferentes objetos de pesquisa. Com relação ao campo da História da Educação, os estudos de Santos (2018, 2022) e Souza (2018, 2022) são reveladores quanto ao uso dos jornais para o mapeamento de informações sobre a cultura material escolar onde, a partir de informações extraídas de anúncios e notícias veiculadas nos grandes diários que circularam no Maranhão durante o século XIX e início do XX, os autores conseguiram identificar os objetos que fizeram parte do cotidiano educacional maranhense, o primeiro focalizando o título dos livros escolares de autores locais usados na educação primária e secundária e o segundo levantando dados sobre o prédio, os materiais visuais, sonoros e táteis, os livros e compêndios utilizados no Liceu Maranhense no Período Imperial. Nessa perspectiva, dada a capacidade da imprensa em apontar diferentes aspectos da vida social e uma vez que os jornais estudantis são também produtos da cultura material escolar, para o nosso itinerário de busca por mais *títulos efêmeros* que compuseram a imprensa estudantil nos valem os rastros e indícios deixados nos mais importantes periódicos de notícias que circularam no Maranhão entre 1870 e 1900.

1.4.1 Fontes auxiliares, instrumentos de pesquisa e termos de identificação dos *Títulos efêmeros*

A seleção das fontes auxiliares para a identificação dos títulos dos impressos estudantis publicados no Maranhão entre os anos de 1870 e 1900, obedeceu aos critérios de representatividade, periodicidade e acessibilidade dentre os principais diários maranhenses de notícias gerais que circularam na segunda metade do século XIX. Nesse cenário os periódicos: **Diário do Maranhão** (1855-1919), **O Paiz** (1863-1886) e **Pacotilha** (1880-1939) apresentaram-se como as fontes de registro mais apropriadas para a investigação.

O **Diário do Maranhão** (Figura 01) criado em 20 de setembro de 1855 sob redação de Antônio Rego e Antônio Marques Rodrigues Rego para fins de divulgação de informações do comércio, da lavoura e da indústria foi um jornal que “[...] deixou traços marcantes na história da imprensa local” (JORGE, 2008, p. 225). A “Folha de agradável leitura [...]” (SERRA, 1883, p. 73) era distribuída três vezes por semana com uma série notícias internacionais e de autoridades públicas locais, informações sobre a partida de correios, navios, do cambio de Lisboa, do preço do ouro e da prata, além de uma página inteira dedicada a anúncios. O periódico finda sua primeira fase de existência em 1858, reaparecendo diariamente a partir de 1º de agosto de 1873 com um novo diretor, José Maria Corrêa de Frias, mas mantendo a mesma linha editorial, embora a seção de anúncios estivesse maior que antes, agora ocupando duas folhas. O jornal que prometeu ser útil a sociedade e não sucumbir à luta política para prolongar a sua circulação sobrevive até 1919. (JORGE, 2008).

Figura 01 – Jornal **Diário do Maranhão**



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

O **Paiz** (Figura 02), por sua vez, é considerado um dos jornais mais interessantes publicados não só no Maranhão como também no norte do Brasil durante o período imperial, de propriedade de Themístocles Aranha, o órgão especial do comércio foi distribuído pela primeira vez em 1º de maio de 1863, saindo três vezes por semana, todas as terças, quintas e

sábados pela manhã. Em 1878 o órgão especial do comércio passa a ter periodicidade diária, levantando as múltiplas facetas da sociedade oitocentista em seus importantes artigos sobre a lavoura, indústria, finanças e artes, com um noticiário abundante e variado sobre os acontecimentos da Província e do Mundo, “Exerce[ndo] decidida influência na opinião pública maranhense, e goza[ndo] na praça de S. Luiz do melhor conceito.” (SERRA, 1883, p. 59) até o dia 25 de janeiro de 1886 quando deixa de existir. (SERRA, 1883; ARAÚJO, 2014).

Figura 02 – Jornal **O Paiz**



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

Com maior representatividade na História da Imprensa Maranhense, dada a riqueza dos registros sociais, culturais e econômicos encontrados em suas páginas, o jornal diário **Pacotilha** (Figura 03) fundado por Victor Lobato em 30 de outubro de 1880 “[...] soube fazer e impor a sua história, com muita competência, sem dúvida pela influência do seu corpo editorial, com um grupo de jornalistas brilhantes, e, que nenhum outro jornal, tanto no século XIX, como no seguinte, conseguiu reunir.” (JORGE, 2008, p. 342), a partir de uma abordagem que explorava assuntos gerais, dentre eles o próprio campo da imprensa, a literatura, o noticiário, e tudo aquilo que acontecia em meio ao desenvolvimento da cidade de São Luís no momento transitório do regime imperial para a república no Brasil, entre o fim do século XIX e o início do XX, ora fazendo campanha para abolição da escravidão e em prol da República, ora dando espaço para exposição de ideias e concepções modernas de diferentes aspectos da sociedade maranhense até 1938, quando finaliza suas atividades. (JORGE, 2008; MATOS, 2021).

Figura 03 – Jornal Pacotilha



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

É sobre essas enciclopédias do cotidiano maranhense oitocentista que nos debruçamos em busca de informações sobre a movimentação da imprensa periódica estudantil, não só por que cada uma delas circulou por um longo período de tempo, abarcando principalmente os anos entre 1870 e 1900, ou pela diversidade e riqueza de dados encontrados nessas fontes, mas também pela facilidade de sua consulta, uma vez que a maioria dos números do **Diário do Maranhão** (1855-1919), **O Paiz** (1863-1886) e **Pacotilha** (1880-1939) encontram-se digitalizados no site da Biblioteca Nacional (BNDigital)¹⁹.

No repositório da Hemeroteca Digital, da BN, a consulta aos jornais é pública, podendo ser acessados pelo título, local e período; as edições de cada periódico, por sua vez, podem ser recuperadas pelo ano de publicação ou número seriado. A tecnologia empregada na digitalização e indexação dos jornais ainda permite uma pesquisa avançada de conteúdo, a partir do uso de palavras-chave que encontra as informações/ocorrências nas próprias fontes, tal busca pode ser feita de maneira simples, com o uso de apenas uma palavra, ou mais complexa, com a aplicação de uma expressão booleana, uma frase.

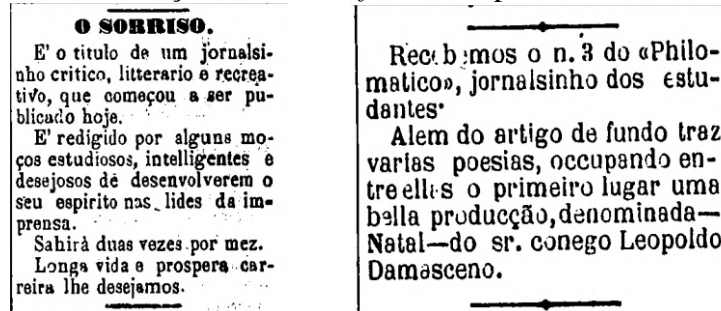
Esse recurso de recuperação de conteúdo foi utilizado para a localização nas fontes auxiliares dos enunciados referentes à imprensa estudantil e, principalmente, para a identificação dos demais *títulos efêmeros* que a integrou, no entanto, se fazia necessário escolher os termos mais apropriados para essa operação. Diante disso Castro, Cabral e Castellanos (2019) deram a primeira pista, ao alertar que o jornal **Pacotilha** (1880-1939), em particular, acompanhou com muita atenção a movimentação dos estudantes em torno da imprensa valendo-se de uma linguagem própria em suas matérias jornalísticas para se referir, eventualmente, as folhas criadas pela comunidade discente entre 1889 e 1900. Com uma estrutura definida que normalmente envolvia deixar clara a condição de seus produtores no campo da imprensa, a de estudantes, a instituição a que eram vinculados e, principalmente, os anunciando “[...] a partir da ideia do ‘jornalinho’ como sinônimo de pequenas publicações

¹⁹ Site: <https://bndigital.bn.gov.br/>.

periódicas de pouca tiragem e que pertenciam a segmentos específicos da imprensa.” (CASTRO; CABRAL; CASTELLANOS, 2019, p. 03). Os *jornalsinhos*, assim (d)escritos no *diminutivo* e com *S*, foram **O Século** (1889), **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Porvir** (1895), **A Actualidade** (1900).

Nesse sentido, o termo *jornalsinho* é ponto de partida da nossa busca no **Diário do Maranhão** (1855-1919), n’**O Paiz** (1863-1886) e na **Pacotilha** (1880-1939) por informações sobre a movimentação da imprensa estudantil no século XIX, e seu uso mostrou-se frutífero, tendo em vista que dentre as inúmeras ocorrências da palavra nas diferentes fontes, foi possível identificar mais seis jornais produzidos pela comunidade discente maranhense, foram eles: **Revista Juvenil** (1876), **O Sorriso** (1885), **O Repolho** (1885), **A Liberdade** (1886), **O Estudante** (1895) e **O Philomatico** (1898). (Figura 04)

Figura 04 – Identificação de *títulos efêmeros* a partir do termo **Jornalsinho**

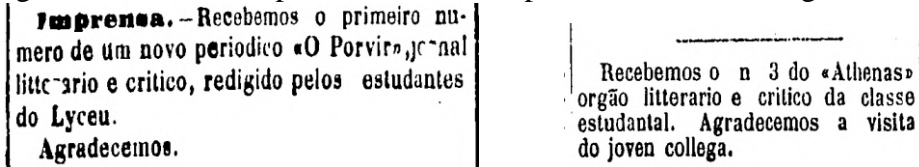


Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2022.

Cabe destacar que a cobertura da grande imprensa sobre os *jornalsinhos* era feita a partir de pequenos anúncios, notas, notícias e, em menor número, críticas que exploravam diferentes momentos da atividade tipográfica estudantil, desde a saída de seus números até a interrupção de tiragens ou desligamento de colaboradores, constituindo-se assim em uma fonte valiosa para a reconstituição da trajetória dos *títulos efêmeros*. Por esse motivo, todos os enunciados recuperados a partir do termo *jornalsinho* passaram por um processo de análise temática da informação, isto é, por uma operação de indexação onde se escolheu os termos mais apropriados para descrever o seu conteúdo (GUINACHAT; MENOUE, 1994) com fins de extração de outros vocábulos representativos da iniciativa estudantil, ainda em uma tentativa de encontrar mais enunciados sobre a movimentação discente e, principalmente, mais jornais estudantis. Devido à especificidade dos textos jornalísticos explorados, tanto da sua natureza quanto da finalidade de sua indexação para esta pesquisa histórica, o processo analítico dos documentos procurou identificar e selecionar os adjetivos mais utilizados para caracterizar a imprensa estudantil e a tradução desses conceitos, por sua vez, obedeceu à forma original que foi cunhada, dessa forma os impressos também foram apresentados como um *jornalzinho*,

agora com Z, como *periódico litterário e jornal litterário*, com dois L's e dois T's, feito por *Moços Estudantes da Mocidade Estudiosa* pertencentes à *Classe Estudantal*, terminada em *Tal*, e um *Colleginha*, com dois L's, da imprensa maranhense oitocentista. (Figura 05).

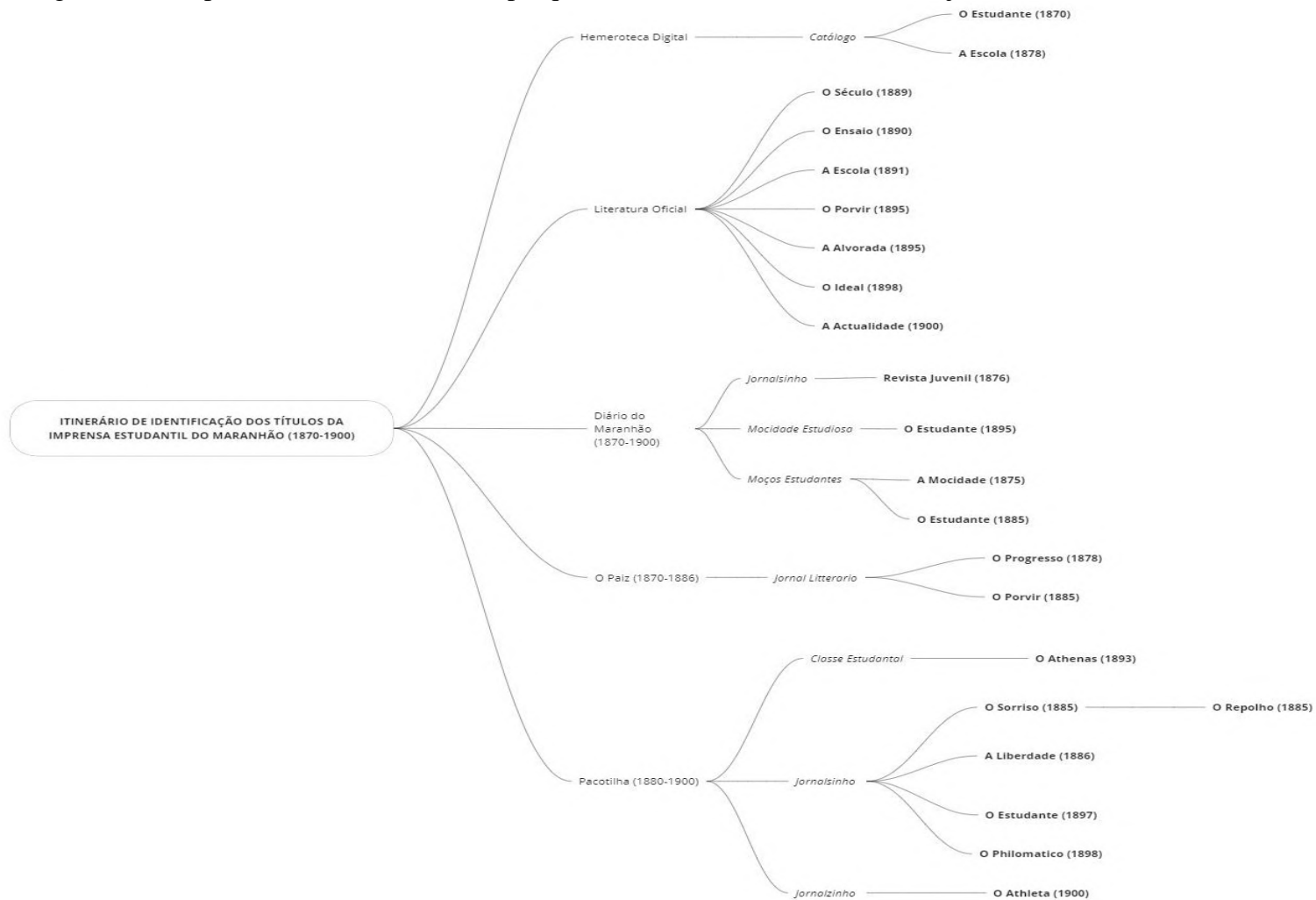
Figura 05 – Termos representativos da imprensa estudantil nos grandes diários



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2022.

A partir da extração e utilização desses termos para o encontro de informações sobre as folhas estudantis no **Diário do Maranhão** (1855-1919), **O Paiz** (1863-1886) e a **Pacotilha** (1880-1939), dentre os diversos enunciados recuperados, mais sete jornais organizados pela comunidade discente foram identificados, sendo eles: **A Mocidade** (1875), **O Progresso** (1878), **O Porvir** (1885), **O Estudante** (1885), **O Athenas** (1893), **O Estudante** (1895) e **O Athleta** (1900). Após o mapeamento das fontes auxiliares e a apuração da circulação de 20 *títulos efêmeros* organizados por estudantes no Maranhão (Apêndice A), nos debruçamos ainda sobre catálogo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional onde constatamos a existência do primeiro jornal publicado nesse período, **O Estudante** (1870) e **A Escola** (1878), portanto, 21º e 22º jornal discente a fechar a lista da imprensa estudantil que circulou no Maranhão oitocentista. (Figura 06).

Figura 06 – Mapa das fontes auxiliares de pesquisa, termos utilizados e títulos de jornais estudantis encontrados.



Fonte: Cabral, 2022.

1.4.2 Resgate e tratamento das fontes

Identificados os títulos que fizeram parte da imprensa estudantil maranhense, a busca por essas materialidades se deu em grande parte no repositório da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital) e no Acervo Raro e Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL) onde foram localizados e resgatados 12 dos 22 jornais discentes que circularam em fins do século XIX no Maranhão. (Quadro 01).

Quadro 01 - Impressos Estudantis Recuperados

	JORNAL ESTUDANTIL	N.º ENCONTRADOS	RECUPERAÇÃO	
			BN	BPBL
01	O Estudante (1870)	01, 02 e 03	x	
02	A Mocidade (1875)	01 a 29	x	
03	Revista Juvenil (1876)	01 a 12	x	
04	O Progresso (1878)	---		
05	A Escola (1878)	01 a 03	x	
06	O Sorriso (1885)	02 a 06	x	
07	O Porvir (1885)	---		
08	O Repolho (1885)	---		
09	O Estudante (1885)	---		
10	A Liberdade (1886)	---		
11	O Estudante (1887)	---		
12	O Século (1889)	03		x
13	O Ensaio (1890)	01	x	
14	A Eschola (1891)	02	x	
15	O Athenas (1893)	---		
16	O Porvir (1895)	01 e 03	x	x
17	O Estudante (1896)	---		
18	A Alvorada (1895)	01, 05 a 07, 09 e 10	x	
19	O Ideal (1898)	Ano I – 01 a 04; Ano II – 01 e 02		x
20	O Philomatico (1898)	---		
21	A Actualidade (1900)	01 e 06	x	x
22	O Athleta (1900)	---		

Fonte: Cabral, 2022.

A ausência de quase metade dos jornais publicados pelos estudantes maranhenses nos repositórios memória é um indicativo de ordem prática sobre o apagamento desses sujeitos na História da Mídia, uma vez que a preservação da imprensa enquanto patrimônio documental ainda é um problema no Brasil e aliada a falta de instrumentos de pesquisa capazes de dar conta da pluralidade dos impressos que aqui circularam limitam a construção de novos objetos de pesquisa.

Desde meados do século XX, pesquisadores maranhenses alertam sobre pobreza das coleções de impressos das bibliotecas públicas e particulares do Maranhão, principalmente sobre “[...] muitas *gazetinhas* provincianas caídas no esquecimento, [...], então tidas como insignificantes, não merecedoras de colecionamento, embora houvessem feito parte de um todo e ocupassem, embora transitoriamente, o vazio de uma época.” (LUZ, 1959, p. 119), bem como sobre as sociedades literárias responsáveis pela criação e manutenção desses impressos. (MORAES, 1976).

Por esse motivo que o uso do **Diário do Maranhão** (1855-1919), **O Paiz** (1863-1886) e **Pacotilha** (1880-1939) como fontes auxiliares para a identificação dos jornais pertencentes à iniciativa estudantil fora necessário, tendo em vista a ausência de catálogos e repertórios que abarquem o tema da Imprensa Estudantil do Maranhão. A fim de preencher essa lacuna anunciada, na nossa pesquisa todos os enunciados referentes à movimentação de cada folha estudantil nos grandes diários foram extraídos e anexados em um quadro cronológico (Apêndice B), inclusive daqueles títulos em que não fora possível resgatar a sua materialidade, possibilitando dessa maneira a reconstituição de alguns aspectos da trajetória desses empreendimentos de forma individual.

De posse das fontes principais, os jornais estudantis, utilizamos três instrumentos de coleta de dados distintos, porém complementares, para o alcance dos nossos objetivos de pesquisa. Elaboramos uma *ficha de descrição física e de conteúdo* (Apêndice C) para apreensão de informações sobre cada jornal em sua *forma* (tamanho, uso de recursos tipográficos, número de páginas e colunas e etc.), *frequência* (aspectos de periodicidade, saídas de números, interrupções e assiduidade de jornalistas e etc.), *dispositivos* (sujeitos e instituições que regulam a dimensão material e funcionamento dos jornais como: tipografias, corpo editorial, redatores e etc.) e *estrutura* (organização e disposição das informações, assuntos tratados, seções permanentes, linguagens utilizadas e etc.). A partir dessas informações foi possível identificar os aspectos relacionados à materialidade da imprensa estudantil oitocentista e as questões referentes às condições de produção e circulação de cada jornal.

Extraímos da *ficha de descrição física e de conteúdo* de cada jornal, especificamente da área de *dispositivos*, todos os sujeitos e instituições envolvidos na produção da imprensa estudantil. Tais elementos foram relacionados em uma *ficha de identificação* (Apêndice D) com a classificação desses elementos de acordo com os lugares ocupados dentro da lógica produtora do jornal (Tipografia, Jornalista, Redator e etc.), no espaço educacional (Diretor, Professor, Estudante e etc.) e na sociedade maranhense (Intelectual, Poeta, Escritor, Político, Leitor), destacando suas contribuições no veículo impresso, para descrever a natureza, função e finalidade dos jornais organizados pelo alunado, partindo das posições ocupadas por seus produtores e identificando de quais relações nasce o trabalho em torno dos periódicos. Por fim, com a ajuda de uma *tabela de análise das mensagens, notícias e produções literárias* (Apêndice E), onde todas as mensagens, notícias e produções literárias contidas nos jornais foram transcritas, analisamos as temáticas recorrentes na imprensa estudantil, verificando qual era o discurso dos jovens jornalistas frente à sociedade maranhense do século XIX.

1.5 Organização do *Corpus*

Na primeira seção, **Introdução**, apresentamos as bases históricas, teóricas e metodológicas que sustentam a nossa incursão sobre os processos comunicacionais estabelecidos por estudantes maranhenses, a partir da criação e manutenção de jornais, no século XIX. Cheios de *ânimos juvenis* e *tradição literária*, a comunidade discente do Maranhão distribuiu entre ruas e praças, casas e escolas, 22 jornais sob sua direção.

Na segunda seção, intitulada de **A Imprensa Estudantil no Maranhão Oitocentista (1870-1900)** dissertamos sobre os aspectos que compõe a materialidade de cada um dos títulos organizados pelo alunado, nas suas condições de produção e circulação sobre forma, frequência, dispositivos e estrutura. Materializada em pequenos jornais de quatro páginas e periodicidade irregular, os estudantes enfrentaram dificuldades para fazer circular às suas ideias, desde a ausência de subsídios econômicos para se mandar imprimir um número até enfrentar problemas para conciliar a atividade jornalística com as obrigações escolares.

Em **A Produção dos Jornais Estudantis Maranhenses no Século XIX**, terceira seção, nos centramos em apresentar a natureza, função e finalidade da imprensa estudantil para os atores envolvidos na sua fabricação. Os impressos estudantis não são um produto exclusivo da comunidade discente, mas sim o resultado de uma rede de solidariedades letradas e jornalísticas. Nesse panorama, os principais produtores dos jornalsinhos são os estudantes de ensino secundário, já os professores figuram entre suas páginas como mestre-

guia do ofício literário e jornalístico, os intelectuais colaborando com produções literárias, o Liceu Maranhense funcionando como uma espécie de redação e influenciando nos assuntos explorados pelos estudantes e, por fim, o campo da imprensa atuando na promoção da iniciativa tipográfica discente.

Depois de passear sobre os aspectos de produção material e social dos jornais estudantis, analisamos **O Discurso da Imprensa Estudantil Maranhense Oitocentista**, quarta seção, a fim de conceber, de maneira macro, os dispositivos sociais, conceituais e psíquicos que fundamentaram a prática jornalística e literária dos estudantes maranhenses no século XIX. Assinalando sua ligação com o referencial simbólico da Atenas Brasileira, o ambiente educacional, cultural, econômico e político sobre o qual estavam imersos.

Por fim, na **Conclusão**, apontamos que a utilização de *um par de periódicos efêmeros e/ou tentativas malogradas* como conceitos resumidores da experiência estudantil e seus jornais, outrora registrados na História da Imprensa e dos Intelectuais maranhenses, fora demasiado equivocada, tendo em vista os movimentos traçados por esses sujeitos para influir na sociedade em fins do oitocentos no Maranhão.

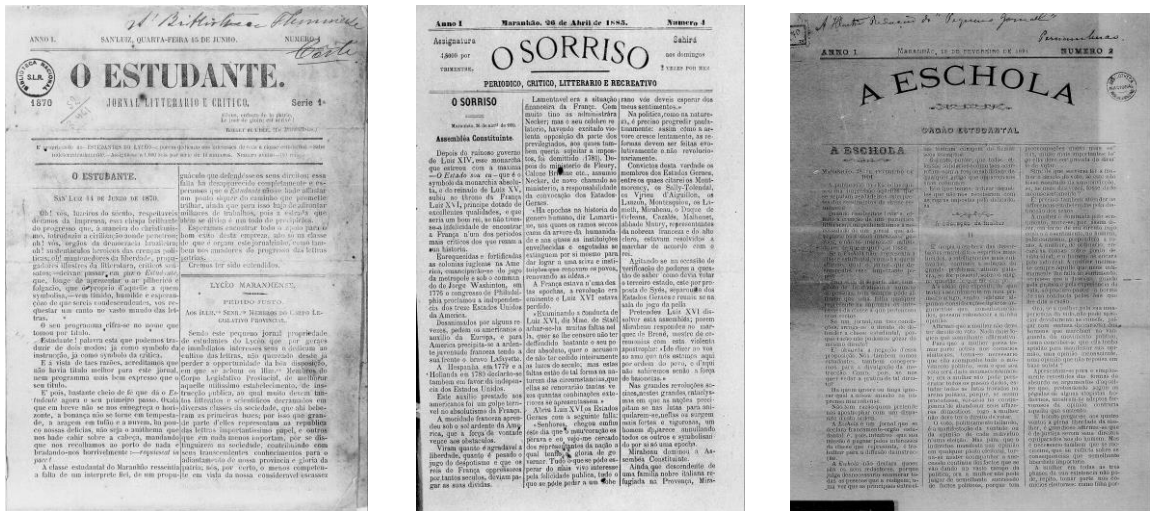
2 A IMPRENSA ESTUDANTIL DO MARANHÃO OITOCENTISTA (1870-1900)

Oh! vós, luzeiros do século, respeitáveis decanos da imprensa, essa chispa brilhante do progresso que, a maneira do cristianismo, introduziu a civilização aonde penetrou; oh! vós, órgãos da democracia brasileira; oh! sustentáculos heroicos das crenças políticas; oh! mantenedores da liberdade, propagadores ilustres da literatura, críticos e sensatos; - deixe passar em paz *O Estudante*, que, longe de apresentar o ar pilhérico e folgazão, que é próprio daquele a quem simboliza, - vem tímido, humilde e esperançoso de que sereis condescendentes, vos requestar um canto no vasto mundo das letras. (O ESTUDANTE, 1870, n. 01, p.01).

O diplomático pedido de passagem feito pel’*O Estudante* a imprensa demarca de maneira bastante oportuna o nascimento da atividade tipográfica estudantil no Maranhão. Escrito em um jornal de fatura modesta, convenientemente intitulado de **O Estudante** (1870) e distribuído por um grupo de secundaristas nas ruas e praças da cidade de São Luís no dia 15 de junho de 1870, a petição por acolhimento é a primeira de uma série de 22 tentativas de inserção da comunidade discente nos campos do jornalismo e da literatura a partir da criação de periódicos que movimentaram de maneira significativa o cenário tipográfico, literário e cultural maranhense em fins do século XIX. Entre iniciativas estáveis e àquelas mais ou menos *efêmeras* **O Estudante** (1870), **A Mocidade** (1875), **Revista Juvenil** (1876), **O Progresso** (1878), **A Escola** (1878), **O Sorriso** (1885), **O Repolho** (1885), **O Porvir** (1885), **O Estudante** (1885), **A Liberdade** (1886), **O Estudante** (1887), **O Século** (1889), **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Athenas** (1893), **O Porvir** (1895), **O Estudante** (1895), **A Alvorada** (1895), **O Ideal** (1898), **O Philomatico** (1898), **A Actualidade** e **O Athleta** (1900) formam o conjunto de periódicos produzidos por estudantes no Maranhão durante o período oitocentista.

Materializados em pequenos jornais de quatro páginas *in-8º* no formato de uma folha de papel almaço, com duas ou três colunas e sem uso de recursos tipográficos mais sofisticados, a imprensa estudantil emergi das salas de aula a fim de dar voz às inquietudes dos jovens maranhenses que se alternavam, principalmente, entre as questões do campo da literatura, do jornalismo e da educação. O suporte em que foram concretizados os periódicos revela que essa foi a forma mais acessível que os estudantes encontraram para externar suas ideias já que “Mesmo demandando alguns recursos financeiros, não era preciso ser muito rico para se fazer circular um jornal, que tinha formato pequeno e poucas páginas, com anúncios escassos.” (MOREL, 2015, p.36). Por outro lado, o arranjo físico da imprensa estudantil: pequeno, com laudas e letras reduzidas, e sem traçado marcante parece ser um dos fatores mais significativos pelo qual os impressos do alunado foram representados, principalmente na grande mídia impressa, como jornalsinhos. (Figura 07)

Figura 07 – Forma da imprensa Estudantil Maranhense Oitocentista (1870-1900)



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

Embora o modelo de impressão escolhido pelos estudantes fosse uma das alternativas mais baratas do mercado no século XIX ainda assim a mocidade encontrava dificuldades para manter a periodicidade de suas folhas. Exceto os títulos que tiveram uma vida fugaz, ou seja, os que não conseguiram sobreviver depois da saída de seus primeiros números, as iniciativas mais estáveis da imprensa estudantil assumiam a responsabilidade de agraciar o público com a aparição de um novo exemplar do seu jornalinho por pelo menos uma, duas, no máximo, três vezes ao mês. No entanto, esse compromisso datado foi diversas vezes abortado devido à falta de recursos financeiros para se mandar imprimir novos números e pela dificuldade dos alunos em conciliar a atividade jornalística com as obrigações escolares, principalmente em época de provas, o que levou a casos de interrupção de tiragens de 1 a 6 meses, fazendo com que a vida útil dos periódicos não passasse em sua maioria do primeiro ano.

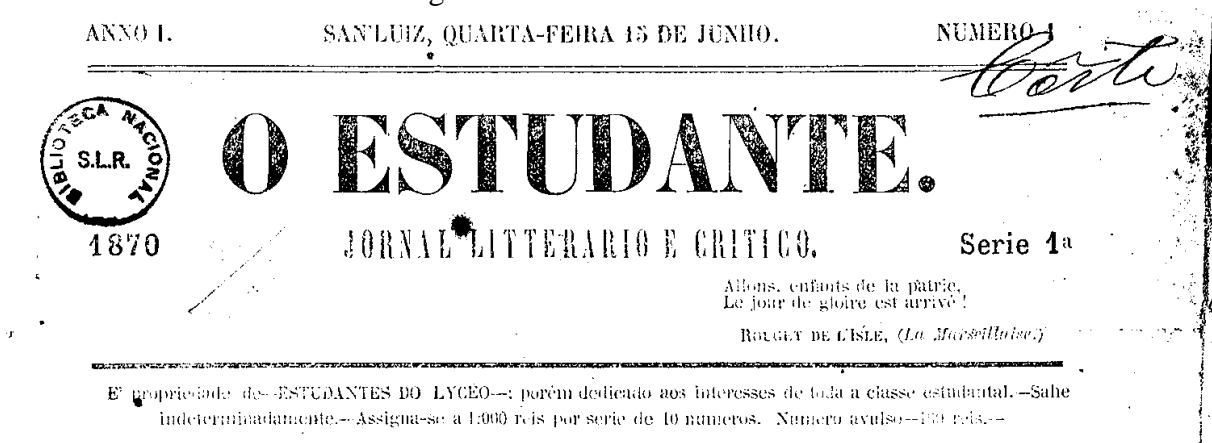
Provavelmente seja por esse motivo que os jornais organizados por estudantes no final século XIX passaram para a História do Maranhão como exemplos de *títulos efêmeros* e, por isso, não mereceram a atenção adequada para além do seu registro como uma espécie de arroubo momentâneo, o que acabou por apagar o complexo contexto de seu surgimento, a teia social imbricada na sua fabricação e a importância da sua produção literária e jornalística. A imprensa estudantil não é um produto exclusivo do alunado maranhense, o movimento em torno dos jornalinhos envolveu diversos atores da sociedade, nela encontramos os professores como mestres condutores e incentivadores da mocidade na imprensa; respeitáveis intelectuais colaborando aqui e ali com um artigo ou uma poesia para abrilhantar cada nova edição; a escola, por meio de seus currículos, pautando assuntos a serem abordados e, por último, a imprensa cobrindo amigável e comercialmente o movimento de cada nova folha que aparecia sob a responsabilidade dos estudantes. Foi a confluência entre esses atores e

instituições associada ao sentimento de decadência literária que pairava no Maranhão do final do século XIX que fizeram dos jornalsinhos o objeto fundamental da ação regeneradora contra a apatia cultural e intelectual que se instaurara, tendo a comunidade estudantil na vanguarda e com a incumbência de orquestrar os movimentos sociais e intelectuais para reaver os dias de glória da Atenas Brasileira.

2.1 A mocidade estudiosa vai à imprensa! Os primeiros passos dos Jornalsinhos

O Estudante (Figura 08) é o primeiro jornal publicado na imprensa estudantil maranhense entre os anos de 1870 e 1900. Organizado pelo alunado do Liceu Maranhense “[...], porém dedicado a todos os interesses da classe estudantil” (O Estudante, 1870, n.01, p.01), como bem advertia em sua primeira página, o jornal que se auto intitulara literário e crítico, *tímido, humilde e esperançoso*, foi concebido em quatro folhinhas *in - 8º* de duas colunas cada, com dimensões reduzidas e sem o uso de recursos tipográficos como figuras ou fotografias. Saindo em dias indeterminados, a distribuição d’**O Estudante** (1870) estava condicionada a assinatura de uma série de dez números, pelo valor de 1000 réis ou a compra avulsa de um número por 160 réis, com impressão inicial pela tipografia **Ramos d’Almeida** e, a partir de seu terceiro número, por **Belarmino de Mattos**.

Figura 08 – Jornal **O Estudante**



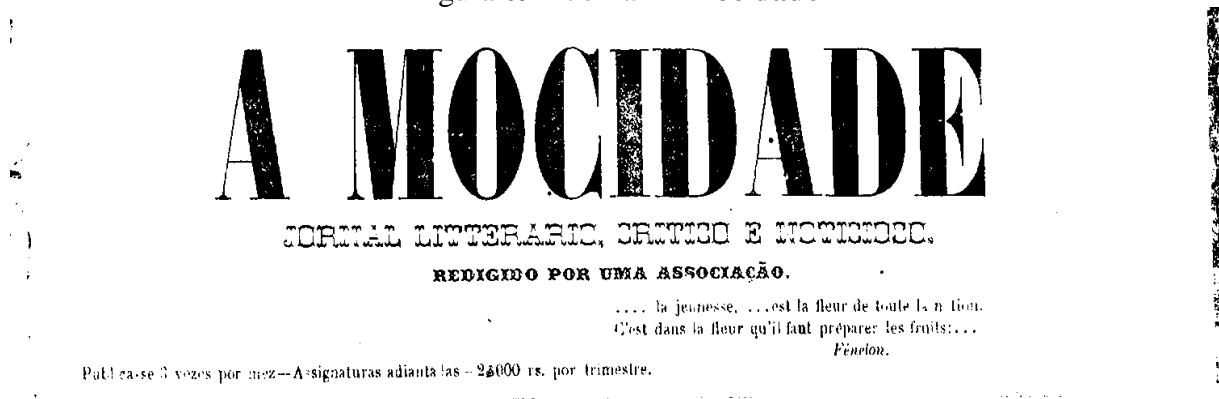
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

A estrutura da pequena folha estudantil acompanhava os moldes tradicionais da imprensa oitocentista, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, porém com adaptações vide aos recursos escassos e o lugar ocupado por seus produtores na sociedade, enquanto porta-vozes das demandas e anseios do alunado local, já que “A classe estudantil do Maranhão ressentia a falta de um interprete fiel de um propugnáculo que defendesse os seus

direitos; [...]” (O Estudante, 1870, n.01, p. 01). Desta forma, **O Estudante** (1870) desempenhou o seu papel de veículo de informação em suas dimensões informativas e opinativas, trazendo notícias sobre o cotidiano da província e do mundo, ao passo em que levantava questões referentes à situação do campo educacional maranhense, rogando ao poder público melhorias conceituais e estruturais para o Liceu, instituição de origem do periódico, no que diz respeito à oferta de disciplinas, denunciando expulsões não justificadas de alunos e a má conduta dos gestores e professores dessa instituição. Tais discussões, em menor número, misturavam-se as fartas colunas literárias do jornal assinadas pelos próprios alunos, que iam da exposição de poesias e charadas, até a reprodução de folhetins e crônicas de nomes já consolidados na literatura regional, nacional e internacional, revelando, dessa forma, a influência da literatura no aparecimento de folhas e revistas literárias por volta de fins do século XIX e, conseqüentemente, dos laços profundos entre o jornalismo e o campo das letras.

O aparecimento d’**O Estudante** (1870) na imprensa maranhense em 1870, literalmente, foi à primeira tentativa de estabelecimento da atividade periódica local encabeçada por alunos que, embora tenha se juntado ao rol de *títulos efêmeros*, moldou não só os aspectos formais dos impressos estudantis que viriam surgir até a virada do novo século, como também as pautas a serem discutidas, as informações e conteúdos a serem explorados pelos próximos 21 jornais estudantis que circularam no Maranhão até o ano de 1900. Foi assim, com o surgimento do **O Estudante** (1870), que a mocidade começou a ter voz na imprensa e, por coincidência, **A Mocidade** (Figura 09) foi o título da segunda folha fundada por estudantes na província, tendo seu primeiro número publicado no dia 1º de agosto de 1875.

Figura 09 – Jornal **A Mocidade**



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

Redigido por uma associação a sombra da epigrafe: *La jeunesse est la fleur de toute une nation, c'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits*²⁰, que em tradução livre quer dizer: *A juventude é a flor de toda uma nação... É na flor que as frutas precisam ser preparadas*; e funcionava, de certo modo, como frase motivadora para a introdução dos alunos nas lides da imprensa, resumidora da responsabilidade do trabalho litero-tipográfico discente para desenvolvimento de sua terra natal a partir da palavra impressa, e, ao mesmo tempo, como apelo para que a sociedade acolhesse a iniciativa dos jovens jornalistas em nome do futuro da nação; **A Mocidade** (1875) foi materializada em um jornal de quatro páginas divididas, cada uma, em três colunas a fim de concentrar o maior número de informações possível. O jornalsinho era distribuído três vezes ao mês em dias indeterminados, a partir do sistema de assinatura trimestral no valor de 2.000 réis.

Com 29 números impressos pela **Tipografia do Paiz**, ao longo de seus dois anos de existência, o periódico estudantil teve sua redação fincada na Rua da Formosa-nº 40, no centro de São Luís, onde recebia produções de diversos escritores, cronistas, poetas e jornalistas. As primeiras páginas d'**A Mocidade** (1875), jornal literário, crítico e noticioso, frequentemente estampavam artigos e folhetins, elaborados pelos próprios estudantes ou reproduzidos e traduzidos de outros autores, as demais folhas foram preenchidas com diferentes produções literárias, uma seção de noticiário, pequenos anúncios e, quando necessário, a exposição de erratas sobre erros cometidos em números anteriores.

No ano seguinte, em 1876, surge no cenário da imprensa estudantil maranhense a **Revista Juvenil** (Figura 10) que, assim como seu antecessor, assumia a sua condição de jornal literário, crítico e noticioso.

Figura 10 – Jornal **Revista Juvenil**

REVISTA JUVENIL

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

PRÓPRIEDADE DA SOCIEDADE UNIÃO JUVENIL.

Transibunt dies, augetur scientia.

Bacon.

Publica-se 3 vezes por mez.—Assignaturas adiantadas—25000 réis por trimestre.—Número avulso 500 réis.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

²⁰ A frase foi cunhada originalmente no livro **As Aventuras de Telêmaco - Filho de Ulisses**, em 1699, um romance didático francês escrito por François Fénelon.

Tendo seu primeiro número lançado no dia 10 de agosto de 1876 sob a direção de uma associação e a partir da terceira edição se consolidando como um órgão da **Sociedade União Juvenil**, a **Revista Juvenil** (1876) foi distribuída em forma de gazeta, com quatro páginas divididas em três colunas, saindo três vezes ao mês em dias indeterminados até meados de 1877. Com um corpo editorial estruturado a partir de instâncias como presidência, vice-presidência e tesouraria, além de ser balizado por um regulamento, o periódico durante a sua circulação passou por três impressores diferentes, pela **Tipografia do Paiz**, a **Tipografia Liberal** e a **Tipografia do Frias**, vendido a 400 réis o número avulso e a 2.000 réis a assinatura por um trimestre. Por estar intimamente ligada a uma associação literária a revista não saiu, em seu conteúdo, do escopo da literatura, da poesia e da arte, não esquecendo também do seu aspecto crítico e noticioso retratado através do noticiário mesclado pela crônica cotidiana.

Em maio de 1878 alguns discentes do Liceu Maranhense se reuniram para fundação de um **Club Litterario** (1878) cuja finalidade era a publicação de um jornal estudantil. Um mês após a primeira sessão preparatória dessa associação de alunos, realizada na Escola da Instrução Primária da Rua da Paz, a entidade já possuía uma mesa diretora definida; com Manuel Álvaro de Sá Vianna na presidência e Francisco José de Viveiros de Castro na vice, Athenodoro Alves de Carvalho e Tito Mousinho, como primeiro e segundo secretário, e João Silvestre Nonato da Silva na tesouraria; para apresentar o primeiro número d'**O Progresso** (1878) à sociedade e, principalmente, a tribuna da imprensa.

Progresso – É este o título de um periódico que ontem começou a publicar o Club Litterario, associação de estudantes.

Escolheram os seus estudiosos colaboradores um bonito nome para a arena em que tem de passar, em proveitosos exercicios literários, o tempo que lhes ficar livre dos deveres escolares e que pode ser dissipado e perdido.

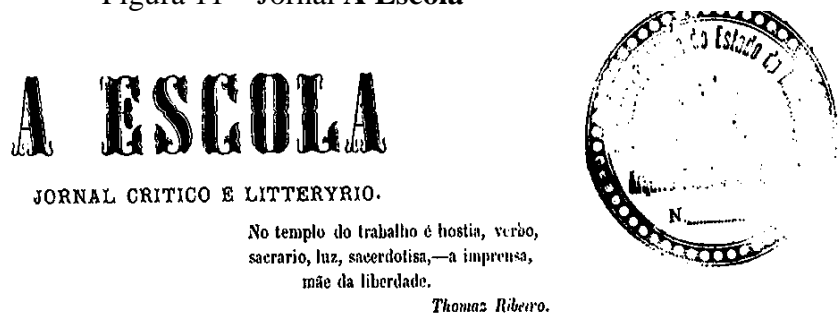
Felizes os moços que sabem o valor do tempo, e que não perdem totalmente em diverções sem proveito. (O PAIZ, 1878, n.134, p. 02).

Os grandes diários maranhenses do século XIX acompanharam de maneira bastante atenta a movimentação dos estudantes em torno do campo da imprensa, de maneira especial, **O Progresso** (1878) ganhou as páginas desses veículos desde o momento de sua concepção e distribuição nas praças, até os conluios e desvios de seus organizadores. Nesse contexto, a folha do **Club Litterario** nasceu ao abrigo das boas vindas do jornal **O Paiz** (1863-1886) que parabenizou a iniciativa dos liceístas, informou a data e horário de suas sessões subsequentes e relatou, em setembro de 1878, a fusão da associação com o **Gremio Litterario** para a criação de uma nova entidade: a **União Litteraria** que, dali em diante, passou a responder pela administração d'**O Progresso** (1878). Informes sobre a suspensão da distribuição de

números e desligamentos de membros diretores também foram relatados pela grande imprensa, ao mesmo tempo em que denúncias sobre plágio e críticas de colaboradores referentes à condução do jornal estudantil também foram expostas na grande imprensa, já que mesmo entrando “[...] na arena das letras sob tão bons auspícios, [...] [**O Progresso** (1878)] [foi] caindo pouco a pouco no charco imundo do insulto. Ora devassando o lar doméstico, ora fazendo alusões estúpidas ao Exmo. Sr. Bispo Diocesano.” (O PAIZ, 1878, n. 225, p. 02) e, portanto, converteu-se em “[...] montão de asneiras, e que de jornal literário que era passou a ser um almanack de charadas [...]” (O PAIZ, 1878, n.226, p. 01).

O quinto e último periódico organizado por estudantes no Maranhão ainda na década de 1870 foi **A Escola** (1878), jornal crítico e literário em formato *In-8º*, que saiu pela primeira vez no dia 29 de agosto de 1878 entonando, em sua primeira página, que “No templo do trabalho é hóstia, verbo, sacrário, luz, sacerdotisa, - a imprensa, mãe da liberdade.” (A ESCOLA, 1878, n. 01, p. 01). (Figura 11)

Figura 11 – Jornal **A Escola**



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

Com periodicidade mensal, a distribuição dos números d’**A Escola** (1878) era condicionada ao sistema de assinatura no valor de 1000 réis, correspondente a cobertura de um bimestre. A impressão da folha fora conduzida pela **Tipografia do Paiz** e, dentre as outras iniciativas gráficas dos estudantes na imprensa, inovara ao apresentar um jornalsinho de 10 páginas com uma capa exclusiva contendo um sumário detalhado de cada nova edição e, na última página, a exposição de avisos para assinantes e colaboradores. Entre a função crítica e literária desempenhada pel’**A Escola** (1878), o periódico sempre publicava artigos editoriais e folhetins sem se esquecer das poesias e sonetos elaboradas por seus organizadores.

Os primeiros passos da imprensa estudantil no Maranhão foram relativamente tímidos, durante toda a década de 1870 apenas cinco periódicos foram postos para circular a sombra diretora da comunidade discente, fato esse que não indicou a morte prematura desse

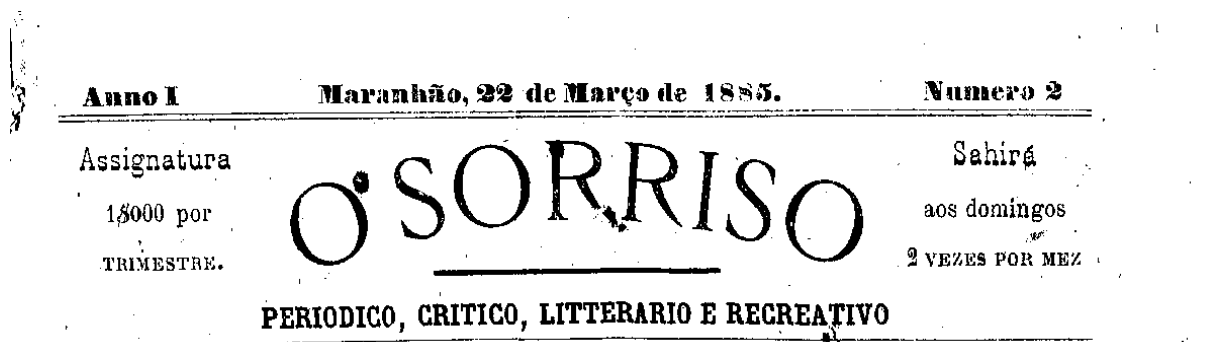
tipo de atividade, para além, essa experiência genetriz apontou os rumos possíveis para que os estudantes não só pudessem ter acesso, mas também para se manter e ter representatividade nos campos da imprensa e das letras da província. A criação de uma folha estudantil, na realidade maranhense, presumia assumir a qualidade de um jornal literário, crítico e noticioso que, a princípio, parecia ser somente o resultado de uma reunião de estudantes do Liceu, caso d’**O Estudante** (1870), mas que se converteu, nas iniciativas seguintes da **Mocidade** (1875), **Revista Juvenil** (1876), **Progresso** (1878) e **A Escola** (1878), na institucionalização de suas práticas ligadas a literatura e a tipografia por meio de associações e agremiações estudantis com corpo social ativo, para manter periodicidade aos impressos, e expressiva atuação na sociedade, a partir da realização de sessões preparatórias. Tal modelo de organização tornou-se uma máxima a ser alcançada para os periódicos estudantis que viriam a surgir na arena jornalística e literária maranhense até o fim do oitocentos.

2.2 Reaparecem os Jornalsinhos Litterários que a mocidade atirava aos quatro ventos: as dificuldades enfrentadas pelos impressos estudantis.

Após a década de 1870, a imprensa estudantil maranhense sofre de um hiato de sete anos até ver um novo periódico ser publicado, o que só começa a despontar em 1885, quando da aparição de quatro folhinhas: **O Sorriso** (1885), **O Repolho** (1885), **O Porvir** (1885), e **O Estudante** (1885).

O primeiro empreendimento estudantil que saiu a luz nesse período foi **O Sorriso** (Figura 12), no dia 04 de março de 1885, com forma similar a de seus predecessores: um jornalsinho de quatro páginas de fabricação modesta, assinado por secundaristas e distribuído duas vezes por mês, religiosamente aos domingos, a partir de um sistema de assinatura trimestral no valor de 1.000 réis. O periódico que se assumira como um veículo literário e crítico inovara ao trazer para sua alcunha a função recreativa.

Figura 12 – Jornal **O Sorriso**



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

Essa folha estudantil, impressa pela **Tipografia da Pacotilha**, divulgou diferentes produções literárias de seus colaboradores, tendo os contos, as poesias e os sonetos figurado frequentemente entre suas páginas. Com seções fixas de artigos, crônicas e até charadas, **O Sorriso** (1885) não deixou de noticiar os acontecimentos que cercavam a sociedade oitocentista, nem de dar publicidade à movimentação de seus companheiros de ofício como, por exemplo, a partida de um colega para concluir os estudos fora da província e até mesmo o surgimento de um novo jornal estudantil. Foi em uma dessas ocasiões que, em uma coluna fixa intitulada de *Expediente*, **O Sorriso** (1885) agradece o envio para sua redação de um exemplar d'**O Repolho** (1885), seu mais novo confrade na imprensa, mais um jornal organizado por jovens que se dividiam entre o trabalho jornalístico e os estudos preparatórios no Liceu.

O Repolho

Tivemos a satisfação de ver alistar-se na arena jornalística mais um batalhador, que, com o pitoresco nome de *Repolho*, dispõe-se a defender a causa da emancipação.

Consta-nos que são seus redatores são distintos estudantes de preparatórios que, tomando o nosso exemplo, pretendem a tornar-se aptos a escrever ao público: *allons enfants de la patrie*.

Agradecemos o número com que fomos mimoseados, e desejamo-lhes o acolhimento do público ilustrado. (O SORRISO, 1885, n. 02, p. 02)

O jornal estudantil de nome *pitresco* aparece pela primeira vez ainda em março de 1885, enviando cada novo número publicado às redações d'**O Sorriso** (1885), seu colega de trabalho, e da **Pacotilha** (1880-1939), um dos principais representantes da grande imprensa diária de São Luís no século XIX. **O Repolho** (1885) é um autêntico exemplo da classe de *títulos efêmeros* que surgiram na imprensa estudantil; de saída mensal, a folha teve um atraso de mais de um mês na tiragem de seu quarto número, desaparecendo por completo das páginas sobre *Expediente*, tanto dos grandes jornais diários quanto dos jornalsinhos, em junho de 1885. Ainda no terreno das notas sobre a sua circulação das folhas discentes **O Sorriso** (1885) também anunciara, em 12 de abril de 1885, a fundação de mais companheiro de imprensa:

O Porvir

Acaba de ser criado nesta capital, com este nome, um pequeno jornal literário e crítico. Segundo depreende-se do próprio jornal, são seus redatores alguns estudantes de preparatórios.

Agradecemos o número que enviaram-nos. (O SORRISO, 1885, n. 03, p. 04).

De propriedade da **Sociedade Porvir** (1885), o mais novo periódico literário e crítico distribuído na praça era um empreendimento coordenado pelos estudantes do Liceu Maranhense que, inclusive, realizavam suas reuniões nessa mesma instituição. **O Porvir**

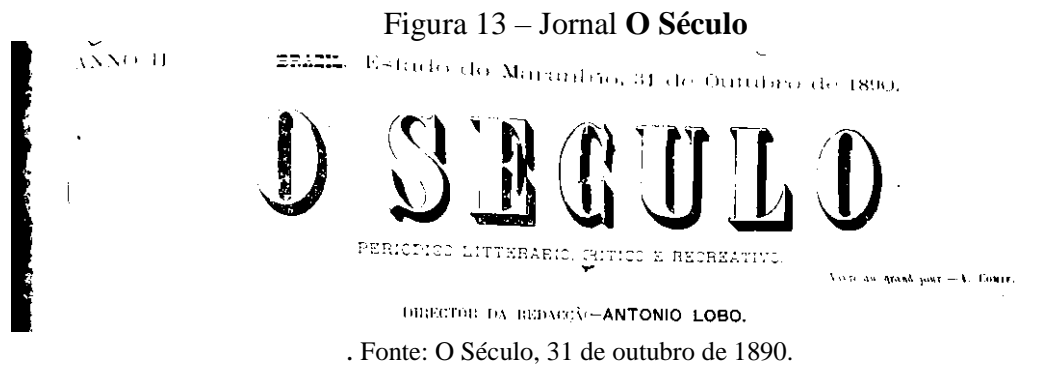
(1885) teve seu primeiro número publicado em 09 de abril de 1885, prometendo sair três vezes ao mês a cada dez dias, sendo sua iniciativa de adentrar ao campo da imprensa celebrada pelos importantíssimos jornais **Diário do Maranhão** (1855-1919) e **O Paiz** (1863-1886) que agradeceram o envio de um exemplar a sua redação, fazendo “[...] votos para que [**O Porvir** (1885)] cont[asse com] existência grande e cheia de prosperidade.” (DIÁRIO DO MARANHÃO, n.3438, p. 02). Nesse raio de registro sobre a movimentação discente na grande imprensa, no dia 11 de junho de 1885, mais um periódico discente fora apresentado à sociedade maranhense:

O Estudante – Hoje fomos obsequiados com o 1º número de um periódico assim chamado, e que declara ser distribuído 2 vezes por mês. É propriedade de uma associação de moços estudantes, que querem dedicar-se às lides da imprensa. Fazemos votos pela prosperidade do “Estudante” e que preste os serviços que da tentativa dos associados deve esperar a classe a que é principalmente dedicado. (DIÁRIO DO MARANHÃO, 1885, n. 3537, p. 02).

Como mais um representante do jornalismo liceísta, o surgimento d’**O Estudante** (1885) foi feito com entusiasmo pelos três diários mais influentes na cidade de São Luís em fins do século XIX: **O Paiz** (1863-1889) **Diário do Maranhão** (1885-1911), e **Pacotilha** (1880-1909). Com impressão realizada pela **Tipografia do Paiz**, o interessante periódico estudantil em oitavo prometia sair duas vezes ao mês, o que incitou os grandes periódicos a almejar “Próspera vida e felicidades [...]” (PACOTILHA, 1885, n. 134, p. 03) ao jornalsinho. Tais movimentos da imprensa sobre a iniciativa estudantil vão começar a se intensificar até o final do oitocentos, ora criticando a condição de que “Basta[va] [...] alguém saber escrever corretamente o nome que recebeu de batismo, e saber de cor a tabuada de somar, para julgar-se apto para redigir um jornal.”(DIÁRIO DO MARANHÃO, n. 3542, p. 02), ora assumindo interesse pelas folhas discentes, expressando que “Gostam[...] deveras de vê-la. O seu aparecimento foi [...] motivo de suma satisfação. Crianças (desculpem-nos o tratamento) que assim se exibem, trabalhando já no alvorecer da existência são uma garantia dos homens que hão de ser.” (PACOTILHA, 1886, n. 132, p. 02.)

Na segunda metade da década de 1880, mais três crianças chegam à imprensa: a primeira atendendo pelo nome de **A Liberdade** (1886), a segunda por **O Estudante** (1887) e a terceira intitulada de **O Século** (1889). O jornal literário e recreativo **A Liberdade** (1886) tem sua estreia marcada no dia 02 de junho de 1886, com impressão pela **Tipografia do Paiz** e redação dos estudantes de preparatórios: Machado Junior, Costa Lima e A. Viveiros. Logo em sua primeira edição o jornalsinho que tinha como foco a publicação de artigos de literatura

e poesias foi aclamado pela qualidade de sua escrita e, principalmente, pela atualidade das discussões nele encontrado já que havia “[...] n’A *Liberdade* uma coisa, sobretudo, que nos agrada. É um brado abolicionista que ela solta em forma de verso, assinado pelo Sr. P. J. da Costa Lima.” (PACOTILHA, 1886, n. 132, p. 02) em defesa do fim da escravidão no Brasil, que só viria acontecer quase dois anos depois de sua publicação. De igual forma são elogiadas as aparições na imprensa do “[...] primeiro número d’O **Estudante** [(1887)], um jornalsinho simpático e interessante.” (PACOTILHA, 1887, n. 19, p. 03) comandado pela classe estudantil, criado em 23 de janeiro de 1887, e d’O **Século** (Figura 13), periódico literário, crítico e recreativo, distribuído pela primeira vez em 04 de agosto de 1889.



Enquanto único representante do trabalho jornalístico e literário estudantil que mereceu um registro mais atento nas páginas da história do Maranhão oitocentista, a fundação d’O **Século** (1889) foi narrada com detalhes por Antonio Lobo (1909), enquanto diretor de redação do jornalsinho e, conseqüentemente, testemunha ocular do envolvimento discente na imprensa ao conferir às reuniões noturnas realizadas pelo professor Manuel de Béthencourt, catedrático de Filosofia no Liceu Maranhense a responsabilidade pela criação do pequeno periódico de apenas quatro folhas que visava “[...] proporcionar aos amantes da literatura, da arte e da crítica, um meio pelo qual possam tornar obvios os produtos de suas inteligências, os resultados de seus labores.” (O **SÉCULO**, 1889 *apud* PACOTILHA, 1889, n.145, p. 03). Com escritório localizado na Rua de Nazaré - n. 34, centro de São Luís, a redação d’O **Século** (1889) foi frequentada por: Antônio Lobo, Montrose Miranda, Aluísio Porto, Manoel Nina, Fausto Fragoso, Pacífico Bessa entre outros que contribuíram para que o periódico fosse distribuído duas vezes ao mês em dias indeterminados, pelo preço de 500 réis. No entanto, logo após sobreviver a uma interrupção de seis meses devido à ocupação de seus redatores e proprietários com as obrigações escolares, **O Século** (1889) encerra suas atividades em novembro de 1890 ante as dificuldades econômicas de se manter.

Sobre a periodicidade da imprensa estudantil, as iniciativas mais estáveis assumiam a responsabilidade de agraciar o público com a aparição de um novo exemplar de seus jornalsinhos por pelo menos uma (06 títulos), duas (03 títulos), no máximo, três (05 títulos) vezes ao mês. No entanto, esse compromisso datado de maneira mensal, bimensal ou trimensal foi diversas vezes abortado devido à falta de recursos financeiros para se mandar imprimir às folhas ou de tempo de seus produtores para a produção de conteúdo. (Quadro 02)

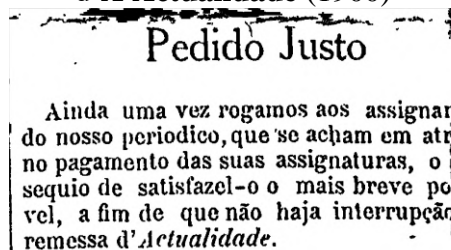
Quadro 02 - Periodicidade dos jornais estudantis maranhenses (1870-1900)

PERIODICIDADE	MENSAL	BIMENSAL	TRIMENSAL	INDETERMINADA
Número de Jornais publicados	06	03	05	08

Fonte: Cabral, 2022.

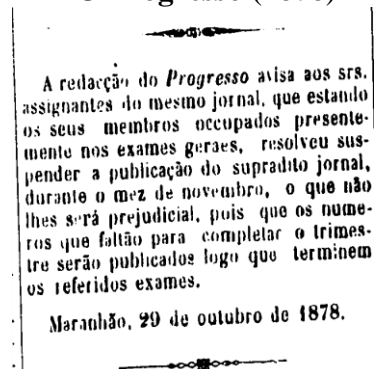
Quanto ao impedimento financeiro para manter periodicidade dos jornalsinhos, vale lembrar que a maioria dos periódicos obedecia ao sistema de distribuição por assinatura mensal, trimestral ou semestral, que custava em torno de 300 réis a 2.100 réis e, em alguns casos, também era possível adquirir o exemplar de forma avulsa por um preço que girava em torno de 100 a 300 réis, todavia, o compromisso do público com a iniciativa do alunado era demasiado frágil, o que levou a veiculação de vários avisos e pedidos, nos próprios jornalsinhos e nos grandes jornais diários, para que os assinantes da imprensa estudantil cumprissem com as suas obrigações e pagassem pelo recebimento dos números, pois esse tipo de ausência comprometia a sua circulação (Figura 14). Por outro lado, a dificuldade dos alunos em conciliar a atividade jornalística com as obrigações escolares parece ter sido outro fator decisivo para os recorrentes atrasos na tiragem dos periódicos, uma vez que era de praxe se deparar com esclarecimentos sobre a suspensão de suas atividades devido à chegada dos exames escolares. (Figura 15)

Figura 14 – Pedido de pagamento d’A Actualidade (1900)



Fonte: A Actualidade, 1900, n. 06, p. 04.

Figura 15 – Nota de suspensão d’O Progresso (1878)



Fonte: Diário do Maranhão, 1878, n. 1571, p.01.

Esses entraves no trabalho litero-jornalístico estudantil foram responsáveis pelos casos de interrupção de tiragens dos jornais que chegaram a ser suspensos por um, dois, até seis meses inteiros, ao passo que são bastante ilustrativos quanto ao grande número de títulos com publicações indeterminadas constatadas na imprensa estudantil e culminando, de certa forma, na vida útil dos periódicos que, em sua maioria, não passou do primeiro ano de publicação (15 títulos). (Quadro 03)

Quadro 03 – Longevidade dos jornais estudantis maranhenses (1870-1900)

PERIODICIDADE EM ANOS	01 ANO	02 ANOS	03 ANOS
Número de jornais publicados	15	05	02

Fonte: Cabral, 2022.

A dificuldade em se manter periodicidade dos jornais estudantis, seja pela falta de recursos financeiros para mandar imprimir os novos números ou pela chegada do período de provas e aumento de suas obrigações escolares, não só foram situações corriqueiras enfrentadas no dia a dia das pequenas redações como também uma das principais características da imprensa estudantil maranhense do século XIX.

2.3 Os órgãos da classe *estudantal*: os jornalsinhos como intérpretes fiéis dos desejos da mocidade na imprensa

Em 13 de setembro de 1890 alguns alunos de preparatórios do Liceu Maranhense se reuniram para distribuir, entre as ruas e praças da capital São Luís, o jornal **O Ensaio** (Figura 16).

Figura 16 – Jornal **O Ensaio**

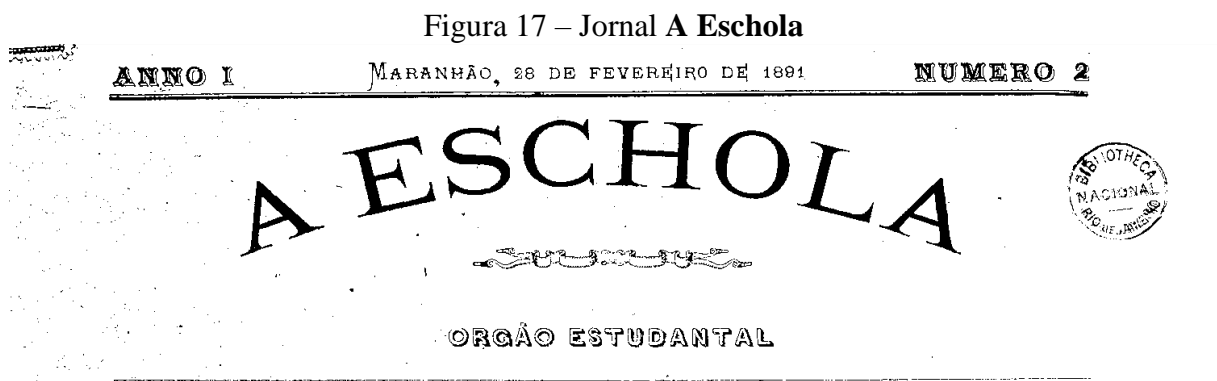


Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

Tendo como redatores os estudantes de preparatórios J. C. Raposo Junior, Achilles Lisboa e Alcides Pereira, o pequeno periódico sofre de uma interrupção na publicação da sua

quinta edição em dezembro de 1890, graças à realização dos exames gerais do Liceu Maranhense por seus redatores, voltando a aparecer só em janeiro do ano seguinte. O jornal literário e crítico foi materializado em quatro páginas, de três colunas cada, sob a responsabilidade da **Tipografia da Pacotilha** e chegara duas vezes por mês nas casas maranhenses, pelo preço fixo de 300 réis, com vários artigos críticos, poesias e crônicas. O até então único **Orgão Estudantal** do Estado publicado nos primeiros anos da república brasileira, e que assim se assumia em sua apresentação, introduz a ideia mais contundente de que os jornais estudantis seriam os interpretantes oficiais e mais fiéis dos sentimentos da mocidade estudiosa maranhense, tanto no reino da educação quanto nos demais aspectos da sociedade, e é por isso que **O Ensaio** (1890) inaugura a fase em que os membros da imprensa estudantil passam a se autoafirmar, tanto em sua forma quanto em seus discursos, como órgãos da classe estudantal.

É nesse cenário que em 07 de fevereiro de 1891 surge “[...] **A Eschola**, jornal literário redigido por alguns estudantes do nosso Liceu” (PACOTILHA, 1891, n. 36, p. 03). O mais novo órgão estudantal da praça também fora impresso pela **Tipografia da Pacotilha** nos mesmos moldes dos demais periódicos estudantis que já haviam saído de seus prelos: em formato oitavo, dividido por três colunas, e sem o uso de recursos tipográficos mais sofisticados. Com periodicidade inicial planejada para sair por, pelo menos, duas vezes ao mês, **A Eschola** (Figura 17) tratou, a partir de artigos de opinião, editoriais e crônicas, sobre as tensões da imprensa estudantil, de questões referentes à educação da mulher e da propriedade literária.



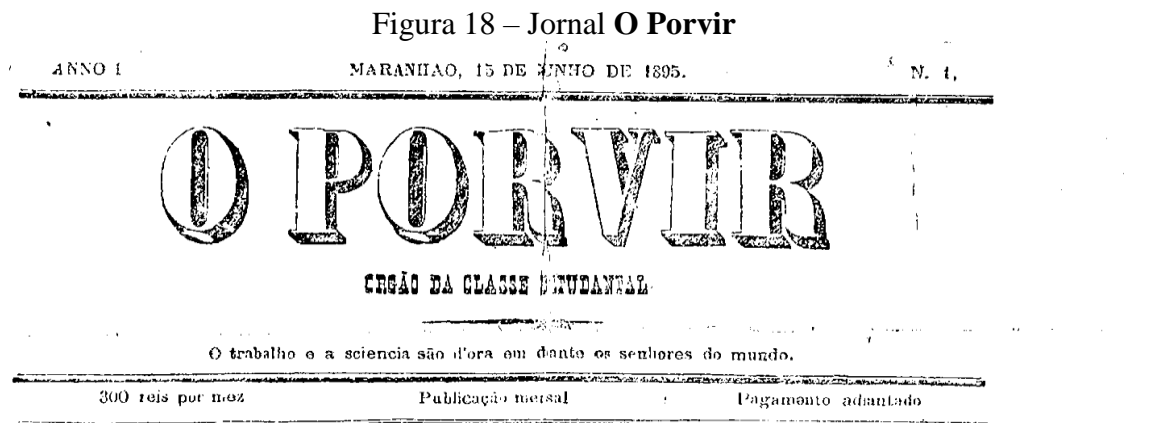
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

A autodenominação dos jornalsinhos como os veículos de informação mais representativos das demandas do alunado maranhense, a partir do uso da expressão **Orgão Estudantal** não só em seu subtítulo como também em seus programas de apresentação, é reconhecida pela própria grande imprensa quando ela passa a se reportar aos *coleguinhas*, em

suas notas sobre a circulação da imprensa estudantil, como periódicos criados por/para a classe estudantil. Tal fato pode ser reforçado pelo uso constante do termo **classe estudantil** para referir-se ao jornal **O Athenas** (1893), seja no momento de sua criação em 17 de abril de 1893:

Recebemos o 1º número do jornal **O Athenas**, a que a **classe estudantil** dedica as suas locubrações literarias e críticas.
Para ensaio já promete muito, pois as produções variadas de que vem recheado dão prova disto.
Desejamo-lhes pois, vida próspera e cheia de glórias. (PACOTILHA, 1893, n. 90, p. 02. **Grifo nosso**)

Ou nas ocasiões em que um novo número da folha estudantil fora distribuído; “Agradecemos a remessa que nos foi feita do n. 2 d’**O Athenas**, jornalsinho literário e crítico, redigido pela digna **classe estudantil**.” (PACOTILHA, 1893, n. 116, p. 03. **Grifo nosso**), o que acontecia uma vez ao mês: “Recebemos o n. 3 d’**O Atenas** órgão literário e crítico da **classe estudantil**. Agradecemos a visita do jovem colega.” (DIÁRIO DO MARANHÃO, 1893, n. 5940, p. 02. **Grifo nosso**). Provavelmente seja por esse fato que o próximo jornal a surgir na arena jornalística estudantil, **O Porvir** (Figura 18), incorporou o termo classe na sua identificação.

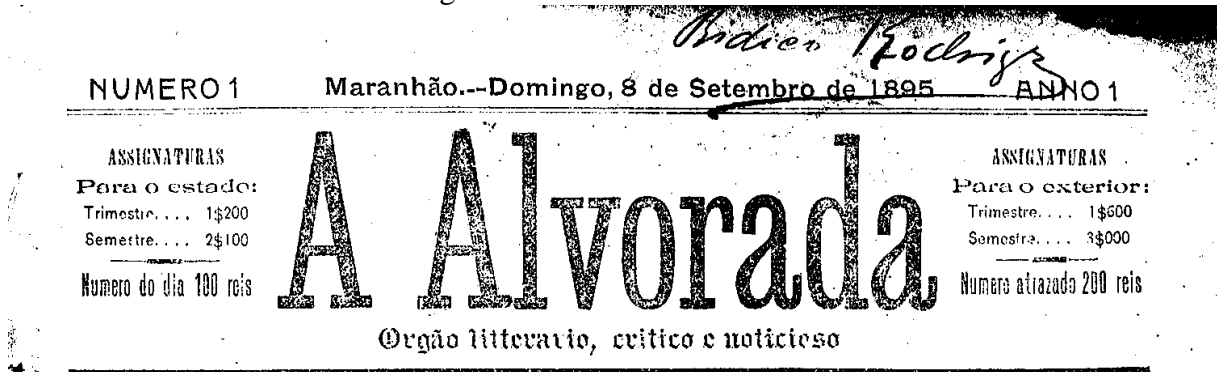


Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

O Porvir (1895), então **Orgão da Classe Estudantil**, nasce no dia 15 de junho de 1895 como mais um empreendimento coordenado pelos estudantes de preparatórios do Liceu Maranhense, com quatro páginas em formato oitavo impressas por **J. C. Leite**. Circulando uma vez ao mês, a folha liceísta era distribuída mediante pagamento adiantado no valor de 300 réis e sua redação localizada na Rua da Calçada, canto para o largo do palácio n. 1, no bairro da Praia Grande - Centro de São Luís. **O Porvir** (1895) trazia em sua composição alguns sonetos, poesias e artigos de crítica assinados não só pelos estudantes mas também por colaboradores externos.

Poucos meses depois, na data de comemoração da independência do Brasil, em 07 de setembro de 1895, o quarto jornal intitulado de **O Estudante** (1895) distribuído na imprensa maranhense em fins do século XIX aparece em São Luís e assim como seus antigos confrades veio cheio de artigos, contos e poesias “Digno[s] de leitura e de todo apreço e auxilio, do órgão da classe que se prepara para abrilhantar o futuro da Pátria.” (DIÁRIO DO MARANHÃO, 16 de agosto de 1896, n.6875 , p. 03). Com impressão pela **Tipografia da Pacotilha**, segundo o seu programa inicial, a folha era de periodicidade mensal, entretanto sua trajetória é marcada por algumas interrupções vide as obrigações escolares de seus produtores, deixando de circular em janeiro de 1898. No dia seguinte a primeira publicação d’**O Estudante** (1895), em 08 de setembro de 1895, outro órgão encabeçado por estudantes é distribuído pela sociedade ludovicense, no entanto, diferentemente de seus antecessores, ele abandona o aspecto estudantil e incorpora as vertentes da literatura, da crítica e da notícia em seu subtítulo de apresentação: **A Alvorada** (Figura 19), órgão literário, crítico e noticioso, foi uma gazetinha de quatro páginas, frente e verso dividido por três colunas, que saía aos domingos duas vezes por mês.

Figura 19 – Jornal A Alvorada

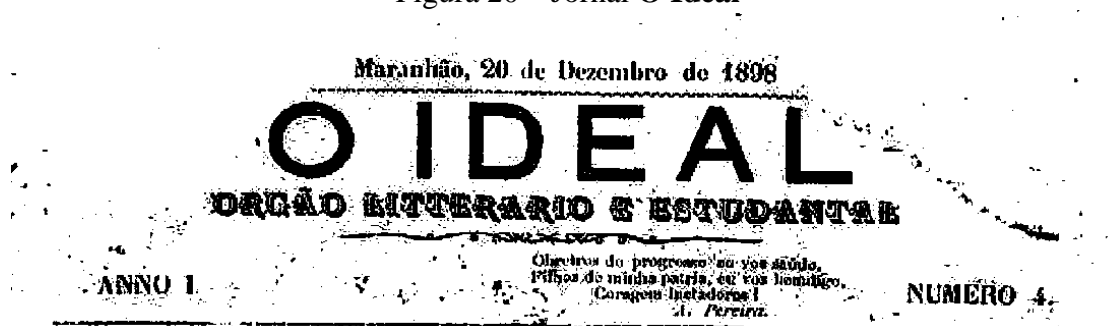


Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

A Alvorada (1895), era adquirida a partir de um sistema de assinatura específico para o público local, no valor de 1.200 e 2.100 réis referentes a um trimestre e um semestre respectivamente, e para os leitores de fora dos limites territoriais do Estado do Maranhão pelo preço trimestral de 1.600 réis e semestral de 3.000 réis, o jornal também podia ser comprado de forma avulsa, a 100 réis a edição do dia e por 200 as atrasadas. Ao abrigo da gerencia de J. P. d’Almeida o jornalsinho chegava a uma tiragem de 800 exemplares, por cada nova edição publicada, repleto de poesias, crônicas, sonetos e anúncios sobre diferentes produtos, desde uma loja de bonecas até marcas de cerveja e de charuto.

O décimo nono jornal que compõe a imprensa estudantil maranhense saiu pela primeira vez no dia 20 de setembro de 1898, atendendo pelo nome de **O Ideal** (Figura 20).

Figura 20 – Jornal **O Ideal**



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite, 2021.

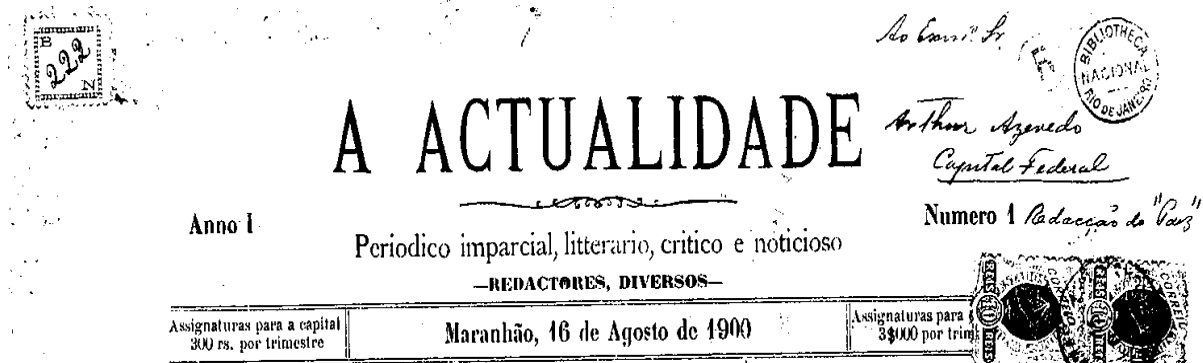
O órgão que optou por condensar as qualidades literárias e estudantis em seu subtítulo era comandado pelo **Grêmio Literário Estudantil**, com impressão em oitavo pela Tipografia **Antonio Pereira Ramos d’Almeida & C. Succs** uma vez ao mês, saindo em dias indeterminados. Com redação localizada na Rua da Formosa, número 18, **O Ideal** (1898) consegue sobreviver até o ano seguinte de sua estreia, 1899, com acentuada representatividade não só pela qualidade de suas poesias, artigos de literatura e de crítica, mas também pela atuação de sua agremiação na sociedade ludovicense.

Ainda em 1898 aparece “Pugnando pelas letras pátrias, cujo cultivo entre nós vai amortecendo, [...] o 1º n. d’**O Philomatico**.” (PACOTILHA, 12 de novembro de 1898, n. 269, p. 02), o mais novo periódico literário organizado pelos estudantes maranhenses. **O Philomatico** (1898) circulou desde 12 de novembro de 1898 até o início de 1899, em dias indeterminados, sempre sendo apresentado como uma folha estudantil feita com esmero e arte, e parabenizada pelas produções poéticas publicadas, inclusive aquelas produzidas por seus colaboradores mais ilustres, isto é, os escritores e literários já consagrados no campo das letras que destinavam seus escritos ao pequeno jornal.

O penúltimo órgão que viria a compor a imprensa estudantil oitocentista é criado em meados de 1900 sob o título de **O Athleta** (1900), e de responsabilidade do **Grêmio Literário Estudantil**, associação estudantil composta principalmente por discentes do Liceu. A folhinha surge, como assume em seu editorial de abertura, para “[...] declarar guerra sem tréguas, mas leal, a toda sorte de rotina material, intelectual ou moral e trabalhará, quanto de suas forças depender, pela conquista enobrecedora da verdadeira ciência, da arte imortal.” (PACOTILHA, 1900, n. 131, p. 02) a partir da publicação de seus textos literários na imprensa.

Por fim, o último jornal publicado na imprensa sob a alcunha da comunidade discente maranhense do século XIX, atendia pelo nome de **A Actualidade** (Figura 21). Criado em 16 de agosto de 1900, **A Actualidade** (1900) é um símbolo-síntese dos jornais estudantis criados no Maranhão no período oitocentista, desde seus aspectos de produção, circulação até apropriação.

Figura 21 – Jornal **A Actualidade**



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2021.

O periódico foi materializado nos mesmos moldes de seus colegas de imprensa, em formato oitavo com quatro páginas, frente e verso, sem o emprego de recursos tipográficos e iconográficos mais sofisticados. Com relação à periodicidade, **A Actualidade** (1900) saía três vezes por mês em datas fixas: o 10 °, 20 ° e 30 ° dia de cada mês, pelo preço de 300 réis a assinatura trimestral para distribuição na capital, São Luís, e 3.000 réis para o interior do Estado. Com redação localizada no Consistório de São João, Rua da Paz, o jornal tinha como diretores Luís Carvalho e Henrique Fernandes os “[...] aplicados estudantes e cultores das letras.” (DIÁRIO DO MARANHÃO, 1900, n. 8136, p. 02), como assim eram reconhecidos pela grande imprensa e era impresso na Tipografia **Antonio Pereira Ramos d’Almeida & C. Succs.** A impressão modesta do periódico imparcial, literário, crítico e noticioso pareceu condensar, como indica seu subtítulo, todas as esferas em que os que vieram antes dele, seja de forma fugaz ou os que conseguiram sobreviver para além dos primeiros números, exploraram para dar personalidade ao trabalho tipográfico estudantil ao longo de três décadas no Maranhão.

3 A PRODUÇÃO SOCIAL DOS JORNAIS ESTUDANTIS MARANHENSES NO SÉCULO XIX

O universo dos impressos estudantis que circularam no Maranhão no oitocentos, à primeira vista, parece um tanto quanto módico já que apenas 22 publicações conseguiram sair das tipografias sob a responsabilidade da comunidade discente durante três décadas. Um par de jornalsinhos que, para manter periodicidade, dependia das forças econômicas e sociais de seus pequenos produtores para ter uma vida mais ou menos *efêmera* entre os bancos escolares, casas, ruas e praças de sua terra natal (LOBO, 1900; MORAES, 1976). Por conta dessa ótica, apenas pequenos parágrafos ou capítulos de não mais que quatro páginas foram destinadas para o registro do movimento estudantil e seus jornais na história da imprensa e dos intelectuais maranhenses, dando pouca importância não só aos alunos e seu trabalho jornalístico e literário como também desprezando o envolvimento de outros atores na empreitada da mocidade.

A imprensa estudantil, sob a forma de jornais, revistas, magazines e boletins encontra-se no seio da Imprensa de Educação e Ensino, revelada e defendida nos repertórios analíticos da experiência francesa e portuguesa de inventariação dessas materialidades e que, no Brasil, ficou também conhecida como Imprensa Periódica Pedagógica, mas que independente de sua designação diz respeito às publicações que são mantidas por sujeitos da hierarquia do sistema educacional ou por instituições ligadas a educação, capazes de revelar não só os elementos de determinado sistema de ensino, mas também as instâncias de socialização a que crianças e jovens estão condicionadas em determinada realidade. (NÓVOA, 1993; BASTOS, 1997).

Os impressos estudantis, logo, são capazes de fornecer os elementos constitutivos de sua própria história, seja em uma linha de abordagem que privilegie a reconstrução de determinada realidade educacional ou em um viés mais interno, isto é, de análise dos periódicos em si, que vai desde as circunstâncias de fabricação e circulação das folhas até os sujeitos envolvidos nessa tarefa e os temas e problemas abordados por eles. (WERLE, 2013). Neste trabalho, nos debruçamos sobre a imprensa estudantil maranhense a partir desta última perspectiva de investigação e nos interessa em particular, nesta seção, compreender com se dá o circuito de produção dos jornalsinhos, missão sobre a qual se inicia com a identificação dos atores e instituições envolvidas de maneira direta e indireta na produção, circulação e manutenção dos jornais.

Nesse processo é importante registrar que a imprensa estudantil está localizada dentro de um vasto conjunto de meios de comunicação e publicações que fazem referência à educação e que, nesse ínterim, se individualiza e distingue por se constituir em um espaço educativo de expressão e organização dos alunos. (WERLE, 2013). Assim, sobre o que fora possível identificar nas fontes, a produção dos jornais organizados pela comunidade discente maranhense no oitocentos envolveu, de forma primária, os seguintes dispositivos: (Quadro 4)

Quadro 04 - Dispositivos envolvidos na produção da imprensa estudantil maranhense

IMPRESSOS ESTUDANTIS	PRODUTORES	SOCIEDADE ESTUDANTIL LITERÁRIA	INSTITUIÇÃO ESCOLAR	TIPOGRAFIA								
				A. P. Ramos de Almeida	Belarmino de Matos	Tipografia do Paiz	Tipografia Liberal	Tipografia do Frias	Tipografia da Pucotilha	J. C. Leite	A. P. Ramos d'Almeida & C. Suess	
O Estudante	Estudantes do Liceu	---	Liceu Maranhense	x	x							
A Mocidade	Associação de estudantes	---	---			x						
Revista Juvenil	---	Sociedade Juvenil	Liceu Maranhense			x	x	x				
O Progresso	---	Club Literário/ Gremio Literário/ União Literária	Liceu Maranhense									
A Escola	---	---	Liceu Maranhense			x						
O Sorriso	Estudantes de preparatórios	---	Liceu Maranhense						x			
O Repolho	Estudantes de preparatórios	---	Liceu Maranhense									
O Porvir	Estudantes de preparatórios	Sociedade Porvir	Liceu Maranhense									
O Estudante	Associação de Estudantes	---	Liceu Maranhense			x						
A Liberdade	Estudantes	---	---									
O Estudante	Estudantes	---	---									
O Século	Estudantes do Liceu	---	Liceu Maranhense									
O Ensaio	Estudantes de preparatórios	Sociedade Estudantal	Liceu Maranhense						x			
A Eschola	Estudantes do Liceu	---	Liceu Maranhense						x			
O Athenas	Classe Estudantal	---	---									
O Porvir	Estudantes de preparatórios	---	Liceu Maranhense							x		
A Alvorada	Moços estudiosos	---	---									x
O Estudante	Associação de estudantes	---	Liceu Maranhense									
O Ideal	---	Gremio Litterario Estudantal	Liceu Maranhense									x
O Philomatico	Estudantes secundários	---	Liceu Maranhense									
A Actualidade	Estudantes de preparatórios	---	Liceu Maranhense									x
O Athleta	---	Gremio Litterario Estudantal	Liceu Maranhense									

Fonte: Cabral, 2022.

Nesse universo da imprensa estudantil maranhense além de discussões sobre a educação, cultura e sociedade, os processos de influência, produção e disseminação de opiniões e informações são perceptíveis e impressos em suas próprias páginas. As relações dos estudantes com seus pares da própria escola ou de outros estabelecimentos de ensino, com os professores, com a direção escolar e a comunidade externa podem ser observadas entre suas folhas, fazendo com que esses periódicos se constituam em um espaço não neutro de manifestação dos anseios e interesses de vozes silenciadas, os alunos, e também das vozes oficiais, na figura de professores, diretores e intelectuais que, de forma direta ou indireta, atuam na produção desses veículos. (WERLE, 2013).

Desta maneira, ao fazer da imprensa o objeto fundamental da ação regeneradora que iria combater a apatia cultural e intelectual da *Atenas Brasileira*, os alunos, seus produtores principais, imbuídos de diferentes estratégias de produção e táticas de manutenção dos empreendimentos tipográficos, fizeram da cooptação de diversos sujeitos e instituições, seja para as redações ou páginas de seus periódicos, a principal arma para se fazerem vistos e escutados na seara jornalística e literária do século XIX. Por essa razão os jornais estudantis que circularam no Maranhão entre 1870 e 1900 não são um produto exclusivo dos alunos, isto é, feito por estudantes e somente para estudantes, mas sim um empreendimento resultante de um esforço coletivo de diferentes atores e instituições sociais, de dentro e de fora do ambiente educacional, e para um público igualmente diverso.

Os principais produtores da imprensa estudantil oitocentista, como assim se identificaram, são os *estudantes do Liceu*, de uma *associação de estudantes*, *estudantes de preparatórios*, da *classe estudantil de moços estudiosos* ou simplesmente *estudantes secundários*, isto é, nomenclaturas da comunidade pertencente ao nível mais alto de escolaridade que a Província e, posteriormente, o Estado do Maranhão poderia oferecer a seus jovens ao longo de todo o século XIX. Se em São Paulo e no Rio de Janeiro, lugares onde havia cursos superiores desde a primeira metade do século XIX, a “Academia formava aprendizes de poder, que se expressavam quase que exclusivamente pelas folhas da imprensa.” (MARTINS, 2015, p. 59), retrato por assim dizer do nascimento da imprensa estudantil no Brasil, mais ao Norte do país, na ilha de São Luís do Maranhão, devido à ausência de tal modalidade educacional, coube aos secundaristas à responsabilidade de abrir as portas para a presença dos estudantes no campo da imprensa local.

Em alguns dos empreendimentos estudantis, a criação de um jornal prescindia a fundação ou associação a clubes e sociedades literárias que pudessem auxiliar, com recursos financeiros e intelectuais, a vida dos periódicos. No entanto ao tratarmos de espaços de

sociabilidade para criação e manutenção da imprensa estudantil o *locus* irradiador de material humano e intelectual dessa atividade tipográfica no oitocentos, sem dúvidas, é o Liceu Maranhense. Fundado pela Lei de n. 77 de 24 de julho de 1838, na capital da província, o Liceu é a primeira instituição de ensino secundário criada no Maranhão, inaugurando a prática organizada de ensino e aprendizagem daqueles alunos que cumpririam a etapa escolar pré-requisito para acessar ao ensino superior, o que antes de seu aparecimento era feito de maneira desordenada nas casas de professores e/ou alunos. (CASTRO, 2009; SOUZA, 2018, 2022).

Nesse espaço de educação propedêutica e humanista, as normas institucionais que regiam o seu funcionamento, materializadas em leis, estatutos e currículos, conferiram ao Liceu Maranhense a responsabilidade de formar os quadros de poder do Maranhão durante todo o século XIX. Nessa célula embrionária de formação de homens das letras, ciência e política, o acesso ao ensino, embora fosse público, era para poucos e, principalmente, para privilegiados financeiramente que podiam acompanhar os ensinamentos dos mais importantes atores e intelectuais maranhenses na figura de seus *lentes*²¹. (RIBEIRO, 2006). Assim, como um desdobramento do ambiente em que fora concebida, a presença de professores do Liceu e de intelectuais na criação e manutenção da imprensa estudantil é um traço marcante.

Delineado esse cenário, os mestres figuraram como os responsáveis por despertar o interesse da comunidade discente pela imprensa e pela literatura para além da pacífica apreciação em sala de aula, o que levou a uma ação concreta na sociedade através da criação de seus jornais e o que, de igual modo, fez com que a comunidade intelectual, de dentro e fora do Liceu e do Maranhão, visse com bons olhos e colaborasse de forma positiva com a iniciativa estudantil. Esses sujeitos educacionais e literários de forma direta ou indireta se envolveram com a imprensa estudantil, seja assumindo cargos dentro das redações ou presenteando com um escrito os jornalsinhos. Por último, outro ator que também aparece entre as páginas dos impressos estudantis é a própria imprensa, na figura dos grandes diários que atuaram como agentes publicitários da iniciativa estudantil e do setor tipográfico que, a partir dos prelos disponíveis, trabalharam na produção, manutenção e promoção da atividade tipográfica estudantil local.

Identificados os agentes e espaços envolvidos na produção da imprensa estudantil: os clubes literários, Liceu Maranhense, professores, intelectuais e imprensa contribuíram cada um a seu modo para dar personalidade ao trabalho jornalístico e literário estudantil, não só no que se refere aos valores e objetivos compartilhados, reforçados, reafirmados entre eles e

²¹ Termo utilizado para denominar os professores do Liceu Maranhense.

ressoados nos conteúdos abordados, como também para o acesso desses estudantes aos campos da imprensa e das letras do Maranhão no século XIX. Nesse circuito da produção social dos jornalsinhos as relações são objetivas e estas, por sua vez, estruturam as práticas e as representações dos sujeitos e instituições envolvidas nesse processo. (MARCHETTI, 2008), portanto, após a breve identificação dos atores e instituições responsáveis pela concepção material e intelectual da imprensa estudantil maranhense, nos debruçamos, a seguir e de maneira detalhada, sobre as circunstâncias por detrás desse envolvimento.

3.1 “Deixai passar em paz o Estudante”: as estratégias de introdução dos alunos no campo da imprensa e da literatura a partir da criação de jornais

[...] deixai passar em paz o **Estudante**, que, longe de apresentar o ar pilhérico e folgazão, que é próprio d’aquela a quem simboliza, - vem **tímido**, **humilde** e **esperançoso** de que sereis condescendentes, vos requestar um canto no vasto mundo das letras.

O seu programa cifra-se no nome que tomou por título.

Estudante! Palavra esta que podemos traduzir de dois modos; já como símbolo da instrução, já como símbolo de crítica.

E a vista de tais razões, acreditamos que não havia título melhor para este jornal, nem programa mais bem expresso que o seu título. (O ESTUDANTE, 1870, n. 01, p. 01. **Grifo nosso**).

O programa d’**O Estudante** (1870), primeiro jornal organizado exclusivamente pela comunidade discente maranhense no oitocentos, exemplifica de maneira bastante oportuna como os organizadores da imprensa estudantil se colocavam com seus *jornalsinhos* na seara jornalística e intelectual: *tímidos*, *humildes* e *esperançosos*. Para além de um discurso que tinha por objetivo estabelecer uma relação de animosidade entre os pequenos jornalistas e seu público leitor, ao focalizar os adjetivos utilizados no editorial de abertura conseguimos resumir de maneira abrangente de que maneira esses alunos se apresentaram à sociedade.

Analisando, em linhas gerais, desde os aspectos mais básicos que envolvem a identificação dos responsáveis por uma publicação, dentro do projeto editorial e gráfico dos periódicos, até as colaborações estampadas entre suas páginas, por *timidez* atribuímos à tendência, com raras exceções, que os empreendimentos estudantis tinham em não revelar o seu corpo editorial nominalmente, se limitando a uma identificação que ora fazia referência à instituição escolar a que eram ligados e ora às associações e grêmios literários que os sustentavam. Assim, estampadas às informações, em primeira página, de que esses veículos

eram apenas de propriedade dos *estudantes do Liceu*²², redigidos por uma *associação de estudantes*²³, por uma *União Juvenil*²⁴ ou somente como *Órgãos da Classe Estudantil*²⁵ era o sinal mais latente de acanhamento dos pequenos redatores, que evitavam trazer nominalmente os responsáveis pelas publicações. O fator *humildade*, por sua vez, levou o recato dos alunos a níveis maiores ainda, tendo em vista a grande quantidade de escritos produzidos na imprensa estudantil que foram assinados apenas por pseudônimos e abreviações, além de tantos outros que tampouco havia alguma indicação de autoria, deixando espaço apenas para que escritores já consagrados na arena jornalística pudessem figurar com mais clareza, com nome e sobrenome, em suas páginas. Por fim, a *esperança* que atravessa todos os editoriais de abertura dos periódicos estudantis era a da fé do apoio indiscutível da sociedade maranhense à iniciativa estudantil como única via para reacender o campo das letras de São Luís, em uma tentativa de manutenção da *Atenas Brasileira*.

A hesitação em expor os responsáveis pelas publicações nos jornalsinhos, de forma clara, pode estar ligada ao fato de que esses veículos foram utilizados como palco de ensaio para as primeiras lides do trabalho literário e jornalístico de estudantes e, por isso mesmo, estavam suscetíveis a apresentar erros quanto ao rito das letras e da imprensa do século XIX, daí o acanhamento em anunciar os seus produtores. Por outro lado, é necessário destacar que no Brasil Império os bacharéis formados eram obrigados a se divorciar das letras e da imprensa se planejassem galgar alguma ocupação na esfera pública. Tal rompimento se dava porque a figura do literato na carreira política era vista com maus olhos, pois a boêmia estudantil e suas produções não convinham com a dignidade das funções públicas, o que levou muitos dos egressos das faculdades brasileiras a se valerem do anonimato e/ou de pseudônimos para se colocarem literariamente na imprensa. (MARTINS, 2015). Desta forma, prevendo o preconceito sobre o qual estariam submetidos ao lançarem seus jornais, o que comprometeria o seu futuro na arena pública, os estudantes optaram por não apresentar de maneira explícita os responsáveis por sua produção, apontando apenas de maneira geral seus organizadores, sempre fazendo referência ao grupo social *tímido, humilde e esperançoso* de que fazia parte: dos estudantes.

No entanto, cada grupo responsável pelas publicações discentes faz parte de um campo, um espaço social estruturado, um campo de forças, onde existem dominantes e dominados em situações constantes e permanentes de desigualdades que se constroem para

²² Caso do Jornal **O Estudante**, publicado em 1870.

²³ Caso do Jornal **A Mocidade**, publicado em 1875.

²⁴ Caso do Jornal **Revista Juvenil**, publicado em 1876.

²⁵ Caso os Jornais **O Ensaio**, **A Eschola**, **O Porvir** e **O Ideal**, publicados respectivamente nos anos de 1890, 1891, 1895 e 1898.

transformar ou conservar esse ambiente, ou seja, a imprensa estudantil maranhense do século XIX. Cada grupo está em uma relação de concorrência com os outros, e a força que detêm no interior desse universo é a mesma que irá definir a sua posição no campo, bem como as estratégias de conservação adotadas pelos indivíduos. (BOURDIEU, 1997). Desta forma seria um erro reduzir os principais produtores dos jornalsinhos a um conjunto homogêneo de estudantes de ensino secundário, bem como seria ingenuidade acreditar que esses sujeitos utilizaram das mesmas estratégias e táticas para produzir e fazer firmar seus empreendimentos tipográficos na seara jornalística e literária do Maranhão oitocentista.

Nesse universo os artifícios de manutenção das pequenas folhas periódicas foram se aprimorando ao longo de três décadas: ora focalizada em estratégias mais refinadas de organização social em torno dos jornais e ora baseada em táticas de promoção para dar relevância e, conseqüentemente, longevidade a suas publicações. Desta maneira, na História da Imprensa Estudantil Maranhense, os dois primeiros jornalsinhos publicados se destacam por apresentar uma ideia inicial de como se dava a organização em torno dos impressos, uma vez que **O Estudante** (1870), ao ser produzido por alguns *estudantes do Liceu*, e **A Mocidade** (1875), de responsabilidade de uma *associação de alunos*, nascem da vontade de

[...] abertura de uma estrada a um campo vasto que, sendo bem arroteado pela instrução pública e prestando-se a produção e reprodução de frutos dignos de literatura, ofere[cendo] a mocidade ávida instrução e os meios mais próprios para o desenvolvimento da sua inteligência, como um estímulo para a progressiva cultura do seu espirito. (A MOCIDADE, 1875, n.01, p.01).

Os jornais estudantis, portanto, se constituem em um espaço educativo de reunião de uma parcela da comunidade discente maranhense, união essa que se originou de maneira não institucionalizada, onde os estudantes que viam no veículo impresso a possibilidade de externar, ampliar, disseminar e legitimar seus conhecimentos fundaram dois periódicos. Algumas iniciativas seguintes na imprensa estudantil, pelo contrário, apresentam postura diferente ao promover a institucionalização das práticas referentes à criação e manutenção de impressos. Nesse cenário, clubes e sociedades literárias organizadas pelos alunos começam a surgir como ambiente de produção, socialização e crítica dos jornalsinhos. (Quadro 05)

Quadro 05 – Clubes e sociedades literárias da imprensa estudantil maranhense

ANO DE FUNDAÇÃO	IMPRESSOS ESTUDANTIS	PRODUTORES	CLUBES/SOCIEDADES ESTUDANTIS E LITERÁRIAS
1876	Revista Juvenil	---	Sociedade Juvenil
1878	O Progresso	---	Club Literário/ Gremio Literário/ União Literária
1885	O Porvir	Estudantes de preparatórios	Sociedade Porvir
1890	O Ensaio	Estudantes de preparatórios	Sociedade Estudantal
1898	O Ideal	---	Gremio Litterario Estudantal
1900	O Athleta	---	Gremio Litterario Estudantal

Fonte: Cabral, 2022.

A **Revista Juvenil** (1876), **O Progresso** (1878), **O Porvir** (1885), **O Ensaio** (1890), **O Ideal** (1898) e **O Athleta** (1900), ao abandonarem a ideia de uma reunião não institucionalizada para criação e manutenção de seus jornais, transformaram os clubes literários nos representantes oficiais de seus impressos frente à sociedade. Para essa parcela de iniciativas da imprensa estudantil a qualidade, periodicidade e prestígio de seus jornalsinhos estariam diretamente ligados ao compromisso de cada membro com o bom funcionamento da sociedade a que era vinculado, já que essas instituições possuíam normas e estatutos a serem cumpridos para o aprimoramento intelectual de seus integrantes e regularidade na publicação de seus veículos, os jornalsinhos. Essa estratégia de organização social para produção dos impressos vai variar segundo as circunstâncias e forças de cada grupo de alunos e seus respectivos periódicos, no caso d'**O Porvir** (1885), **O Ensaio** (1890), **O Ideal** (1898) e **O Athleta** (1900) os impressos já nascem à sombra diretora de suas respectivas instituições literárias, já para a **Revista Juvenil** (1876) e **O Progresso** (1878) a aproximação entre o trabalho tipográfico discente e a sua associação a sociedades e clubes se dá de maneira especial.

Nessa conjuntura específica era necessário à criação de uma sociedade de estudantes que deveria legislar sobre os direitos e deveres de cada sócio, no que diz respeito tanto às práticas intelectuais quanto às materiais de produção e manutenção do próprio clube e de seus jornalsinhos. Contudo, o alunado não dispunha de um espaço próprio e fixo para a discussão e avaliação das questões que circunscreviam o seu trabalho litero-tipográfico e as *sessões preparatórias*, nome dado às reuniões, eram realizadas em diferentes estabelecimentos espalhados por São Luís, principalmente no Liceu e nas escolas de ensino primário da capital. Nessas sessões marcadas fora do horário escolar, na maioria das vezes aos domingos, eram discutidos e estabelecidos os estatutos que regeriam a atividade das agremiações, bem como

ocorria votações para eleger seus principais representantes, que se resumiam as figuras do presidente, presidente honorário, vice-presidente, secretário, tesoureiro, comissão de redação e suplentes, além da leitura e debate de teses, isto é, das produções críticas e literárias dos alunos que iram ser veiculadas nos impressos estudantis. Cabe destacar que a convocação e resultado de tais reuniões foram divulgados pela grande imprensa maranhense, a partir de pequenos anúncios e notas, o que possibilitou o cruzamento entre esses enunciados sobre o funcionamento das sociedades estudantis e a produção de seus respectivos jornais, facultando não só a identificação nominal do corpo editorial responsável por uma parcela das folhas discentes, como também da relação estabelecida entre a criação de uma agremiação para manutenção de um periódico. (Figuras 22, 23, 24 e 25).

Figura 22 – Anúncio de aprovação dos estatutos da Sociedade União Juvenil

Aprovação de estatutos.—Por acto da presidencia, de hontem, farão approvar os estatutos organizados pela *Sociedade União Juvenil*.

Fonte: Diário do Maranhão, 1876, n. 870, p. 02.

Figura 23 – Nota sobre sessão preparatória

Ação louvavel.—Diversos estudantes do Lyceu reunirão se no domingo ás 5 horas da tarde, n. escola da 1.ª freguesia, com o louvavel fim de crearem um jornal litterario. Com a melhor ordem elegerão por aclamação presidente o Sr. Sá Vianna. Occupando a cadeira o mesmo Sr. propoz que se elegesse uma mesa permanente composta de presidente, vice-presidente, secretario e supplentes e thesoureiro, que vigorasse até a approvação dos estatutos que devem reger a sociedade. Depois de discutida a proposta, foi approvada. Procedendo-se a eleição, sahirão eleitos os senhores:

Presidente—M. A. de Souza S. Vianna.
Vice-presidente—Francisco José de Viveiros Castro.
1.º secretario—Alvaro Sival de Moura.
2.º dito—Tito Mouzinho.
1.º supplente—Antonio José de Souza Junior.
2.º dito—Americo Duarte de Viveiros.
Thesoureiro—João Silvestre Nonnato da Silva.

Installada a mesa, o presidente convidou os Srs. socios a comparecerem no proximo domingo e levantou a sessão.
E' de esperar que esta idéa seja bem acceita por todos que prezão as letras.
Continuem os Srs. estudantes nesta tentativa que muito os honra e eleva.

Fonte: O Paiz, 1878, n. 108, p. 02.

Figura 24 – Nota sobre a criação d'O Progresso pelo do Club Litterario

Club litterario.—Esta sociedade fundada por alguns estudantes do Lyceu, com o fim de crearem um jornal litterario, celebrou no dia 19 sua segunda sessão preparatoria. Foi lida e sem debate approvada a acta da sessão antecedente. O Sr. Viveiros de Castro, membro relator da commissão encarregada de confeccionar os estatutos, apresentou os mesmos. Forão discutidos até o art. 49.
Levantou-se a sessão ás sete horas da noite. Reinou durante a mesma muita ordem e harmonia. E' de crer que brevemente appareça á luz o *Progresso*.

Fonte: O Paiz, 1878, n. 114, p. 02.

Figura 25 – Anúncio de sessão no Club Litterario

De ordem do presidente desta sociedade convulo nos srs. socios á comparecerem á sessão que hoje deve ter lugar ás 4 1/2 horas da tarde em o estabelecimento de instrução Primaria sito á rua da Paz.
Maranhão, 25 de maio de 1878.
O segundo secretario,
Tito Mouzinho,

Fonte: Diário do Maranhão, 1878, n. 1441, p. 02.

A partir desses registros é que conferimos a organização social da **Revista Juvenil** (1876) e d'**O Progresso** (1878) em torno, respectivamente, da **União Juvenil** e do **Club**

Litterario caráter especial, uma vez que seus produtores ao observarem a importância das sociedades e agremiações estudantis para a produção intelectual e material dos jornalsinhos trataram de incorporar tais instituições e, sobretudo, suas práticas no seu trabalho jornalístico e literário. A **Revista Juvenil** (1876) saiu pela primeira vez assumindo que era regida apenas por uma *associação de estudantes*, para logo em seu terceiro número constatar que “Em vez de pertencer a poucos indivíduos sem força para sustenta-la passa[va] a pertencer à sociedade **União Juvenil**; e esta[vam] certos de que melhor futuro a espera[va] no alcácer de tão donosa senhora” (REVISTA JUVENIL, 1876, n.03, p.01).

No caso d’**O Progresso** (1878), embora ele tenha sido criado no seio do **Club Litterario**, cinco meses depois de sua fundação seus produtores acharam conveniente a sua fusão com o **Gremio Litterario**. Essas instituições “Irmãs no culto que consagrava as letras e iguais na energia dos esforços, na pureza das intenções, viviam não obstante separadas na sociedade.” (VIVEIROS DE CASTRO, 1878 *apud* DIÁRIO DO MARANHÃO, 1878, n. 1533, p. 01) e se uniram para, segundo o orador Francisco José Viveiros de Castro em uma *sessão preparatória* solene do dia 14 de setembro de 1878,

[...]

Felizmente cessar a divisão que nos enfraquecia, uma só oficina reúne todos os obreiros, o mesmo altar recebe hoje as oferendas dos crentes da mesma religião.

Dá a mocidade um bom exemplo! Fiel ao culto das letras, reuniu seus esforços, para que seja ele mais esplendido, e esquecida as rivalidades, uma só nele existia, uma só a estimula, a rivalidade de melhor servir a mesma causa, de que somos todos obreiros, a causa da civilização, a causa da liberdade.

Da fusão das suas sociedades nasceu a – **União Litteraria**; não tem passado; não tem nada a esquecer; tudo é novo; sorri-lhe a esperança; a fé a ilumina, e com a energia característica das convicções profundas, dedica-se a conquista de um veloz mais precioso que os antigos – a ciência. (VIVEIROS DE CASTRO, 1878 *apud* DIÁRIO DO MARANHÃO, 18 de setembro de 1878, n. 1533, p. 01).

A institucionalização das práticas em torno da produção da imprensa estudantil por meio da criação e/ou associação a sociedades, clubes e grêmios foi benéfica uma vez que, do que fora possível apurar, um dos jornais circulou por pelo menos 07 meses²⁶ e dois perduraram por mais de 02 anos²⁷. Pode-se atribuir a essa longevidade das publicações, tendo em vista a característica de *títulos efêmeros* carregada pelos impressos do alunado, o prestígio de se produzir um jornal a partir de um reduto organizado de estudantes amantes das letras, com ação direta na sociedade para disseminação do conhecimento, contribuindo dessa forma

²⁶Caso do jornal **O Progresso** onde registros de sua circulação foram encontrados entre os meses de maio e novembro de 1878.

²⁷Caso dos jornais **Revista Juvenil**, que circulou entre os anos de 1876 e 1877, e **O Ideal** que foi publicado entre os anos de 1898 e 1899.

para a visibilidade e credibilidade de seus periódicos frente ao público leitor, o que se traduzia em mais incentivos financeiros para os pequenos empreendimentos tipográficos, ou seja, mais assinaturas.

Sobre as demais iniciativas tipográficas discentes²⁸ os aspectos de sua organização nos revela que a inserção desses atores nos campos da imprensa e da literatura se deram a partir de estratégias de promoção pautadas no grupo social que representavam, diferentemente dos sujeitos que faziam parte de um grupo institucionalizado. Meio às ressalvas para se indicar a reponsabilidade das publicações, hábito comum entre os jornais do século XIX, expressões vagas como *propriedade dos estudantes do Liceu*, dos *estudantes de preparatórios*, dos *estudantes secundários* ou somente de *estudantes* foram utilizadas pelos próprios jornalsinhos e pela grande imprensa para caracterizar os responsáveis pelos impressos estudantis maranhenses. Essa tática tinha um efeito duplo: primeiro, funcionava para evitar exposição nominal e anular futuras repressões dos pequenos literatos, já que os homens das letras eram vistos com certo receio na esfera pública; segundo, esses termos, essa forma de definição ajudou na construção de um discurso agregador, empático e milimetricamente pensado para cooptar apoiadores.

A partir dessa circunstância da produção dos impressos discentes, nos chama a atenção que a maioria dos periódicos²⁹ optou por se identificar no seio da imprensa como um produto dos *estudantes de preparatórios*, tal expressão está diretamente ligada aos níveis e/ou modalidades de ensino ofertadas pelo Liceu Maranhense. Embora essa instituição de ensino secundário só ofertasse o Curso de Ciências e Letras, esse distribuído em sete anos para o ingresso ao ensino superior, também era permitida a matrícula de estudantes nas ditas *Aulas Avulsas* que equivaliam “[...] as cadeiras já existentes no Lyceu Maranhense e que [...] [podiam ser] requeridas somente nos anos superiores ao segundo.” (REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1895, p.69). Tais cadeiras eram destinadas àqueles alunos que não desejavam ou não podiam trabalhar integralmente o Curso de Bacharel em Ciências e Letras uma vez que, mesmo sendo uma escola pública, o Liceu cobrava taxas para a matrícula em cada disciplina do calendário anual de estudos.

Por outro lado, os alunos que podiam cursar plenamente o Curso de Ciências e Letras eram dispensados da realização dos Exames Gerais Preparatórios, pois “O candidato aprovado

²⁸Em ordem de publicação, os periódicos: **O Estudante** (1870), **A Mocidade** (1875), **A Escola** (1878), **O Sorriso** (1885), **O Repolho** (1885), **O Estudante** (1885), **A Liberdade** (1886), **O Estudante** (1887), **O Século** (1889), **A Eschola** (1891), **O Athenas** (1893), **O Porvir** (1895), **A Alvorada** (1895), **O Estudante** (1895), **O Philomatico** (1898) e **A Actualidade** (1900).

²⁹Nominalmente: **O Sorriso** (1885), **O Repolho** (1885), **O Porvir** (1895) e **A Actualidade** (1900).

nos exames de madureza do Liceu Maranhense ter[ia] direito a matrícula em qualquer academia da República.” (REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1893, p.58). Os *preparatorianos*, portanto, seriam os liceístas que teriam passagem direta para as Universidades do Brasil e do exterior, sem a necessidade de se submeter ao exame público no qual os estudantes do ensino secundário de todo o país eram avaliados por escrito em matérias determinadas como preparatórias para ingresso nas Academias. (TELES; OLIVEIRA, 2007).

Diante desse quadro de distribuição do alunado no Liceu Maranhense, é possível perceber que ao se intitularem como os “[...] estudantes de preparatórios, [...] jovens que estudam desejando ardentemente sorver a largos haustos a pura essência da instrução,” (O PORVIR, 1895, ano 01, n.01, p.01), fica claro que a utilização das expressões *estudante de preparatórios* e/ou *preparatorianos* foram usadas como estratégia de identificação dos alunos que, terminando os estudos no Liceu, ingressariam diretamente ao ensino superior.

Nesse sentido, a predominância de publicações dos *estudantes de preparatórios* pode ser entendida pelo fato de que esses alunos, em tese, já teriam alcançado o maior nível de instrução que a cidade e o Liceu Maranhense poderiam oferecer, e por isso a prática jornalística seria inevitável para o aprimoramento intelectual e difusão dos conhecimentos adquiridos. Em contrapartida, a organização desses estudantes em torno do nome de *preparatorianos* também funcionava como instrumento de promoção, pois ao se identificarem como tal, imprimiam para os leitores o seu nível de educação. Dessa maneira, unificando em uma só forma de organização/apresentação das empresas discentes na imprensa, os estudantes conferiram prestígio à suas publicações ao mesmo tempo em que inibiram futuras represálias na esfera pública devido ao seu passado literário.

Sobre esse aspecto, o próprio Regulamento do Liceu assegura que, das regalias dadas aos liceístas que tivessem concluído integralmente o Curso de Ciências e Letras, a primeira seria “[...] preferência para qualquer emprego público Estado, dependente ou não de concurso, para o qual não forem exigidas habilitações especiais [e] técnicas.” (REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1895, p.58), e a segunda, a “[...] preferência para os lugares de Lentes do Lyceu Maranhense e Eschola Normal (quando para os desta não se apresentarem normalistas), ou qualquer outro estabelecimento de instrução do Estado.” (REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1895, p.58) o que reforça a ideia de que o artifício de identificação da maioria dos alunos sob a alcunha de *preparatorianos* servia tanto para dar prestígio para suas publicações quanto para preservar seu futuro na esfera do trabalho.

Segundo Marchetti (2008) as diferentes posições dos estudantes nas circunstâncias de organização social e promoção de seus jornais nos ajuda a compreender de maneira

coletiva e individual tudo aquilo que envolve os discursos, às práticas e as aspirações desses personagens no campo da imprensa. Assim, como comunidade, a imprensa estudantil maranhense se identificava como feita de jornais organizados por alunos e destinada a toda comunidade discente, os jovens, a mocidade que tinha algum apreço pelo mundo das letras e do conhecimento. No entanto, embora todos esses atores se assumissem como veículos feitos por estudantes e para estudantes, de maneira particular, a não identificação nominal do corpo editorial por alguns periódicos como escudo protetor a futuros preconceitos, a ênfase dada pelos *preparatorianos* a sua distinção educacional e, por fim, a institucionalização das práticas jornalísticas e literárias dos estudantes, como formas de apresentação dos impressos frente à sociedade constituíram-se, portanto, em estratégias inserção e de manutenção desses sujeitos tanto no campo da imprensa quanto no subcampo dos próprios impressos do alunado.

Independentemente se a organização dos estudantes se dava de maneira institucionalizada ou “orgânica”, um pedido recorrente em todos os editoriais de abertura dos jornais da imprensa estudantil maranhense, que circulou em fins do século XIX, era o requerimento de acolhimento benévolo por parte da sociedade, onde se argumentava que:

A provada necessidade de que se ressentia esta cidade de um jornal literario que conjurasse a mocidade, despertando-lhe o gosto pelo cultivo das letras, induz-nos a acreditar que podemos sem receio contar com a **benévola proteção do público**, e também com a indulgência e proteção dos nossos homens superiores.

Não temos pretensão a literatos, que a termos seja requintada ousadia: queremos apenas, como principiantes que somos, dar expansão as **pequeninas lucubrações da nossa paupérrima imaginação**, que agora começa a receber clarões da grande aureola que ilumina os cérebros, dando-lhes forças para maiores cometimentos – a instrução!

O nosso empenho, no intuito louvável de **colocar o Maranhão no honroso lugar que outrora ocupava**, limita-se a concorremos com o nosso parco auxilio em prol da luminosa obra que reservamos a artistas mais intrépidos, mais arrojados do que nós. Quando muito, iniciaremos os alicerces do pedestal do grande edifício da nossa **regeneração intelectual**. (A ALVORADA, 1895, n. 01, p.01).

A empatia cobrada pelos jornais estudantis se justificava por três fatores: primeiro, eles representavam uma parcela da sociedade que até então não possui a voz ativa na imprensa, segundo, o público leitor deveria levar em conta a condição de que os produtores dos impressos ainda eram sujeitos em formação e, por isso, relevar eventuais erros cometidos por eles e, por último, o incentivo dos diversos segmentos sociais a iniciativa discente, seja com apoio moral ou financeiro, seria a única opção para combater o marasmo literário que acometia a *Atenas Brasileira* que no início do século XIX tanto produziu como exportou filhos ilustres para abrilhantar os mais variados quadros políticos, culturais e intelectuais do império. Essa análise mais atenta aos editoriais de abertura da imprensa estudantil é

reveladora quanto às funções e finalidades do trabalho literário e jornalístico dos alunos (FURTADO, 2016; CASTRO, CABRAL, CASTELLANOS, 2019) que a partir de um discurso bastante argumentativo e, por diversas vezes, eloquente tentava passar para a sociedade a importância da comunidade discente no desenvolvimento dos campos das letras e da cultura do Maranhão com seus clubes e jornais, mas, sobretudo, da sua predestinação e missão como asseguradores do futuro da *Atenas Brasileira* em fins do oitocentos.

Movimentos parecidos com o dos estudantes maranhenses foram registrados em diferentes espaços e tempos do território brasileiro durante os séculos XIX e XX, onde acometidos pelo saudosismo de uma vida cultural jovens bacharéis, na maioria das vezes egressos dos principais polos acadêmicos do exterior e do Brasil, trataram de desenvolver o mesmo ambiente intelectual vivido por eles nas grandes metrópoles do saber, a partir da reunião em “[...] grupos mais ou menos fragmentários, consolidando ‘igrejinhas’ que chegaram a desenvolver forte animosidade. [E] Usando os jornais como espaço prioritário de ação e projeção.” (PINHEIRO, 2015, p. 141). De acordo com Machado Neto (1973 *apud* PINHEIRO, 2015) o movimento das igrejinhas de intelectuais estendeu-se por todas as províncias do Brasil e nesses circuitos de práticas literárias e jornalísticas os mecanismos de estruturação das igrejinhas provincianas refletiam quase sempre sobre a realidade local. Assim, tal como ocorreu no Amazonas, na virada do século XIX para o XX, e no Maranhão, durante o período oitocentista, a intelectualidade local ou aqueles sujeitos que tentavam galgar o título de intelectuais, se valeram das páginas da imprensa para ganhar visibilidade e respeito no interior de sua própria sociedade.

Dessa forma pode-se dizer que o epíteto da *Atenas Brasileira* forjado para Maranhão, portanto, é fruto do movimento das igrejinhas de intelectuais desde o momento de sua criação, na primeira metade do século XIX, até o momento de reparação do seu declínio no final do oitocentos. Isso porque esse título foi arquitetado pelos filhos ilustres da elite maranhense, com fins de desenvolver e disseminar na ilha de São Luís os conhecimentos e práticas culturais adquiridas por eles nas principais Academias da França e de Portugal ao mesmo tempo em que se apropriavam desse cognome para dar visibilidade a suas produções, tanto na imprensa quanto na literatura. Quando a *Atenas* entra derrocada, devido à morte ou partida de seus atenienses mais brilhantes, coube novamente às igrejinhas, agora construídas pelos herdeiros mais abastados do Maranhão, os estudantes do Liceu, a responsabilidade por reascender e manter a vida intelectual outrora perdida.

3.2 Um apoio de *classe!* O exemplo dos professores e o envolvimento dos intelectuais na atividade literária e jornalística do alunado.

Tão grande missão os estudantes tinham sobre os ombros, a de reaver os dias de glórias e pavimentar o futuro da Atenas Brasileira, que tal tarefa era impossível de ser cumprida com êxito de forma solitária, uma vez que, os ainda iniciantes nos campos das letras e da imprensa, necessitavam de alguém que pudesse mostrar os caminhos intelectuais e materiais para a produção dos jornalsinhos ao mesmo tempo em que precisavam angariar alguma credibilidade para seus impressos e, assim, pleitear algum espaço frente imprensa maranhense oitocentista. Nessa busca por personagens quase sagrados, que dariam fiabilidade e prestígio a iniciativa tipográfica discente, as figuras do professor e do intelectual parecem dar cargo dessa incumbência.

Por se tratar de um tipo de atividade periódica especializada, estudantil e literária, a imprensa discente constituiu, nela mesma, microcosmos profissionais que se regiam, ao mesmo tempo, por lógicas comuns a todo o campo jornalístico, no caso o característico do século XIX, e, também, por outros campos mais específicos. (MARCHETTI, 2008). Cabe destacar que é justamente nas últimas décadas do oitocentos que a relação entre o jornalismo e a literatura se torna mais profícua, dado que diferentes círculos intelectuais eram compostos, na sua grande maioria, por homens das letras que combinavam o trabalho literário com empregos em jornais e revistas, apontando, dessa maneira, para a profissionalização da atividade litero-jornalística e o que resultou na criação dos jornais denominados literários. (COHEN, 2015). (Quadro 06).

Quadro 06 – Títulos e subtítulos da imprensa estudantil maranhense oitocentista.

ORDEM	TÍTULO	SUBTÍTULO	ANO DE CRIAÇÃO
01	O Estudante	Jornal Literário e Crítico	1870
02	A Mocidade	Jornal Literário Crítico e Noticioso	1875
03	Revista Juvenil	Jornal Literário Crítico e Noticioso	1876
04	O Progresso	---	1878
05	A Escola	Jornal Crítico e Literário	1878
06	O Sorriso	Periódico Crítico, Literário e Recreativo	1885
07	O Repolho	---	1885
08	O Porvir	Jornal Literário e Crítico	1885
09	O Estudante	---	1885
10	A Liberdade	Jornal Literário e Recreativo	1886
11	O Estudante	---	1887
12	O Século	Periódico Literário, Crítico e Recreativo	1889
13	O Ensaio	Orgão Estudantal	1890
14	A Eschola	Orgão Estudantal	1891
15	O Athenas	---	1893
16	O Porvir	Orgão da Classe Estudantal	1895
17	A Alvorada	Orgão Literário, Crítico e Noticioso	1895
18	O Estudante	---	1895
19	O Ideal	Orgão Literário e Estudantal	1898
20	O Philomatico	---	1898
21	A Actualidade	Periódico Imparcial, Literário, Crítico e Noticioso	1900
22	O Athleta	---	1900

Fonte: Cabral, 2022.

Tal tendência pode ser observada também no seio da imprensa estudantil maranhense, tendo vista o privilégio dado por esses impressos a qualidade de literária em seus subtítulos, pois, dentre os 22 organizados pelo alunado maranhense, 14 assumiam em algum nível esse caráter. (Quadro 6). Assim, sobre o aspecto literário, a constante presença do professorado em suas folhas, seja na idealização ou coordenação dos impressos, e a atuação da comunidade intelectual como exímio colaborador dos jornais, a partir da publicação de diversos textos, indicam não só a influência do campo educacional e do campo literário na produção dos jornais discentes como também explicam as intencionalidades desses atores sociais com o estabelecimento e a sua vinculação a uma atividade tipográfica estudantil.

3.2.1 O exemplo dos mestres

A presença do professor de Filosofia do Liceu, Manuel de Béthencourt, na organização do jornal **O Século** (1889) é um dos registros mais contundentes de como se dava a dinâmica de criação dos impressos estudantis e o papel dos *lentes* nessa atividade. Segundo Moraes (1976), Béthencourt foi considerado uma das figuras mais importantes na tentativa de revigoração cultural e intelectual do Maranhão no final do século XIX, de origem portuguesa e radicado em terras maranhenses ainda jovem, o mestre além de se dedicar a prática docente também desempenhou as atividades de jornalista, crítico literário, redator e foi

condecorado com o título de grande amigo e incentivador da juventude letrada de São Luís, haja vista que

No ano da proclamação da República, um punhado de estudantes, quase todas as noites, habitualmente se agrupavam em torno da banca de trabalho de Manoel de Béthencourt, professor de filosofia do Liceu e, indubitavelmente, um dos espíritos mais lúcidos e cultos que nestes últimos anos, tem vivido no Maranhão. (LOBO, 1909, p.13).

Nesses *Cavacos Literários*, nome dado às reuniões que deu origem ao jornalsinho **O Século** (1889),

Manuel de Béthencourt acolhia a todos amistosamente, em franca e íntima camaradagem, sem que procurasse afetar os ares clássicos do mestre-escola, a dominar pela carranca conselheiral e doutrinária, a assembleia de alunos que circundava a banca. **Ouvia-nos as parolices, interessava-se pelas opiniões que expendíamos, escutava a leitura dos ensaios literários que submetíamos a apreciação, resolvia dúvidas que lhe propúnhamos, fornecia-nos todas as informações que do seu saber solicitávamos e não raro fazia coro conosco nessa tarefa**, tão cara a irreverência indomável dos primeiros anos, e que deverá mais tarde ser cultivada como uma preciosa e útil qualidade, de desancar, pela troça, os grandes ídolos convencionais do oficialismo, da burocracia, do magistério, etc., etc. (LOBO, 1909, p.13. **Grifo nosso**).

Desta forma, a figura do professor dentro da organização da imprensa estudantil é a do mestre-guia que ouvia e se interessava pelas produções e dúvidas que surgiam pelo caminho da atividade jornalística e literária. Ao acolher a mocidade em sua própria casa para os *Cavacos Literários* que aconteciam fora do horário escolar, Béthencourt demonstrou que para os mestres do Liceu Maranhense o aparecimento de um jornal organizado por seus alunos indicava o alargamento do seu campo de atuação, tendo em vista o já amplo trabalho desempenhado por esses atores que além da docência exerciam também as atividades de mentor, literato, político, jornalista e possuíam “[...] conhecimento e poder de frequentar com distinção, outros domínios do saber que não somente o Liceu.” (RIBEIRO, 2006, p.88). Logo, o incentivo para adentrar ao universo da imprensa partia da própria sala de aula, dada a constante presença dos mais respeitados homens das letras como docentes do Liceu. (RIBEIRO, 2006; SOUZA, 2022).

Por outro lado, esses professores não estavam presentes somente nos bastidores ou dando alicerce às linhas iniciais da imprensa estudantil, seja durante o horário escolar, exercendo o papel de presidente honorário nos clubes e sociedades literárias ou coordenando reuniões fora da escola, pois seu envolvimento não se restringiu apenas ao nível de produção já que entre as páginas dos jornalsinhos foram rendidas homenagens e críticas ao ofício literário e docente dos mestres. (Figuras 26 e 27).

Figura 26 – Crítica ao trabalho literário dos mestres

NOTICIÁRIO

Recebemos o numero 1 da «Philomatia», revista artistica, scientifica e philosophica, quinzenal.

Sob a direcção do talentoso jornalista e habilissimo professor do nosso Lycco, Manoel de Béthencourt, é digna

de leitura a agradável revista em que collabora uma pleiade de moços que se recommendam pela illustração e decidido empenho com que trabalham pelo engrandecimento intellectual do Maranhão.

No seu magnifico artigo de apresentação, onde claramente se lhe notam a modestia e os louvavos intuitos que lhe presidem á causa - o cultivo das lettras entre nós, ultimamente tão descuradas, —faz o illustro confrade a apreciação reflectida e exactissima do nosso retrocesso no campo intellectual, do indifferentismo condemnavel da mocidade maranhense que, em tempos que ja lá foram, tão estudiosa e amante das lettras se mostrava, o que nos valeu podermos ter a dicta de contar como nossos irmãos, entre outros vultos proeminentes — G. Dias, João Lisboa, O. Mendes, G. de Souza.

Em todas as paginas da «Philomatia» (compõe-se de dez) muito boa leitura em prosa e verso, dileitante e scientifica, o que a torna recommendavel aos leitores apologistas da correcta linguagem portugueza.

Prima ainda a «Revista» pela nitidez da impressão que se acha regularmente trabalhada.

Saudamos o novo athleta, desejando-lhe prosperidades nas afanosas lides da vida jornalística que encetou.

Fonte: A Alvorada, 1895, n. 06, p. 03.

Figura 27 – Crítica ao trabalho docente dos mestres

LYCÉE MARANHENSE.

Informam-nos que o dr. inspector interino da Instrucção Publica, acaba de eliminar da matrícula do Lycéo, um estudante de Geographia, pelo seu máo comportamento (leitra do Edital!).

Que o lente de Geographia deu por máo comportamento o estar o rapaz folheando ao acaso um livro estranho ao ensino da aula; isto depois de ter dado a lição!

Que o lente de Geographia é o que menos circumspecção mostra na cadeira, durante a aula, dirigindo *chicanas* aos seus discipulos.

Que não attendeu a que o rapaz é pobre, adoptado por seu padrinho o Revm.º Conego Santos; que deseja instruir-se e que folhear um livro não é máo comportamento!

Oh! Em quanto todas as nações do mundo trabalham para a sua illustração, para a immediata instrucção do seu povo, no Brazil e com especialidade na nossa terra, o rapaz pobre é tolhido d'ella!

Caso virgem!

Ainda que o poder do *grande* nos possa aniquillar, não podemos deixar de, do alto da imprensa, protestar contra o acto do lente!

Será a *vox clamantis in desertum*?

E'; porque o pequeno nunca tem razão!

E pois, brademos:—*Hodie mihi, cras tibi!*

Fonte: O Estudante, 1870, n. 02, p. 01-02.

Assim, da relação já bastante íntima que existia entre alunos e professores dentro dos limites escolares, com criação dos jornais estudantis, esse vínculo acabou por se aprofundar, o que para a comunidade discente significava duas coisas: o alunado agora possuía voz ativa na sociedade e o ofício docente estaria constantemente sob suspeição. É verdade que a maioria das críticas realizadas foram positivas, como no caso da avaliação do número de estreia da revista artística, científica e filosófica **Philomatia** que tinha como diretor o professor do Liceu Manuel de Béthencourt (Figura 26), no entanto reclamos sobre condutas inadequadas também foram feitas, a exemplo de quando o mestre de geografia dessa mesma instituição eliminou a matrícula de um estudante em sua disciplina sob a justificativa de mau comportamento e os alunos denunciaram n' **O Estudante** (1870, n.02, p.01) “Que o lente de Geografia deu por *mau comportamento* o estar o rapaz folheando ao acaso um livro estranho ao ensino da aula; isto depois de ter dado a lição!”. (Figura 27).

Passada as críticas, cabe destacar que homenagens foram feitas pelos estudantes a comunidade discente maranhense e vice-versa em suas páginas. Sobre essas “cortesias”, se destaca a **Valsa Sorriso** composta em homenagem ao jornalsinho **O Sorriso** (1885) pelo professor de música Leocádio Ferreira de Sousa (1830-1888)³⁰ que, embora não fosse mestre no Liceu Maranhense e sim na Casa dos Educandos Artífices, mostrou apreço à iniciativa estudantil que prontamente agradeceu “[...] ao ilustrado maestro este importante trabalho que demonstra dedicação à cadeira que mui dignamente ocupa no magistério.” (O SORRISO, 1885, n. 06, p.03).

Figura 28 – Homenagem ao trabalho literário e jornalístico dos discentes

EXPEDIENTE

WALSA SORRISO

Tivemos a honra de sermos mimoseados pelo distinto maestro Leocádio Ferreira de Souza, com a elegante walsa de sua composição, da autoria da SORRISO

Tencionamos imprimil-a, e logo que esteja prompta, distribuiremos a cada um de nossos assignantes um exemplar instrumentado para piano.

Summamente agradecemos ao illustrado maestro este importante trabalho que demonstra dedicação a cadeira que mui dignamente occupa no magisterio.

Fonte: O Sorriso, 1885, n. 06, p. 03.

Funcionando, portanto, como mais um espaço de promoção, uma vitrine capaz de expor aspectos positivos e negativos das personalidades letradas do Maranhão oitocentista, para o professorado os jornalsinhos tinham então dupla função, neles os mestres eram responsáveis por instruir a mocidade nas primeiras lides da imprensa e, conseqüentemente, promover o crescimento intelectual de seu alunado e, em contrapartida, a participação e menção desses educadores nos periódicos fortalecia o renome dado a eles enquanto intelectuais respeitados frente à sociedade.

3.2.2 Os intelectuais na colaboração

³⁰Compositor, Regente, Trompetista e Professor de Música, Leocádio Ferreira de Souza, assumiu o cargo de professor de sopros na Casa dos Educandos Artífices em 1858 e manteve-se nessa função até 1885. (APEM, 2017).

Ao clamar “[...] o acolhimento benévolo que sempre se concede aos jornais que aparecem pela primeira vez e que visam o fim nobre da cultura, da inteligência da mocidade e a sua iniciação no caminho das letras.” (O ENSAIO, 1890, n. 01, p. 01) os jornalsinhos não buscavam apenas um público leitor, capaz de assinar suas publicações, como também angariar um público colaborador que pudesse dar mais credibilidade e abrilhantar seus impressos. Tal atenção só poderia ser encontrada em um lugar: no campo dos intelectuais junto a seus nobres escritores, e essa era uma tarefa custosa, pois, segundo os próprios estudantes:

Mesmo nas capitais das províncias vereis sociedades literárias, no entanto os nossos **altos funcionários**, esses homens que se dizem **protetores das letras**, não se lembraram, **não se dignaram** ainda uma vez tomar assento em suas bancadas para falar, **dirigir uma palavra de animação** aos ardentes mancebos que edificaram esses templos, para dirigir-lhes um louvor. **Assim pequenos jornais laborados por novéis penas são abandonados ao correr do acaso.**

Aparece não há dúvida um ou outro que protege, ajuda e anima esses mancebos no seu intento, porem só o que pode fazer?

Não há solidariedade. (REVISTA JUVENIL, 1877, n. 09, p. 01. **Grifo nosso**).

Nesse desabafo feito em primeira página pela **Revista Juvenil** (1876-1877), no seu segundo ano de circulação, o sentimento que reinava sobre a iniciativa estudantil era do mais completo abandono, situação agravada pelo contexto em que viviam os atenienses já que vida literária local praticamente não existia e se o título de *Atenas* ainda se mantinha para o Maranhão era pelos trabalhos que os escritores maranhenses faziam fora dos limites da ilha de São Luís. (LOBO, 1909).

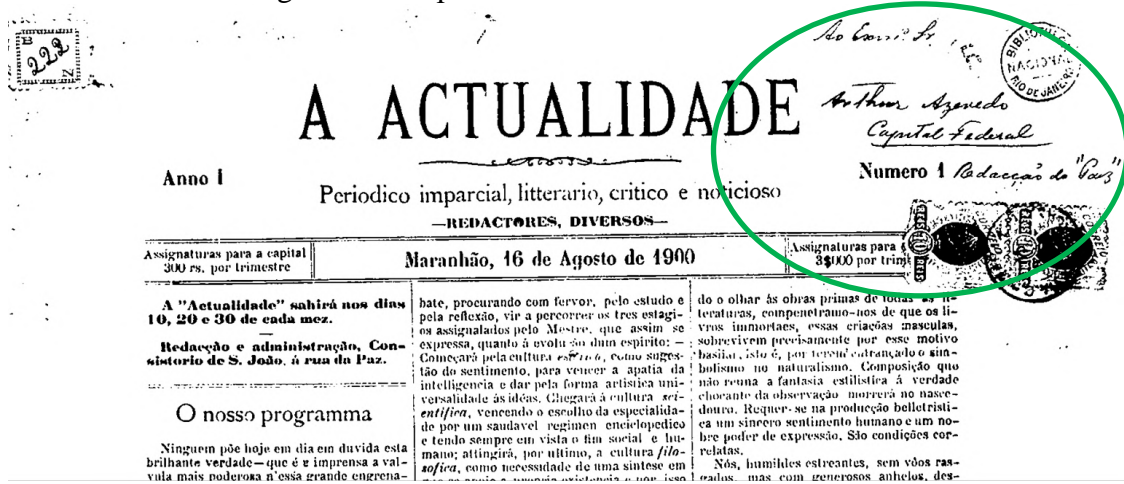
Não fossem os seus trabalhos, na imprensa e no livro, não fossem as continuadas e brilhantes exteriorizações do seu vigor cerebral, a *Atenas* para nós se teria transformado de uma vez numa triste babilônia de exílio, a cujos salgueiros se balouçariam, emudecidas para sempre, as líras de ouro dos nossos poetas, cujos acordes inspirados tão alto haviam erguido outrora o nome da terra maranhense. (LOBO, 1909, p.16).

Para os estudantes estabelecer uma relação de colaboração com personalidades letradas serviria para a manutenção de seus impressos, pois fortaleceria a qualidade literária de seus periódicos frente à sociedade. O esforço discente fora tanto para alcançar tal vínculo que os responsáveis pel’**A Actualidade** (1900) enviaram o seu primeiro número para um ilustre conterrâneo que residia a época na capital federal: o jornalista, poeta, contista e teatrólogo Artur Azevedo (1855-1908)³¹. Cabe destacar que a prática de enviar os

³¹Poeta, contista, teatrólogo, tradutor, funcionário público e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Foi amanuense da Secretaria da Presidência e, sendo exonerado deste emprego em 1875, foi morar no Rio de Janeiro, sendo aí amanuense e, posteriormente, segundo oficial da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. (BDLM, 2022).

jornalinhos para escritores e/ou redações de jornais era uma constante na imprensa estudantil maranhense durante o século XIX, é o que nos revela os rastros e vestígios deixados nas fontes como, por exemplo, os selos e as informações de correspondência. (Figura 29).

Figura 29 – O primeiro número d’A Actualidade



Fonte: A Actualidade, 1900, n. 01, p. 01.

Transcrição: “Ao escritor, senhor, Arthur Azevedo. Capital Federal. Redação do Paiz.”.

Não há registros sobre a resposta de Artur Azevedo e nem sobre o que realmente pretendiam os responsáveis pel’**A Actualidade** (1900) com esta ação, porém sabe-se que provavelmente o jornal tenha chegado as mãos do escritor, uma vez que ele foi endereçado ao **O Paiz** (1884-1908) periódico onde ele era colunista no Rio de Janeiro. No entanto, dado o histórico de relação entre Azevedo e a comunidade discente, talvez ele tenha desenvolvido, no mínimo, simpatia pela iniciativa de seus conterrâneos já que, quando recém-chegado a Corte em 1875, o autor enviou para apreciação da redação do jornalinho **A Mocidade** (1875) um exemplar das **Horas de Humor... na rua do Ouvidor**, texto de sua autoria que foi avaliado pelos estudantes como “[...] uma obra interessante, e se o jovem e talentoso autor continua[sse] a esmerar-se no estilo humorístico em que escreve, é nossa opinião que felizes serão os resultados a colher, e que o Maranhão ter[ia] o prazer de contar mais um filho na república das letras.” (A MOCIDADE, 1875, n. 04, p. 04).

Repetindo a atitude de Artur Azevedo, outros escritores começaram a enviar suas obras às pequenas redações dos alunos e tal movimento é percebido entre as páginas dos próprios impressos estudantis, onde críticas literárias de livros e folhetos, publicação e reprodução de poesias, artigos e folhetins, entre outras produções jornalístico-literárias, foram expostas, confirmando o que frisou a **Revista Juvenil** (1876-1877) de que, ocasionalmente, um ou outro protetor das letras aparecia para animar e incentivar o trabalho do alunado. A solidariedade reclamada, portanto, embora pequena não se limitou apenas ao círculo de

intelectuais maranhenses, uma vez que autores de diferentes partes do país, como: João Zeferino Rangel de S. Paio³², José Cavalcanti Ribeiro da Silva³³, Almino Álvares Afonso³⁴ e Machado de Assis³⁵ enviaram ou tiveram suas obras publicadas na imprensa estudantil maranhense.

Sobre as colaborações dos ilustres filhos da terra com os jornalsinhos, além de Artur Azevedo, figuras como: Coelho Neto³⁶, Juvêncio Auto Pereira³⁷, Maria Firmina dos Reis³⁸, Augusto Frago³⁹, Dunshee Abranches⁴⁰ e Fran Pacheco⁴¹ estiveram presentes entre suas páginas. Assim, do ponto de vista coletivo, a participação da classe intelectual na manutenção dos periódicos estudantis pode ter sido motivada por uma preocupação pelo completo estado de marasmo intelectual e cultural que vivia a Atenas Brasileira em fins do século XIX. Desta forma, os literatos que ainda residiam no Maranhão, especificamente em São Luís, viam nos “[...] jornalsinho[s] litterario[s] em que a nossa mocidade estudiosa atirava aos quatro ventos [...] [com] suas produções poéticas e textos cheios das filigranas d’um estylo primoroso[...]” (PACOTILHA, 1890, n. 205, p. 02), um ambiente propício para estimular a prática literária, fortalecendo assim o seu próprio campo de atuação: o literário. Por outro lado, do ponto de vista individual, para esses homens das letras, a exposição de suas produções na imprensa estudantil se configurava como um espaço adicional para sua circulação e atuação, uma espécie de pequena vitrine que teria o poder de alargar seu prestígio social.

³²Poeta, romancista, crítico, dramaturgo, professor, jornalista, tipógrafo, secretário da câmara municipal de Itapemirim e funcionário público no Rio de Janeiro (BLPL, 2022), apresentou a **Revista Juvenil** (1876-1877) com o drama **O Evangelho de Syllabus**.

³³Teatrorólogo, poeta, jornalista e advogado natural de Pernambuco (BLPL, 2022), enviou a peça teatral cômica **O Velho Casamenteiro** para **A Mocidade** (1875).

³⁴Advogado, juiz, secretário de Presidência de Província. Participou da agitação e da organização do movimento antiescravista nas províncias da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará, de Pernambuco, do Piauí e do Maranhão (FGV CPDOC, 2022), teve uma poesia publicada no jornal **A Mocidade** (1875).

³⁵Joaquim Maria Machado de Assis, considerado o maior nome da literatura brasileira, teve o conto **Marianna** reproduzido em forma de folhetim no jornal **A Alvorada** (1895), infelizmente não foi possível concluir quais os termos para essa publicação, isto é, se o autor a enviou, autorizou ou sabia que ela seria publicada em um jornal estudantil no Maranhão.

³⁶Henrique Maximiano Coelho Neto foi jornalista, contista, romancista, abolicionista, professor de literatura, membro e presidente da Academia Brasileira de Letras, crítico literário, orador, ensaísta, dramaturgo. (BLPL, 2022)

³⁷Poeta e funcionário público que escreveu um artigo para o jornal **A Escola** (1878).

³⁸Considerada a primeira romancista negra do Brasil, a escritora foi também poeta e professora. Participou da antologia poética Parnaso Maranhense e publicou poemas em vários jornais literários, inclusive em um estudantil: **O Porvir** (1885).

³⁹General e Bacharel pela Escola Superior de Guerra. Participou ativamente no processo de proclamação da República e como chefe do Estado-Maior do Exército na Era Vargas.

⁴⁰Doutor em Direito, professor, escritor, jornalista e parlamentar. Abranches também foi fundador do jornal **O Censor** no Maranhão durante o período Imperial (MORAES, 1976).

⁴¹Manuel Francisco Pacheco, português de origem radicado no Maranhão, de grande expressão para o campo intelectual maranhense. Foi Jornalista, professor, historiógrafo, geógrafo, orador e diplomata.

3.3 “Ecos da redação”: o papel do Liceu Maranhense e a promoção dos jornalsinhos na imprensa.

Perpassado os aspectos de produção social da imprensa estudantil; desde as diferentes formas de organização dos alunos até o envolvimento da comunidade discente e intelectual, destacando as contribuições e motivos que levaram ao estabelecimento de uma relação de benefícios recíprocos entre esses atores; resta-nos compreender como se dava a lógica da produção intelectual e material dos impressos passando pelo interior de suas redações, espaço onde a divisão do trabalho jornalístico confere a cada jornal uma forma singular de se exercer a atividade periódica e ajudando a entender o funcionamento dos jornalsinhos em sua particularidade frente a grande imprensa e sociedade maranhense. (MARCHETTI, 2008). Tal incursão é uma atividade complexa, tendo em vista a ausência de fontes e/ou relatos nos próprios jornais estudantis sobre o tema, no entanto, a partir dos aspectos de estilo intelectual e material das publicações, conseguimos depreender algumas considerações sobre a dinâmica de produção dos impressos do interior de suas “redações”.

A primeira coisa que se deve levar em consideração é que, dada às limitações financeiras dos alunos, a imprensa estudantil maranhense não dispunha de espaço físico apropriado para o planejamento de seus números e escrita de suas matérias. Diante de tal obstáculo, alguns jornais tomaram de empréstimo ou alugaram salas/escritórios⁴² espalhados pelas proximidades do Convento do Carmo, lugar onde eram ministradas as aulas do Liceu Maranhense, para centralizar as atividades referentes a administração dos jornalsinhos e, principalmente, atendimento dos seus assinantes. Por outro lado, as sessões preparatórias dos clubes e sociedades literárias fundadas pelos estudantes para a manutenção de seus jornais⁴³, a cada domingo, funcionavam como uma espécie de redação já que nessas reuniões eram definidas as normas e estatutos que regiam o trabalho jornalístico e literário do alunado, bem como eram apresentadas e defendidas as produções que seriam expostas nas próximas edições.

Em face desse cenário, sobrou para os bancos e salas do Liceu Maranhense o papel de redação da imprensa estudantil, pois seria lá que, inevitavelmente, entre uma aula e outra, os alunos definiam a pauta da seguinte publicação ao mesmo tempo em que aproveitavam para recolher e fazer checagem junto aos professores dos temas e assuntos que seriam

⁴²Tais espaços poderiam ser desde salas comerciais, consistórios, vendas até na própria residência dos alunos.

⁴³Recapitulando, **Revista Juvenil** (1878), **O Progresso** (1878), **O Porvir** (1885), **O Ensaio** (1890), **O Ideal** (1898) e **O Athleta** (1900) com seus respectivos clubes literários: **Sociedade Juvenil**, **Club Literário/Gremio Literário/União Literária**, **Sociedade Porvir**, **Sociedade Estudantal** e **Grêmios Litterario Estudantal**.

enviados para impressão nas diversas tipografias espalhadas por São Luís. Assim, como lugares de produção intelectual e material dos jornais, entendemos que tanto o Liceu quanto o setor tipográfico influenciaram na concepção e representação dos impressos estudantis, onde a escola a partir de seu modelo de educação influenciou nos assuntos e temas abordados pelos pequenos periódicos, ao passo que a imprensa, na figura de suas tipografias e seus veículos midiáticos, desempenhou a tarefa de agente promotor da iniciativa estudantil. A relação estabelecida, portanto, entre os jornalsinhos e essas instituições sociais, tal qual a dinâmica com os outros atores que participaram da sua produção, tem a intenção de angariar algum ganho, prestígio e/ou credibilidade frente à sociedade por todos os envolvidos.

3.3.1 O Liceu na instrução

O Liceu Maranhense, instituição escolar de forte representação na sociedade durante todo o século XIX, foi responsável pela instauração de uma nova forma escolar e socialização no quadro da instrução pública da província do Maranhão, ao organizar a educação secundária local de maneira centralizada e institucionalizada (SOUZA, 2022) essa escola de ensino secundário se constituiu no principal centro convergente e irradiador da atividade tipográfica estudantil no período oitocentista. Convergente porque foi nesse espaço que os principais atores envolvidos na criação dos jornalsinhos, alunos e professores, se conheceram e cooperaram para produzir 22 impressos discentes e, dessa relação, era inevitável que suas páginas irradiassem e/ou refletissem aspectos da cultura escolar liceísta.

Para Furtado (2016) e Borges (2017) o cenário da imprensa estudantil maranhense, no período da primeira república, era composto por jornais ligados a instituições de ensino primário e secundário. A distribuição dos impressos por esses nichos distintos do campo educacional instaurou práticas igualmente diferentes no trabalho jornalístico do alunado e, conseqüentemente, a criação e circulação de periódicos com objetivos díspares. Nesse universo, os jornais organizados por estudantes primários possuíam perfil mais institucional, com foco na prática pedagógica e no desenvolvimento do alunado, tudo supervisionado pelo corpo docente da escola. Por outro lado, aos periódicos cuja responsabilidade era dos estudantes do ensino secundário detinham um caráter mais informativo e sem grandes amarras para sua publicação, seu principal objetivo era, a partir de seus escritos, fomentar a vida literária do Maranhão.

Aliado a representatividade do Liceu Maranhense, sua importância para a atividade impressora discente e ante a inexistência de faculdades; o que só se tornaria uma realidade nas

primeiras décadas do século XX com a criação dos cursos de Direito, Farmácia e Odontologia; o Liceu foi considerado o principal estabelecimento de ensino do Maranhão durante todo o período oitocentista. A essa instituição estava reservada a incumbência de “[...] proporcionar gratuitamente a cultura intelectual precisa para a matrícula nos cursos superiores [...] e dar educação e instrução integrais, necessárias ao cidadão”. (REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1893, p. 40) e, para tanto, o modelo de ensino ofertado

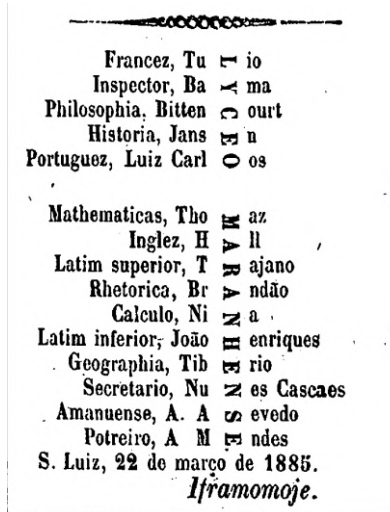
[...] desde a sua fundação, em 1838, privilegiava um currículo baseado em disciplinas de caráter humanista, em detrimento das ciências exatas e naturais. Das treze cadeiras que formavam o programa curricular do Liceu, em sua lei de criação, nove eram do campo das letras, humanidades e artes e apenas quatro pertenciam à área das ciências exatas.

Com o advento da República, em 1889, o currículo do Liceu passou por transformações significativas. [...] o curso integral de sete anos para a titulação de bacharel em ciências e letras agora era composto por 21 cadeiras [...]. [e] Embora o número de disciplinas correspondentes às ciências tivesse dobrado, com relação ao currículo de criação, **essa instituição ainda conservava os foros de centro convergente e formador de mentes cultas e, principalmente letradas.** (CASTRO; CABRAL; CASTELLANOS, 2019, p. 21-30. **Grifo nosso**)

Segundo Castro, Cabral e Castellanos (2019), ao analisar os discursos apresentados pela imprensa liceístas que circulou entre os anos de 1889 e 1900, os jornalsinhos abusaram da poesia, da crítica, do conto, da crônica entre outros gêneros literários em sua composição devido ao modelo de ensino secundário ofertado pelo Liceu Maranhense, que privilegiou durante todo o período oitocentista a adoção de um currículo humanista baseado no modelo francês, com grande ênfase nos campos das letras, da literatura e dos idiomas. Assim, além de proporcionar os meios de socialização para fundação e manutenção dos impressos, a partir de uma perspectiva de recursos humanos e da cooperação entre alunos e professores, o Liceu também ofereceu os meios intelectuais para a produção da imprensa estudantil, a partir de seu currículo.

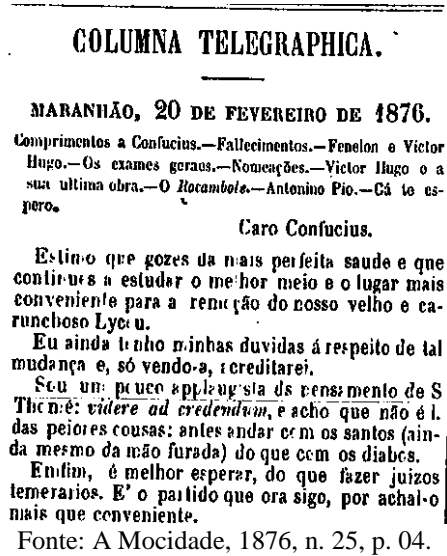
Dessa relação íntima, entre os impressos estudantis e sua instituição educacional, era impossível de evitar a aparição do Liceu entre as páginas escritas pelo seu próprio alunado nos jornalsinhos. Assim, ora sob forma de homenagens ao seu bem mais precioso, a comunidade docente (Figura 30), e ora a partir de críticas a esse centro de ensino, principalmente no que diz respeito a sua estrutura física (Figura 31), o Liceu Maranhense figurou com destaque nas folhinhas discentes.

Figura 30 – Acróstico da comunidade docente do Liceu



Fonte: O Sorriso, 1885, n. 03, p. 04.

Figura 31 – Crítica ao prédio do Liceu



O *videre ad credendum*⁴⁴ d'A **Mocidade** (1875-1876) sobre a mudança do *velho e carunchoso Liceu* para um novo lugar tinha fundamento (Figura 31), já que esse era um problema estrutural vivenciado por toda a comunidade liceísta desde o momento da criação desse estabelecimento de ensino em 1838. Segundo Lacroix (2020), o Maranhão não possuía verbas suficientes para a construção de uma instituição de ensino secundário, centralizada e institucionalizada nos moldes em que foi planejado o Liceu Maranhense, tendo ele sido, portanto, instalado no Convento do Carmo, espaço que já havia abrigado diferentes setores do poder provincial. Por outro lado Souza (2022), ao analisar a cultura material desse estabelecimento de ensino aponta que entre os governantes e a sociedade civil frequentes queixas referentes às condições físicas inapropriadas para a prática de ensino e aprendizagem dos liceístas, constatações em relatórios sobre a necessidade de sua mudança do templo religioso, e promessas de construção de um novo prédio para o funcionamento dessa instituição, atravessaram toda a trajetória do Liceu no período imperial.

Mesmo com as críticas expedidas a sua instituição de origem, nenhum tipo de retaliação foi registrado contra os jornalsinhos e seus produtores no interior dela, embora essa instituição vedasse aos alunos, entre outras coisas no Art. 16 dos Estatutos do Liceu do Maranhão (1877, p. 314. **Grifo nosso**),

[...]

§ 4º. Fazer caricaturas e **pasquins**, proferir palavras obscenas ou escrevê-las pelas paredes, portas, bancos etc.;

[...]

⁴⁴ Tradução: Ver para Crer.

Art. 17. **A infração** das disposições do artigo antecedente **sujeitará o aluno as penas** de repreensão, de **cinco faltas injustificáveis e de expulsão**.

Na balança da representatividade do Liceu Maranhense frente à sociedade, portanto, pesava mais o fato de que seus alunos estavam produzindo e disseminando os conhecimentos aprendidos em suas salas de aula, através de jornais, do que a publicação de uma ou outra crítica sobre a estrutura física dessa mesma sala. De igual forma, ao ter esse espaço educativo de grande prestígio como sua “redação”, os jornalsinhos também aproveitaram para refletir o Liceu Maranhense em suas estratégias de promoção, isso porque, a partir da identificação de responsabilidades pela produção da imprensa estudantil, nos próprios impressos e nas notas e anúncios difundidos pela grande mídia, conseguimos captar a referência ao “[...] bem escrito jornalsinho, de moços que cursam os **estudos preparatórios nosso Lyceu**. [...]” (PACOTILHA, 1900, n. 261, p. 02. **Grifo nosso**).

Assim, os jornalsinhos ganharam a qualidade de literários, pois, além de ser um espaço de externalização da atividade literária, sua produção perpassava pela principal instituição de formação do pensamento cultural e intelectual do Maranhão no final do século XIX: O Liceu Maranhense, onde, cercados dos mais importantes literatos como mestres e instruídos para atingir os mais altos níveis da inteligência e da esfera social que a província/estado poderia oferecer, o alunado liceísta encontrava na prática jornalística um ambiente favorável para desenvolver e aplicar os conhecimentos adquiridos na escola, ao mesmo tempo em que se autopromoviam enquanto mentes cultas para a sociedade maranhense.

Portanto, devido à preposição tomada por seus idealizadores, que visavam o fortalecimento das letras em sua terra natal, e ao clima que sua instituição originária oferecia e imprimia na sociedade, os jornalsinhos carregaram e refletiram, tanto em suas páginas quanto na sua organização social, os ideais e modelos de educação proporcionados pelo Liceu Maranhense. Por outro lado, a circulação de impressos identificados como pertencentes ao corpo discente liceal ajudou na propagação e promoção, para a sociedade, da noção de que essa instituição escolar era o principal centro convergente e irradiador de mentes cultas e letradas do Maranhão, ao mesmo tempo em que fortalecia tal aceção entre a sua própria comunidade escolar.

3.3.2 A imprensa na promoção

Os impressos estudantis sempre tiveram lugar cativo nas páginas dos grandes jornais diários que circularam no Maranhão oitocentista. Acompanhando cada momento dos

pequenos confrades de laboro, a imprensa cobriu desde o momento de concepção dos periódicos, teceu críticas sobre as publicações, justificou por vezes o seu desaparecimento em função das obrigações escolares e, sobretudo, celebrou com bastante ânimo a chegada de cada novo *amiguinho*. (Figuras 32, 33 e 34)

Figura 32 – Notícia sobre a distribuição d’A Mocidade (1875)

A Mocidade—Distribuiu-se no domingo o 1.º numero de um jornalsinho litterario que tem o titulo—*Mocidade*.
 Escrito por moços estudantes revela a modesto jornal desde já, a cultura de seus colaboradores e a justa aspiração que tem de desenvolver o espirito e alargar cada vez mais a esphera de seus conhecimentos.
 Oxalá que não se abistem do seu programma e que seguindo-o chegue a *Mocidade* ao estado viril.
 E’ a que lhe desejamos.

Fonte: Diário do Maranhão, 1875, n. 598, p. 02.

Figura 33 – Agradecimento pelo envio d’A Alvorada (1895)

Recebemos o n. 1 da *Alvorada*, órgão litterario, critico e noticioso, dirigido por uma pleiade de moços intelligentes.
 Agradecendo a visita do collegiunha, desejamos-lhe longos annos de existencia.

Fonte: Pacotilha, 1875, n. 213, p. 03.

Figura 34 – Nota sobre a distribuição d’O Estudante (1885)

O Estudante.—E’ este o titulo de um pequeno jornal em oitavo, que hoje sahio a luz, impresso nesta typographia, do qual são redactores alguns jovens alumnos do lycéo.

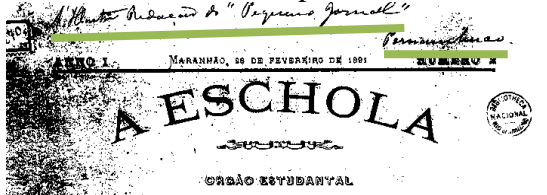
Fonte: O Paiz, 1885, n. 282, p. 03.

Convertendo-se, provavelmente, no maior entusiasta da iniciativa periódica estudantil, a relação estabelecida entre os grandes órgãos da imprensa e os jornalsinhos surge a partir de três formas de publicização: a primeira, e mais comum, a partir do fato-notícia, enfatizando a distribuição de impressos pela comunidade discente maranhense como um acontecimento relevante para a sociedade (Figura 32); a segunda maneira, quando do envio pelos estudantes para as redações do **Diário do Maranhão** (1855-1919), **O Paiz** (1863-1886) e **Pacotilha** (1880-1939) de cada novo número de seus periódicos, para que esses depreendessem algum comentário/crítica em seus jornais (Figura 34); e, por fim, quando havia alguma relação comercial entre os impressos estudantis e os grandes diários, seja a partir da compra de espaço para anúncios ou quando suas páginas eram impressas nas tipografias desses veículos (Figura 34).

Sobre a segunda estratégia de publicização dos jornalsinhos é preciso destacar que ela não se restringiu apenas ao Maranhão, uma vez que os estudantes não enviaram números de seus periódicos somente a ilustres conterrâneos a fim de alguma colaboração, tendo distribuído também em diferentes redações de jornais e equipamentos de cultura espalhados

pelo Brasil. Em terras maranhenses, registra-se para além do envio dos jornais às sedes do **Diário do Maranhão** (1855-1919), **O Paiz** (1863-1886) e **Pacotilha** (1880-1939) a sua distribuição dentro da própria imprensa estudantil e pela Biblioteca Popular, por outro lado, e fora de seus limites territoriais, às remessas das folhinhas discentes foram feitas para os mais importantes veículos midiáticos, para as redações de pequenos jornais estudantis, literários, operários e recreativos, bem como para espaços de leitura como clubes, sociedades e bibliotecas localizados tanto na corte quanto nos grandes centros urbanos regionais do Brasil oitocentista. (Figuras 35 e 36)

Figura 35 – Rastros da **dispersão dos Jornalsinhos** pelo Brasil.



Fonte: A Eschola, 1891, n. 02, p. 01.
Transcrição: “A ilustíssima redação **do Pequeno Jornal. Pernambuco.**”

Figura 36 – Rastros da **dispersão dos Jornalsinhos** pelo Brasil.



Fonte: O Estudante, 1870, n. 01, p. 01.
Transcrição: “A **Biblioteca Fluminense. Corte.**”

Essa estratégia de promoção dos jornalsinhos, a partir da dispersão dos impressos, foi bastante efetiva e conseguiu colher frutos consideráveis, a exemplo, do agradecimento expedido pelos organizadores da **Revista Juvenil** (1876) que após a distribuição do seu primeiro número escreve:

Amigo leitor,

Em nome da redação, agradeço-te o benévolo acolhimento que prestaste a este periódico. És generoso e proteges as letras, esta mais que provado, tornando-te assim mais caro a minha alta estima e profunda admiração.

Permite agora, que eu aproveite esta oportunidade para **agradecer também aos jornais Diário e Paiz** as animadoras palavras com que receberam o humilde colega; e já que estou com a mão na massa, rendo os meus agradecimentos ao muito digno e talentoso **oficial da administração dos correios** desta província – o Sr. Cesar de Macedo Britto - a **Guia Postal**, com que se dignou mimosear a esta redação, trabalho esse de muita utilidade e que revela no seu autor muito amor e dedicação pelo serviço público. (REVISTA JUVENIL, 1876, n. 02, p. 04. **Grifo nosso**).

Esta nota, além de atestar a efetividade de dispersão dos impressos estudantis como instrumento de promoção também coloca uma nova circunstancia nessa dinâmica, isto é, o uso dessa estratégia de divulgação dependia fortemente de recursos financeiros para pagar os custos de envio dos jornalsinhos. No caso da **Revista Juvenil** (1876) ela foi presentada pelo oficial da administração dos correios, **César de Macedo Britto**, com uma guia postal, possibilitando assim a remessa de seus números por todo o Brasil sem nenhuma despesa.

Todavia, com ou sem apadrinhamento, essa foi uma prática recorrente da imprensa estudantil que conseguiu angariar reconhecimentos significativos, como quando na ocasião em que o jornal **O Globo** (1852-1890) do Rio Janeiro, segundo o correspondente d'**O Paiz** (1863-1886), expediu as seguintes palavras:

Do Maranhão recebemos os dois primeiros números da Mocidade, jornal literário, crítico e noticioso, redigido por uma associação, e do qual o primeiro número saiu à luz no dia 1º de agosto próximo pretérito.

É uma empresa nascente que revela, que sazoados frutos ainda poderá daí, se os obstáculos que, sem dúvida, vencer não lhe entorpece a mar há.

Fazendo votos para que ela progrida sempre vantajosamente, felicitamos aquela ilustre província por contar em seu seio com mais este órgão de publicidade, que nos mimoseará com trabalhos literários tão valiosos, senão mais, como os que se é nos dado nos primeiros números, **cuja recepção acusamos e agradecemos cordialmente**. (A MOCIDADE, 1875, n. 07, p. 04. **Grifo nosso**).

A mensagem dirigida ao periódico estudantil **A Mocidade** (1875), republicada pelo mesmo jornal em sua *Seção de Imprensa* do número 7, é só uma das diversas notas que foram veículas pelos próprios impressos do alunado sobre as impressões de seus pares com o seu aparecimento. Do envio dos jornalsinhos até publicação de críticas positivas sobre a atividade tipográfica estudantil na imprensa e a republicação desses textos pelos elogiados, é possível verificar aspectos das formas de apropriação das tradições jornalísticas e da formação de solidariedades letradas (MUNARO, 2017), em especial, sobre as circunstâncias de produção e divulgação dos jornais estudantis maranhenses. Vale ressaltar que tal prática não é um resultado totalmente espontâneo ou benévolo por parte das redações, mas sim fruto de uma estratégia de promoção fincada em um acordo entre as pequenas e/ou grandes folhas, característica do campo da imprensa no oitocentos, visto que os jornais estudantis faziam pedidos “As ilustradas redações que [os] hon[vam] com a troca dos seus periódicos, [...] o favor de serem mais pontuais na remessa dos mesmos, pois muito irregularmente receb[ia]m[...], havendo aliás muita pontualidade da [sua] [...] parte.” (A MOCIDADE, 1876, n. 18, p. 04).

Esse movimento de expansão de solidariedades letradas e impressas, portanto, foi baseado não só na dispersão dos jornalsinhos como também no intercâmbio desses impressos com outros jornais estudantis, literários, operários e recreativos, que tinha como finalidade a divulgação do seu trabalho jornalístico por todo o país. Sobre a imprensa estudantil maranhense do oitocentos, essas trocas foram feitas em nível local, regional e nacional. (Figura 37).

Figura 37 - Mapa da dispersão e intercâmbio da imprensa estudantil maranhense pelo Brasil



Fonte: Cabral, 2022.

No total, 91 jornais de diferentes partes do Brasil foram divulgados pelos jornalsinhos entre 1870 e 1900. Dos casos em que foi possível identificar o local de origem dessas publicações: 11 eram de São Luís, 10 do Piauí, 08 da Bahia, 07 de Alagoas, 05 do Rio Grande do Norte, 05 de Pernambuco, 04 do Rio de Janeiro, 04 de São Paulo, 03 do Pará, 03 de Minas Gerais, 02 do Amazonas, 02 da Paraíba, e, por fim, Paraná e Ceará agradeceram os estudantes maranhenses cada um com uma publicação. Diante desse quadro, a rede de publicização da imprensa estudantil maranhense além de contar com os agentes locais; o **Diário do Maranhão** (1855-1919), **O Paiz** (1863-1886) e **Pacotilha** (1880-1939); contou com o apoio de diversos veículos que circularam nas diferentes regiões do Brasil onde, devido às proximidades geográficas, as redações dos jornais nordestinos figuram como o espaço de maior troca da experiência tipográfica discente do Maranhão, seguido pela região sudeste onde todas as suas províncias/estados receberam pelo menos um jornalsinho e, em menor número, nas redações do norte e sul do país.

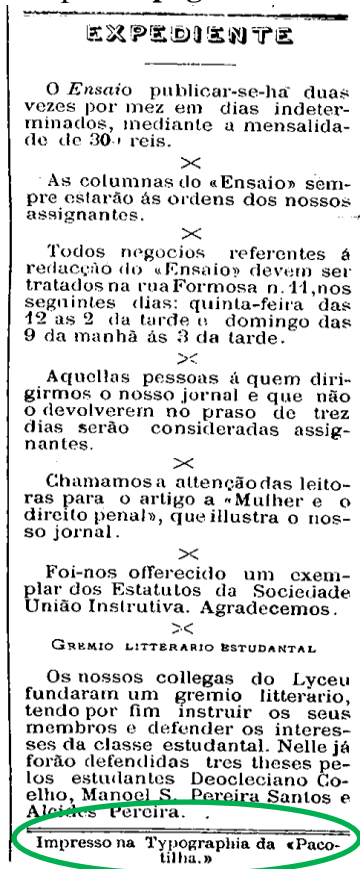
Passadas as estratégias e dinâmicas estabelecidas entre os impressos estudantis com o campo da imprensa em nível local, regional e nacional para sua promoção, baseado em

solidariedades, isto é, sem valor econômico agregado, é necessário frisar que o envolvimento da grande mídia maranhense com a atividade tipográfica do alunado não se restringia apenas a instância do tal *acolhimento benévolo* que tanto requeriam os estudantes. Essas empresas, na figura do **Diário do Maranhão** (1855-1919), **O Paiz** (1863-1886) e **Pacotilha** (1880-1939), possuíam interesses financeiros no desenvolvimento do jornalismo estudantil, dado que isso significaria a diversificação do campo da imprensa, o quê, de dentro da lógica de mercado, se traduziria em mais um produto impresso, para as tipografias, e mais um espaço propício para a venda de anúncios, para os jornais.

A empresa **Pacotilha** (1880-1939), diante dessa argumentação, ilustra muito bem a questão. Considerado um dos jornais mais expressivos da sociedade maranhense de fins do século XIX e que possuía sua própria tipografia, a **Pacotilha** (1880-1939) atuou como o mais atento mestre de cerimônias e agente publicitário das folhinhas discentes, divulgando com entusiasmo o movimento desses sujeitos no campo da imprensa, da cultura e da educação. Todos os periódicos criados por alunos no Maranhão entre 1880 e 1900, sem exceção, ganharam destaque nas páginas desse grande diário e o prestígio conferido as publicações estudantis era sempre acompanhado de uma linguagem própria, com destaque para o uso do diminutivo, sempre os chamando-os de *jornalsinhos* em uma clara referência ao estágio de sua inteligência e suas aspirações no universo da imprensa. (CASTRO; CABRAL; CASTELLANOS, 2019).

Desta maneira, para o campo da imprensa a identificação dos empreendimentos estudantis enquanto *jornalsinhos* procurava individualizar essa prática jornalística meio ao diverso campo da imprensa do Maranhão no oitocentos, sinalizando, dessa maneira, a existência de um novo subcampo, encabeçado por estudantes que utilizavam do veículo impresso para o desenvolvimento das primeiras lides do ofício litero-tipográfico. Ao constatar a diversificação e segmentação do universo jornaleiro, o envolvimento dos grandes periódicos com a produção e, principalmente, representação das folhas estudantis contribuía também para a expansão da atividade econômica impressora, seja na impressão das páginas dos próprios impressos estudantis (Figura 38) ou na venda de espaços para anúncios desses jornais (Figura 39) nos grandes diários.

Figura 38 – Expediente d'O Ensaio com impressão pela Tipografia da Pacotilha



Fonte: O Ensaio, 1890, n. 01, p. 04.

Figura 39 – Anúncio d'O Século no Jornal Pacotilha

Jornal Pacotilha

Lembram-se ainda nossas leitoras d'aquelle jornalsinho litterario em que a nossa mocidade estudiosa alirava aos quatro ventos as suas producções poeticas e contetos cheios das filigranas d'um estylo primoroso?

Recordam-se ainda do *Século* ?

Pois elle vai apparecer de novo: resurge amanhã, depois de cinco mezes de um prolongado lethargo, que parecia a morte.

Reapparece por fim e, como d'antes, cheio de versos, artigos de litteratura e o mais em que tanto se deliciaem os moços.

Fonte: Pacotilha, 1890, n. 205, p.2.

Assim, seja pela apropriação das tradições tipográficas referentes à produção e promoção de impressos, em função da formação de solidariedades jornalísticas ou pelo fator econômico, o campo da imprensa enquanto instância de produção dos jornalsinhos foi responsável não tão somente por dar materialidade à atividade litero-tipográfica dos alunos como também ajudou a fabricar as representações sobre a imprensa estudantil maranhense que circulou no período oitocentista.

4 O DISCURSO DA IMPRENSA ESTUDANTIL MARANHENSE OITOCENTISTA

A imprensa estudantil que circulou no Maranhão em fins do século XIX, até aqui, se mostra como um objeto versátil de pesquisa. Desde a análise dos aspectos que compõem a sua materialidade até a investigação das práticas que alicerçaram sua produção e manutenção, o movimento desses veículos demonstra que as *tentativas malogradas de criação de pequenos jornais de literatura fugitiva, circulação fugaz, efêmera e existência insignificante* (SERRA, 1883; LOBO, 1909; LUZ, 1959; MORAES, 1976) apresentam múltiplas possibilidades de tratamento e recortes para reescrever a trajetória dessas gazetinhas, sua importância em determinada época para a sociedade maranhense e, principalmente, para seus produtores, a comunidade discente local.

Nossa investigação se iniciou pelo encontro, resgate e descrição das folhas que fizeram parte da imprensa estudantil, em um processo investigativo e de dissecação dessas materialidades, para logo identificar os atores responsáveis por sua produção no oitocentos. De certo fora uma tarefa bastante complexa, ao envolver um detalhado e exaustivo cruzamento entre as fontes auxiliares, na figura dos grandes diários que circularam no Maranhão, e principais, os títulos estudantis que puderam ser recuperados. Seguindo os rastros e vestígios deixados pelos jornalsinhos, chegamos ao número de 22 impressos publicados pelos alunos maranhenses entre os anos de 1870 e 1900. Tais empreendimentos nascem da iniciativa estudantil, contudo, eles não são produto exclusivo dela, dado que o movimento particular de apropriação das tradições jornalísticas e literárias adotado pelos pequenos periódicos fez desse segmento da imprensa um lugar de aglutinação de diferentes atores e instituições sociais, que também refletiram suas formas de pensar entre suas páginas, a saber: professores, intelectuais, escola e imprensa. Ademais, é preciso destacar que esse espaço de organização e expressão social servia de vitrine, tanto para os sujeitos quanto para as instituições involucradas, e esse processo esteve balizado tanto trocas simbólicas, fundamentadas no prestígio social, como econômicas.

Percorridos o eixo material, que diz respeito aos jornais estudantis enquanto objeto cultural, e o eixo das práticas, que alicerçaram a sua produção, manutenção e promoção, na última parada deste nosso passeio sobre a trajetória dos jornalsinhos, nesta seção e em uma tentativa de reconstrução dos dispositivos sociais, conceituais e psíquicos da atividade literotipográfica estudantil que se estabeleceu no Maranhão entre 1870 e 1900, nos debruçamos sobre os discursos proferidos pelos estudantes e inscritos nos seus próprios jornais a fim de

compreender os anseios, as formas de pensar, de agir e de se colocar da comunidade discente do ensino secundário frente à sociedade de fins do século XIX.

Para essa tarefa a primeira coisa que nos chama a atenção, religiosamente ao abrir às páginas dos periódicos estudantis, é o sentimento recorrente do alunado maranhense de, a partir da criação e manutenção dos jornais, “[...] reviver a tradição literária do Maranhão, que sempre se manifestou impetuosa e brilhante.” (A ACTUALIDADE, 1900, n. 01, p. 01). Tal frase fora cunhada no editorial de abertura de uma das últimas folhas organizadas pelos estudantes e ela sintetiza de maneira bastante oportuna a forte relação da atividade periódica e literária discente com o referencial simbólico da *Atenas Brasileira* que, por sua vez, orientou os movimentos sociais, conceituais e psíquicos dos jornalsinhos.

Sobre esse referencial simbólico, apropriado pelos estudantes para fundamentar a sua prática litero-tipográfica, ele diz respeito a uma “superioridade intelectual” que os maranhenses teriam frente ao resto da sociedade brasileira, construído na primeira metade do período oitocentista e que até hoje é imperativo da identidade maranhense e, sobretudo, ludovicense⁴⁵. Pavimentado entre fins do século XVIII e início do XIX, no apogeu econômico algodoeiro vivenciado pela província, as bases da presumida intelectualidade do Maranhão foram alicerçadas no ato de enviar seus filhos mais abastados para se instruir nas universidades europeias, essa elite ao regressar a sua terra natal tratou de desenvolver vários setores da vida social, principalmente nos departamentos da produção mental. Aliado a esse contingente expressivo de bacharéis circulando por São Luís, capital da província, os maranhenses passaram a desfrutar de um refinamento material que se revestiu nos campos da educação, imprensa, teatro, ente outros. Assim no início do oitocentos estava desenhada uma atmosfera, econômica, social e cultural, que servia de base para a criação da *Atenas Brasileira*. (MORAES, 1976; BORRALHO, 2009).

Com o aparecimento de uma geração de intelectuais importantes, tendo a figura de Gonçalves Dias como maior expoente e com representação na Corte, por volta de 1840, a questão do reconhecimento de São Luís como a *Atenas Brasileira* ganha contornos mais latentes para a comparação da vida regional literária que no Maranhão se desenvolvia com os aspectos do mundo greco-romano. (MORAES, 1976). O *Grupo Maranhense*, assim gravado na literatura nacional, era composto por nomes como: Odorico Mendes, Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, Gomes de Sousa, Sousândrade, entre outros poetas, jornalistas, tradutores, publicistas, professores, historiadores e editores que,

⁴⁵Gentílico de quem nasce em São Luís, capital do Maranhão.

Não é uma escola literária ou estilo de uma época. A designação considera tão somente a contemporaneidade de maranhenses literariamente importantes, não atentando para as diversas filiações estéticas de cada um. Convivem nesse período neoclássicos e românticos, aqueles ainda presos ao passado, enquanto uma juventude impelida pelos ventos da renovação, tomava consciência de seu tempo, explorando os grandes temas do momento: consolidação do caráter nacional brasileiro, avaliação histórica de nosso passado, abolição da escravatura, república. (MORAES, 1976, p. 54).

É sobre esses ares de renovação do caráter nacional brasileiro que, de maneira macro, a crítica sobre o título de *Atenas Brasileira* para São Luís é construída da perspectiva que “[...] a formação da Athenas foi uma moeda de troca da elite maranhense em se fazer notar, senão por uma importância econômica [...] então, por sua notoriedade intelectual” (BORRALHO, 2009, p. 51), isso porque, com a independência do Brasil em 1822 e a derrocada econômica, a Província do Maranhão entra em um conflito identitário, tendo em vista a relação íntima que mantinha com a metrópole, Portugal, juntamente com declínio da exportação de algodão. Junto a isso, a ideia de o Maranhão seria uma terra de letrados só era uma realidade para as elites econômicas, que tinham acesso aos espaços de educação e cultura, visto que mais da metade da sociedade maranhense era analfabeta. (BORRALHO, 2009; SANTOS, 2022).

As críticas são muitas a *Atenas Brasileira*. Ela realmente existiu? Em parte, os nomes maranhenses⁴⁶ cravados na literatura nacional estão aí para atestar a sua entidade. Mas foi para todos? Os índices de analfabetismo no Maranhão do século XIX estão aí para negar. O legado concreto desse momento, sem dúvidas, foi à apropriação desse referencial simbólico por grupos de intelectuais que, em diferentes momentos, buscaram firmar seus movimentos literários e sua atividade na imprensa a partir do epíteto da *Atenas*.

Nas últimas décadas do século XIX, com a morte ou migração dos seus atenienses fundadores junto à fuga dos seus mais promissores escritores para os principais centros urbanos do império brasileiro e que partiam em busca de melhores condições para exercer o seu trabalho literário, o Maranhão vê os movimentos de sua intelectualidade regional em completo estado de imobilidade e, em vista dessa situação, surgem os *Novos Atenienses*, um grupo de jovens intelectuais que trabalharam para a revitalização do cenário literário e cultural local, a partir de um trabalho mais ou menos coeso e consciente da distância geracional dos célebres criadores da *Atenas Brasileira*. (LOBO, 1909; MARTINS, 2006).

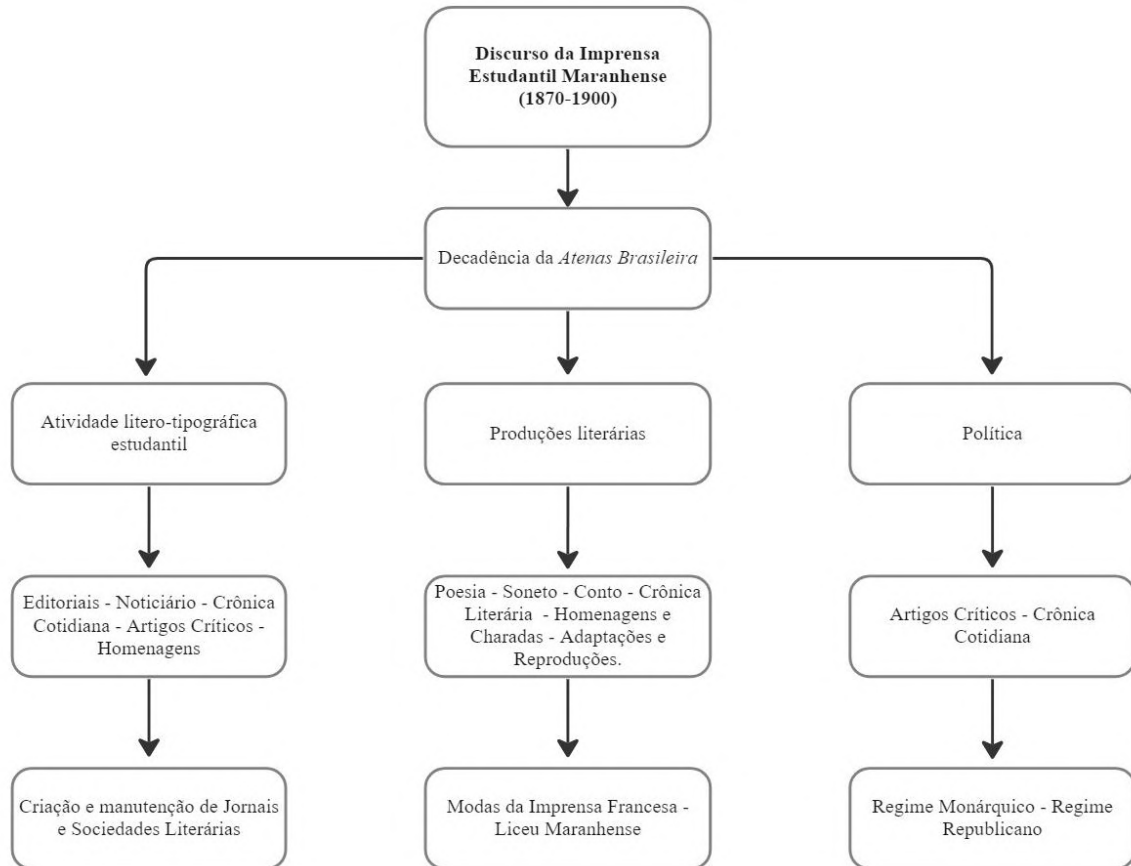
⁴⁶ A exemplo desta época, temos Gonçalves Dias como o maior representante da *Atenas Brasileira*. No entanto, nomes como Aluísio Azevedo (1857-1913), Artur Azevedo (1855-1908), Coelho Neto (1864), Ferreira Gullar (1930-2016) entre outras personalidades que nasceram no Maranhão e foram imortalizados na literatura nacional.

É nesse momento que encontramos os primeiros vestígios sobre a circulação de impressos organizados por estudantes maranhenses no oitocentos na literatura, onde a atuação desses atores sociais em prol do desenvolvimento de sua terra natal fora devotamente resumida a tentativas malogradas, marcadas somente pela publicação de um par de folhas de literatura fugitiva e efêmera, que provocaram somente espasmos de agitação cultural. (SERRA, 1883; LOBO, 1909; MORAES, 1976; MARTINS, 2006). Contrariando tal perspectiva esta investigação, até aqui, desvelou uma movimentação mais interessante do que se supunha, tendo em vista o número expressivo de impressos publicados e a teia social construída para a sua produção e manutenção. No intuito de ir mais a fundo sobre o movimento *malogrado* da imprensa estudantil para a revitalização da *Atenas Brasileira*, nos debruçamos sobre os dispositivos sociais, conceituais e psíquicos que orientaram a sua fabricação, o que pressupõe explorar os discursos proferidos pelos estudantes nos jornalsinhos entre 1870 e 1900.

Ao analisar a influência do Liceu Maranhense na criação dos jornais liceístas que circularam entre os anos 1889 e 1900, Castro, Cabral e Castellanos (2019) pontuam que o discurso discente na imprensa poder ser entendido a partir de três grandes categorias, que aglutinam uma série de textos literários e jornalísticos, são elas: **o trabalho jornalístico e literário dos estudantes**, suas **produções literárias** e as discussões sobre as questões republicanas que estavam em voga. Tal delimitação do pensamento estudantil, embora cronologicamente situado no período republicano e focalizado na força intelectual e material do Liceu para produção dos jornais estudantis, se mostra bastante elucidativa e, em um panorama geral, oferece as primeiras representações sobre os modos de pensar e agir desses sujeitos.

Assim, identificado o principal referencial simbólico que orientou a atividade tipográfica e literária da comunidade discente maranhense em fins do século XIX, a *Atenas Brasileira*, e verificado de maneira ampla os principais assuntos tratados por uma parcela desses veículos impressos, no período de 1889 a 1900, para a reconstrução da trajetória desses empreendimentos nos seus aspectos sociais, conceituais e psíquicos, todos os textos literários e jornalísticos veiculados nos jornais que puderam ser recuperados; a saber: **O Estudante** (1870), **A Mocidade** (1875), **Revista Juvenil** (1876), **A Escola** (1878), **O Sorriso** (1885), **O Século** (1889), **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **A Alvorada** (1895), **O Porvir** (1895), **O Ideal** (1898) e **A Actualidade** (1900); foram transcritos, analisados e categorizados. Após esse longo processo, o discurso da imprensa estudantil do Maranhão Oitocentista pode ser compreendido a partir do seguinte diagrama de assuntos (Figura 40):

Figura 40 – Diagrama de assuntos da Imprensa Estudantil Maranhense Oitocentista



Fonte: Cabral, 2022.

A partir dessa representação sobre o discurso dos estudantes maranhenses na imprensa, a nossa construção sobre a trajetória social, conceitual e psíquica desses sujeitos tem como ponto de partida o clima de decadência que envolvia a sociedade letrada maranhense nas últimas décadas do século XIX, onde o alunado local opera tentativas de agitação literária e cultural com a utilização da imprensa que, longe de se apresentarem como *malogradas*, promoveram diversas atividades para intervenção e participação direta na sociedade, com influência direta das correntes literárias e políticas em voga, dos lugares em que circularam e dos sujeitos que participaram da criação e manutenção dos jornalsinhos.

Um último adendo. Se a pena do alunado correu solta para a produção de seus impressos, aqui, e como foi tendência em toda nossa incursão interpretativa sobre os processos comunicacionais dos estudantes maranhenses e de seus jornais, daremos privilégio aos discursos proferidos pelos estudantes, sintetizando suas maneiras de pensar e agir a partir da criação de jornais, evocando outras vozes apenas a título de contextualização geral do ambiente ao qual eles estavam inseridos.

4.1 A vida do estudante litero-jornalista e seus jornalsinhos na Atenas Brasileira

Por volta de 1868 começa para a *Atenas Brasileira* uma tristíssima e caliginosa noite onde a brilhante geração literária que, no Maranhão, viveu e trabalhou para o desenvolvimento dos mais variados setores da produção mental regional teve sua estrela apagada, dado o desaparecimento do jornal **Semanário Maranhense**⁴⁷ (1876-1878) e a debandada de sua estimada colmeia. (LOBO, 1909; MORAES, 1976; MARTINS, 2006). Pouco tempo depois desse apagão das letras maranhenses, um grupo de estudantes decide criar um jornalsinho e sua intenção, a priori, não é demasiada ativa a ponto de trazer para os seus ombros a responsabilidade de reascender a luz na esquecida *Atenas*, situada em uma ilha remota bem ao meio norte do Brasil. **O Estudante** (1870) surge em São Luís no dia 15 de junho de 1870, e

[...]

O seu programa cifra-se no nome que tomou por título.

Estudante! Palavra esta que podemos traduzir de dois modos; já como **símbolo da instrução**, já como **símbolo de crítica**.

E a vista de tais razões, acreditamos que não havia título melhor **para este jornal, nem programa mais bem expresso que o seu título**. (O ESTUDANTE, 1870, n. 01, p. 01. **Grifo nosso**).

O Estudante (1870) nome, aliás, bastante significativo nasce como um símbolo de instrução, já que é o precursor de uma série de 22 empreendimentos que foram criados e circularam em São Luís sob a responsabilidade dos estudantes maranhenses entre os anos de 1870 e 1900, e como símbolo de crítica dada a sua condição de sujeitos em formação na imprensa e que em nada se comparava às gerações passadas que brilhantemente já tinham ocupado esse território, com uma imprensa que

[...] causava admiração pela superioridade moral, a competência com que se discutia as questões, as luzes que projetava para os meios cultos do país, o talento e a coragem cívica dos seus jornalistas, o valor dos homens que saíram do jornalismo para a administração pública, o parlamento, a magistratura, o clero, o magistério, a ciência e as letras e ainda pela colaboração que lhes prestaram insígnis escritores que a província deu a literatura brasileira. (LOPES, 1959, p. 24).

No entanto, ao abrir as páginas desses jornalsinhos, a primeira coisa que se vê é o seu programa, seu editorial de abertura, e um rápido passeio mais atento nos revela que embora não explicitassem o seu desejo de reaver a *Atenas* perdida, o argumento central para a atuação

⁴⁷ Nesse periódico trabalharam importantes intelectuais maranhenses do século XIX, como: Sotero dos Reis, Sousândrade, Marques Rodrigues, Antonio Henriques, Gentil Braga, Joaquim Serra, Celso Magalhaes entre outros importantes intelectuais maranhenses.

da imprensa estudantil é o da manutenção dela, haja vista seu estado deplorável e sem nenhuma perspectiva de que outro *Grupo Maranhense* aparecesse para salvá-la da total destruição.

O ESTUDANTE

São Luís, 14 de junho de 1870.

[...]

A classe estudantil do Maranhão ressentia a falta de um interpretante fiel, de um propugnáculo que defendesse os seus direitos; essa falta há desaparecido completamente e esperamos que *O Estudante* não se há de afastar um ponto sequer do caminho que promete trilhar, ainda que para isso haja de afrontar milhares de trabalhos, pois a estrada que além se divida, é um todo de precipícios

Esperamos encontrar todo o apoio para o bom êxito desta empresa, não só na classe de que é órgão este jornalsinho, como também nos amadores do progresso das letras pátrias.

Cremos ter sido entendidos. (O ESTUDANTE, 1870, n. 01, p. 01. **Grifo nosso**).

A ACTUALIDADE

Maranhão, 16 de agosto de 1900.

A Nova Geração

Surge hoje na arena espiritual A Actualidade. Talvez pareça a alguns que esta pequena revista se propõe a desdobrar novas estéticas. Engano será, se tal antevirem, porque as nossas aspirações modestas fluem num âmbito limitado.

Nada mais ambicionamos, com todo ardor dos nossos ânimos juvenis, do que reviver a tradição literária do Maranhão, que sempre se manifestou impetuosa e brilhante. [...]. (A ACTUALIDADE, 1900, n. 01, p. 01. **Grifo nosso).**

Assim, em fins do século XIX, o alunado maranhense carecia de um interprete fiel que pudesse representar às suas demandas e, com o surgimento d'**O Estudante** (1870) na imprensa, esse vácuo fora suprido e influenciou toda uma geração de outros estudantes a fundar jornalsinhos que nada mais ambicionavam do que reviver a tradição literária de sua terra natal, a qual sempre se mostrou impetuosa e brilhante. O saudosismo dos alunos era recente, pois o último grande expoente da *Atenas Brasileira* tinha findado sua atividade em 1868, quando desaparece o **Semanário Maranhense** e momento onde “a brilhante colmeia debandou, disseminando-se os seus operários por diversos rumos, ao sabor das inevitáveis exigências da vida” (LOBO, 1909, p. 14), tendo a morte ceifada alguns intelectuais e outros atenienses que se distanciaram dali em busca de melhores condições para exercer sua atividade mental. Dessa forma, o pesar dos alunos estava baseado em duas frentes: na ausência de intelectuais em *locus*, para trabalhar pelo desenvolvimento das letras de sua terra

natal, e do fervor cultural que esses homens outrora provocaram na cidade de São Luís, a partir de suas realizações nos campos da imprensa, cultura e educação⁴⁸.

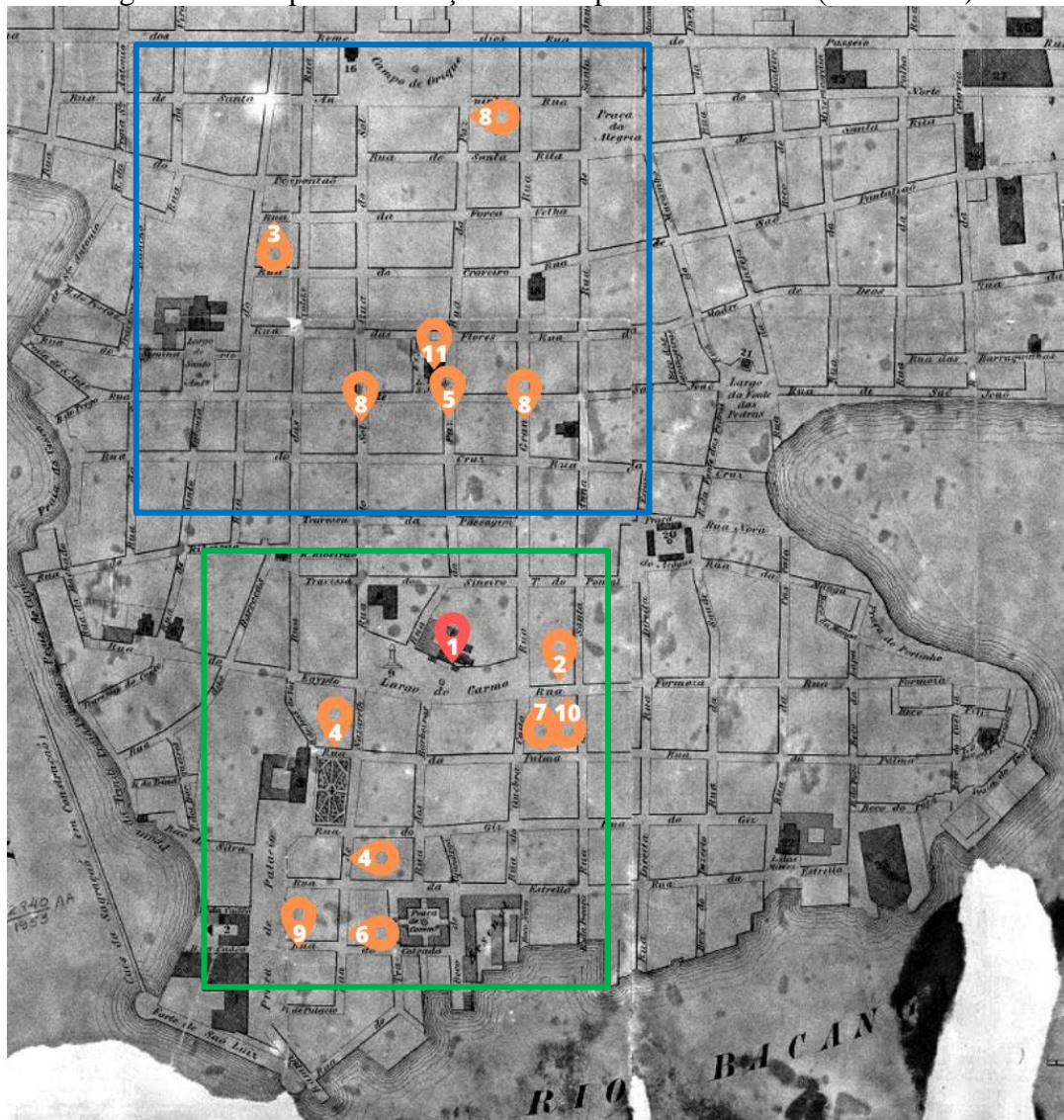
A recuperação desse suposto passado glorioso, que transformou o Maranhão em símbolo regional de vida literária para o Brasil e que fabricou nomes importantes para a literatura nacional, foi o argumento perfeito para que o alunado através dos impressos: **O Estudante** (1870), **A Mocidade** (1875), **Revista Juvenil** (1876), **O Progresso** (1878), **A Escola** (1878), **O Sorriso** (1885), **O Repolho** (1885), **O Porvir** (1885), **O Estudante** (1885), **A Liberdade** (1886), **O Estudante** (1887), **O Século** (1889), **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Athenas** (1893), **O Porvir** (1895), **O Estudante** (1895), **A Alvorada** (1895), **O Ideal** (1898), **O Philomatico** (1898), **A Actualidade** e **O Athleta** (1900) impusessem para a sociedade maranhense a sua importância.

Na pátria de Gonçalves Dias, a *Athenas Brasileira*, tomando, por exemplo, os feitos da geração que forjou esse título para o Maranhão, os alunos trataram de reerguê-la nos mesmos moldes, porém de acordo com as suas limitadas forças. Assim, o meio mais acessível para externalização do trabalho mental era via a imprensa, materializada no formato de jornal mais barato que os prelos do século XIX poderiam oferecer. Por outro lado, faltava à agitação cultural, o que se tentou resolver a partir da reunião dos alunos em grupos mais ou menos orgânicos ou de maneira mais institucionalizada, traduzido na criação dos clubes, sociedade e grêmios estudantis.

No entanto, o epicentro físico e intelectual da agitação cultural que tanto almejavam reviver os estudantes situava-se no centro de São de Luís, em “Uma das belas praças da capital, onde n’um pequeno alto existe o convento de N. S. do Monte Carmello, em cujo andar térreo está o Liceu Maranhense, fundado pelo ex-presidente Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo.” (MARQUES, 1870, p. 363) pela lei de n. 77 de 24 de julho de 1838, vindo a funcionar efetivamente no ano seguinte, em 1838. É desse estabelecimento de ensino secundário que o trabalho litero-tipográfico do alunado maranhense do período oitocentista é desenhado, isso porque apenas metade dos jornalsinhos possuía um espaço para atender as demandas administrativas do seu corpo de redacional e público leitor. (Figura 41).

⁴⁸ São heranças dessa época o fomento de um jornalismo literário, a criação do Liceu Maranhense e a fundação da Biblioteca Pública.

Figura 41 – Mapa das “redações” da imprensa estudantil (1870-1900).



LEGENDA

- | | | | |
|--|--|--|---|
| | Liceu Maranhense - Convento do Carmo | | O Ensaio (1890) - Rua da Formosa, n. 11. |
| | A Mocidade (1875) e A Escola (1878) - Rua da Formosa, n. 30. | | A Alvorada (1895) - Rua da Paz, n. 46, Rua Grande, S/N e Rua do Sol, S/N. |
| | A Mocidade (1875) - Rua da Mangueira, n.14. | | O Porvir (1895) - Rua da Calçada, n. 1. |
| | Revista Juvenil (1876) - Largo do Palácio, n. 13 e Rua de Nazareth, S/N. . | | O Ideal (1895) - Rua da Formosa, n. 18. |
| | O Progresso (1878) - Rua da Paz S/N. | | A Actualidade (1900) - Rua da Paz, Consistório de São João. |
| | O Século (1889) - Rua de Nazareth, n. 34. | | Região entre o Largo do Carmo e o Largo do Palácio. |
| | | | Região entre a Rua Grande, Rua da Paz e Rua do Sol. |

Fonte: Planta da cidade de São Luís do Maranhão, levantada por J. Veiga (1858), adaptada para indicar a localização das “redações” dos jornais estudantis.⁴⁹

⁴⁹ A utilização da planta de São Luís levantada por J. Veiga, em 1858, e não de mapas mais recentes se justifica, pois esse é o traçado que mais se aproxima da paisagem urbana da cidade do período estudado (1870-1900). Cabe destacar que tentamos apresentar a localização exata das redações tendo como referência os logradouros hoje vigentes, assim, pode acontecer que o número dos edifícios tenha sofrido alguma alteração, haja vista as frequentes tentativas de organização e reordenamento do espaço urbano da capital do Maranhão.

Nesse sentido, as reuniões de pauta sobre a próxima publicação da imprensa estudantil maranhense acontecia, em sua maioria, nos bancos do próprio Liceu. (Figura 42). Já no caso das folhinhas estudantis que detinham alguma espécie de “redação”, esses locais poderiam ser salas comerciais, consistórios, vendas, livrarias, tipografias e até mesmo na própria residência de alunos, espaços que serviam mais para fins de atendimento ao público e vendas do que efetivamente para reunião dos estudantes e seus colaboradores, uma vez que era comum haver dias e horário específicos para o funcionamento desses espaços. (Figuras 43, 44 e 45).

Figura 42 – Aviso de reunião da Sociedade Porvir no Liceu Maranhense

Por ordem do Sr. presidente da Sociedade Porvir convidó á todos os socios da mesma para se reunirem amanhã ás 10 horas do dia no Lyceu d'esta cidade afim de tratar-se de negocios urgentes.
O l. seerretario.
Tarquinio Carvalho.
Maranhao, 4 de março de 1885.

Fonte: Pacotilha, 1885, n. 54, p. 03.

Figura 44 – Redação d'A Alvorada

Para todos os effeitos da publicação deste periodico, que será semanal, dirijam se á rua da Paz casa n. 46.

Acha-se a venda o nosso jornal nas casas dos Snrs.: Hermogenes R. Machado & C., rua Grande; Francisco Hygino Ferreira, idem; Ursulino Sacramento, rua do Sol, e Pedro G. Lima, rua da Paz.

Fonte: A Alvorada, 1895, n. 10, p. 04.

Figura 43 – Redação d'O Ensaio

×
Todos negocios referentes á redacção do «Ensaio» devem ser tratados na rua Formosa n. 11, nos seguintes dias: quinta-feira das 12 as 2 da tarde e domingo das 9 da manhã ás 3 da tarde.
×

Fonte: O Ensaio, 1890, n.01, p.04.

Figura 45 – Redação d'A Actualidade

A "Actualidade" sahirá nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

Redacção e administração, Consistorio de S. João, á rua da Paz.

Fonte: A Actualidade, 1900, n. 01, p. 01.

A maioria desses espaços estavam fincados entre o Largo do Carmo e o Largo do Palácio, um local de grande circulação de pessoas e de um público leitor em potencial para a imprensa estudantil maranhense, dado que nessas imediações haviam prédios da administração pública e o vai e vem dos principais representantes da sociedade, a elite política e letrada, era constante. (SANTOS, 2022). A outra zona do trabalho litero-tipográfico dos estudantes estava instalada meio às três vias de comércio mais importantes de São Luís, a Rua Grande, Rua do Sol e Rua da Paz, nas quais a maranhenses desfilavam sempre bem vestidas entre as múltiplas vendas de miudezas, modas femininas e masculinas, tecidos e calçados finos, bazares e etc. (LIMA, 2002), ou seja, em um ponto estratégico para divulgação e vendas de assinaturas dos seus jornalinhos. (Figura 41)

Seja de dentro da escola ou em outros locais, nos dias de semana ou nos dias de descanso para os alunos era essa a hora de se reunir com os participantes da imprensa estudantil, delinear as suas publicações e ter algum tipo de socialização quanto à manutenção dos periódicos. Sobre esse movimento não podemos atestar como ele se dava de maneira minuciosa em todos os casos de produção dos impressos, mas sabemos, contudo, que houve influência dos saberes e ensinamentos praticados no Liceu Maranhense e que, no caso dos jornalsinhos que possuíam sociedades literárias, pode-se dizer que lá eram apresentados os novos membros da mesa, discutidas as teses que seriam impressas nos periódicos e, por diversas vezes, o momento de congratular e dar tchau aos amigos que faziam parte e/ou apoiavam a empreitada da comunidade discente na imprensa. (Figura 46, 47 e 48)

Figura 46 – **Partida dos amigos da Imprensa Estudantil**

Partiram para Pernambuco os srs. Constantino da Costa Pereira, Benedicto Pereira Leite, Pedro Afonso Guimarães e João Gualberto Torreão da Costa. Os dois primeiros desempenharam na sociedade «União Juvenil» o cargo de presidente com muita circumspecção, mostrando tino e prespicacia nos seus actos.

Todos foram estudantes do Lyceu desta capital, distintos tanto pelos seus professores como pelos collegas que reconheciam nos mesmos, intelligencia pouco commum, caracter nobre e elevado. O sr. Constantino foi por muito tempo redactor deste periodico, que vio assim suas columnas esmaltadas com os productos de tam robusta quam prometedora e delicada penna.

O sr. Benedicto no desempenho do cargo de—Orador da Sociedade União Juvenil— muitas vezes deo provas de um talento raro. Eloquentes em suas manifestações, sincero nas suas expressões, deixou o mesmo entre seus collegas, consocios e amigos fundas saudades.

Esperamos e desejamos que na Academia para onde se destinaram vejam elles coroados de bom exito os seus esforços; que voltem breve trazendo em suas nobres fronte os verdes louros conquistados nas lutas da intelligencia, a repartir com seus parentes, amigos e collegas os prazeres de tão gloriosas conquistas.

Para o Rio partio o sr. Paulo Pereira, desejamos-lhe todas as felicidades.

Fonte: Revista Juvenil, 1877, n. 07, p.04.

Figura 47 – **Partida dos amigos da Imprensa Estudantil**

Seguiu hontem para a academia do Rio de Janeiro o nosso amigo e collega, Vicente Epaminandas Pires dos Reis, a quem desejamos prospera viagem e bom exito em sua carreira.

Fonte: O Sorriso, 1885, n.02, p.02.

Figura 48 – **Partida dos amigos da Imprensa Estudantil**

HUGO CORDEIRO

Este nosso digno collega de classe parte em breve para o vizinho Estado do Pará; onde supponho, vai abraçar a vida commercial.

Bem moço ainda e dotado de intelligencia e criterio é de crer que lhe esteja reservado alli um futuro prospero e um lugar saliente entre os membros da distincta sociedade Paraense.

São estas os nossos desejos e as esperanças que alimentamos sentindo o vacuo que vai deixar entre nós.

Boa viagem.

Fonte: O Porvir, 1895, n. 01, p. 01.

As chegadas e partidas de confrades de imprensa e/ou colegas de classe figuravam entre as páginas dos jornais estudantis sempre com um discurso saudoso do bom amigo que partia, mas muito confiante de que bons frutos ele renderia, especialmente para a *Atenas*

Brasileira. (Figuras 46, 47 e 48). Essa era uma dinâmica muito particular a imprensa estudantil maranhense que via a cada termino de ano seus membros e apoiadores partirem para aprimorar os seus estudos e que, por isso, tiveram que abandonar suas ainda incipientes carreiras jornalísticas. O fato de que os produtores dos periódicos discentes, ao terminarem a escola, seguiam rumo às Universidades fora do Maranhão ou, depois de completados os estudos, voltavam para suas casas situadas além dos limites da ilha de São Luís, se junta às dificuldades financeiras enfrentadas pelos pequenos periódicos e o problema em conciliar a obrigações escolares e as atividades jornalísticas, como um dos motivos pela efemeridade das publicações estudantis em fins do século XIX.

No entanto, a participação desses sujeitos na sociedade não se limitou apenas a circulação de quase duas dúzias de jornais e reuniões de seus criadores em grupos literários; uma vez que os estudantes faziam questão de participar ou noticiar os eventos sociais que movimentavam a cidade como, por exemplo, as festas religiosas, programações teatrais e escolares, as reuniões dos clubes estudantis e não estudantis (Figura 49 e 50); além de receber visitas de outros empreendimentos tipográficos, periódicos e livros de seus próprios conterrâneos ou oriundos de outras localidades do Brasil, e de personalidades importantes da sociedade maranhense (Figura 51 e 52).

Figura 49 – Criação de **Gremio Literário**

GREMIO LITTERARIO ESTUDANTAL

Os nossos collegas do Lyceu fundaram um gremio litterario, tendo por fim instruir os seus membros e defender os interesses da classe estudantal. Nelle já forão defendidas tres theses pelos estudantes Deocleciano Coelho, Manoel S. Pereira Santos e Alcides Pereira.

Fonte: O Ensaio, 1890, n. 01, p. 01.

Figura 50 – Reuniões de **Sociedades Literárias**

Na sociedade Recreação Litteraria, discutio-se na sessão de 22 uma these sobre a imprensa de que foi dissertador o sr. Antonio Godoes que discutio-a mui vantajosamente.

Fonte: Revista Juvenil, 1877, n. 10, p. 04.

Figura 51 – **Permuta de jornais**

Temos recebido :

- «A Ave Maria», da Bahiá
- «Leitura» Religiosas», da Bahia
- «O Direito», de Pindamonhagaba
- «A Lyrá», de Rezende
- «A Imprensa», da Parahyba
- «O Amazonas de Manaus
- «O Piauiense», da Parnahyba
- «O Girasol», da Parnahyba
- «O Jornal de Caxias», de Caxias
- «A Panoplia», desta Capital
- «O Norte», da Barra do Cordá
- «Os Novos», desta Capital
- «Republica», de Therezina.

Agradecendo a todos as suas constan-
visitas, promettemos retribuirl-as com
nosso pequeno periodico.

Fonte: A Actualidade, 1900, n. 06, p. 04.

Figura 52 – **Permuta de Livros**

O velho casamenteiro.—O Sr J. Cavalcanti Ribeiro da Silva, autor da comedia assim intitulada, que foi publicada em Pernambuco, enviou-nos um exemplar desse seu interessante trabalho, que muito nos interessou e agradeçamos. Recomendamo-lo, e agradecemos ao distincto e talentoso autor a offerta.

Modinha.—Da Bahia fomos obsequiados com um exemplar das—Saudades de Olinda—modinha para canto e piano. A musica é do Sr. Joaquim F. de Bittencourt Sá e a poesia, do Sr. Augusto C. D. Lesa, ambas muito agradaveis por causa do sentimentalismo que n'ellas se acha expresso.

Fonte: A Mocidade, 1875, n. 13, p. 04.

Tais movimentações sociais dos produtores da imprensa estudantil foram retratadas com bastante minúcia no noticiário e nas crônicas cotidianas dos seus próprios jornalsinhos para promover, ou pelo menos dar a sensação, de alguma agitação cultural e literária na decadente *Atenas* sendo, portanto, aspectos da formação das solidariedades jornalísticas e letradas da imprensa estudantil maranhense.

Mesmo com as múltiplas dificuldades de se produzir e fazer circular um impresso estudantil no século XIX, os ânimos juvenis para viver a tradição literária da *Atenas Brasileira* não foram apagados. Assim, definidos os seus espaços de atuação, na imprensa com os jornalsinhos e na tribuna com os clubes estudantis e participações em diferentes eixos da sociedade, era preciso que os alunos delineassem a estética do seu trabalho que, no momento de marasmo das letras, ganhou contornos litero-jornalísticos. Se a fonte dos atenienses originários foram as Arcadas localizadas na Europa, a dos estudantes seria na própria *Atenas* tupiniquim, em um lugar que também fora organizado com inspiração na Grécia Antiga, mas atualizado para as necessidades regionais: o Liceu Maranhense. É por isso que os impressos discentes maranhenses são, antes de tudo, literários, e, é certo, que em parte por conta do lugar de onde nasceram, na *Atenas* do Brasil, mas, mais evidente em suas páginas, pela influência do projeto educacional ao qual estavam inseridos os seus produtores, isto é, no

[...] utilíssimo estabelecimento, de instrução pública, ao qual muito devem tantos literatos e científicos derramados em diversas classes da sociedade, que ai beberam as primeira luzes, por isso que grande parte deles representam na república das letras importantíssimo papel, e outros que em nada menos importam, por se distinguirem na sociedade, contribuindo com seus transcendentales conhecimentos para o adiantamento da pátria. (O ESTUDANTE, 1870, n. 01, p.01)

O Liceu Maranhense é uma herança do passado econômico glorioso que viveu o Maranhão e que desde o seu primeiro ano de funcionamento, em 1839, até fins do oitocentos conservava os foros de mais importante instituição escolar do Maranhão, com um currículo humanista que dava privilégio ao ensino das letras, humanidades e idiomas. (SOUZA, 2022). Organizado por influência do modelo francês de escola secundária preparatória para o ensino superior, a criação de Liceus pelo Brasil no século XIX e, em particular, no Maranhão tem como finalidade uma formação literária dos estudantes, com ênfase no estudo de diferentes línguas. (RIBEIRO, 2006). No campo dos idiomas, desde o seu currículo de fundação⁵⁰,

⁵⁰O Liceu Maranhense foi fundado no Maranhão a partir da reunião das seguintes cadeiras: Filosofia Racional e Moral; Retórica e Poética; Geografia e História; Gramática Filosófica da Língua e análise de nossos Clássicos; Língua Grega; Língua Latina; Língua Francesa; Língua Inglesa; Desenho; Aritmética, primeira parte de Álgebra,

estipulado em 1838, o Liceu apresentava um programa de estudos que contemplava o ensino de gramática filosófica da língua e análise dos nossos clássicos, em português, além das cadeiras de grego, latim, inglês e francês que foram mantidas pelo novo regulamento da instituição⁵¹, publicado em 1893, com o acréscimo do ensino de alemão a sua grade. (CASTRO, 2015; REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1893).

Dessa forma, essa instituição de ensino influenciou diretamente nos temas tratados pelos jornalsinhos que eram, em sua essência, jornais literários não só pelo referencial simbólico que se apropriara, a *Atenas Brasileira*, mas também pelo lugar de onde surgira, o *Liceu Maranhense*. Cabe destacar que a influência francesa na organização da educação liceísta fora tanta que no programa do curso integral de letras e ciências, ofertado em sete anos, o ensino de Francês era realizado por 03 anos seguidos, com 03 horas de estudo por semana, se igualando apenas a carga horária das disciplinas de língua Portuguesa e Latim da instituição. (REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1893). Esse culto às letras e a cultura francesa se manifestou de forma latente nas páginas da imprensa estudantil que encontrou na poesia, forma mais acessível das artes literárias, e nas modas francesas da crônica, do conto e do folhetim (MARTINS, 2015) as formas literárias preponderantes em suas publicações. (Figuras 53 e 54).

Figura 53 – Poema

Saudade.

A minh'alma era triste—o, triste, os olhos
Busca para os ceus,
As estrelas pedindo, à meiga luz
Um só olhar dos seus.
(Casal Ribeiro.)

Como a onda crystalina,
Que, roland-, vem à praia
E, batendo no rochedo,
A gemer logo desmaia;

Como a flor no verde ramo,
Ao ardor do sol ardente,
Reclinada, enmurchecida,
Perde a cor gentil, virente;

Como a fonte despenhada
D'alta rocha em pedra dura,
Pelo prado se desliza,
Murmurando com ternura;

Como a rola innocentinha
A' gemer d'amor extreme,
No sarçal, triste, saudosa,
Pela dor oppressa geme;

Assim, pois, triste meu peito
Todo amor, todo amizade,
Como a onda, a flor, a fonte,
Como a rola tem saudade.

Maranhão, 3 de maio de 1874. 8.

Fonte: A Mocidade, 1876, n. 16, p. 03.

Figura 54– Folhetim

FOLHETIM

Marianna
(MACHADO DE ASSIS)

I

—Que será feito de Marianna? perguntou Evaristo a si mesmo, no largo da Carioca, ao despedir-se de um velho amigo, que lhe fez lembrar aquella velha amiga.

Era em 1890. Evaristo voltára da Europa dias antes, após dezotto annos de ausencia. Tinha salido do Rio de Janeiro em 1874, e contra demora-se até 1874 ou 1875, depois de ver algumas cidades celebres ou curiosas; mas, o viajante pôe e Paris dispõe. Uma vez entrado n'aquelle mundo, em 1873, Evaristo deixou-se ir ficandolhe a alma de tristes delirios, e não se viu mais.

—Meu caro senhor, disse ao reporter, acho melhor ir eu mesmo buscar-las.

Não tendo partido, nem opiniões nem parentes proximos, nem interesses (todos os seus haveres estavam na Europa), mal se explica a resolução subita de Evaristo pela simples curiosidade, e comtudo não houve outro motivo. Quiz ver o novo aspecto das cousas. Indagou do data de uma primeira representação no Odéon, comedia de um amigo, calculou que sabido no primeiro paquete e voltando tres paquetes depois, chegaria a tempo de comprar bilhetes e entrar no theatro; fez as malas, correu a Bordéas e embarcou.

Que será feito de Marianna? repetia agora, descendo a rua da Assembléa. Talvez moria... Se ainda viver, deve estar outra; ha de andar pelos seus quarenta e cinco... ups! quarenta e oito; era mais moça que em uns cinco annos. Quarenta e oito... Bela mulher, grande mulher! bellos e grandes amores!

Teve desejo de vê-la. Indagou discretamente, sobre que vivia e morava na mesma casa em que a deixou, rua do Engenho Velho; mas não apparecia desde alguns mezes; por causa do marido, que estava á morte.

—Ella tambem deve estar escanga-

Fonte: A Alvorada, 1895, n. 01, p. 03.

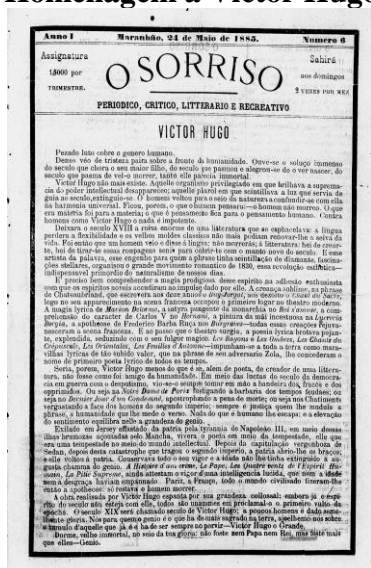
Geometria e Trigonometria Plana; Segunda parte de Álgebra, Cálculo e Mecânica; Navegação Trigonométrica esférica e observações astronômicas; e Calculo Mercantil e escrituração por partidas dobradas. (CASTRO, 2015)

⁵¹ O Regulamento do Liceu Maranhense de 1893 (p. 45) estipula o ensino das seguintes cadeiras: Língua Portuguesa; Língua Latina; Língua Grega; Língua Francesa; Língua Inglesa; Língua Alemã; Literatura Portuguesa e Brasileira; Aritmética e Álgebra; Geometria e Trigonometria; Elementos de cálculo diferencial e integral, geometria analítica e mecânica racional; Física e Meteorologia; Química e Mineralogia; Geografia; História Universal; História do Brasil; Biologia; Botânica, Zoologia e Geologia; Sociologia; Desenho; Musica; Ginastica.

Adendo aos poemas que, na maioria das vezes, eram endereçados a alguém, mas deveria se manter a discrição assinando com um pseudônimo ou apenas as iniciais, talvez porque alguns se tratavam de declarações tímidas de afeto ou porque eram juras de amor eterno: para um pai, um irmão, um colega de classe ou, em sua grande maioria e o que justificaria os comedimentos, para a pessoa amada. Por outro lado, acompanhando as vogas importadas da França que ajudavam na venda de impressos, os jornais estudantis também se utilizaram do folhetim de pé de página para aumentar a sua circulação. Sobre essas produções, diferentemente das poesias, elas sempre vinham assinadas, e se sua publicação nos jornais estudantis tratava-se de uma reprodução ou adaptação, esses detalhes também eram assinalados. Cabe destacar ainda que foi a partir da indicação de responsabilidades presentes nesses escritos que conseguimos verificar a presença dos trabalhos de Coelho Neto e Machado de Assis na imprensa estudantil maranhense.

Entre a ideia de reestabelecimento da *Atenas Brasileira* e uma atividade literária de forte influência francesa, isto é da relação entre o Maranhão e a França, homenagens foram rendidas e/ou longos artigos foram escritos sobre os maiores autores de cada uma dessas localidades no século XIX. Nesse cenário Gonçalves Dias (1823-1864) e Victor Hugo (1802-188), principais representantes do Romantismo dos dois lados do Atlântico, figuraram frequentemente entre as páginas dos jornalsinhos em forma de culto especial às suas realizações nos campos das letras, a partir de diversos poemas, artigos literários e, até, edições especiais que foram publicadas em clamor a tão respeitáveis autores, exemplos a serem seguidos pelos jovens literários. (Figura 55 e 56).

Figura 55– Edição Especial em Homenagem a Victor Hugo



Fonte: O Sorriso, 1885, n. 06, p. 01.

Figura 56– Edição Especial em Homenagem a Gonçalves Dias



Fonte: A Alvorada, 1895, n. 09, p. 01.

Por outro lado, para o Conto nos jornalsinhos foi reservada a possibilidade dos alunos trabalharem livremente, já para a Crônica esta fez o seu papel de artigo desprezioso (MARTINS, 2015) e os artigos críticos, como o próprio nome supõe, relataram e criticaram tudo quanto se passava no Brasil e no Mundo, no Maranhão e em São Luís, na Praça do Largo do Carmo e no Liceu Maranhense. Sobre essas duas formas de se colocar na imprensa, a partir da Crônica e do Artigo crítico, é que pontuamos que para a reconstrução da *Atenas Brasileira*, a partir dos jornais, nem o público leitor e nem os alunos poderiam viver somente de literatura, era preciso dar espaço, mesmo que pequeno, a realidade da sociedade, seus problemas e conflitos. Da relação próxima com o campo da educação, uma vez que falavam do seu interior, homenagens foram rendidas aos amigos de classe e aos bravos mestres que os guiavam pelo mundo da instrução, bem como críticas de todas as formas foram estampadas sobre condições inapropriadas de ensino-aprendizagem no Maranhão, especialmente aquelas referentes ao Liceu.

Do alto desse terreno era inevitável que os jornalsinhos caíssem no charco da política, criticando o sistema monárquico que ainda sufocava o Brasil e ansiando pelos ventos da revolução, do progresso e da liberdade: a República.

O BRASIL DO FUTURO

[...]

Não é isto um sonho, nem uma animação patriótica, que me possa desviar, é uma realidade, da qual todo brasileiro deve compenetrar-se, e com a qual deve animar-se e seguir para diante, guiado sempre por uma estrela esperançosa.

O Brasil e o futuro quer dizer: - o Brasil e a **revolução**, o Brasil e o **progresso** enfim.

Nós seremos os soldados que têm de lidar no seio dessa revolução já encetada; **preparemos, pois as nossas armas - a pena - e recomendamos-nos ao nosso anjo - a liberdade -**. (A MOCIDADE, 1875, n. 03, p. 03. **Grifo nosso**).

Futuro. Revolução. Progresso. Era isso que os jovens que comandavam a imprensa estudantil maranhense esperavam ao levantar sua pena para escrever sobre o ambiente político do Brasil. A pena aqui é só uma metáfora já que a sua arma na realidade eram os jornais estudantis que, em parte, eram adeptos a uma imprensa propagandística dos ideais republicanos em plena Monarquia. Aplaudidos por alguns e contrariando tantos outros, através dos jornalsinhos a comunidade discente mostrou o seu descontentamento com o Império Brasileiro e ansiava com todas às suas forças o advento da República.

Tal propensão não é fruto de uma rebeldia ou insurgência juvenil, mas sim reflexo de todo um movimento nacional que se desenvolveu no último quartel do século XIX, onde a imprensa fora utilizada como veículo questionador do sistema monárquico que tinha D. Pedro

II (1825-1891) como figura central. As crises entre a igreja e o Estado, e o descontentamento do militares com a corrupção existente na Corte ajudaram a endossar o surgimento de diversos periódicos a serviço da propaganda e da causa republicana que, no ano marco de 1870, culminou na criação do jornal **A República**, fundação do *Partido Republicano* e o lançamento do *Manifesto Republicano*. (MARTINS, 2015).

É significativo, portanto, que na História da Imprensa do Brasil o ano de 1870 seja marcado pelo apogeu do jornalismo republicano, ao mesmo tempo em que no Maranhão fora criado o primeiro jornal organizado por sua comunidade discente. Dessa forma, embora a propaganda republicana não estivesse entre os principais objetivos das publicações estudantis ela se fez presente entre suas páginas, ora a partir de pequenos comentários mordazes sobre a Família Real e ora a partir de críticas extensas a ineficiência do Império Brasileiro, principalmente, quanto ao campo educacional.

Entretanto, é necessário ressaltar que o republicanismo não tinha maior expressão em nossa província, em que pese a circunstancia de ter sido nosso maior apóstolo do Positivismo no Brasil, Teixeira Mendes; contar-se-iam a dedo os republicanos de alguma influência – Enes de Sousa, Tasso Fragoso, Paula Duarte, e uns poucos mais, muito poucos. (MEIRELES, 2001, p. 268.)

Entre esses muito poucos maranhenses defensores da república, estavam os liceístas e seus jornalsinhos que desde o se o seu primeiro exemplar, n’**O Estudante** (1870), conclamavam:

Mocidade! É preciso trabalhar!

É preciso trabalhar e trabalhar bastante; afrontar com sangue frio todas as calamidades da vida, arrostar impassíveis a torrente de sacrifícios que nos pretender tolher os passos, **para, quando qualquer um de nós, já cômico do que é a vida do homem, tiver galgado um dos primeiros e mais eminentes cargos do Estado, saber ditar leis a um povo livre, - livre, em toda a extensão desta palavra por natureza.** (O ESTUDANTE, 1870, n.02, p. 01. **Grifo nosso**).

A liberdade ansiada pelos estudantes estava baseada na mesma liberdade galgada com a guerra da independência dos Estados Unidos (1775- 1783) e da Revolução Francesa (1789-1799), isto é, com estabelecimento da república, já que o Brasil vivia sob o poder moderador do Imperador Dom Pedro II em monarquia constitucional. Tal sistema, em certa medida, era considerado representativo uma vez que ele permitia eleições para o Legislativo, embora o Executivo não fosse condicionado aos desejos do “povo”. Cabe destacar que o povo nesse contexto não faz referência a todos os setores da população já que o ideário liberal do século XIX, no qual se enquadrava a monarquia brasileira, procurava ampliar a participação popular, porém somente para alguns segmentos da elite econômica e grupos sociais menos

abastados, mas que possuíam rendimentos, excluindo desse processo os jovens, negros escravizados, mulheres, homens livres pobres e analfabetos. (DOLHNIKOFF, 2017)

Assim, além de se constituir como veículo de aprendizagem para o trabalho litero-jornalístico do alunado e de manutenção da *Atenas Brasileira*, a imprensa estudantil também fora utilizado como palco de formação política de jovens que, depois de completado seus estudos, almejaram ocupar as mais eminentes posições da vida pública e, por isso, reivindicavam maior representatividade política e liberdade. Os artigos antimonárquicos da imprensa estudantil, em parte, tomavam os acontecimentos que levaram a ruptura do absolutismo na França e nos Estados Unidos como espelho a ser seguido pelo Brasil que, meio aos outros exemplos da Europa e de vizinhos do próprio continente Americano que tomaram essas experiências como gérmen da sua própria revolução, estava “[...] escuta[ando] interessado essas vozes que atravessa[va]m o oceano tão rápidas como um raio” (A MOCIDADE, 1875, n. 03, p. 03). Tal argumentação era sempre acompanhado de uma longa explanação sobre os louros da liberdade e seus benefícios para a sociedade brasileira, evocando que

Não [...] [seria] debaixo d’uma forma de governo [monárquico] [...], que se há de seguir os impulsos do progresso! É preciso que quebre os laços que nos prendem ainda ao trono imperial, lançando-o por terra, afim de, desimpedidos, obedecermos à voz do século, que nos dá por divisa – a instrução e a democracia pura! (REVISTA JUVENIL, 1876, n. 01, p. 01.)

No seu espectro político, a imprensa estudantil parece seguir de maneira bastante obediente a cartilha do movimento republicano brasileiro de fins do século XIX, não só pelo seu aspecto cronológico de emersão de suas atividades, que se iniciaram em 1870, ou pelo uso dos mesmos veículos para suas reivindicações, os jornais e clubes, mas também no tratamento de questões fundamentais na defesa da república. Assim como os veículos republicanos espalhados por todo o país, embora com menor intensidade, os jornalsinhos também se evadiram ou não quiseram tomar uma posição clara sobre a abolição, discutiram sobre as estratégias de como acabar com a monarquia e exaltaram a experiência revolucionária dos Estados Unidos (1775- 1783), contra a Inglaterra, como modelo a ser seguido dado os avanços angariados pela nação no seu pós-independência, pois para os estudantes

Já alguém disse que a América esta destinada a representar um grande papel no mundo, e não foi sem razão que disse isso.

O Brasil, por muitas causas que fora inútil enumerar, **há de um dia vir colocar-se ao lado dos Estados Unidos – na vanguarda das nações – tão glorioso como ele e tão grande,** para que o seu nome seja pronunciado com admiração pelos europeus, não olhando pelo lado somente das suas riquezas naturais, mas **pela força e**

entusiasmo com que são ai recebidas as grandes revoluções regeneradoras. (A MOCIDADE, 1874, n. 03, p. 03. **Grifo nosso**).

O culto a essa república modelo ainda passou por seu campo educacional onde, segundo o alunado maranhense, “[...] o desenvolvimento físico é[ra] sempre acompanhado do intelectual.” (A MOCIDADE, 1875, n. 1, p. 01) desde a mais tenra idade, o que fez com que os estudantes admitissem que diante de um “[...] quadro tão belo da instrução nos Estados Unidos, lançamos com tristeza os nossos olhares sobre o nosso estado de civilização, e com pesar o dizemos, vemo-nos forçados a reconhecer que ainda estamos distantes de chegar a um ponto tão brilhante.” (A MOCIDADE, 1875, n. 1, p. 02), pois

[...] o Brasil – esse gigante da América preparado para ser um grande país – rival dos Estados Unidos, conserva-se indiferente, sem saber seguir [...] a marcha evolucionista das grandes nações. Entre nós a instrução é demasiadamente descuidada. A maioria do povo é ignorante [...]. O governo – longe de procurar a manutenção do progresso, só deseja a estabilidade do erro. É a treva em luta contra a luz; a ignorância com a civilização; o erro com a verdade. O governo – longe de espalhar conhecimentos bons, sadios – entrega-se a um *modus vivendi* ridículo! Só trata de política, de coisas banais, pueris. (O SORRISO, 1885, n. 02, p. 03).

O atraso educacional da sociedade brasileira era atribuído a uma herança portuguesa e só seria aniquilado com a queda da monarquia. Sobre essa última característica da influência do movimento republicano nas produções políticas da imprensa estudantil, os textos, ainda davam a entender

[...]que a república era a vocação natural dos países americanos: “Somos da América e queremos ser americanos”. A monarquia, nessa perspectiva, seria característica da Europa e o Brasil acabara se isolando do resto do continente ao ser o único país a adotá-la. Essa era outra novidade trazida pelos republicanos, a valorização do pertencimento à América. (DOLHNIKOFF, 2017, p. 162-163).

Com as devidas adaptações às suas limitadas forças, na condição de jovens estudantes e jornalistas, frente a um público conservador, os jornalsinhos dissertaram sobre o seu descontentamento com o sistema e anseio pela liberdade da república. Nesse cenário, não raramente, eles receberam críticas sobre as suas observações políticas, que foram devidamente republicadas nos impressos estudantis já que, como explicitavam os alunos, “[...] não podemos tolher a ninguém o direito de toda e qualquer crítica uma vez de ser o nosso programa, não nos furtamos à publicação [...], que [...] nada tem de inconveniente.” (A MOCIDADE, 1875, n. 04, p. 02-03), mas sempre deixando claro o apoio as ideias de seus colaboradores veiculadas nos impressos.

Nas ocasiões em que o Império estava sob a mira da imprensa estudantil maranhense a partir da crônica cotidiana, comentários críticos e mordazes sobre as principais figuras do poder central, sua majestade e a herdeira do trono, foram feitos pelos alunos. Bastou Dom

Pedro II, em 1876, planejar uma viagem aos Estados Unidos da América e, a caminho de Nova Iorque, decidir fazer uma breve parada em Belém, para *Confucius*, cronista do jornal **A Mocidade** (1875-1876), tecer o seguinte comentário:

[...]

Sabes que mais? **O nosso monarca**, já aborrecido de presenciar na sua corte tanta coisa ruim, e tantas brilhanturas do seu governo, **pediu 18 meses de licença para ir destruir, digo, distrair as ideias na América e outras partes mais, mesmo do Brasil, começando pelo Pará**, onde quer ele mesmo com os seus olhos ver a grande quantidade de borracha, cacau e etc.

Mas porque não chega S. M. até a nossa Atenas, para ter ocasião de admirar tantas coisas dignas de atenção, ou ao menos para visitar alguns dos nossos prédios mais importantes! (A MOCIDADE, 1875, n. 08, p. 04. **Grifo nosso**).

Esta não seria a primeira vez que o monarca, muito afeito a cultura e aos idiomas, se retiraria do solo brasileiro, nem que sua ausência seria motivo de julgamento. Em maio de 1871, meio a críticas de que sua viagem era importuna, Dom Pedro II decidiu partir para Europa deixando o Brasil em uma situação grave: nas mãos da inexperiente princesa Isabel, no fervor da associação do problema da mão-de-obra escrava ao sistema monárquico, e do surgimento de jornais abolicionistas. (SCHWARCZ, 1998; MARCELINO, 2021). O histórico do imperador viajante, portanto, não era dos melhores, no entanto o cronista dá a “[...] Palavra, que se ele cá viesse iria oferecer-[se] para ser seu guia, tendo assim ocasião de dizer a verdade sobre muitas coisas de que desejava falar.” (A MOCIDADE, 1875, n. 08, p. 04). De ai em diante *Confucius* começa a planejar um roteiro que incluiria, em suas palavras, a velha catedral de São Luís, a saleta ridícula que se chamava de Assembléia onde “[...] só a quarta parte dos que se reúnem é que sabem dizer alguma coisa, mas o resto, Senhor, não está na altura de dissentir sobre os interesses da província.” (A MOCIDADE, 1875, n. 08, p. 04) e, em seguida, o levaria ao Liceu Maranhense, onde ele “[...] veria coisas interessantes: cada quatro paredes que formam salões onde funcionam as aulas, não sei com que haveria ele de comparar. Talvez sejam mais limpas ou decentes as cocheiras⁵² dos seus baurus na Tijuca.” (A MOCIDADE, 1875, n. 08, p. 04).

[...]

E sabe V. M. de outra coisa? **uma casa ainda mesmo nestas condições não teria a província, para o Liceu, se não fosse a generosidade de um frade**, que a ofereceu ao governo; é verdade que em compensação a esta generosidade, o bom do frade maltrata os ouvidos dos lentes e estudantes, todas as vezes que tem de mandar rachar lenha e serrar madeiras dentro do seu quintal, que, como vê V. M., fica imediato às aulas: faz assim um barulho tão grande, que muitas vezes não se ouvem as

⁵² Alojamento de cavalos ou local utilizado para armazenar carruagens.

explicações dos lentes. **Fique V. M. certo de que os rios de dinheiro só chegam para a sua corte, lá é que se pode gastar duzentos contos de réis com um palácio de papelão.** (A MOCIDADE, 1875, n. 08, p. 04).

No roteiro oferecido ao Imperador fica evidente não só o estado de abandono em que se encontrava a *Atenas Brasileira*, mas também a insatisfação desse grupo social maranhense com a monarquia, pois os jovens além de não contar com a vida cultural e literária de outrora, viviam meio ao abandono dos prédios públicos e da classe política. A campanha de rejeição dos estudantes ao sistema político que estavam inseridos ainda ia se desdobrar em críticas sobre o *carolismo* da Princesa Isabel, a herdeira do trono, e tantos atrasos enfrentados pela sociedade no Brasil Império, principalmente no âmbito da educação e cultura.

Imagina-se, colocado na cúpula da organização sócia, e com a ação que os partidos políticos lhe tem consentido entre nós, dispondo do perigosíssimo poder moderador, nomeando livremente ministros; perdoando e anistiando livremente o crime, dissolvendo livremente a câmara dos deputados, escolhendo livremente os senadores, nomeando livremente os magistrados, dispondo livremente das graças, e livremente abrindo os cofres públicos em favor dos amigos e afeiçoados, como temos visto praticado e sem nenhum sério embaraço; - imagine-se todo esse poder entregue a um ente desvairado pela superstição e fanático; que despreza a razão que não raciocina; que não se aperta de todos os meios ordinários que o bom senso sugere para firmar o juízo, - e se chegará a compreender as desgraças a que ficará exposta a nação. (REVISTA JUVENIL, 1876, n.03, p. 01-02).

O anseio pela república fora tanto, que “A estrondosa e surpreendente vaia com que os estudantes do Liceu Maranhense receberam o Conde d’Eu, ilustre Príncipe Consorte da Herdeira do trono [...]” (VIVEIROS, 1992, p. 130), que estava em viagem por São Luís para divulgar o Terceiro Reinado entre julho e agosto de 1889, figura na História do Maranhão como uma das raríssimas manifestações do republicanismo na província, ilustrando muito bem a relação entre os alunos e o sistema monárquico, ao receberem no Largo do Carmo um representante da coroa “[...] com repetidas morras a Monarquia e vivas á República.” (MEIRELES, 2001, p. 268).

Quando a República finalmente é proclamada, em 1889, os pequenos avanços galgados em âmbito social são apresentados, as datas cívicas são festejadas e os votos de que o sistema progrida são evidentes. Para a imprensa estudantil, a educação ia se desenvolvendo como reflexo da “[...] reforma eleitoral, a abertura de aulas noturnas e o aumento de escolas públicas” (O ENSAIO, 1890, n.01, p. 04), além de discussões sobre o direito ao voto para as mulheres, do divórcio, territoriais e diplomáticas que pautaram as produções com algum lastro político nos jornalsinhos durante o período republicano, porém com menos intensidade do que se verificou no império. Sob o espectro político, o alunado maranhense deu mais ênfase durante a República à exaltação das datas comemorativas e cívicas (Quadro 07) que marcaram

o Maranhão, o Brasil e o Mundo, a partir de longos artigos que apontavam o contexto histórico e o impacto desses acontecimentos para a sociedade. (CASTRO; CABRAL; CASTELLANOS, 2019).

Quadro 07 – Datas celebradas pela imprensa estudantil maranhense

Data	Comemoração
15 de novembro de 1889	Proclamação da República no Brasil
12 de outubro de 1492	Descobrimto da América
07 de setembro de 1822	Independência do Brasil
18 de novembro de 1889	Adesão do Maranhão ao Regime Republicano
24 de fevereiro de 1891	Promulgação da Constituição da Republica Federativa do Brasil

Fonte: Cabral, 2022.

Na virada do século, em 1900, muitos dos percursos da imprensa estudantil já tinham se formado no curso do Liceu, se bacharelaram em alguma faculdade do Brasil ou do exterior, e retornaram para a *Atenas Brasileira* com a mesmíssima missão de quando ainda eram jovens e, mais atrás, dos atenienses fundadores:

Influir no meio e por seu desenvolvimento, constituindo uma respeitável **intelligentia** regional que, sem descurar das atividades literárias, atua[ria] nos diversos setores da vida dos maranhenses, desempenhando relevantes ação nas casa legislativas, no jornalismo político, em postos da administração pública e em atividades empresariais ligadas à agricultura, à indústria e ao comércio. (MORAES, 1876, p. 50).

Assim, mesmo admitindo que “Pequenos e bem obscuros são seus redatores e, portanto obscuro e bem pequeno será ele.” (O PORVIR, 1895, n. 01, p.01), o movimento dos jornalsinhos no século XIX demonstra o contrário, dado a riqueza e complexidade de seu trabalho litero-tipográfico. É verdade que os estudantes levaram a parte da obscuridade muito a sério, ao dificilmente indicar a responsabilidade pelas publicações, uma estratégia para não comprometer o seu futuro na esfera pública dado que um passado de boemia literária era visto com maus olhos pelo espectro político. No entanto, terminada a nossa incursão sobre a imprensa estudantil publicada no Maranhão oitocentista podemos assinalar, a partir de alguns raros nomes inscritos nos impressos pelo fortúnio da pesquisa, que as folhas discentes foram o primeiro palco de respeitáveis homens das letras como: **Teófilo Odorico Dias de Mesquita**, o poeta, advogado, jornalista e político brasileiro, patrono da Academia Brasileira de Letras e um dos representantes do movimento parnasiano; **Benedito Pereira Leite**, advogado, eleito deputado federal, senador e governador do Maranhão; **Manuel Álvaro de Souza Sá Viana**, Advogado, funcionário público, delegado de polícia, juiz, professor, membro do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros; e os fundadores da Academia Maranhense de Letras: **Antonio Batista Barbosa de Godois**, escritor poeta e professor, e **Antonio Lobo**, jornalista,

polemista, romancista, poeta, professor, crítico, ensaísta; sendo então esses impressos responsáveis por formar uma plêiade de intelectuais que ocuparam lugar de destaque em diversos segmentos da sociedade maranhense no alvorecer do século XX.

5 CONCLUSÃO

Um par de periódicos, de tentativas malogradas de criação de pequenos jornais de literatura fugitiva, circulação fugaz, efêmera e existência insignificante. Foi dessa maneira que os impressos estudantis publicados no Maranhão em fins do século XIX ficaram registrados nos anais da História, no entanto, a partir desta incursão interpretativa sobre os processos comunicacionais estabelecidos pelo alunado maranhense no oitocentos, o *um par de periódicos* se traduziu em quase duas dúzias de jornais e as *tentativas malogradas* em uma teia complexa de relações dos estudantes com diversos atores da sociedade, no intuito de desenvolver o campo das letras de sua terra natal.

No rastro dessa inicial parêntese de periódicos, descobrimos que os impressos estudantis foram reconhecidos como *Jornalsinhos* e toda sua trajetória acompanhada pelos olhos atentos do **Diário do Maranhão** (1855-1919), **O Paiz** (1863-1886) e **Pacotilha** (1880-1939), representantes da grande imprensa maranhense do século XIX e exímias enciclopédias cotidianas do Maranhão oitocentista. Desta maneira, os periódicos organizados pelos estudantes começam a circular nas ruas, praças, casas e escolas de São Luís a partir de 1870 e, pelo menos, 22 tentativas de inserção da comunidade discente no campo da imprensa são registradas até a virada do século.

O Estudante (1870), **A Mocidade** (1875), **Revista Juvenil** (1876), **O Progresso** (1878), **A Escola** (1878), **O Sorriso** (1885), **O Repolho** (1885), **O Porvir** (1885), **O Estudante** (1885), **A Liberdade** (1886), **O Estudante** (1887), **O Século** (1889), **O Ensaio** (1890), **A Eschola** (1891), **O Athenas** (1893), **O Porvir** (1895), **A Alvorada** (1895), **O Estudante** (1895), **O Ideal** (1898), **O Philomatico** (1898), **A Actualidade** (1900) e **O Athleta** (1900), são esses os títulos dos jornais organizados por estudantes e que circularam no Maranhão entre 1870 e 1900.

Infelizmente, somente 12 desses jornalsinhos conseguiram sobreviver aos obstáculos de tempo e espaço, comumente enfrentados pelas fontes históricas, e puderam ser encontrados e recuperados nos lugares de memória. De posse dessas materialidades, suas páginas passaram por uma dissecação minuciosa, no intuito de apontar as condições de produção e circulação desses periódicos. Os jornais estudantis, portanto, foram materializados em folhas em oitavo, semelhante ao papel almaço, com quatro páginas divididas por duas ou três colunas, e sem o uso de recursos tipográficos mais sofisticados, sua periodicidade era imprecisa e seus assinantes nem sempre cumpriam com o combinado. A apresentação modesta, longe de

indicar desleixo por parte de seus produtores, nos revelou as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em conciliar a atividade tipográfica com as obrigações escolares.

Sobre esses *títulos efêmeros*, outra característica dada aos impressos organizados pela comunidade discente em não mais de um capítulo ou três páginas da História da Imprensa e dos Intelectuais do Maranhão até produção deste trabalho, embora sua periodicidade fosse mesmo irregular e a maioria dos empreendimentos não passasse do primeiro ano de vida, os esforços para produzir e se fazer circular um jornal estudantil era demasiado complexo. Ao centrarmos nossa análise nas diferentes práticas que permearam a produção e circulação dos periódicos, o universo da imprensa estudantil se tornou ainda mais fértil, uma vez que os jornalsinhos não são um produto exclusivo da comunidade discente mas sim um resultado do exemplo dos mestres, colaboração de intelectuais, influência da escola e promoção da imprensa.

A imprensa estudantil maranhense que circulou no oitocentos, portanto, tem como principal produtor os estudantes secundaristas do Liceu Maranhense, esses sujeitos ao longo de 30 anos utilizaram-se de diferentes estratégias para ter acesso e relevância no campo da imprensa e das letras, construindo uma rede solidariedades que, primariamente, envolvia: os professores como os mestres guias sobre difícil ofício litero-tipográfico, o apoio moral e material, com produções, dos intelectuais para dar credibilidade e abrilhantar suas páginas; o Liceu, como seu espaço de redação mais íntimo que influíra não só nos assuntos e temas abordados nos jornalsinhos, mas também por se constituir em um espaço de sociabilidade, onde os alunos tiveram acesso tanto aos mestre quanto aos intelectuais; por fim, o campo da imprensa, principal agente publicitário dos impressos estudantis em nível local, regional e nacional, responsável pela representação social, a partir da publicização dos periódicos, e material, no papel das tipografias.

O envolvimento de todos esses atores e instituições na produção social dos periódicos estudantis não seu deu somente pelo *acolhimento benévolo*, exaustivamente requerido pelos alunos, mas sim a partir de um jogo de trocas simbólicas que tinha o jornal estudantil como vitrine para intelectuais e instituições, tanto para aqueles que estavam em formação quanto para quem já haviam alcançado o estrelato. Depois do passeio pelas condições materiais e sociais de criação e manutenção dos jornais estudantis que circularam no Maranhão oitocentista, a nossa investigação acabou por desembocar nos discursos proferidos pelos estudantes a procura dos dispositivos sociais, conceituais e psíquicos que orientaram a sua atividade na imprensa.

A vida do estudante maranhense de fins do século XIX, que se lançara a tribuna da imprensa, era norteada por *ânimos juvenis e tradição literária*. A partir do referencial simbólico da *Atenas Brasileira*, forjado no início do oitocentos e dava conta de certa superioridade e inclinação natural dos nascidos no Maranhão para o mundo das letras, os estudantes foram levados a criar seus jornais em uma tentativa de reaver os seus dias de glória, uma vez que a *Atenas* encontrava-se em estado deplorável, devido a morte e/ou partida de seus maiores escritores. Com as devidas adaptações para reparar o marasmo literário, a partir da publicação de periódicos módicos e a fundação de grêmios e sociedades estudantis; muito diferente dos livros publicados e estabelecimentos de educação e cultura criados pelos *atenienses fundadores*; os alunos trataram de apresentar os produtos de sua atividade mental que era essencialmente literária, retrato do tipo de educação que recebiam nos bancos do Liceu Maranhense. A Poesia, o Soneto, o Conto, a Crônica..., todos os gêneros literários figuravam em suas páginas em um claro manifesto de sua educação e saber frente a uma sociedade, em sua maioria, analfabeta. Nas linhas desses enunciados, nos gêneros em que era possível se expressar sobre a realidade concreta, os estudantes trataram de seguir a voga da imprensa propagandística republicana, rejeitando o sistema imperial brasileiro e ansiando pelos ventos da república. Quando a república chegou, 1889, a maioria dos organizadores da imprensa estudantil já haviam se formado no Liceu, cursado o ensino superior, e voltado para sua terra natal a fim de assumir os postos mais importantes, do campo político, educacional e cultural, que o Estado do Maranhão poderia oferecer.

Chegamos ao final desta incursão com a certeza de que ainda há muito por fazer pela História da Imprensa Estudantil no Brasil e, especialmente, no Maranhão. É preciso identificar, construir e tornar acessíveis acervos, readaptar e/ou produzir teorias e metodologias que deem conta da riqueza e complexidade dessas materialidades que curso da História, até aqui, tratou de reduzi-las a *Um par de periódicos e Tentativas malogradas*.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Giana Lange do. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. *Revista História Da Educação*, Pelotas, vol. 06, n. 11, p. 117–130, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- AQUINO, Mary Jones Ferreira de Moura. **Organização e imprensa estudantil no Colégio de São Luiz e Liceu Maranhense**: processo de formação de uma elite letrada (1948-1958). 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- ARAÚJO, Johny Santana de. A imprensa no Maranhão na segunda metade do século XIX: Estado imperial, jornais e a divulgação da guerra do Paraguai para um público leitor. **Dimensões**, Espírito Santo, vol. 33, p. 360-383, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/>. Acesso em: 10 maio 2022.
- BARBOSA, Marinalva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Marinalva. Por uma História Cultural da Comunicação. **Revista Brasileira de História da Mídia**, Paraná, v.4, n.1, p. 105-109, jan./ jun. 2015. Disponível em: <https://www.unicentro.br/rbhm>. Acesso em: 16. mar. 2022.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992) In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 47-76.
- BDLM. **Biblioteca Digital de Literatura Maranhense**. Busca Autor. Disponível em: <https://www.literaturamaranhense.ufsc.br>. Acesso em: 16 set. 2022.
- BNDigital Brasil. **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Periódicos. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 04 set. 2021.
- BORGES, Almicéia Larissa Diniz. **O livro e a leitura na imprensa maranhense de educação e ensino**. 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.
- BORRALHO, Antonio Henrique de Paula. **A Athenas Equinocial**: a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro. 2009. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2009.
- BOURDIEU, P. A estrutura invisível e seus efeitos. In: _____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 55-93.
- CASTRO, César Augusto Castro (Org.). **Leis e regulamentos da instrução pública no Maranhão Império**: 1835-1889. São Luís: EDUFMA, 2009.
- CASTRO, César Augusto; CABRAL, Mayra Cristhine dos Santos; CASTELLANOS, Samuel Luiz Velázquez. A imprensa estudantil liceísta no Maranhão (1889-1900). **Revista Brasileira**

De História Da Educação, Maringá, v.19, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/>. Acesso em: 03 fev. 2022.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 4.

COSTA, Márcia Cordeiro. **Em cena, o movimento estudantil acadêmico no Maranhão: 1930-1950**. 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2009.

DOLHNIKOFF, Miriam. **História do Brasil Império**. São Paulo: Contexto, 2017.

FURTADO, Luciana Nathalia Moraes. **A imprensa estudantil liceísta maranhense na primeira República (1907-1930)**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

GUINCHAT, Claire; MENOU, Michel. **Introdução geral as ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1994.

JORGE, Sebastião. **A Imprensa do Maranhão no Século XIX**. São Luís: Lthograf, 2008.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão de corpo e alma**. São Luís: Edição da autora, 2020. [recurso digital]. Disponível em: <https://saoluiscorpoalma.blogspot.com>. Acesso em: 30 nov. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Carlos. **Caminhos de São Luís** (ruas, logradouros e prédios históricos). São Paulo: Siciliano, 2002. 244 p.

LOBO, Antonio. Os Novos Atenienses: Subsídios para a História Literária do Maranhão. São Luís: Tipografia Teixeira, 1909.

LOPES, Antônio. **História da Imprensa no Maranhão**. Rio de Janeiro: [S.n.], 1959.

LUCÁ, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos impressos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. Cap. 4.

LUZ, Joaquim Vieira da. Gazetas e Periódicos Maranhenses. In: LOPES, Antônio. **História da Imprensa no Maranhão**. Rio de Janeiro: [S.n.], 1959. p. 117-130.

MARCELINO, Jorge Henrique. Dom Pedro II nos Estados Unidos: impressões do roteiro de um monarca viajante (1876). **Epigrafe**, São Paulo, v.10, n.1, p. 247-272, 2021.

MARCHETTI, D. El análisis sociológico de la producción de información mediática, **Comunicación y Medios**, Chile, n. 18, p. 19-29, 2008.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão**. Maranhão: Typographia do Frias, 1870. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221726>. Acesso em: 03 de nov. de 2022.

MARTINS, Manoel Barros. Operários da Saudade: os novos atenienses e a invenção do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2006. 240 p.

MARTINS, Ana Luiza Martins. Imprensa em tempos de Império. In: ____ ; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 2.

MATOS, Fábio Belo Matos. Jornal Pacotilha: uma voz pela modernidade fin-de-siècle em São Luís, São Luís, **Outros Tempos**, vol. 18, n. 32, p. 398-407, 2021. Disponível em: <https://outrostempos.uema.br/>. Acesso: 03 fev. 2022.

MEIRELES, Mário. **História do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense**. São Luís: SIOGE, 1976.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 1.

MUNARO, Luís Francisco. Rios e jornais: a dispersão da palavra impressa no interior do Amazonas. In: ____ (Org.) **Rios de palavras: a imprensa nas periferias da Amazônia (1821-1921)**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017. Cap. 1.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, Jose Gonçalves. **Pesquisa em História da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Dp&A, 2005. p. 17- 62.

NÓVOA, António. **A imprensa de educação e ensino: repertório analítico (séculos XIX - XX)**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1900)**. Manaus: Edua, 2015.

REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1893.

REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1895.

RESENDE, Rafael Serra de. Da Ágora ao Pantheon: intelectuais de “Atenas” e a literatura romântica no Maranhão. **Outros Tempos**. v. 4, n. 4, p. 70-91, 2007. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/>. Acesso em: 15 out. 2021.

RIBEIRO, Vania Mondego. **A Implantação do Ensino Secundário Maranhense: Liceu Maranhense**. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2006.

SANTOS, Jarina Serra. **A Representatividade dos Livros de Leitura de Autores Maranhense no Jornal *O Paiz* (1863-1889)**. 2018. Trabalho de conclusão de Curso – (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Maranhão, 2018. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/>. Acesso: 03 fev. 2022.

SANTOS, Jarina Serra. **Os Livros Escolares de Autores Maranhenses na Imprensa Local (1860-1920)**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, 2022. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br>. Acesso em: 25 set. 2022

SERRA, Joaquim. **Sessenta anos de Jornalismo no Maranhão**. Rio de Janeiro: Faro & Lino, 1883.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SOUZA, Mateus de Araújo. **A Cultura Material na História do *Lyceu Maranhense* por meio d’O Publicador Oficial e Publicador Maranhense (1838-1885)**. 2018. Trabalho de conclusão de Curso – (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Maranhão, 2018. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/>. Acesso: 03 fev. 2022.

SOUZA, Mateus de Araújo. **Cultura Material no Lyceu Maranhense (1838-1889)**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, 2022. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br>. Acesso em: 25 set. 2022

TELLES, Igor Pereira; OLIVEIRA, João Paulo Gama. Entre pleiteantes e julgadores: uma investigação histórica dos Exames Gerais de Preparatórios. **Ponta de Lança: Rev. Eletrônica de História, Memória & Cultura**. v. 1, n.1, p. 121-138, out. 2007. Disponível em: <https://seer.ufs.br>. Acesso em: 20 jul. 2021.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do Comércio do Maranhão**. São Luís: LITHOGRAF, 1992. Cap. 08.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Humor e irreverência nos impressos estudantis de escolas normais rurais (rs, 1945-1983). **Hist. Educ.** (Online), Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 291-317, Maio/ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso: 03 set.. 2022.

FONTES DOCUMENTAIS – JORNAIS

A **ALVORADA** (1895). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

A **ACTUALIDADE** (1900). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

A **ESCOLA** (1878). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

A **ESCHOLA** (1891). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

A MOCIDADE (1875). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

DIÁRIO DO MARANHÃO. (1855-18919). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 26 set. 2021.

O ENSAIO (1890) Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

O ESTUDANTE. (1870). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

O IDEAL (1898).

O PAIZ. (1863-1886). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

O PORVIR (1895). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

PACOTILHA. (1880-1939). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 10 set. 2021.

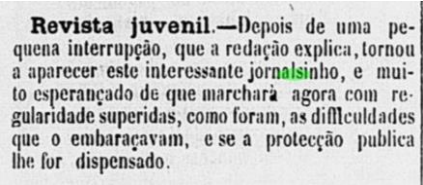
REVISTA JUVENIL (1876). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

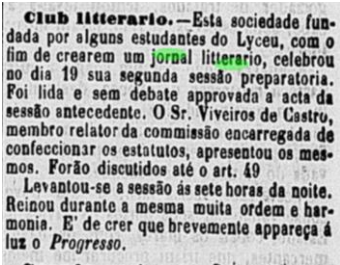
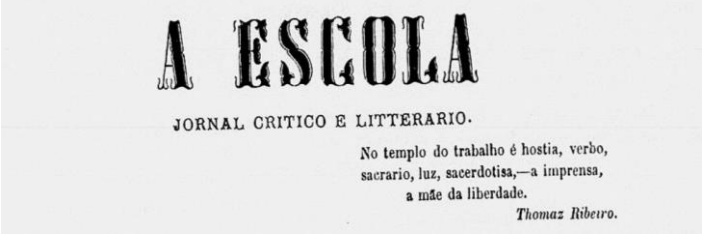
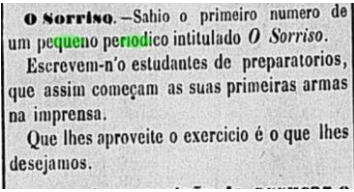

O SÉCULO (1889).

O SORRISO (1885). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Identificação dos impressos estudantis

ORDEM	REFERÊNCIA DE IDENTIFICAÇÃO	FONTE/TERMO DE RESGATE	TÍTULO DO JORNAL	ENUNCIADO
01	Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional	Catálogo	O Estudante	
02	Diário do Maranhão, 1875, n. 598, p. 02.	Moços estudantes	A Mocidade	
03	Diário do Maranhão, 1876, n. 977, p. 03.	Jornalsinho	Revista Juvenil	

04	O Paiz, 1878, n. 114, p. 02.	Jornal Litterario	O Progresso	 <p>Club litterario.—Esta sociedade fundada por alguns estudantes do Lyceu, com o fim de crearem um jornal litterario, celebrou no dia 19 sua segunda sessão preparatoria. Foi lida e sem debate approvada a acta da sessão antecedente. O Sr. Viveiros de Castro, membro relator da commissão encarregada de confeccionar os estatutos, apresentou os mesmos. Forão discutidos até o art. 49. Levantou-se a sessão ás sete horas da noite. Reinou durante a mesma muita ordem e harmonia. E' de crer que brevemente appareça á luz o <i>Progresso</i>.</p>
05	Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional	Catálogo	A Escola	 <p>A ESCOLA JORNAL CRITICO E LITTERARIO. No templo do trabalho é hostia, verbo, sacrario, luz, sacerdotisa,—a imprensa, a mãe da liberdade. Thomaz Ribeiro.</p>
06	O Paiz, 1885, n. 202, p. 02.	Pequeno Periódico	O Sorriso	 <p>O Sorriso.—Sabio o primeiro numero de um pequeno periodico intitulado <i>O Sorriso</i>. Escrevem-n'o estudantes de preparatorios, que assim começam as suas primeiras armas na imprensa. Que lhes aproveite o exercicio é o que lhes desejamos.</p>
07	O Sorriso, 1885, n. 02, p. 03.	Expediente	O Repolho	 <p>EXPEDIENTE o Repolho. Tivemos a satisfação de ver alistar se na arena jornalística mais um batalhador, que, com o pitoresco nome de <i>Repolho</i>, dispõe-se a deffender a causa da emancipação. Consta-nos que são seus redactores distinctos estudantes de preparatorios que, tomando o nosso exemplo, pretendem tornar-se aptos a escrever ao</p>

08	O Paiz, 1885, n. 230, p. 03.	Jornal Litterario	O Porvir	<p>Imprensa.—Recebemos o primeiro numero de um novo periodico «O Porvir», jornal litterario e critico, redigido pelos estudantes do Lyceu. Agradecemos.</p>
09	Diário do Maranhão, 1885, n. 3537, p. 02.	Moços estudantes	O Estudante	<p>O Estudante.—Hoje fomos obsequiados com o 1.º numero de um periodico, assim chamado, e que declara ser distribuido 2 vezes por mez. E' propriedade de uma associação de moços estudantes, que querem dedicar-se ás lides da imprensa. Fazemos votos pela prosperidade do «Estudante» e que preste os serviços que da tentativa dos associados deve esperar a classe a que é principalmente dedicado.</p>
10	Pacotilha, 1886, n. 183, p. 03.	Jornalsinho	A Liberdade	<p>—A Liberdade—o jornalsinho de uns estudantes que applicam-se com dedicação ás letras, veio interessantesinho, bomzinho. PEFF.</p>
11	Pacotilha, 1887, n. 19, p. 03.	Jornalsinho	O Estudante	<p>Foi hontem publicado o primeiro numero d'O Estudante, um jornalsinho sympathico e interessante.</p>
12	Pacotilha, 1893, n. 90, p. 02.	Classe Estudantal	O Athenas	<p>Recebemos o 1.º numero do jornal O Athenas, a que a classe estudantal dedica as suas locubrações litterarias e criticas. Para ensaio já promette muito, pois as producções variadas de que vem recheado dão prova disto. Desejamos-lhe pois, vida prospera e cheia de glorias.</p>

13	Diário do Maranhão, 1895, n. 6611, p. 02.	Mocidade Estudiosa	O Estudante	<p>Foi-nos hoje entregue o 1.º numero do periodico «O Estudante» que traz a data desta cidade de sete do corrente.</p> <p>Será publicado uma vez por mez, e o nome indica a sua origem, isto é, será o seu principal sustentaculo, a mocidade estudiosa, que tanto concorrerá para abrilhantar o futuro da patria. Que prosigam os seus fundadores com firmeza e tirem toda a vantagem são os nossos desejos.</p>
14	Pacotilha, 1898, n. 306, p. 02.	Jornalsinho	O Philomatico	<p>Recbemos o n. 3 do «Philomatico», jornalsinho dos estudantes.</p> <p>Alem do artigo de fundo traz varias poesias, occupando entre ellas o primeiro lugar uma bella producção, denominada—Natal—do sr. conego Leopoldo Damasceno.</p>
15	Pacotilha, 1900, n. 131, p. 02.	Jornalzinho	O Athleta	<p>Tivemos hoje a visiata d'«O Athleta», jornalzinho de propriedade do Gremio Litterario Estudantal e cujo primeiro numero acaba de ser dado á publicidade.</p> <p>No seu artigo programma diz que «vem declarar guerra sem treguas, mas leal, a toda sorte de rotina, material, intellectual ou moral e trabalhará, quanto de suas forças depender, pela conquista ennobrecedora da verdadeira sciencia, da arte immortal.»</p> <p>Prevendo as agruras do caminho que se propõe percorrer, accrescenta:</p> <p>«Verdade é que manejadas por mãos pouco amestradas de meninos e rapazes, talvez nem sempre consigam as armas de que terá de usar,—obter triumpho decisivo; isto mesmo, porém, longe de desanimal-o na peleja, terá a virtude de um incentivo: enche-o de novos brios para as pugnas futuras.»</p> <p>Repleto, como vem, de escriptos litterarios, reveladores da cultura da intelligencia dos seus auctores, quasi todos estudantes do nosso Lyceu, apresenta «O Athleta», no seu 1.º numero leitura variada e interessante.</p> <p>Desejamos-lhe longa vida e prosperidades.</p>

APÊNDICE B – Quadro cronológico de notas sobre a imprensa estudantil

- **A Mocidade (1875)**

A MOCIDADE (1875)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Diário do Maranhão, 03 de agosto de 1875, n. 598, p. 02.	Moços estudantes	<p>A Mocidade—Distribuiu-se no domingo o 1.º numero de um jornalsinho literario que tem o titulo—<i>Mocidade</i>.</p> <p>Escreito por moços estudantes revela o modesto jornal. Desde já, a cultura de seus colaboradores e a justa aspiração que tem de desenvolver o espirito e alargar cada vez mais a esphera de seus conhecimentos.</p> <p>Oxalá que não se afastem do seu programma e que seguindo-o chegue a <i>Mocidade</i> ao estado viril.</p> <p>E' o que lhe desejamos.</p>

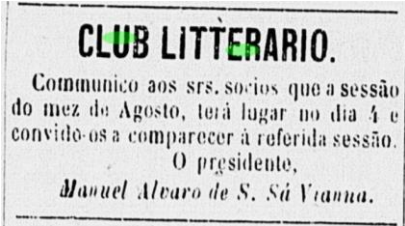
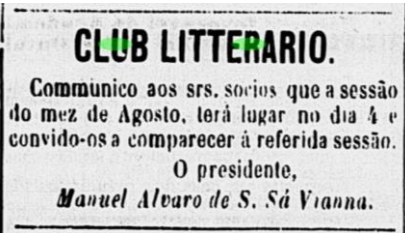
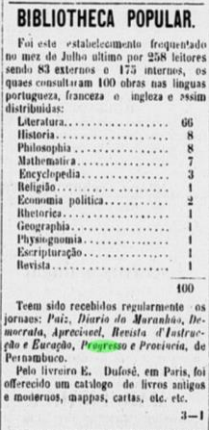
- **Revista Juvenil (1876)**

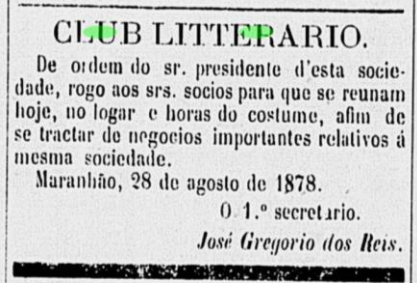
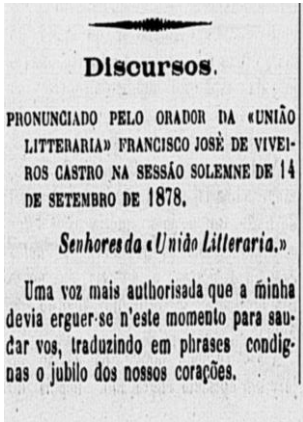
REVISTA JUVENIL (1876)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Diário do Maranhão, 08 de novembro de 1876, n.977, p. 02.	Jornalsinho	Revista juvenil. —Depois de uma pequena interrupção, que a redação explica, tornou a aparecer este interessante jornalsinho, e muito esperançado de que marchará agora com regularidade superidas, como foram, as dificuldades que o embaraçavam, e se a protecção publica lhe for dispensado.
Diário do Maranhão, 14 de janeiro de 1877, n. 1082, p. 02.	Pequeno jornal	Revista Juvenil. —Distribuio-se hontem o n. 7 deste pequeno jornal literario, critico e noticioso, romance por Arnaldo Lima. dias 28, 29 e 30 por serem quarta, quinta e sexta-feira da semana santa.
Diário do Maranhão, 28 de abril de 1877, n. 1120, p. 02.	Pequeno jornal	Revista Juvenil. —Distribue-se hoje o n. 10 deste pequeno Jornal, dedicado á instrucção.

- O Progresso (1878)

O PROGRESSO (1878)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
O Paiz, n. 108, 14 de maio de 1878, p. 02.	Jornal litterario	<p>Ação louvavel.—Diversos estudantes do Lyceu reunirão-se no domingo ás 5 horas da tarde, na escola da 1ª freguezia, com o louvavel fim de crearem um jornal litterario. Com a melhor ordem elegerão por aclamação presidente o Sr. Sá Vianna. Occupando a cadeira o mesmo Sr. propoz que se elegesse uma mesa permanente composta de presidente, vice-presidente, secretario e supplentes e thesoureiro, que vigorasse até a approvação dos estatutos que devem reger a sociedade. Depois de discutida a proposta, foi approvada. Procedendo-se a eleição, sahirão eleitos os senhores:</p> <p>Presidente—M. A. de Souza S. Vianna. Vice-presidente—Francisco José de Viveiros Castro. 1.º secretario—Alvaro Sinval de Moura. 2.º dito—Tito Mouzinho. 1.º supplente—Antonio José de Souza Junior. 2.º dito—Americo Duarte de Viveiros. Thesoureiro—João Silvestre Nonnato da Silva.</p> <p>Installada a mesa, o presidente convidou os Srs. socios a comparecerem no proximo domingo e levantou a sessão. E' de esperar que esta idéa seja bem acceita por todos que prezão as lettras. Continuem os Srs. estudantes nesta tentativa que muito os honra e eleva.</p>
O Paiz, n. 114, 21 de maio de 1878, p. 02.	Club litterario	<p>Club litterario.—Esta sociedade fundada por alguns estudantes do Lyceu, com o fim de crearem um jornal litterario, celebrou no dia 19 sua segunda sessão preparatoria. Foi lida e sem debate approvada a acta da sessão antecedente. O Sr. Viveiros de Castro, membro relator da commissão encarregada de confeccionar os estatutos, apresentou os mesmos. Forão discutidos até o art. 49</p> <p>Levantou-se a sessão ás sete horas da noite. Reinou durante a mesma muita ordem e harmonia. E' de crer que brevemente appareça á luz o <i>Progresso</i>.</p>

<p>Diário do Maranhão, n. 1441, 26 de maio de 1878, p. 02.</p>	<p>Club litterario</p>	<p style="text-align: center;">Club Litterario.</p> <p>De ordem do presidente desta sociedade convido aos srs. socios á comparecerem á sessão que hoje deve ter lugar ás 4 1/2 horas da tarde em o estabelecimento de Instrução Primaria sito á rua da Paz. Maranhão, 25 de maio de 1878. O segundo secretario, <i>Tito Mousinho,</i></p>
<p>Diário do Maranhão, n.1443, 29 de maio de 1878, p. 02.</p>	<p>Club litterario</p>	<p>Club litterario --E' este o nome de uma sociedade, no domingo installada nesta cidade e creada por alguns moços, estudantes.</p> <p>Foi feita a eleição, depois de terminadas as sessões preparatorias, e que deu este resultado: Presidente.--Manuel Alvaro de Souza Sá Vianna, Vice presidente.--F. J. Viveiros Castro. 1º Secretario.—Athenodoro Alves O. de Carvalho. 2º dito.--Tito Mousinho, Thesoureiro.—João Silvestre N. da Silva.</p>
<p>O Paiz, 14 de junho de 1878, n.134, p. 02</p>	<p>Club litterario</p>	<p>Progreſso.—E' este o titulo de um periodico que hontem começou a publicar o Club Litterario, associação de estudantes.</p> <p>Escolheram os seus estudiosos collaboradores um bonito nome para a arena em que tem de passar, em proveitosos exercicios litterarios, o tempo que lhes ficar livre dos deveres escolares e que pode ser dissipado e perdido.</p> <p>Felizes os moços que sabem o valor do tempo, e que não o perdem totalmente em diversões sem proveito.</p>

Diário do Maranhão, n.1495, 02 de agosto de 1878, p. 03.	Club litterario	 <p>CLUB LITTERARIO. Communico aos srs. socios que a sessão do mez de Agosto, terá lugar no dia 4 e convido-os a comparecer à referida sessão. O presidente, <i>Manuel Alvaro de S. Sá Vianna.</i></p>
Diário do Maranhão, n.1497, 04 de agosto de 1878, p. 03	Club litterario	 <p>CLUB LITTERARIO. Communico aos srs. socios que a sessão do mez de Agosto, terá lugar no dia 4 e convido-os a comparecer à referida sessão. O presidente, <i>Manuel Alvaro de S. Sá Vianna.</i></p>
Diário do Maranhão, 07 de agosto de 1878, n.1499, p. 03.	Progresso	 <p>BIBLIOTHECA POPULAR. Foi este estabelecimento frequentado no mez de Julho ultimo por 218 leitores sendo 83 externos e 175 internos, os quaes consultaram 100 obras nas linguas portugueza, franceza e ingleza e assim distribuidas: Literatura..... 66 Historia..... 8 Philosophia..... 8 Mathematica..... 7 Encyclopediã..... 3 Religião..... 1 Economia politica..... 2 Rhetorica..... 1 Geographia..... 1 Physiognomia..... 1 Escripção..... 1 Revista..... 1 100 Tem sido recebidos regularmente os jornaes: <i>Paiz, Diario do Maranhão, Democrata, Apreciavel, Revista d'Instrução e Escrção, Progresso e Provisora</i>, de Pernambuco. Pelo livreiro E. Dufosé, em Paris, foi offercido um catalogo de livros antigos e modernos, mappa, cartas, etc. etc. 3-1</p>

<p>Diário do Maranhão, n.1516, 28 de agosto de 1878, p. 03.</p>	<p>Club litterario</p>	 <p>CLUB LITTERARIO. De ordem do sr. presidente d'esta sociedade, rogo aos srs. socios para que se reunam hoje, no lugar e horas do costume, afim de se tractar de negocios importantes relativos á mesma sociedade. Maranhão, 28 de agosto de 1878. O 1.º secretario. <i>José Gregorio dos Reis.</i></p>
<p>Diário do maranhão, 18 de setembro de 1878, n. 1533, p. 01</p>	<p>Club litterario</p>	<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;">  <p>Discursos. PRONUNCIADO PELO ORADOR DA «UNIÃO LITTERARIA» FRANCISCO JOSÉ DE VIVEIROS CASTRO NA SESSÃO SOLEMNE DE 14 DE SETEMBRO DE 1878. <i>Senhores da «União Litteraria.»</i> Uma voz mais authorizada que a minha devia erguer-se n'este momento para saudar vos, traduzindo em phrases condignas o jubilo dos nossos corações.</p> </div> <div style="width: 50%;"> <p>Quizestes porém que fosse o ultimo dos vossos companheiros o órgão dos sentimentos que nos animão, celebrando um facto, que ha muito desejavamos, e hoje vemos consumado. Esquepo a minha fraqueza, e cumpro o vosso mandato</p> <p>Irmãs no culto que consagrão ás letras, iguaes na energia dos esforços, na pureza das intenções, vivião não obstante separadas as sociedades—Club Litterario e Gremio Litterario. A identidade dos fins pedia ha muito a combinação dos esforços para conseguil-os, e as relações de collegiismo atrahião os membros das duas sociedades irmãs para um centro commum, onde as forças esparças fossem melhor aproveitadas. Ha muito ensina a experiencia que a união faz a força, e por mais generosos que sejam os esforços do individuo, o braço cao desalentado, e a vontade se enerva e fadiga, em lucha com os obstaculos, que cercão e difficultão as grandes emprezas. Romeiros da mesma jornada, seguimos caminhos diversos, tinhamos todos a mesma ambição, serviamos a mesma causa, e entretanto partiamos de pontos differentes, sem advertir que a peregrinação seria menos arriscada si juntos emprehendessemos realisal-a!</p> <p>Felizmente cessou a divisão que nos enfraquecia, uma só officina reúne todos os obreiros, o mesmo altar recebe hoje as offerendas dos crentes da mesma religião. Dá a mocidade um bom exemplo! Fiel ao culto das letras, reunio seus esforços, para que seja elle mais esplendido, e esquecidas as rivalidades, uma só nelle exist, uma só a estimulla, a rivalidade de melhor servir a mesma causa, de que somos todos obreiros, a causa da civilização, a causa da liberdade. Da fusão das duas sociedades nasceu a —União Litteraria; não tem passado; não tem nada a esquecer; tudo é novo; sorri lhe a esperanza; a fé a illumina, e com a energia caracteristica das convicções profundas, dedica-se á conquista de um vellocino mais precioso que os antigos—a sciencia. Saudo-vos, cultores das letras, sejais todos bemvindos a este recinto. Aqui só o trabalho gradua o merito, nem ha distincção, que elle recuse. Trabalhemos pois, e seja a legenda da nossa bandeira—união, liberdade e progresso.</p> </div> </div>

Diário do Maranhão, 18 de setembro de 1878, n. 1533, p. 01

Progresso

PROFERIDO PELO PRESIDENTE DA «UNIÃO LITTERARIA» POR OCCASIÃO DA INSTALAÇÃO D'ESTA SOCIEDADE.

Meus senhores.

«O desejo da gloria litteraria é o mais innocente sem ser tolaxio o menos laborioso.»

(Marquoz de Maricó.)

Entre os povos mais cultos de ambos os hemisphérios observa-se que no meio das idéas e paixões dominantes em uma época vem sempre uma outra idéa que muitas vezes nobilita o entendimento humano e traz uma fértil recolta de louros que ornão aquelle que teve o verbo para manifestar a idéa, a palavra para descobrir o pensamento.

Abrão-se de par em par as cortinas dos seculos e ouça-se a palavra que nos ensina a historia.

Roma, a pagã, a senhora dos mares que nos tempos antigos estendia seu dominio por todo mundo conhecido, via a travez do seculo litterario de Augusto a decadencia que o esperava, ebría de sensualidade estendia os braços para o Capitolio, e no meio das vaidosas estatuas do paganismo abraçava a de Jupiter e curvava-se ante a da impudica Venus. O grande imperio cantava já os versos de Horacio, relia as Paginas de Tito Livio, e applaudia os discursos de Cicero, porem faltava-lhe uma palavra para manifestar uma idéa quasi desconhecida, que viria repellar as idéas do paganismo, a palavra appareceu era—caridade—manifestando se a idéa a—redempção.

Roma já enfraquecida com o sanguinario filho de Agrippina cae, porem a civilização nunca abalou-se, adormeceu apenas nas velhas escolas com a Philosophia de

Socrates enquanto as novas nacionalidades começavam a ser delineadas no grande mappa do mundo.

Nos tempos feudaes os Bavões encerravam-se em seus inconquistaveis baluartes travavam sangrentas luctas e o anel de cavalleiro tinha mais valor que as doutrinas idealistas de Platão, a sciencia ficou adormecida, e a arte de escrever foi desprezada pelos nobres e banida completamente de seus palacios.

Precisavão esses senhores de quem as impelisso para as grandes e arrojadas emprezas, introduzindo-as no caminhar da civilização dizendo: Estudai e sempre estudai, e só Luiz XI o monarcha devoto, deu a palavra que devia exprimir a idéa e ella foi: unidade, e assim exterminou as aguis romanas cobertas de sangue e pó, e ergueu as francezas, ao mesmo tempo que desmoronaria as ultimas castellas, e que a luz da civilização penetrasva no negrume dos carceres.

Em outros tempos o nauta estendia a vista pela immensidade do mar e perguntava a si mesmo o que haveria alem, em que logares as ondas revoltas não arremessar seu furor porem a passagem da «Boa Esperança» disse á esses intrepidos maritimos, ha outros mundos, grandes e ricos, onde a vegetação é fecunda e o ouro abundante, e então a idéa manifestou-se pela palavra Avante!

Pois, meus senhores no seculo XV as letras já tinham bastante cultivo, as artes precisavão ainda de maior incremento e então ouviu-se o grito do gigante fazendo quebrar as frias louzas e vindo sahirem d'ellas gerações extinctas para admirar a nova descoberta — a imprensa—, o gigante vós o sabeis era o grande Guttemberg.

A patria de Goethe abalou-se completamente ao ver a sublime invenção, e desde então a imprensa foi levar aos mais longinquos paizes a philosophia que legara a Grecia, espalhar os versos de Homero, a philosophia de Aristoteles, as verdades do christianismo as paginas historicas de Herodoto.

Sahindo das mãos de Guttemberg a imprensa atravessou a vastidão do Oceano, transpuz as mais altas cordilheiras, espalhou as doutrinas até então sustentadas do Septentrião ao Meio dia, e tão grande maravilha foi para humanidade uma nova aurora de regeneração.

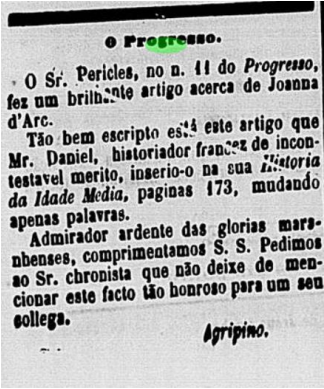
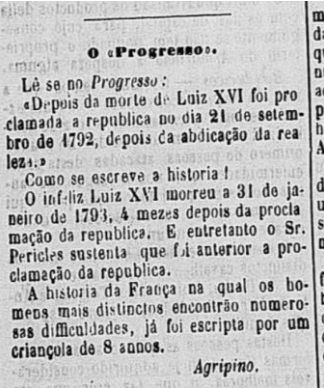
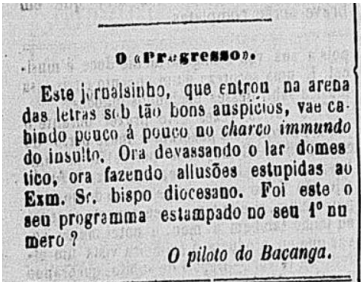
Em pouco tempo annunciou-se a liberdade da imprensa, porem no seculo XVII levantou-se um homem na França que proclamou a independencia da palavra escrita e é por tão justa quão nobre causa que a França unanime levanta-se e canta com Victor Hugo o centenario do libertador da imprensa, do poeta, do philosopho, do historiador; quero fallar de Voltaire.

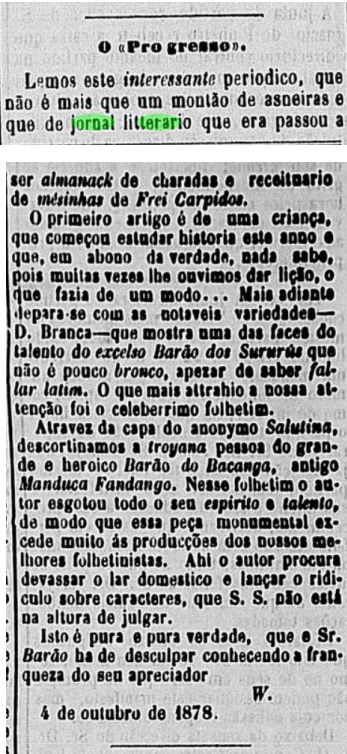
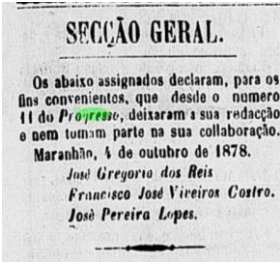
Emfim, direi que a nossa sociedade tem dois caminhos que offerecem facil meio para o desenvolvimento de seus associados: a imprensa e a tribuna.

Na imprensa temos o *Progresso* e para elle peço a vossa protecção, e seja o escudo da fé contra o pensar do incredulo; na tribuna vozas fracas que almejam um dia possuir a couraça da palavra.

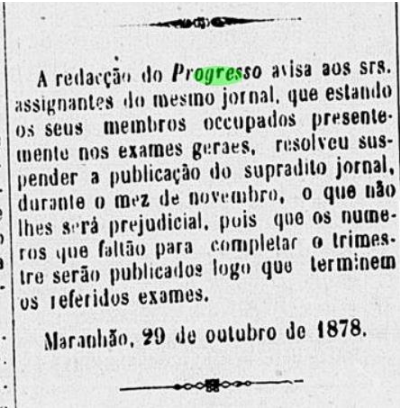
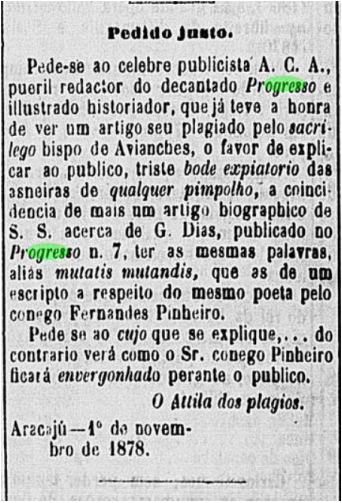
Concluindo agradeço em nome da sociedade *União Litteraria* a maneira porque accedestes ao nosso pedido comparando a esta modesta festa dos caminheros do porvir que sempre clamão:

Avante! avante!


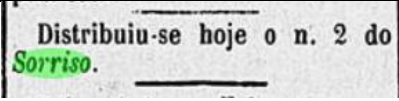

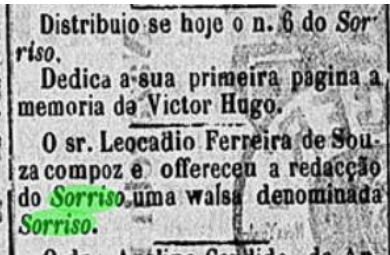
<p>O Paiz, 26 de setembro de 1878, n. 218, p. 03</p>	<p>Progresso</p>	 <p>O Progresso. O Sr. Pericles, no n. 11 do Progresso, fez um brilhante artigo acerca de Joanna d'Arc. Tão bem escripto está este artigo que Mr. Daniel, historiador francez de incontestavel merito, inserio-o na sua <i>Historia da Idade Media</i>, paginas 173, mudando apenas palavras. Admirador ardente das glorias marenbenses, complimentamos S. S. Pedimos ao Sr. chronista que não deixa de mencionar este facto tão honroso para um seu collega. <i>Agripino.</i></p>
<p>O Paiz, 04 de outubro de 1878, n.225, p. 02</p>	<p>Progresso</p>	 <p>O Progresso. Lê-se no Progresso: «Depois da morte de Luiz XVI foi proclamada a republica no dia 21 de setembro de 1792, depois da abdicção da realeza.» «Como se escreve a historia! O infeliz Luiz XVI morreu a 31 de janeiro de 1793, 4 mezes depois da proclamação da republica. E entretanto o Sr. Pericles sustenta que foi anterior a proclamação da republica. A historia da França na qual os homens mais distinctos encontram numerosas difficuldades, já foi escripta por um criangola de 8 annos. <i>Agripino.</i></p>
<p>O Paiz, 04 de outubro de 1878, n.225, p. 02</p>	<p>Progresso</p>	 <p>O Progresso. Este jornalsinho, que entrou na arena das letras sob tão bons auspícios, vai cahindo pouco a pouco no charco immundo do insulto. Ora devassando o lar domestico, ora fazendo allusões estupidas ao Exm. Sr. bispo diocesano. Foi este o seu programma estampado no seu 1º numero? <i>O piloto do Baçanga.</i></p>

<p>O Paiz, n.226, 05 de outubro de 1878, p. 01.</p>	<p>Jornal litterario</p>	 <p>O «Pro gresso».</p> <p>Lemos este interessante periodico, que não é mais que um montão de asneiras e que de jornal litterario que era passou a ser almanack de charadas e recetnario de mesinhas de Frei Carpido.</p> <p>O primeiro artigo é de uma criança, que começou estudar historia este anno e que, em abono da verdade, nada sabe, pois muitas vezes lhe ouvimos dar lição, o que fazia de um modo... Mais adiante depara-se com as notaveis variedades— D. Branca—que mostra uma das faces do talento do excelso Barão dos Sururus que não é pouco bronco, apesar de saber falar latim. O que mais attrahio a nossa attenção foi o celeberrimo folhetim.</p> <p>Atravez da capa do anonymo Salutina, descortinamos a troyana pessoa do grande e heroico Barão do Bacanga, antigo Manduca Fandango. Nesse folhetim o autor esgotou todo o seu espírito e talento, de modo que essa peça monumental excede muito ás produções dos nossos melhores folhetinistas. Ah! o autor procura devassar o lar domestico e lançar o ridiculo sobre caracteres, que S. S. não está na altura de julgar.</p> <p>Isto é pura e pura verdade, que o Sr. Barão ha de desculpar conhecendo a franqueza do seu apreciador</p> <p style="text-align: right;">W.</p> <p>4 de outubro de 1878.</p>
<p>Diário do maranhão, 05 de outubro de 1878, n. 1548, p. 01</p>	<p>Progresso</p>	 <p>SECCÃO GERAL.</p> <p>Os abaixo assignados declaram, para os fins convenientes, que desde o numero 11 do Progresso, deixaram a sua redacção e nem tomam parte na sua collaboração.</p> <p>Maranhão, 4 de outubro de 1878.</p> <p><i>José Gregorio dos Reis</i> <i>Francisco José Vireiros Castro.</i> <i>José Pereira Lopes.</i></p>

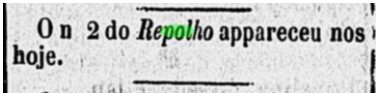

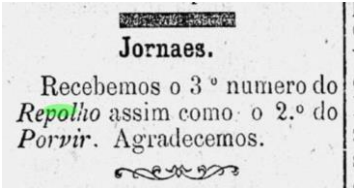
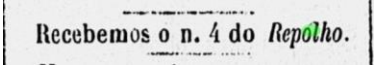
<p>Diário do Maranhão, 06 de outubro de 1878, n. 1549, p. 01</p>	<p>Progresso</p>	<div data-bbox="1355 177 1626 624" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p style="text-align: center;">O Progresso.</p> <p>O articulista do <i>Paiz</i> n. 225 de 4 do corrente, sob a epigrapha acima, procura, adulterando os factos, dar um <i>quindo</i> em historia, materia em que é <i>formado</i>. <i>Pericles</i> não sustentou que a morte de Luiz XVI foi anterior á proclamação da republica, disse sim. que esta teve lugar no dia 21 de setembro de 1792.</p> <p>Quando assim fosse nada ha de admiração pois que o tal <i>articulista</i>, querendo emendar, commetteu um erro, dizendo que a morte de Luiz XVI foi em 31 de Janeiro de 1793, quando esse facto teve lugar em 21 de Janeiro de 1793.</p> <p>Nada ha ainda que admirar, pois que o <i>abalizado Lantnac</i>, n'um artigo que escreveu no <i>Progresso</i> n. 2, sobre o <i>Marques de Pombal</i>, disse com a maior semceremonia que este havia nascido em 1690 e governado de 1660 á 1777, de modo que ja governava antes de nascer!!!!</p> </div> <div data-bbox="1644 177 1933 624" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Não serão as censuras que ultimamente tem apparecido contra o <i>Progresso</i> filhas do despeito d'algun redactor demittido ou eliminado?</p> <p>Antes de serem demittidos ou eliminados alguns redactores appareceu alguma censura?</p> <p>Ainda mais.</p> <p>Si um <i>evangelista</i> de 8 annos, estudante de Historia Universal, não está no caso de escrever 3 palavras sobre a historia da Franca, poderá um <i>pimpolho</i> de 7 annos escrever sobre a historia de <i>Danton</i> e sobre o <i>Progresso humano</i>, sem serem os seus escriptos revistos e augmentados?</p> <p>Pode continuar certo de que lhe não daremos mais resposta alguma, pois que precisamos do tempo para estudar, deixando lhe assim a palma do triumpho.</p> <p style="text-align: right;">Castro.</p> </div>
<p>O Paiz, 12 de outubro de 1878, n. 232, p. 01</p>	<p>Progresso</p>	<div data-bbox="1509 655 1794 1222" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>ternos grosseiros ao Sr. Viveiros de Castro.</p> <p>Estes insultos não nos causarão admiração, pois o <i>chistoso</i> folhetimista do <i>Progresso</i>, no ultimo numero deste jornal, procurou metter a ridiculo uma senhora respeitavel, casada com um empregado publico, geralmente estimado pelas suas nobres qualidades.</p> <p>Quem traz á discussão senhoras, tem carta branca para insultar á todo mundo.</p> <p>Vamos dar ao <i>illustre barão</i> cabal resposta ás suas inexactidões, deixando-lhe a gloria de ser o primeiro estudante, que ousou debicar á uma senhora já idosa e digna de toda a consideração.</p> <p>Diz S. Exc. que o Sr. Viveiros de Castro é <i>formado</i> em historia. É inexacto. O Sr. Viveiros de Castro estudou historia somente durante um anno. E de sua applicação na aula dá o mais perfeito testemunho o attestado, que o Sr. Dr. Jansen Mitto passou-lhe para inscrever-se nos exames geraes. Este attestado achy-se archivado na secretaria da instrucção publica, onde pode ser visto.</p> <p>O <i>illustre barão</i> aproveitou-se de um erro typographico para affirmar gloriosamente, que o Sr. Viveiros de Castro fizera o Marquez de Pombal governar antes de nascer!!!</p> </div> <div data-bbox="1205 1034 1496 1222" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p style="text-align: center;">O Progresso.</p> <p>O pequeno reparo historico feito no <i>Paiz</i> de 7 do corrente á um artigo do <i>Progresso</i> excitou as iras do <i>illustre barão dos Sururús</i>, que vingou se insultando em</p> </div> <div data-bbox="1794 655 2085 1222" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Ainda que o Sr. Viveiros de Castro não saiba fallar <i>latin</i> não é comtudo tão ignorante que commettesse um erro tão monstruoso.</p> <p>Tudo mundo sabe que os melhores artigos ás vezes sahem inchados de erros typographicos. Era muito facil na composiçao uma letra ser mal entendida e assim substituida por outra.</p> <p>Não nos consta que o Sr. Viveiros Castro fosse demittido nem eliminado da «União Litteraria». Fatigado de tantas torpezas praticadas n'esta sociedade, demittio se, declarandõ que não compareceria mais lá.</p> <p>A ovação brihante feita pelos mais distinctos estudantes do Lyceu ao Sr. G dos Reis depois de sua <i>eliminação</i> falla mais alto que os obscuros manejos do <i>illustre barão</i> para conseguir seu fim.</p> <p>O publico illustrado que lê o <i>Progresso</i> é o unico que pode dar preferencia entre os artigos de <i>Pericles</i> e <i>Lantenac</i>, que não foram plagiados.</p> <p>Fazemos ardentes votos para que o <i>illustre barão</i> seja feliz em seus estudos e exames a fim de que não passe á <i>novo anista</i> do curso historico.</p> <p style="text-align: right;">Manduca Fandango de Sá Viana. 5 de outubro de 78.</p> </div>

<p>Diario do Maranhão, 01 de novembro de 1878, n. 1571, p.01</p>	<p>Progresso</p>	 <p>A redacção do <i>Progresso</i> avisa aos srs. assignantes do mesmo jornal, que estando os seus membros occupados presentemente nos exames geraes, resolveu suspender a publicação do supradito jornal, durante o mez de novembro, o que não lhes será prejudicial, pois que os numeros que faltão para completar o trimestre serão publicados logo que terminem os referidos exames.</p> <p>Maranhão, 29 de outubro de 1878.</p>
<p>O Paiz, 27 de novembro de 1878, n. 269, p. 02</p>	<p>Progresso</p>	 <p>Pedido Justo.</p> <p>Pede-se ao celebre publicista A. C. A., pueril redactor do decantado <i>Progresso</i> e illustrado historiador, que já teve a honra de ver um artigo seu plagiado pelo <i>sacriligo</i> bispo de Avianches, o favor de explicar ao publico, triste <i>bode expiatorio</i> das asneiras de <i>qualquer pimpolho</i>, a coincidência de mais um artigo biographico de S. S. acerca de G. Dias, publicado no <i>Progresso</i> n. 7, ter as mesmas palavras, alias <i>mutatis mutandis</i>, que as de um escripto a respeito do mesmo poeta pelo conego Fernandes Pinheiro.</p> <p>Pede-se ao <i>cujo</i> que se explique, . . . do contrario verá como o Sr. conego Pinheiro ficará <i>envergonhado</i> perante o publico.</p> <p><i>O Attila dos plagios.</i></p> <p>Araçajú—4º de novembro de 1878.</p>

- O Sorriso (1885)

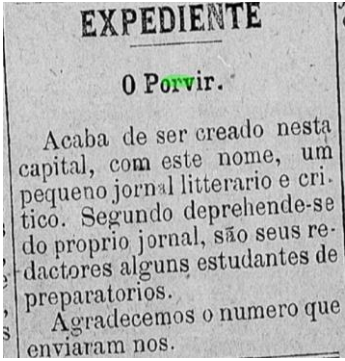
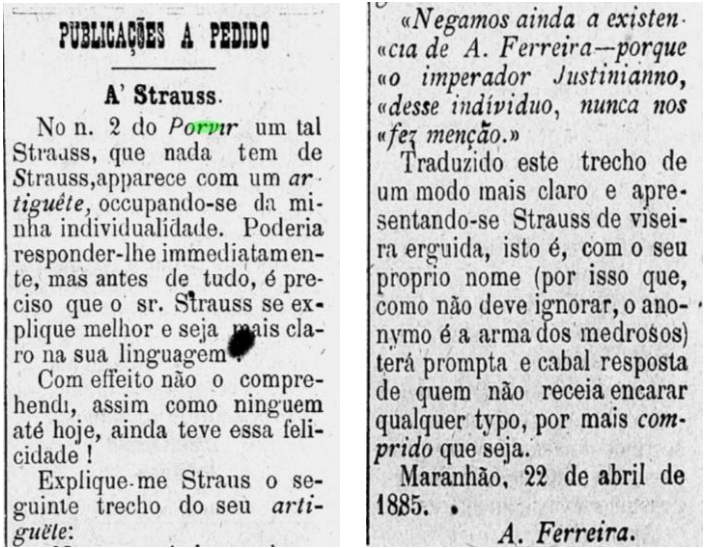
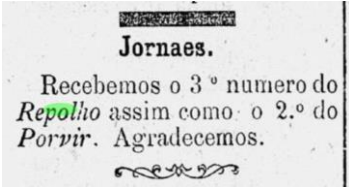
O SORRISO (1885)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 04 de março de 1885, n. 54, p. 02.	Jornalsinho	 <p>O SORRISO. É o título de um jornalsinho critico, litterario e recreativo, que começou a ser publicado hoje. É redigido por alguns moços estudiosos, intelligentes e desejosos de desenvolverem o seu espirito nas lides da imprensa. Sahirá duas vezes por mez. Longa vida e prospera carreira lhe desejamos.</p>
Pacotilha, 24 de março de 1885, n. 71, p. 02.	Sorriso	 <p>Distribuiu-se hoje o n. 2 do Sorriso.</p>
Pacotilha, 11 de maio de 1885, n. 109, p. 03.	Sorriso	 <p>Distribuiu-se hoje o n. 5 do Sorriso.</p>
Pacotilha, 28 de maio de 1885, n. 123, p. 03.		 <p>Distribuiu-se hoje o n. 6 do Sorriso. Dedicar a sua primeira pagina a memoria da Victor Hugo. O sr. Leocadio Ferreira de Souza compoz e offereceu a redacção do Sorriso, uma walsa denominada Sorriso.</p>

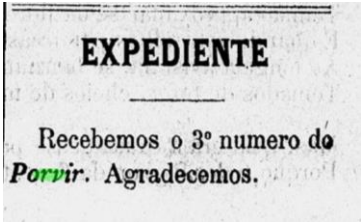
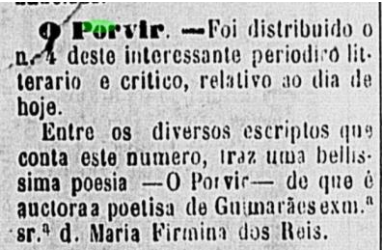
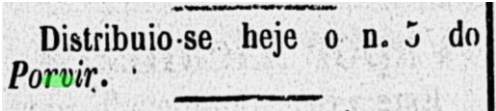
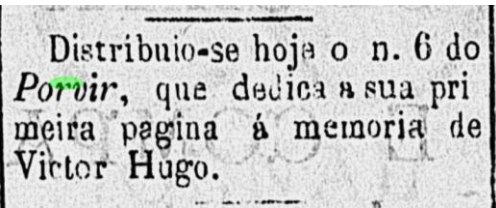
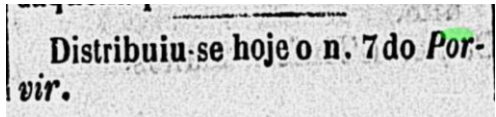
- O Repolho (1885)

REPOLHO (1885)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 20 de março de 1885, n. 64, p. 03.	Repolho	
O Sorriso, 22 de março de 1885, n. 02, p. 02.	Repolho	
O Sorriso, 26 de abril de 1885, n. 04, p. 04.	Repolho	
Pacotilha, 03 de junho de 1885, n. 128, p. 03.	Repolho	

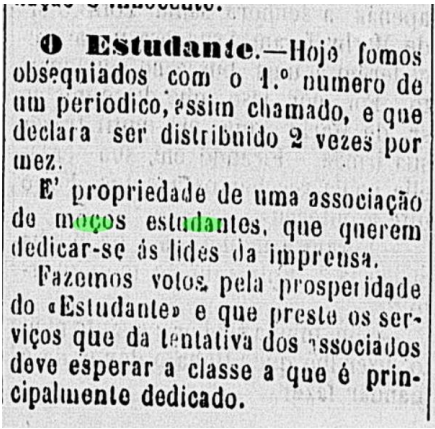
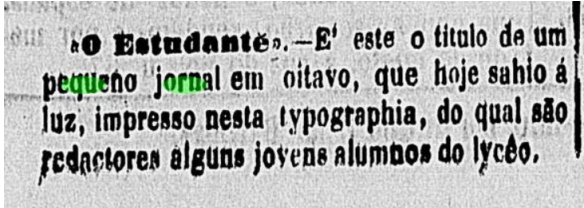
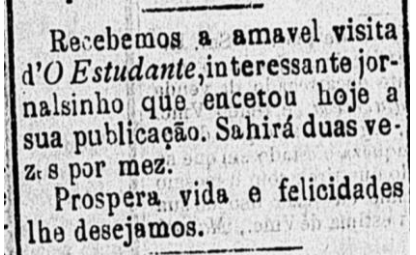
- O Porvir (1885)

PORVIR (1885)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 04 de março de 1885, n. 54, p. 03.	Porvir	<p>Por ordem do Sr. presidente da Sociedade Porvir convido á todos os socios da mesma para se reunirem amanhã ás 10 horas do dia no Lyceu d'esta cidade afim de tratar-se de negocios urgentes.</p> <p>O l. seeretario. <i>Tarquinio Carvalho.</i> Maranhao, 4 de março de 1885. 1</p>
O Paiz, 09 de abril de 1885, n. 230, p. 03.	Jornal litterario	<p>Imprensa.—Recebemos o primeiro numero de um novo periodico «O Porvir», jornal litterario e critico, redigido pelos estudantes do Lyceu. Agradecemos.</p>
Diário do Maranhão, 09 de abril de 1885, n.3438, p. 02.	Porvir	<p>Novo jornal.—Recebemos o 1º numero do <i>Porvir</i>, periodico que começou a ser publicado nesta cidade. E' litterario e critico, e promette sabir nos dias 10, 20 e 30 de cada mez. Agradecêmos, e fazemos votos para que conte existencia grande e cheia de prosperidade.</p>

O Sorriso, 12 de abril de 1885, n. 03, p. 04.	Porvir	 <p>EXPEDIENTE</p> <p>O Porvir.</p> <p>Acaba de ser creado nesta capital, com este nome, um pequeno jornal litterario e critico. Segundo depreheende-se do proprio jornal, são seus redactores alguns estudantes de preparatorios.</p> <p>Agradecemos o numero que enviaram nos.</p>
O Sorriso, 26 de abril de 1885, n. 04, p. 03.	Porvir	 <p>PUBLICAÇÕES A PEDIDO</p> <p>A' Strauss.</p> <p>No n. 2 do <i>Porvir</i> um tal Strauss, que nada tem de Strauss, apparece com um <i>artiguete</i>, occupando-se da minha individualidade. Poderia responder-lhe immediatamente, mas antes de tudo, é preciso que o sr. Strauss se explique melhor e seja mais claro na sua linguagem.</p> <p>Com effeito não o comprehendí, assim como ninguem até hoje, ainda teve essa felicidade!</p> <p>Explique-me Straus o seguinte trecho do seu <i>artiguete</i>:</p> <p>«Negamos ainda a existencia de A. Ferreira—porque «o imperador Justiniano, «desse individuo, nunca nos «fez menção.»</p> <p>Traduzido este trecho de um modo mais claro e apresentando-se Strauss de viseira erguida, isto é, com o seu proprio nome (por isso que, como não deve ignorar, o anônimo é a arma dos medrosos) terá prompta e cabal resposta de quem não receia encarar qualquer typo, por mais <i>comprido</i> que seja.</p> <p>Maranhão, 22 de abril de 1885. •</p> <p>A. Ferreira.</p>
O Sorriso, 26 de abril de 1885, n. 04, p. 04.	Repolho	 <p>Jornaes.</p> <p>Recebemos o 3.º numero do <i>Repolho</i> assim como o 2.º do <i>Porvir</i>. Agradecemos.</p>

O Sorriso, 10 de maio de 1885, n. 05, p. 04.	Porvir	 <p>EXPEDIENTE</p> <p>Recebemos o 3º numero do <i>Porvir</i>. Agradecemos.</p>
Diário do Maranhão, 11 de maio de 1885, n.3512, p. 03.	Porvir	 <p>O Porvir. --Foi distribuido o n. 4 deste interessante periodico literario e critico, relativo ao dia de hoje.</p> <p>Entre os diversos escriptos que conta este numero, traz uma bellissima poesia --O Porvir-- de que é auctora a poetisa de Guimarães exm.^a sr.^a d. Maria Firmina dos Reis.</p>
Pacotilha, 23 de maio de 1885, n. 115, p. 03.	Porvir	 <p>Distribuio-se heje o n. 5 do <i>Porvir</i>.</p>
Pacotilha, 08 de junho de 1885, n. 131, p. 03.	Porvir	 <p>Distribuio-se hoje o n. 6 do <i>Porvir</i>, que dedica a sua primeira pagina á memoria de Victor Hugo.</p>
Pacotilha, 16 de junho de 1885, n. 138, p. 03.	Porvir	 <p>Distribuiu-se hoje o n. 7 do <i>Porvir</i>.</p>

- O Estudante (1885)

O ESTUDANTE (1885)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Diário do Maranhão, 11 de junho de 1885, n. 3537, p. 02.	Moços estudantes	 <p>O Estudante. — Hoje fomos obsequiados com o 1.º numero de um periodico, assim chamado, e que declara ser distribuido 2 vezes por mez.</p> <p>E' propriedade de uma associação de moços estudantes, que querem dedicar-se ás lides da imprensa.</p> <p>Fazemos votos pela prosperidade do «Estudante» e que preste os serviços que da tentativa dos associados deve esperar a classe a que é principalmente dedicado.</p>
O Paiz, 11 de junho 1885, n. 282, p.03.	Pequeno jornal	 <p>O Estudante. — E' este o titulo de um pequeno jornal em oitavo, que hoje sahio á luz, impresso nesta typographia, do qual são redactores alguns jovens alumnos do lycéo.</p>
Pacotilha, 11 de junho de 1885, n. 134, p. 03.	Jornalsinho	 <p>Recebemos a amavel visita d'O Estudante, interessante jornalsinho que encetou hoje a sua publicação. Sahirá duas vezes por mez.</p> <p>Próspera vida e felicidades lhe desejamos.</p>

Diário do Maranhão, 15 de junho de 1885, n. 3542, p. 02.

Jornalzinho

PEQUENO FOLHETIM.

FEBRES.

Jayme de Seguer, um sympathico e talentoso poeta e escriptor, que collabora na Illustração, revista universal que se publica em Paris, tratando da belleza do estylo, diz: «Os estylos são como os vinhos. Ha-os capciosos, enebriantes, cheios de gas, que é mister beber de um trago, sem lhes deitar assentar a espuma, para que se não convertão n'uma limonada chifra. «Ha-os generosos, cheios de seiva e de vigor, genero Porto 1815, capazes de dar pulmones a um typtico e pernas a um paralytico. «Outros primos! por um aroma occulto que se evola lentamente como um fumo invisivel e em cujas espiraes o espirito se sente eleva-lo a um nirvana etherico. E' deste ultimo estylo, leitor, que coovem ser bebido aos goliathos—saboreando como um bom provador com um tic de lingua, onde se traduz o fino paladar e o bom gosto apuradissimos—é deste estylo que pretendemos fallar... Entre os escriptores da França contemporanea, Daudet, Flaubert, Goncourt, Zola, Sardou e até o proprio auctor do Demi Monde e das Damas das Camélias, que sem duvida combeeça, não ha um só delles

que possua aquelle estylo fluente, suave, doce; aquella lingua que do-de se desprende um perfume subtilissimo que nos enleia a pensar, no céo e em tudo que é bello e sublimo da natureza; nenhum delles é dotado d'aquelle espirito finissimo, de tanto sal azedo—como o nosso modesto petit homme que passava por mones e culis, estudando na Natureza, só e contemplativo, aquillo que á tarde tem de conlar aos seus leitres, que, soffregos esperão a Pocailla com a sedenta febre da impaciencia e da avides... Eis o que se chama verdadeira-mente febre das letras! Quem nos dera encontrar uma tal, só uma talinha d'aquelle guarda-chuva, do indispensavel, d'um nosso petit homme, que só parece ter pertencido a alguma mysteriosa fada, que habita essas ermas florestas, estes montes aridos e solitarios, onde elle vao beber a sua inspiração!.. Mais um jornal nos veio parar ás mãos na quinta-feira ultima. E' O Estudante, um jornalzinho do formato de uma pagina da carta de A B C—cheio, de principio a fim, de anecdotos e versinhos espirituosos... E' a febre das letras desenvol- vendo a do journalismo. Basta hoje á alguém saber escrever correctamente o nome que recebeo no baptismo, e saber de cor a

taboada de sommar, para julgar se apto para redigir um jornal. Ficamos tambem num ardo, onde se lê o programma de um novo jornal que sahira á luz da publicidade no dia 1º de agosto proximo. E' orgão da «propaganda civilisadora», e só deseja—«arrancar os prejuizos da religião, da sciencia e da politica.»— E' a febre das letras, que mais tarde se degenerará em febre da regeneração, quando, por accrescimento de um—r—á Evolução passar á ser Revolução. A febre é tudo aquillo que nos induz o espirito, de uma maneira irresistivel, á pratica do bem ou do mal... E' um desejo ardente que sentimos abrasar-nos o coração, e pellindos-nos forçosamente a fazer o que pensamos. A febre apparece sempre que desejamos possuir aquillo com que a natureza a sorte ou a fortuna não nos dotou. Ha febre boas e más. As primeiras elevão o homem á morada do talento, da honra, da gloria, do gozo, do verdadeiro bem, enfim; as outras trazem consigo a degradação moral, rebaixando as suas consciencias victimas das classes mais infimas da sociedade—aquella onde esta homem é um bandido, um assassino, um covardo e um verdadeiro miseravel!

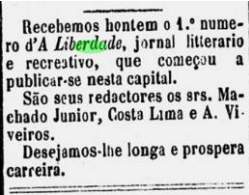
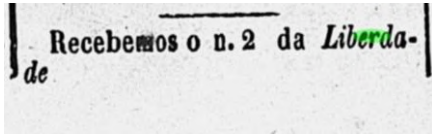
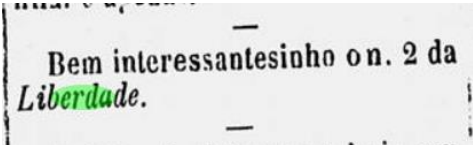
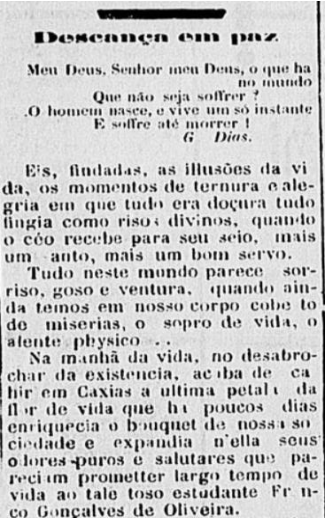
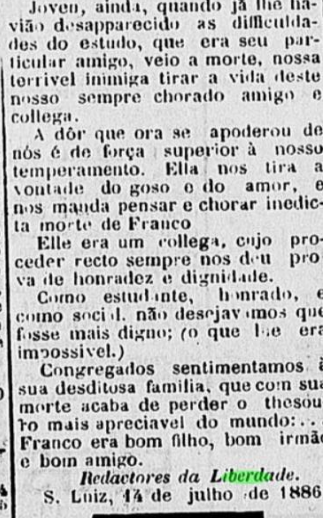
Esta ultima febre toma diferentes nomes, segundo o sentimento que a inspira. Chama-se propriamente—vicio. O homem que só vive para a sua familia, que trabalha dia e noite, honradamente, para poupar falgas a sua consorte, que delicia n'um leite de dóe e para não faltar o pão a seus filhos; se, por um desses caprichosos revezes da sorte, encontra no caminho escabroso, mas honrado, por onde trilha a sua placida existencia, um desses miseravel bandidos sem crença, sem fé, sem temor, que o aconselhe á mudar de ramo, pintando-lhe com cores vivas os bens que desse passo podem-lhe advir; ou, se este homem é pobre e miserrimos fascinado o ouso o brilho do ouro que offerece-lhe a febre do ouro para só pensar no meio de ganhar esse ouro, embora regido com o sangue, lagrimas e todos os horrores do crime... Se este homem é fraco, se não tem fé, a febre da ambição apossa-se de toda a sua alma, eliminando todos os sentimentos nobres, que n'ella se aninhavam... cavando-lhe a sua propria ruina. Ell-o á par desse miseravel que lhe incutiu a febre do ouro no seu incruento coração, commettendo to da a sorte de infamias, tudo o que é alheio vil e detestavel, tendo em vista tão somente procurar fortuna e não mais vezes encontrar a nas mãos da justiça ou, o que é mais terrivel ainda, morrer desprovido

de todos, sem achar quem o socorra no fundo negro da sua existencia, como um desprezível cão!.. A febre pelo jogo, pela calumnia, pela prostituição, pelo adulterio e por todas essas paixões ignobis da curação humana, tem por epilogo—á miseria com todos os seus horrores. A febre, que eleva o homem, pelas suas virtudes, talento, honradez, caracter e á cima do commun dos mortaes, é inspirada por «sentimentos nobres, que são a caridade, o amor a fé o respeito, a justiça, a sobriedade e tantas outras virtudes que embelleza nos a alma, e que de subir ás regiões onde pairão os espiritos de tantos h-mens verdadeiramente sabios, A chamma crepitante das fogueiras que se acessem para festejar o glorioso e popular Santo Antonio, re-se um bando alegre de moças, meunios e vellos que alegremem brinco. Uns, mais agéis, pulão fogueiras de parceria com um companheiro; outros, como sentem as pernas trepidas e dormeites contentão-se em tocar rodinhas como creanças, sem titido raminhar-lhes o coração á lembrança dos tempos d'out'ora, e rememorar-lhe o espirito a febre do vigor da mocidade, da vida aos vinte annos!

Neste bando alegre, onde o honro rosar e a infame gritaria das creanças se confundem com o ruco tossir de algum velho rheumático e as estrepitosas gargalhadas das gonzellas, reina a febre pelo delirio, pela folia e coifusão. Temos já dito muito com respeito ás febres que actualmente invadem este nosso infeliz canto do portão- out'ora tão luminosamente decantado por seus illustres filhos e hoje esquecido de todos e até do nosso proprio genero! Os reporters sentem febre de novidades; os deputados, de eloquencia e veracidade. Por fallar em deputados, lembramos nos do Salazar, aquelle poeta, auctor das Aspirações, que n'um improvisado discurso justificou e mandou á mala da nossa assembleia uma indicação no sentido de serem transportados da varanda para o recinto d'aquella corporação os bustos veneraveis dos nossos homens de letras—Gonçalves Dias, João Lybão, Gomes de Souza...; devemos tambem dizer que Salazar sentia-se atraído da febre da eloquencia, da poesia e do amor pelos mortos. Na proxima quarta-feira tratemos de assumpto novo. Até lá. Oscar Verjor.

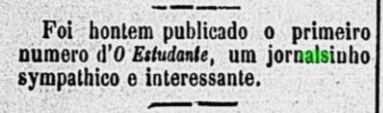

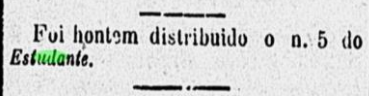
- A Liberdade (1886)

LIBERDADE (1886)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 02 de junho de 1886, n. 132, p. 02.	Liberdade	<p>OS JORNAES.</p> <p>Esta secção passaria hoje por baixo da meza, si não fosse o apparecimento, aqui por casa, de um pequenino jornal—<i>A Liberdade</i>,—que acaba de ver a luz n'esta cidade.</p> <p>O <i>Paiz</i>, com effeito, não nos forneceria assumpto para duas pen-nadas.</p> <p>O orgão official, occupado, como se acha, com a publicação dos debates da assembléa e do expediente do governo, não tem tempo para tratar de outra cousa.</p> <p>E, mesmo assim, sabe Deus como elle se arranja... A publicação dos actos officiaes ainda anda por 13 de maio, uma data que existio lá pelos meados do seculo passado, e os debates da assembléa, esses—coitados!—ainda estão no começo, pois que o jornal do sr. Parga dá-nos o discurso pronunciado pelo sr. Vianna Ribeiro na sessão de 6 de abril, antes da vinda de Christo, como diria um nosso amigo, muito dado a esta cousa de conservar datas e eras.</p> <p>Mas... vamos fazendo ao estimado collega do 3º cyclo etc. uma injustiça. No seu numero de hon-tem, exhibe-se em forma poetica, n'aquellas linhas escriptas que não chegam até o fim do papel, um casal de <i>Raposos</i>—um <i>Raposo</i> que traduz uma fabula e um dito que figura na referida. E mais adiante diz-nos o collega, com o peso de sua auctoridade, que a <i>agua florida do Barry</i> contem unicamente a essencia de flores, pura e simples, preservada em estylo chrystalino, e assim é que sua fragancia nunca muda nem deteriôra.</p> <p>O <i>Diario</i>, por sua vez, alem dum discurso pronunciado na assembléa provincial pelo sr. deputado Francisco Carvalho, e de dizer-nos que «grave foi o facto criminoso, hontem praticado nesta cidade, e</p> <p>tamos deixando-a para ultimo lo-gar.</p> <p>Soegue, menina. Não foi por lhe prestarmos pouca consideração, que a deixamos para o ultimo lugar, mas unicamente porque tinhamos alguma cousa a dizer lhe. Lembre se de que, segundo rezamos os alvarás da egreja—os primeiros serão os ultimos</p> <p>E dito isto, falemos como bons amigos. E' tal a sympathia que a menina nos inspira, que não duvidamos tractal-a com uma certa intimidade, como si já existisse entre nós uma amizade antiga, de muito tempo</p> <p>Gostamos deveras de vel-a. O seu apparecimento foi para nós motivo de summa satisfação. Creanças (desculpem-nos o tractamento), que assim se exhibem, perturbando já no alvorecer da existencia, são uma garantia dos homens que hão de ser.</p> <p>Ha na <i>Liberdade</i> uma cousa, sobretudo, que nos agrada. E' um brado abolitionista que ella solta em forma de verso, assignado pelo sr. P. J. da Costa Lima.</p> <p>E' verdade que a metrica anda distanciada do <i>sonho do escravo</i>, mas em todo caso elle exprime uma aspiração da <i>liberdade</i> que enthusiasma aquella alma de creança, onde encontram echo os soffrimentos de uma raça inteita, para quem esta patria, que tanto lhe deve, não tem um olhar de dó e de compaixão.</p> <p>Eis porque quizemos fallar especialmente com a <i>Liberdade</i>. Ella, embora escripta por principiantes, que apenas começam a baluciar o <i>a b c</i> da lingua, tem direito a uma menção especial, n'esta secção, em que estamos dispostos a prestar a maior animação á todas as tentativas uteis e fructuosas.</p> <p>Avante pois! Trabalhem, que é o que mais se exige nesta lucta da imprensa.</p> <p>Piff.</p>

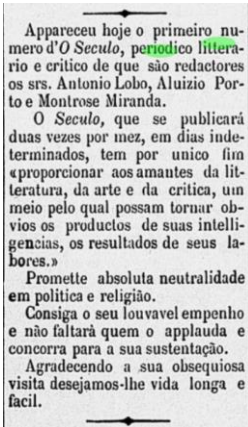
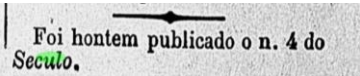
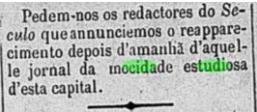
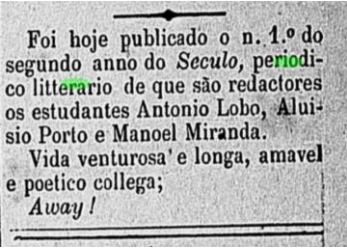
Pacotilha, 02 de junho de 1886, n. 132, p. 03.	Liberdade	
Pacotilha, 18 de junho de 1886, n. 147, p. 03.	Liberdade	
Pacotilha, 19 de junho de 1886, n. 148, p. 02.	Liberdade	
O Paiz, 14 de julho de 1886, n. 153, p. 03.	Liberdade	<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div data-bbox="1249 753 1572 1273">  </div> <div data-bbox="1608 753 1930 1273">  </div> </div>

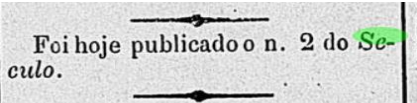
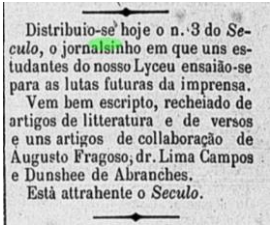
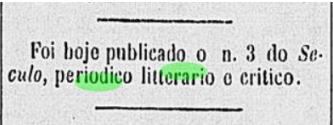
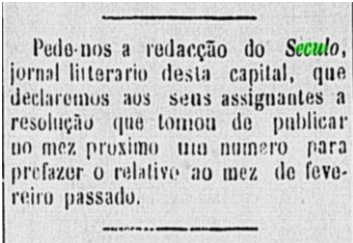
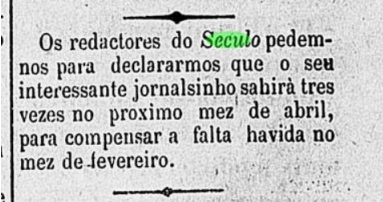
Pacotilha, 15 de julho de 1886, n. 169, p. 02.		<p style="text-align: center;">—</p> <p>A <i>Liberdade</i> vem recheiada de artigos e poesias.</p> <p style="text-align: right;"><i>Piff.</i></p>
Pacotilha, 31 de julho de 1886, n.183, p. 03.	Jornalsinho	<p style="text-align: center;">—A <i>Liberdade</i>—o jornalsinho de uns estudantes que applicam-se com dedicação ás letras, veio interessantesinho, bomzinho.</p> <p style="text-align: right;">PEFF.</p>
Pacotilha, 20 de setembro de 1886, n. 226, p. 03.	Liberdade	<p style="text-align: center;">—</p> <p>A <i>Liberdade</i>, o pequeno jornal de alguns esperançosos estudantes de preparatorios, dá artigos litterarios, a cujo merecimento deixo de referir-me, porque o <i>tout jeune</i> collega mostrou-se enfadado com o juizo que uma vez externou-se aqui a seu respeito, e eu não quero incorrer no seu desagrado, que muito me pesaria.</p> <p style="text-align: center;">—</p>

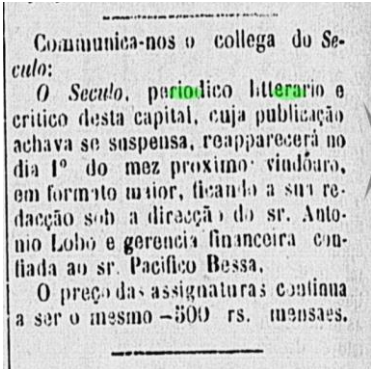
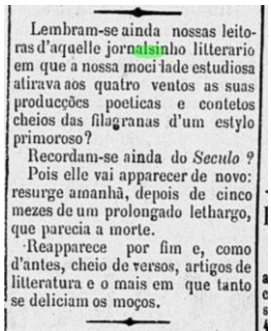
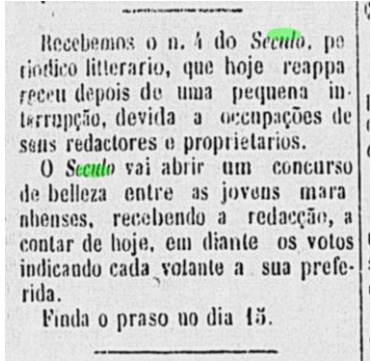
- O Estudante (1886)

O ESTUDANTE (1887)		
Referência	Termo de recuperação	Mensagem
Pacotilha, 24 de janeiro de 1887, n. 19, p. 03	Jornalsinho	
Pacotilha, 31 de janeiro de 1887, n. 25, p. 03.	Estudante	
Pacotilha, 25 de abril de 1887, n. 97, p. 03.	Estudante	

- O Século (1889)

O SÉCULO (1889)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 06 de agosto de 1889, n.145, p. 03	Periódico litterario	 <p>Appareceu hoje o primeiro numero d' <i>O Século</i>, periodico litterario e critico de que são redactores os srs. Antonio Lobo, Aluizio Porto e Montrose Miranda.</p> <p>O <i>Século</i>, que se publicará duas vezes por mez, em dias indeterminados, tem por unico fim «proporcionar aos amantes da litteratura, da arte e da critica, um meio pelo qual possam tornar obvios os productos de suas intelligencias, os resultados de seus labores.»</p> <p>Promette absoluta neutralidade em politica e religião.</p> <p>Consiga o seu louvavel empenho e não faltará quem o applauda e concorra para a sua sustentação.</p> <p>Agradecendo a sua obsequiosa visita desejamos-lhe vida longa e facil.</p>
Pacotilha, 22 de setembro de 1889, n. 225, p. 02	Século	 <p>Foi hontem publicado o n. 4 do <i>Século</i>.</p>
Pacotilha, 14 de janeiro de 1890, n. 11, p. 03	Mocidade estudiosa	 <p>Pedem-nos os redactores do <i>Século</i> que annunciemos o reaparecimento depois d'amanhã d'aquelle jornal da mocidade estudiosa d'esta capital.</p>
Pacotilha, 16 de janeiro de 1890, n.190, p. 03	Periódico litterario	 <p>Foi hoje publicado o n. 1.º do segundo anno do <i>Século</i>, periodico litterario de que são redactores os estudantes Antonio Lobo, Aluizio Porto e Manoel Miranda.</p> <p>Vida venturosa' e longa, amavel e poetico collega; <i>Away!</i></p>

Pacotilha, 31 de janeiro de 1890, n.27, p. 03	Seculo	 <p>Foi hoje publicado o n. 2 do <i>Seculo</i>.</p>
Pacotilha, 26 de fevereiro de 1890, n. 53, p. 04.	Jornalsinho	 <p>Distribuio-se hoje o n. 3 do <i>Seculo</i>, o <i>jornalsinho</i> em que uns estudantes do nosso Lyceu ensaião-se para as lutas futuras da imprensa. Vem bem escripto, recheado de artigos de litteratura e de versos e uns artigos de collaboração de Augusto Fragoso, dr. Lima Campos e Dunshee de Abranches. Está atrahente o <i>Seculo</i>.</p>
Diário do Maranhão, 26 de fevereiro de 1890, n. 4939, p.03	Periódico litterario	 <p>Foi hoje publicado o n. 3 do <i>Seculo</i>, <i>periodico litterario</i> e critico.</p>
Diário do Maranhão, 29 de março de 1890, n. 4965, p.03	Século	 <p>Pedo-nos a redacção do <i>Seculo</i>, jornal litterario desta capital, que declaremos aos seus assignantes a resolução que tomou de publicar no mez proximo um numero para prefazer o relativo ao mez de fevereiro passado.</p>
Pacotilha, 30 de março de 1890, n.85, p. 04.	Século	 <p>Os redactores do <i>Seculo</i> pedem-nos para declararmos que o seu interessante <i>jornalsinho</i> sahirá tres vezes no proximo mez de abril, para compensar a falta havida no mez de fevereiro.</p>

<p>Diário do Maranhão, 22 de julho de 1890, n. 5060, p.02.</p>	<p>Periódico litterario</p>	 <p>Communica-nos o collega do <i>Seculo</i>: <i>O Seculo</i>, periodico litterario e critico desta capital, cuja publicação achava se suspensa, reaparecerá no dia 1º do mez proximo: viudôaro, em formato maior, ficando a sua redacção sob a direcção do sr. Antonio Lobo e gerencia financeira confiada ao sr. Pacifico Bessa. O preço das assignaturas continua a ser o mesmo - 500 rs. mensaes.</p>
<p>Pacotilha, 31 de julho de 1890, n. 205, p.02.</p>	<p>Jornalsinho</p>	 <p>Lembram-se ainda nossas leitoras d'aquelle <i>jornalsinho</i> litterario em que a nossa mocidade estudiosa alirava aos quatro ventos as suas produções poeticas e contetos cheios das filigranas d'um estylo primoroso? Recordam-se ainda do <i>Seculo</i>? Pois elle vai apparecer de novo: resurge amanhã, depois de cinco mezes de um prolongado lethargo, que parecia a morte. Reapparece por fim e, como d'antes, cheio de versos, artigos de litteratura e o mais em que tanto se deliciaem os moços.</p>
<p>Diário do Maranhão, 1 de agosto de 1890, n. 5069, p. 03</p>	<p>Século</p>	 <p>Recebemos o n. 4 do <i>Seculo</i>, periodico litterario, que hoje reapareceu depois de uma pequena interrupção, devida a occupações de seus redactores e proprietarios. <i>O Seculo</i> vai abrir um concurso de belleza entre as jovens maranhenses, recebendo a redacção, a contar de hoje, em diante os votos indicando cada votante a sua preferida. Finda o praso no dia 15.</p>

Pacotilha, 01 de agosto de 1890,
n. 206, p. 02

Século

Tivemos hoje a visita do *Seculo* e da sua redacção. Esta não cabe em si de contente pela apparição do 4.º n. do seu jornalsiuho que vem recheado de sonetos, variedades, logogriphos, charadas, anedoctas, artigos de critica e traz no meio de tudo isso um *decreto*, abrindo um concurso de belleza, a começar de 1.º d'este mez, terminando no dia 15.

Para melhor canhecimento dos apreciadores do genero, ahi vae o *decreto* com as assignaturas dos legisladores:

A redacção d'*O Seculo*

DECRETA:

DA ELEGIBILIDADE

Art. 1.º Toda a maranhense ou estrangeira residente no Maranhão, maior de doze annos e menor de trinta è elegivel.

Art. 2.º A disposição do art. 1.º abrange as maranhenses casadas, solteiras e viúvas.

DA ELEIÇÃO

Art. 3.º Do dia 1.º de agosto vindouro em diante receber-se-hão na redacção d'*O Seculo*, do meio-dia ás tres horas da tarde, dos dias uteis, e das nove horas da manhã ás quatro da tarde, nos domingos, os votos indicando qual a preferida pelo votante que votará n'um só nome.

Art. 4.º Não serão apuradas as listas que tiverem mais de um nome.

Art. 5.º Também não serão contadas as listas em que figurarem nomes de fantasia ou qualquer outra mystificação.

Art. 6.º O praso para a eleição findará no dia 15 do mesmo mez de agosto.

DA APURAÇÃO

Art. 7.º Terminado o prazo da votação e recolhidas todas as listas, a redacção d'*O Seculo* no-me-rá uma commissão composta de tres membros, a quem caberá abrir as cartas, fazer a contagem dos votos e mandar escrever n'um livro especial o nome das votadas.

Art. 8.º Uma vez feita a apuração do artigo antecedente, a commissão fará o preciso julgamento, traçando em uma lista o nome das votadas, segundo a maioria relativa dos votos que obtiverem, sendo eleita a que reunir maior numero de suffragios e recebendo menção especial as nove immediatamente votadas, na ordem de sua votação.

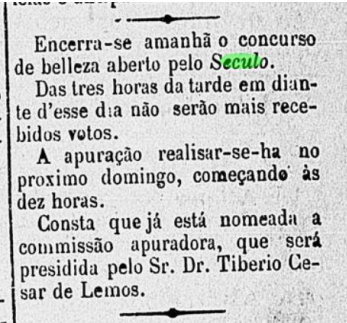
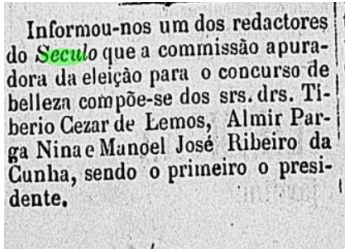
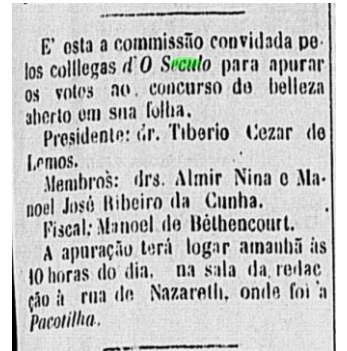
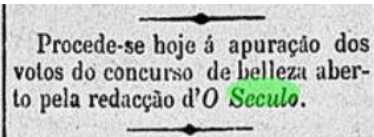
Art. 9.º Serão publicadas n'*O Seculo* o nome da eleita, bem como das que receberem menção especial.

Art. 10. Revogam-se as disposições em contrario.

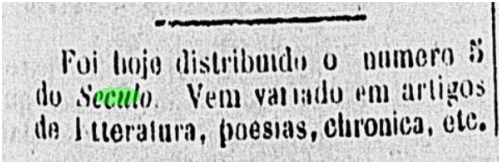
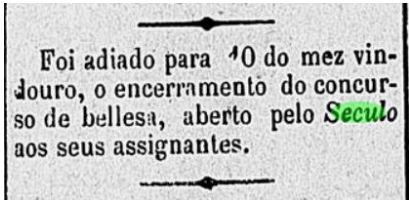
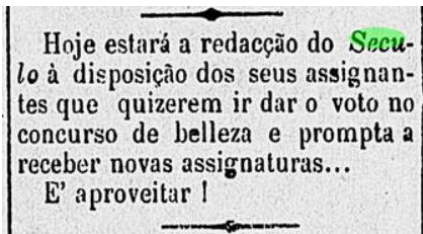
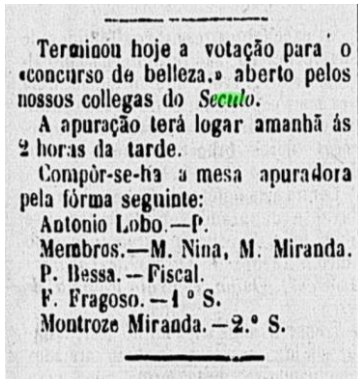
Sala da redacção d'*O Seculo*.— Estado do Maranhão—28 de Julho de 1890—2.º da Republica.

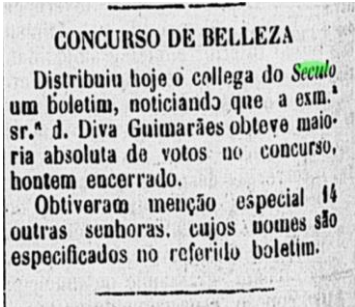
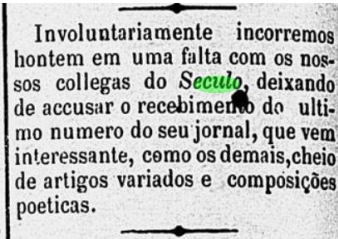
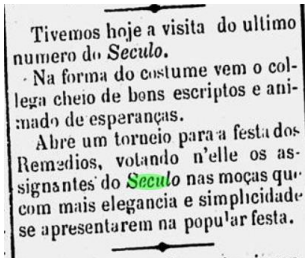
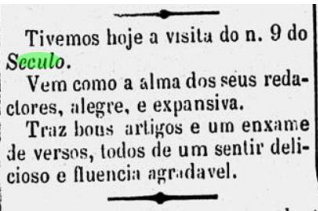
Antonio Lobo.
Manoel Miranda.
Pacifico Bessa.
Montrose Miranda.
Fausto Fragoso.
Manoel M. Nina.

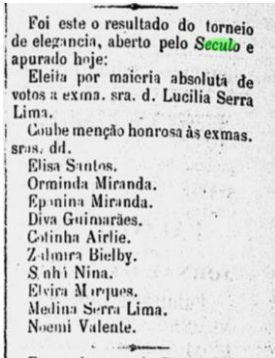
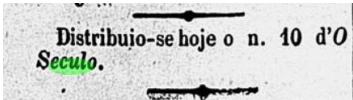
<p>Pacotilha, 02 de agosto de 1890, n. 207, p. 04</p>	<p>Século</p>	<div data-bbox="1397 172 1727 730" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p style="text-align: center;">Prevenção.</p> <p>Pedimos encarecidamente as pessoas que quizerem votar para o concurso de bellesa que abrimos no nosso periodico "<i>O Seculo</i>", o obsequio de dirigir os seus votos directamente ao nosso escriptorio, á rua de Nazereth n. 34, o: á casa commercial contigua, do nosso amigo Zeferino Archer da Silva, e não fazerem pelo «Correio Urbano», sem portepago, porque isto nos acarretará uma despeza superior ás nossas forças.</p> <p>Maranhão, 1.º de Agosto de 1890. 3360-10</p> <p style="text-align: center;">A Redação d' "<i>O Seculo</i>".</p> </div>
<p>Pacotilha, 03 de agosto de 1890, n. 208, p. 03</p>	<p>Século</p>	<div data-bbox="1397 754 1727 1337" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p style="text-align: center;">Prevenção.</p> <p>Pedimos encarecidamente as pessoas que quizerem votar para o concurso de bellesa que abrimos no nosso periodico "<i>O Seculo</i>", o obsequio de dirigir os seus votos directamente ao nosso escriptorio, á rua de Nazereth n. 34, o: á casa commercial contigua, do nosso amigo Zeferino Archer da Silva, e não fazerem pelo «Correio Urbano», sem portepago, porque isto nos acarretará uma despeza superior ás nossas forças.</p> <p>Maranhão, 1.º de Agosto de 1890. 3360-9</p> <p style="text-align: center;">A Redação d' "<i>O Seculo</i>".</p> </div>

Pacotilha, 14 de agosto de 1890, n. 219, p. 04	Século	 <p>Encerra-se amanhã o concurso de belleza aberto pelo <i>Seculo</i>. Das tres horas da tarde em diante d'esse dia não serão mais recebidos votos. A apuração realizar-se-ha no proximo domingo, começando às dez horas. Consta que já está nomeada a comissão apuradora, que será presidida pelo Sr. Dr. Tiberio Cesar de Lemos.</p>
Pacotilha, 16 de agosto de 1890, n. 221, p. 03	Século	 <p>Informou-nos um dos redactores do <i>Seculo</i> que a comissão apuradora da eleição para o concurso de belleza compõe-se dos srs. drs. Tiberio Cesar de Lemos, Almir Parga Nina e Manoel José Ribeiro da Cunha, sendo o primeiro o presidente.</p>
Diário do Maranhão, 16 de agosto de 1890, n.5082, p. 03	Século	 <p>E' esta a comissão convidada pelos collegas d'<i>O Seculo</i> para apurar os votos no concurso de belleza aberto em sua folha. Presidente: Sr. Tiberio Cesar de Lemos. Membros: drs. Almir Nina e Manoel José Ribeiro da Cunha. Fiscal: Manoel de Bêthencourt. A apuração terá logar amanhã às 10 horas do dia, na sala da redacção à rua de Nazareth, onde foi a <i>Pacotilha</i>.</p>
Pacotilha, 17 de agosto de 1890, n. 222, p. 04	Século	 <p>Procede-se hoje á apuração dos votos do concurso de belleza aberto pela redacção d'<i>O Seculo</i>.</p>

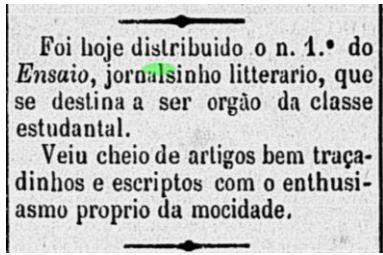
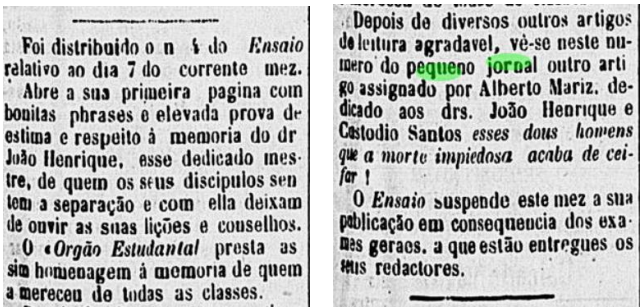
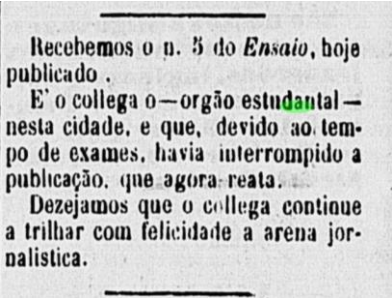
<p>Diário do Maranhão, 18 de agosto de 1890, n.5083, p. 02</p>	<p>Século</p>	<div data-bbox="1176 178 1556 470" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Ficou annullada a votação para o concurso de belleza, aberto pelos collegas do <i>Seculo</i>. Vão elles, segundo nos communi- caam, abrir novo concurso e por tudo de clausulas especiaes. Até á hora em que se combinou terminar eram estas as exm.^{as} jovens mais votadas:</p> </div> <div data-bbox="1579 178 1960 470" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>D. Diva Guimarães..... 3750 D. Maria Airlie..... 3320 Apareceu grande quantidade de cartões e enveloppas dourados e bordados. Não se pode chegar ao conheci- mento exacto de qual seria vence- dora em consequencia das irregula- ridades que determinaram a anul- lação do concurso.</p> </div>
<p>Pacotilha, 18 de agosto de 1890, n.223, p. 03</p>	<p>Século</p>	<div data-bbox="1064 502 1321 1348" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p style="text-align: center;">CONCURSO DE BELLEZA</p> <p>Ao meio dia, pouco mais ou me- nos, começou hontem, na redacção do <i>Seculo</i>, a apuração dos votos re- cebidos para o concurso de belleza, presidida pelo sr. dr. Tiberio Cesar de Lemos. As duas salas do <i>Seculo</i> estavam cheias de espectadores, despertan- do grande interesse a apuração. Aberto o deposito em que esta- vão os votos recolhidos, que mon- tavão em muito mais de trinta mil, deu-se começo ao trabalho, depois de distribuirem-se pelos mesarios e outras pessoas de toda confiança, listas para a escripturação dos vo- tos que se fossem lendo. A's duas horas da tarde, apesar da muita ac- tividade desenvolvida, tinha-se ape- nas chegado a apurar um quarto, si tanto, dos votos reunidos. A' essa hora, conhecendo-se que o processo adoptado para maior fa- cilidade da apuração, tinha indu- zido a pequenos enganões e não sen- do possível recommear o trabalho, a mesa apuradora, de accordo com a redacção do <i>Seculo</i>, resolveu que se annullasse a eleição. Até esse momento o resultado da votação era mais ou menos este: As exmas. sras. dd. Cotinha Air- lie e Diva Guimarães, tres mil se- tecentos e tantos votos cada uma; seguido-se-lhes, com grande vota- ção as exmas. sras. dd. Maroca Parga, Eponina Miranda, Ignez Guimarães, Henriqueta Pastor, Amancia Oliveira, Sinhasinha Mo- reira, Santos, Luzia Silva, Elisa Cotinha Brandão, d. Leonilia Gui- marães, Lulú Story, Anna Othilia Valle Almeida, Emma Dodt e ou- tras de cujos nomes não nos pode- mos lembrar por mais esforços que empregassemos.</p> </div> <div data-bbox="1332 502 1579 1348" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Forão encontrados por curiosos que depois de decretada a nullida- de da eleição, abrirão algumas das sedulas que não tinham sido ainda apuradas, uns votos em cartões e papel, de luxo, artisticamente pre- parados, e uns outros acompanhados de versos, dos quaes derão-nos os seguintes: Eu quizera ter mil votos para dal-os d'uma vez á moinha feiticeira que se chama D. Ignez. — Quiz esquecer-te... (debalde!) embora estejas ingrata, zangada porque disserão que foi por mim que souberão que a mãe te chama <i>mulata</i>. — Mas foi cousa d'um momento, que foi-se sem mais aquella... pois si tens a <i>cór morena</i>, não deve causar-te pena porque és <i>bonita e bella</i>. — Não dar-te o voto? Puderal! Quem te pode resistir? Affaga-se a flor ao vel-a, e és mais que flor, és estrella, no firmamento a luzir. — Quiz dar-te diversos votos, mas todos elles só meos... receiei que os não quizessem do concurso os corypheos. Levei-os, Lulú querida... Nada disserão—votai; mas si acaso resistissem, o que haveria, não sei... «De certo de que não brigava, mas uma tapona eu dava.» — Por seres meiga e formosa, modesta como a violeta, no concurso de belleza dou-te o meu voto, Henriqueta. — Vou lá votar no concurso !? Qual concurso ! Qual pilheria ! O tal do senhor concurso não pode ser cousa serial — Mas tanto n'elle fallarão e eu tanto n'elle fallei que apesar dos meus protestos no tal concurso votai.</p> </div> <div data-bbox="1590 502 1825 1348" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Produzirão este milagre dois vestidinhos caftas cór de rosa e ajustadinhos em duas moças bonitas. — Feitos em grande mysterio, guardadinhos com cuidado... Forão elles... forão ellas... que fizerão o meu peccado... — Quebrei todos os protestos, outros mais eu quebraria, pois ao ver essas donzellas que mortal resistiria ? — Dei-lhes os votos, contae-os; quanto aos nomes,—separae-os. — Tu que és meiga e carinhosa, como um anjinho do Senhor e que és um anjo, Ignezota, que sabe sentir o amor, n'este meu voto sincero accetta o meu coração, o peito do pobre Paulo que suspira de paixão. — Dei-te votos, pedi votos, fallei ao sol, fui á lua; vamos ver quem vence agora «quem fór melhor pule á rua.» — Não nasceste n'estos Leres mas que importa, si és formosa? Por ventura ha patria certa para os odores da rosa ? Onde quer que ella viceje, rescende sempre perfumes, assim onde estás, D. Ninha, espulhas d'um anjo os lumes. — Si nós nos amamos tanto de certo que eu voto em ti; é teu meu voto, Ignezinha, só por isso que eil-o aqui. — Não te lembras de mim. O meu semblante ha muito que não vês e nem mesmo siqur si existo ainda tu te lembras talvez. — Eu tive para ti canções e risos e tu p'ra mim desdem; apesar d'isso não te esqueço um dia, ó candida cecena. — Edou-te o voto agora, alma adorada angelical, celeste... Vê per elle, Henriqueta, o ardor, a chamma do amor que não quizeste.</p> </div> <div data-bbox="1836 877 2083 1348" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>— Eu sei que finges não ver-me que de mim fazes-te esquiua, mas que importa ? E' meu destino dar-te o voto, casta Diva. — Podesse abrir-te o peito e lá verias teu rosto retratado e ouvirias teu nome repetido no coração que eu trago comprimido silente, apaixonado.. — Esse nome celoste que eu só digo á noite, á solidão... e que agora, iremente, eu balbucio, escrevendo uma vez sobre o macio d'este lindo cartão, Nome que mais parece um trino d'ave modulado á noitinha, e que n'alma desperta uma zauda- de que é nome de mulher, porque és deidade, o teu nome—Cotinha.</p> </div>

Diário do maranhão, 22 de agosto de 1890, n.5087, p. 03		 <p>Foi hoje distribuido o numero 5 do <i>Seculo</i>. Vem variado em artigos de litteratura, poesias, chronica, etc.</p>
Pacotilha, 30 de agosto de 1890, n.235, p. 03	Século	 <p>Foi adiado para 10 do mez vindouro, o encerramento do concurso de belleza, aberto pelo <i>Seculo</i> aos seus assignantes.</p>
Pacotilha, 31 de agosto de 1890, n.236, p. 03	Século	 <p>Hoje estará a redacção do <i>Seculo</i> à disposição dos seus assignantes que quizerem ir dar o voto no concurso de belleza e prompta a receber novas assignaturas... E' aproveitar!</p>
Diário do Maranhão, 10 de setembro de 1890, n. 5102, p. 03	Século	 <p>Terminou hoje a votação para o «concurso de belleza.» aberto pelos nossos collegas do <i>Seculo</i>. A apuração terá lugar amanhã ás 2 horas da tarde. Compôr-se-ha a mesa apuradora pela fórma seguinte: Antonio Lobo.—P. Membros.—M. Nina, M. Miranda. P. Bessa.—Fiscal. F. Fragoso.—1.º S. Montroze Miranda.—2.º S.</p>

<p>Diário do Maranhão, 11 de setembro de 1890, n. 5103, p. 02</p>	<p>Século</p>	 <p>CONCURSO DE BELLEZA Distribuiu hoje o collega do <i>Seculo</i> um boletim, noticiando que a exm.^a sr.^a d. Diva Guimarães obteve maioria absoluta de votos no concurso, hontem encerrado. Obtiveram menção especial 14 outras senhoras, cujos nomes são especificados no referido boletim.</p>
<p>Pacotilha, 08 de outubro de 1890, n.273, p. 03</p>	<p>Século</p>	 <p>Involuntariamente incorremos hontem em uma falta com os nossos collegas do <i>Seculo</i>, deixando de accusar o recebimento do ultimo numero do seu jornal, que vem interessante, como os demais, cheio de artigos variados e composições poeticas.</p>
<p>Pacotilha, 13 de outubro de 1890, n.278, p. 02</p>	<p>Século</p>	 <p>Tivemos hoje a visita do ultimo numero do <i>Seculo</i>. Na forma do costume vem o collega cheio de bons escriptos e animado de esperanças. Abre um torneio para a festa dos Remedios, volando n'elle os assignantes do <i>Seculo</i> nas moças que com mais elegancia e simplicidade se apresentarem na popular festa.</p>
<p>Pacotilha, 24 de outubro de 1890, n.289, p. 03</p>	<p>Século</p>	 <p>Tivemos hoje a visita do n. 9 do <i>Seculo</i>. Vem como a alma dos seus redactores, alegre, e expansiva. Traz bons artigos e um exame de versos, todos de um sentir delicioso e fluencia agradável.</p>

<p>Pacotilha, 29 de outubro de 1890, n.294, p. 02</p>	<p>Século</p>	 <p>Foi este o resultado do torneio de elegancia, aberto pelo Seculo e apurado hoje: Eleita por maioria absoluta de votos a exma. sra. d. Lucilia Serra Lima. Cabe menção honrosa às exmas. sras. dd. Elisa Santos. Orinda Miranda. Epuzina Miranda. Diva Guimarães. Colinha Airlie. Zolmira Bielby. Sahí Nina. Elvira Marques. Medina Serra Lima. Noemi Valente.</p>
<p>Pacotilha, 08 de novembro de 1890, n.304, p. 03</p>	<p>Século</p>	 <p>Distribuiu-se hoje o n. 10 d'O Seculo.</p>

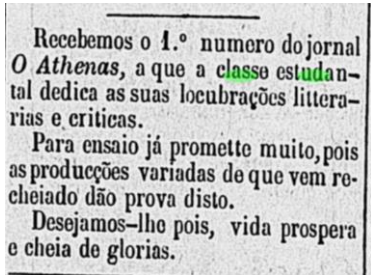
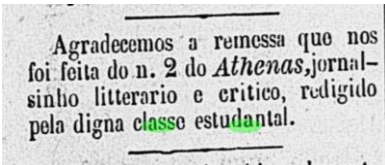
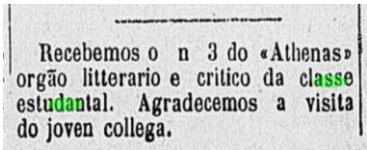
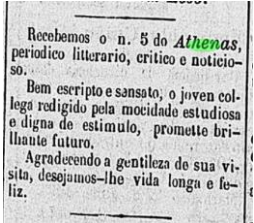
- O Ensaio (1890)

O ENSAIO (1890)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 13 de setembro de 1890, n. 248, p. 03.	Jornalzinho	 <p>Foi hoje distribuido o n. 1.º do <i>Ensaio</i>, jornalzinho litterario, que se destina a ser orgão da classe estudantal.</p> <p>Veiu cheio de artigos bem traçadinhos e escriptos com o enthusiasmo proprio da mocidade.</p>
Diário do Maranhão, 11 de novembro de 1890, n. 5155, p. 03.	Pequeno jornal	 <p>Foi distribuido o n. 4 do <i>Ensaio</i> relativo ao dia 7 do corrente mez. Abre a sua primeira pagina com bonitas phrases e elevada prova de estima e respeito à memoria do dr João Henrique, esse dedicado mestre, de quem os seus discipulos sentem a separação e com ella deixam de ouvir as suas lições e conselhos. O «<i>Orgão Estudantal</i>» presta a sua homenagem à memoria de quem a mereceu de todas as classes.</p> <p>Depois de diversos artigos de leitura agradavel, vê-se neste numero do <i>pequeno jornal</i> outro artigo assignado por Alberto Mariz, dedicado aos drs. João Henrique e Castodio Santos <i>esses dous homens que a morte impiedosa acaba de ceifar!</i></p> <p>O <i>Ensaio</i> suspende este mez a sua publicação em consequencia dos exames geraes, a que estão entregues os seus redactores.</p>
Diário do Maranhão, 20 de janeiro de 1891, n.5211, p. 02	Estudantal	 <p>Recebemos o n. 3 do <i>Ensaio</i>, hoje publicado.</p> <p>E' o collega o — orgão estudantal — nesta cidade, e que, devido ao tempo de exames, havia interrompido a publicação, que agora reata.</p> <p>Dezajamos que o collega continue a trilhar com felicidade a arena jornalística.</p>

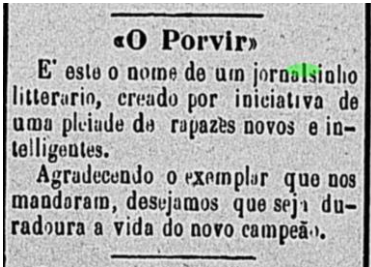
- A Eschola (1891)

A ESCHOLA (1891)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 07 de fevereiro de 1891, n. 36, p. 03.	Coleguinha	<p>Foi hoje distribuido o n. 1 da <i>Eschola</i>, jornal litterario, redigido por alguns estudantes do nosso Lyceu. Vem cheio de versos e de artigos cuidadosamente traçados. Vida longa ao colleguinha!</p>
Pacotilha, 25 de março de 1891, n. 82, p. 03.	Jornalsinho	<p>Foi hoje distribuido o n. 3 do interessante jornalsinho <i>A Eschola</i>, redigido por diversos estudantes do Lyceo.</p>

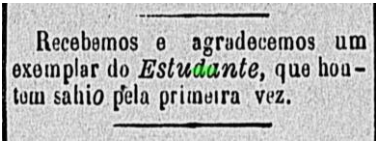
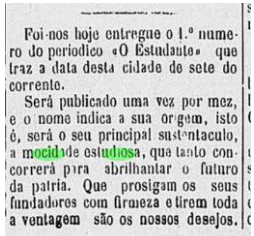
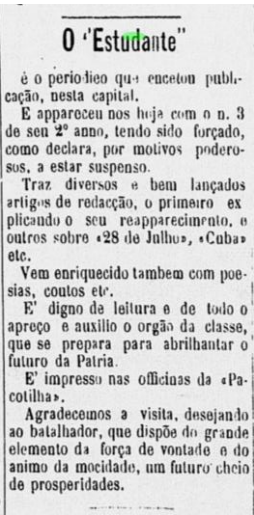
- O Athenas (1893)

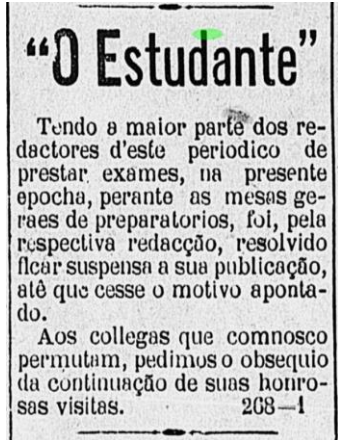
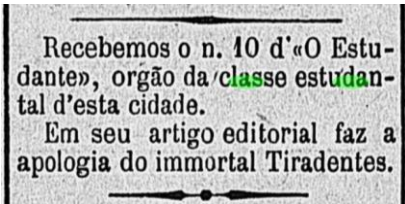
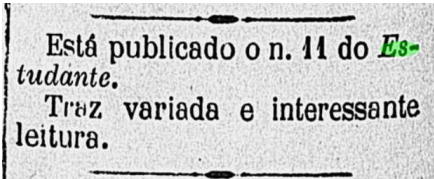
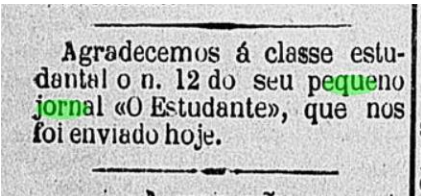
O ATHENAS (1893)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 17 de abril de 1893, n. 90, p. 02	Classe estudantil	 <p>Recebemos o 1.º numero do jornal <i>O Athenas</i>, a que a classe estudantil dedica as suas locubrações litterarias e criticas.</p> <p>Para ensaio já promette muito, pois as produções variadas de que vem recheiado dão prova disto.</p> <p>Desejamos-lhe pois, vida prospera e cheia de glorias.</p>
Pacotilha, 17 de maio de 1893, n. 116, p. 03	Classe estudantil	 <p>Agradecemos a remessa que nos foi feita do n. 2 do <i>Athenas</i>, jornalzinho litterario e critico, redigido pela digna classe estudantil.</p>
Diário do Maranhão, 25 de junho de 1893, n. 5940, p. 02.	Classe estudantil	 <p>Recebemos o n 3 do «Athenas» orgão litterario e critico da classe estudantil. Agradecemos a visita do joven collega.</p>
Pacotilha, 04 de agosto de 1893, n. 193, p. 02	Athenas	 <p>Recebemos o n. 5 do <i>Athenas</i>, periodico litterario, critico e noticioso.</p> <p>Bem escripto e sansato, o joven collega redigido pela mocidade estudiosa e digna de estimulo, promette brilhante futuro.</p> <p>Agradecendo a gentileza de sua visita, desejamos-lhe vida longa e feliz.</p>

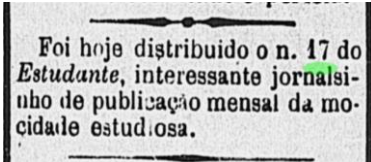
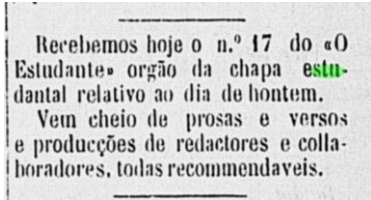
- O Porvir (1895)

O PORVIR (1895)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 18 de junho de 1895, n. 143, p. 02.	Jornalzinho	 <p>«O Porvir» É este o nome de um jornalzinho literario, creado por iniciativa de uma pleiade de rapazes novos e intelligentes. Agradecendo o exemplar que nos mandaram, desejamos que seja duradoura a vida do novo campeão.</p>

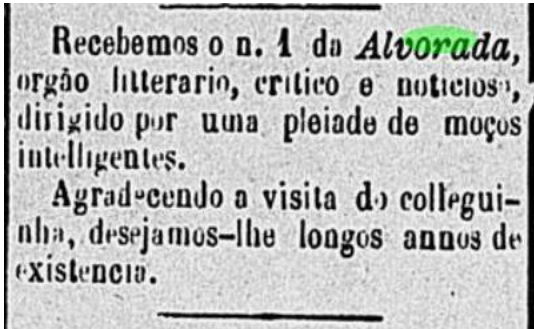
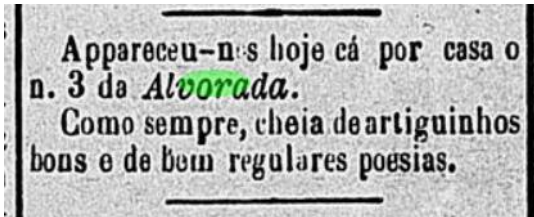
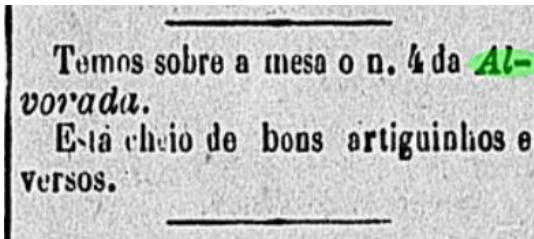
- O Estudante (1895)

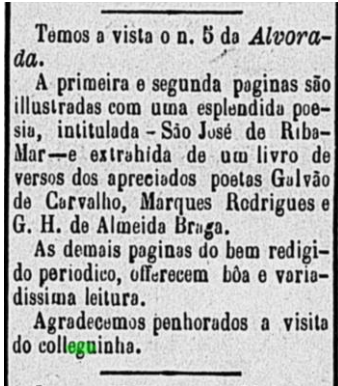
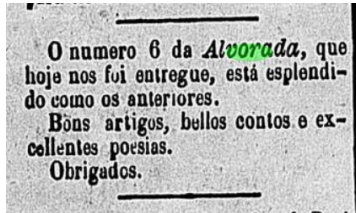
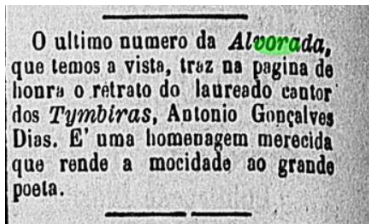
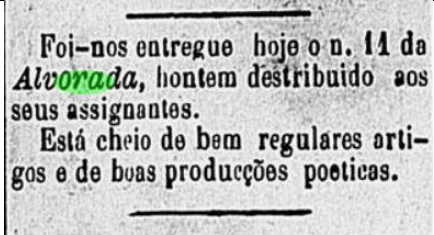
O ESTUDANTE (1895)		
Referência	Termo de recuperação	Mensagem
Pacotilha, 13 de setembro de 1895, n. 216, p. 02.	Estudante	 <p>Recebemos e agradecemos um exemplar do <i>Estudante</i>, que hou- tem saído pela primeira vez.</p>
Diário do Maranhão, 13 de setembro de 1895, n. 6611, p. 02	Mocidade estudiosa	 <p>Foi-nos hoje entregue o 1.º número do periódico «O Estudante» que traz a data desta cidade de sete do corrente. Será publicado uma vez por mês, e o nome indica a sua origem, isto é, será o seu principal sustentáculo, a mocidade estudiosa, que tanto concorrerá para abrihantar o futuro da pátria. Que prosigam os seus fundadores com firmeza e fitem toda a vantagem são os nossos desejos.</p>
Diário do Maranhão, 16 de agosto de 1896, n.6875 , p. 03.	Estudante	 <p>O "Estudante" é o periódico que encetou publicação, nesta capital. E appareceu nos hojs com o n. 3 de seu 2º anno, tendo sido forçado, como declara, por motivos poderosos, a estar suspenso. Traz diversos e bem lançados artigos de redacção, o primeiro applicando o seu reaparecimento, e outros sobre «28 de Julho», «Cuba» etc. Vem enriquecido tambem com poesias, contos etc. É digno de leitura e de todo o apreço e auxilio o órgão da classe, que se prepara para abrihantar o futuro da Pátria. É impresso nas officinas da «Pacotilha». Agradecemos a visita, desejando ao batalhador, que dispõe do grande elemento da força de vontade e do animo da mocidade, um futuro cheio de prosperidades.</p>

Pacotilha, 22 de janeiro de 1897, n. 18, p. 03	Estudante	 <p>“O Estudante”</p> <p>Tendo a maior parte dos redactores d'este periodico de prestar exames, na presente epocha, perante as mesas geraes de preparatorios, foi, pela respectiva redacção, resolvido ficar suspensa a sua publicação, até que cesse o motivo apontado.</p> <p>Aos collegas que conosco permutam, pedimos o obsequio da continuação de suas honrosas visitas. 208-1</p>
Pacotilha, 06 de maio de 1897, n. 105, p. 03	Classe estudantal	 <p>Recebemos o n. 10 d'«O Estudante», orgão da classe estudantal d'esta cidade.</p> <p>Em seu artigo editorial faz a apologia do immortal Tiradentes.</p>
Pacotilha, 03 de junho de 1897, n. 129, p. 02	Estudante	 <p>Está publicado o n. 11 do <i>Estudante</i>.</p> <p>Traz variada e interessante leitura.</p>
Pacotilha, 12 de julho de 1897, n. 161, p. 03.	Pequeno jornal	 <p>Agradecemos á classe estudantal o n. 12 do seu <i>pequeno jornal</i> «O Estudante», que nos foi enviado hoje.</p>

Pacotilha, 20 de janeiro de 1898, n. 17, p. 02.	Jornalsinho	 <p>Foi hoje distribuido o n. 17 do <i>Estudante</i>, interessante jornalsinho de publicação mensal da mocidade estudiosa.</p>
Diário do Maranhão, 21 de janeiro de 1898, n. 7315, p. 02	Estudantal	 <p>Recebemos hoje o n.º 17 do «O Estudante» órgão da chapa estudantal relativo ao dia de hontem. Vem cheio de prosas e versos e produções de redactores e collaboradores, todas recommendaveis.</p>

- A Alvorada (1895)

A ALVORADA (1895)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 10 de setembro de 1895, n. 213, p. 03.	Alvorada	 <p>Recebemos o n. 1 da <i>Alvorada</i>, órgão literario, critico e noticioso, dirigido por uma pleiade de moços inteligentes. Agradecendo a visita do collegui- nha, desejamos-lhe longos annos de existencia.</p>
Pacotilha, 23 de setembro de 1895, n. 224, p. 02.	Alvorada	 <p>Appareceu-n-s hoje cá por casa o n. 3 da <i>Alvorada</i>. Como sempre, cheia de artiguinhos bons e de bem regulares poesias.</p>
Pacotilha, 30 de setembro de 1895, n. 230, p. 02.	Alvorada	 <p>Temos sobre a mesa o n. 4 da <i>Al- vorada</i>. Esta cheio de bons artiguinhos e versos.</p>

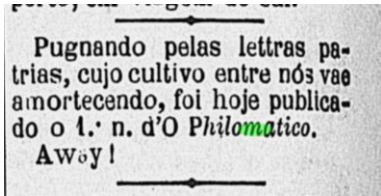
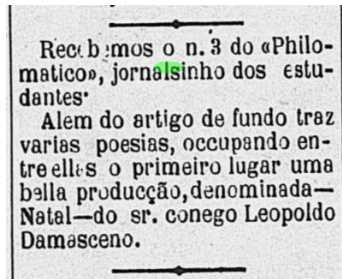
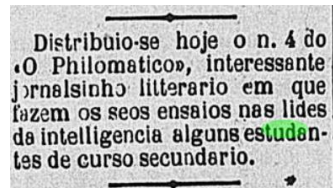
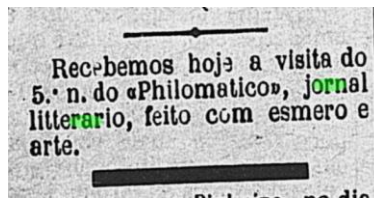
Pacotilha, 07 de outubro de 1895, n. 236, p. 03.	Coleguinha	 <p>Temos a vista o n. 5 da <i>Alvorada</i>. A primeira e segunda paginas são illustradas com uma esplendida poesia, intitulada - São José de Ribamar - e extrahida de um livro de versos dos apreciados poetas Gylvão de Carvalho, Marques Rodrigues e G. H. de Almeida Braga. As demais paginas do bem redigido periodico, offerecem bôa e variadissima leitura. Agradecemos penhorados a visita do colleguinha.</p>
Pacotilha, 14 de outubro de 1895, n. 242, p. 03.	Alvorada	 <p>O numero 6 da <i>Alvorada</i>, que hoje nos foi entregue, está esplendido como os anteriores. Bons artigos, bellos contos e excellentes poesias. Obrigados.</p>
Pacotilha, 06 de novembro de 1895, n. 262, p. 03.	Alvorada	 <p>O ultimo numero da <i>Alvorada</i>, que temos a vista, traz na pagina de honra o retrato do laureado cantor dos <i>Tymbiras</i>, Antonio Gonçalves Dias. E' uma homenagem merecida que rende a mocidade ao grande poeta.</p>
Pacotilha, 18 de novembro de 1895, n. 272, p. 03.	Alvorada	 <p>Foi-nos entregue hoje o n. 11 da <i>Alvorada</i>, hontem distribuido aos seus assignantes. Está cheio de bem regulares artigos e de boas producções poeticas.</p>

- O Ideal (1895)

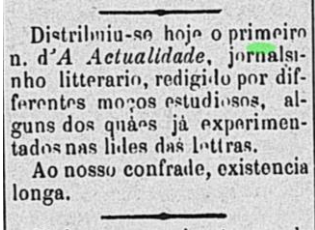
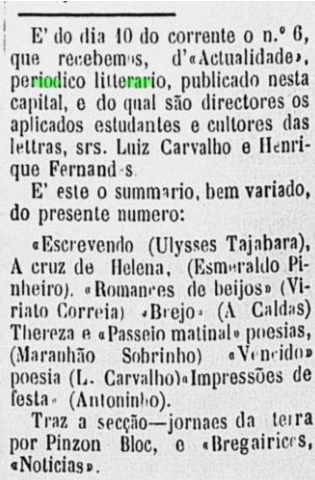
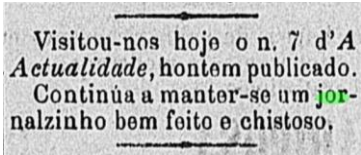
O IDEAL (1898)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 22 de setembro de 1898, n. 226, p. 03	Jornalzinho	<p>Encontramos hoje sobre a nossa mesa de trabalho o primeiro numero d'«O Ideal», jornalzinho litterario sahido antehontem n'esta cidade e escripto por estudantes.</p> <p>E' o campo do ensaio nas letras, de diferentes moços que, bem inspirados, comprehendem ser a imprensa um d's melhores meios de desenvolvimento do espirito.</p> <p>Sò temos applausos para os intelligentes redactores do novo jornalzinho e, animando-os, como devemos e elles merecem, desejamos ao seu «Ideal» vida longa e prospera.</p>
Pacotilha, 15 de outubro de 1898, n. 246, p. 03	Jornalzinho	<p>Recebemos o <i>Ideal</i>, interessante jornalzinho da mocidade estudiosa.</p>
Pacotilha, 19 de novembro de 1898, n. 275, p. 03	O Ideal	<p>Recebemos o n. 3 d'«O Ideal», campeão da mocidade estudantil.</p> <p>Traz diferentes escriptos, em prosa e verso, sendo os seus primeiros artigos consagrados aos dias 15 e 18 do corrente.</p> <p>Avante, moços!</p>
Pacotilha, 13 de janeiro de 1899, n. 11, p. 03.	Mocidade estudiosa	<p>Recebemos o 1.º numero do 2.º anno d'«O Ideal», órgão da mocidade estudiosa.</p>

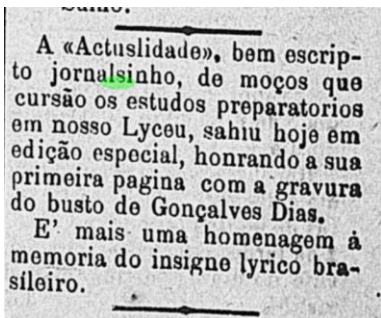
<p>Pacotilha, 01 de março de 1899, n.51, p. 02</p>	<p>Estudantes</p>	<p>Temos sobre a mesa o 2º numero deste anno, publicado hontem, do «Ideal», jornal litterato, escripto por muitos dos nossos jovens estudantes. Away!</p>
<p>Pacotilha, 26 de julho de 1899, n. 176, p. 03</p>	<p>Jornalsinho</p>	<p>As exequias mandadas celebrar na igreja de S. João pela classe estudantil, por alma da normalista Francisco de Albuquerque Coqueiro, estiveram com a solemnidade esperada.</p> <p>A entrada do templo, com as suas gent's alumnas, que pareciam um bando de anjos, com as suas roupinhas brancas, a exma. sra. d. Zira Nina Rosa, distincta e esforçada directora do collegio do Coração de Jesus, representava os institutos de ensino primario dos sexos feminino.</p> <p>Não tinha delegação para isso e nem como tal se apresentava, mas pela sua recatada proficiência e dedicação á instrucção da infancia, aos olhos de todos que compareceram ás exequias, representava dignamente essa parte da classe estudantil.</p> <p>Levara á h. mensagem prestada a uma menina desditosa, colhida pela morte no começo dos seus estudos secundarios, as lagrimas e a prece da infancia, puras e santas como os sentimentos que lhe brotão do coração e acaricião-lhe a alma.</p> <p>A' um lado do templo o sr. dr. Inspector Geral da Instrucção Publica, o director da sua secretaria, membros do corpo docente do Lyceu e da Escola Normal, aos quaes se juntou o sr. dr. director d'este ultimo estabelecimento.</p> <p>Seguião-se os estudantes do Lyceu, differentes familias e cavalheiros e perto do altar mór as alumnas da Escola Normal, as suas venerandas vigiantes e em alguma distancia uma comissão de alumnos do collégio S. S. bastião e outra do Gremio Litterario Estudantil, que, findas as exequias, tinha de fazer a distribuição d'um numero do Ideal, todo tórjado e cheio de escriptos da estudantes do Lyceu e normalistas, dedicados á normalista morta.</p> <p>A nave do templo apresentava um catafalco encimado por uma cruz e rodeado de toccheiros.</p> <p>Celebrou a missa o sr. padre Silvino, tendo por diacono e subdiacono os srs. padre Lopes e minorista Maya.</p> <p>No coro, uma bem organizada orchestra, dirigida pelo habil violinista sr. Luiz Medeiros, desempenhava a parte da musica fazendo os acompanhamentos, imprimia ás exequias maior solemnidade a nada.</p> <p>A parte de canto no côro foi executada pelos srs. padre Craves, Alberto Reis, Marcellino Santos, Archimedes Rêgo e Alípio de Moraes.</p> <p>Finda a recommendação, ao lado do catafalco, a orchestra executou com a maior expressão uma bellissima elegia de Glotterann, de um effeito extraordinario.</p> <p>— A comissão do Gremio Litterario, ao mesmo tempo que os assistentes reiteravão as suas manifestações de pesar á exma. familia da normalista, cuja alma era suffragada, fazia a distribuição da edição especial do Ideal.</p> <p>Esse jornalsinho, orgão do Gremio Litterario Estudantil, traz alem do artigo de fundo, que não é assignado, escriptos dos estudantes Hermilio Pereira, Carlos Martins, Luiz Carvalho, Leopoldino Lisboa, Theodoro Rosa, Alarico Pacheco, Hamleto Godois, Francisco C. Fernandes, Antonio Rocha, J. Vaz, Lisboa Filho e Viriato Corrêa, sendo sonetos os d'estes dois ultimos; e das normalistas Justina Santos, Amélia Carvalho, Maria José Pontes, Zila Paes, G. Santos, Ignez de C. Pinto, Paschoa Galvão, Appolonia Ferreira, Maria J. Peralles, Celeste Bryma, Genevri Mattos, Joanna R. Mello, Amalia Fonseca, Henriqueta Belchior, Corina Cardoso, Rymunda Roland, Emilia Silva, Arthusa Fonseca, Almerinda Lemos, Blandina Santos, Henriqueta Santos, Ori-thya Santos, Theresa Carneiro e Omphale Pereira, sendo em verso os das normalistas Zila Paes e Paschoa Galvão.</p> <p>— Foi uma tocante solemnidade a que as alumnas da Escola Normal e os estudantes do Lyceu fizeram celebrar em homenagem á memoria d'uma sua companheira de classe.</p> <p>— No Lyceu Maranhense esteve boje em mela hasta a bandeira do Estado.</p>

- O Philomatico (1898)

O PHILOMATICO (1898)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 12 de novembro de 1898, n. 269, p. 02	Philomatico	
Pacotilha, 26 de dezembro de 1898, n. 306, p. 02	Jornalsinho	
Pacotilha, 27 de janeiro de 1899, n. 306, p. 02	Estudantes	
Pacotilha, 28 de fevereiro de 1899, n. 50, p. 02.	Jornal Litterario	

- A Actualidade (1900)

A ACTUALIDADE (1900)		
Referência	Termo de recuperação	Nota
Pacotilha, 17 de agosto de 1900, n.195, p. 03.	Jornalzinho	 <p>Distribuiu-se hoje o primeiro n. d'A Actualidade, jornalzinho litterario, redigido por diferentes moços estudiosos, alguns dos quaes já experimentados nas lides das lettras. Ao nosso confrade, existencia longa.</p>
Diário do Maranhão, 12 de outubro de 1900, n. 8136, p. 02.	Periódico litterario	 <p>E' do dia 10 do corrente o n.º 6, que recebem-se, d'«Actualidade», periodico litterario, publicado nesta capital, e do qual são directores os applicados estudantes e cultores das lettras, srs. Luiz Carvalho e Henrique Fernandes. E' este o summario, bem variado, do presente numero:</p> <p>«Escrevendo (Ulysses Tajahara), A cruz de Helena, (Esmaraldo Pinheiro), «Romanes de beijos» (Viriato Correia) «Brejo» (A Caldas) Thereza e «Passoio matinal» poesias, (Maranhão Sobrinho) «Vencido» poesia (L. Carvalho) «Impressões de festa» (Antoninão). Traz a secção—jornaes da terra por Pinzon Bloc, e «Bregairics, «Noticias».</p>
Pacotilha, 25 de outubro de 1900, n. 254, p. 03	Jornalzinho	 <p>Visitou-nos hoje o n. 7 d'A Actualidade, hontem publicado. Continua a manter-se um jornalzinho bem feito e chistoso.</p>

<p>Pacotilha, 03 de novembro de 1900, n.261, p. 02</p>	<p>Jornalsinho</p>	 <p>... A «Actualidade», bem escripto jornalsinho, de moços que cursão os estudos preparatorios em nosso Lyceu, sahi hoje em edição especial, honrando a sua primeira pagina com a gravura do busto de Gonçalves Dias. E' mais uma homenagem à memoria do insigne lyrico brasileiro.</p>
--	--------------------	---

- O Athleta (1900)

O Athleta (1900)		
Referência	Termo de recuperação	Mensagem
Pacotilha, 04 de junho de 1900, n. 131, p. 02	Jornalzinho	<p>Tivemos hoje a visita d'«O Athleta», jornalzinho de propriedade do Gremio Litterario Estudantal e cujo primeiro numero acaba de ser dado á publicidade.</p> <p>No seu artigo programma diz que «vem declarar guerra sem treguas, mas leal, a toda sorte de rotina, material, intellectual ou moral e trabalhará, quanto de suas forças depender, pela conquista ennobrecedora da verdadeira sciencia, da arte immortal.»</p> <p>Prevendo as agruras do caminho que se propõe percorrer, acrescenta:</p> <p>«Verdade é que manejadas por mãos pouco amestradas de meninos e rapazes, talvez nem sempre consigam as armas de que terá de usar,—obter triumpho decisivo; isto mesmo, porém, longe de desanimal-o na peleja, terá a virtude de um incentivo: encher-o-á de novos brios para as pugnas futuras.»</p> <p>Replecto, como vem, de escriptos litterarios, reveladores da cultura da intelligencia dos seus auctores, quasi todos estudantes do nosso Lyceu, apresenta «O Athleta», no seu 1º numero leitura variada e interessante.</p> <p>Desejamos-lhe longa vida e prosperidades.</p>

<p>Pacotilha, 04 de junho de 1900, n. 131, p. 02</p>	<p>Gremio Litterario Estudantal</p>		<p>Foi este o resultado da eleição procedida hontem no Gremio Litterario Estudantal:</p> <p>Presidente Luiz Ferreira de Carvalho</p> <p>Vice-presidente Theodoro Bernardino da Rosa</p> <p>1.º secretario Hamleto B. Barbosa de Godois</p> <p>2.º Secretario Antonio d'Almeida Netto, reeleito</p> <p>1.º supplente Demosthenes Macedo, reeleito.</p> <p>2.º supplente Thusydes Barbosa, reeleito.</p> <p>Orador Raimundo Leoncio Rodrigues.</p> <p>Thesoureiro Joaquim Barbosa da Silva Santos, reeleito.</p> <p>Comissão fiscal Antonio Godofredo de Miranda, relator.</p> <p>Japhet Vallo Porto da Motta Euclides Maranhão</p> <p>Comissão de Redacção Antonio Godofredo de Miranda, Relator.</p> <p>Agostinho Rodrigues d'Assumpção Thucidydes Barbosa.</p>
--	-------------------------------------	--	---

APÊNDICE C - Ficha de descrição física e de conteúdo dos impressos estudantis

• O Estudante (1870)

J O R N A L	Título	O Estudante
	Subtítulo	Jornal litterario e critico
	Administração	Propriedade de estudantes do Lycêo
	Epigrafe	Allons, enfants de la patrie. Le jour de gloire est arrivé! Roegat de L'Isle, (La Marseilloise)
	Data de criação	15 de junho de 1870
F O R M A	Tamanho	In-8°
	Imagens ou ilustrações	Não
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas, fontes diversas e separadores de seção de diferentes formas.
	Nº de páginas	04
	Nº de Colunas	02
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	“sahe indeterminadamente”
	Dia de publicação	---
	Anos	01
	Números publicados	03
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	---
D I S P O S I T I V O S	Distribuição	Assinatura por serie de 10 números ou compra de número avulso
	Grupo organizador	Liceístas
	Público Alvo	“Dedicado aos interesses de toda a classe estudantal.”
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redator	---
	Jornalistas e Colaboradores	Pedro Porto, o <i>semi-morto</i> ; B. ;FROISSART. ; MAUVEPIN; T. O. D. de Mesquita; Oberon.; L. B.;
	Tipografia	A.P. Ramos d'Almeida- Rua da Palma nº 3 B. de Mattos. Impressor M. F. Pires. (a partir do número 3)
	Jornais apoiadores	---
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
Vendido ou gratuito	100 reis a assinatura de 10 números e 160 reis 01 número avulso.	
E S T R U T U R A	Expediente	Sim (primeira página)
	Seções fixas	O ESTUDANTE, LYCÊO MARANHENSE, MOSAICO (Pedro Porto, o <i>semi-morto</i>), CHARADAS (<i>Mauvepin</i>).
	Artigos e Reproduções	---
	Produções literárias	POESIA (B.) e CHRONICAS
	Noticiário	Sim (<i>NOTICIAS</i>)
	Anúncios	---
	Errata	---

- A Mocidade (1875)

J O R N A L	Título	A Mocidade	
	Subtítulo	Jornal litterario, critico e noticioso	
	Epigrafe	...la jeunesse,...est la fleur de toute la nation. C'est dans la fleur qu'il faut preparer les fruits: ... <i>Fénelon</i> .	
	Administração	Redigido por uma associação	
	Data de criação	01 de agosto de 1875	
F O R M A	Tamanho	In-8°	
	Imagens ou ilustrações	Não	
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas, fontes diversas e separadores de seção de diferentes formas.	
	Nº de páginas	04	
	Nº de Colunas	03	
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	03 vezes por mês	
	Dia de publicação	Dias indeterminados	
	Anos	1875-1876	
	Números publicados	01-29	
	Números especiais	---	
	Interrupções de tiragem	---	
	Distribuição	Assinatura por trimestre	
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes (PAIZ, 1875, n. 598)	
	Público Alvo	---	
	Patrono	---	
	Corpo editorial	“Redigido por uma associação”	
	Redatores	Alfredo Moreira B. d'O. Lima; Antonio Arthur de Souza Rosa (Sócio)	
	Jornalistas e Colaboradores	Byron; S. ;Carlos Pinho; Paulo Pereira; Almino Alvares Affonso; <i>Confucius</i> , Joaquim R. Gonçalves; <i>Aireper</i> , Luiza Amelia; <i>The Tent</i> .; José Quebra Kilos; Guioldo; João da Matta Rodrigues do Nascimento; Tuty-Assú; Carlos de Béthencourt; A. G.; Antonio Arthur de Souza Rosa; F.; <i>Kirmayu</i> ; A. Q.; <i>Democrito</i> ; Anisio; Xavier Junior; <i>Follet</i> ; A. R.; <i>Onalhop</i> ; Juvencio Auto Pereira; Barros d'Albuquerque Maranhão; N.; A. Britto; M. S.; Nemo; <i>Maciot</i> ; Alfredo E. P. d'Almeida; M. S. da S. e F.; L.; Azinio; Asmodeo Pantaleão; Henry Boland; M. R. Guterres; <i>Zoilo</i> ; Raoul de Sabligny; Alfredo Magalhães; Zain; Celso Amando; Arthur de la Rivera; Demo; <i>Arslan</i> ; A. Britto; Tito Mousinho; Joaquim mariano de Sousa; Eustaquio Pereira;	
	Tipografia	Typografia do Paiz – Impresso por M. F. V. Pires	
	Jornais apoiadores	O Paiz (1875, n. 598)	
	Redação	Rua da Formosa nº40 (Liceu)	
	Regulamento ou estatuto	---	
	Vendido ou gratuito	2000 cruzeiros por trimestre	
	E S T R U	Expediente	Sim (1º página)
		Seções fixas	A MOCIDADE e FOLHETIM (1ª página) COLUMNA TELEGRAPHICA (3ª ou 4º página)
Reproduções		Sim	
Produções literárias		Poesias e crônicas	

T U R A	Noticiário	Sim
	Anúncios	Sim (último espaço da última página)
	Errata	Sim (último espaço da última página)

- Revista Juvenil (1876)

J O R N A L	Título	Revista Juvenil	
	Subtítulo	Jornal Litterario, Critico e Noticioso	
	Epigrafe	Transibunt dies, augebitur scienta. <i>Bacon</i>	
	Administração	Redigido por uma associação (nº 01 e 02) Propriedade da Sociedade União Juvenil (nº 03 a 12)	
	Data de criação	10 de agosto de 1876	
F O R M A	Tamanho	In-8º	
	Imagens ou ilustrações	Não	
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas e fontes diversas	
	Nº de páginas	04	
	Nº de Colunas	03	
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	03 vezes por mês	
	Dia de publicação	Indeterminado	
	Anos	1876-1877	
	Números publicados	12	
	Números especiais	Não	
	Interrupções de tiragem	Sim (DIÁRIO DO MARANHÃO, 1876, nº 977)	
	Distribuição	Assinatura ou compra avulsa	
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes da Sociedade União Juvenil	
	Público Alvo	---	
	Patrono	---	
	Corpo editorial	Presidente – Constantino da Costa Pereira Tesoureiro – Domingos Pedro dos Santos Presidente – Benedito Pereira Leite Presidente –Luiz J. V. de Mello Vice- Presidente – Julio A. Bacellar	
	Redatores		
	Jornalistas e Colaboradores	Reginaldo; S.; A. S.; C.; <i>Aireper</i> ; Rufino; <i>Xisto</i> ; <i>Zarmot</i> ; <i>Ruostaucegas</i> ; L. de Sá Lima; Constantino; M.; <i>A Critica</i> ; <i>O pagé</i> ; P. L.; <i>Sedemihera</i> ; B.; <i>Plinio</i> ; L. M. ; <i>Nozuilelm</i> ; E.; J. S.; <i>Tossan</i> ; Alfredo Galvão; M.; Demo; <i>Toti Nhozimou</i> ; <i>Porporato</i> ; G. Tell;	
	Tipografia	Tipografia do Paiz – Impressor Manoel F. Vianna Pires (nº 01 a 03º) Tipografia Liberal – Impresso por S. A. de Faria (nº 04 e 05) Tipografia do Frias (nº 06 a 12)	
	Jornais apoiadores	Diário do Maranhão	
	Redação	---	
	Regulamento ou estatuto	Sim	
	Vendido ou gratuito	2000 reis a assinatura 400 reis o número avulso	
	E S T R U T	Expediente	Sim (1º página)
		Seções fixas	REVISTA JUVENIL (1º página) RABISCAS (4º página) FACTOS E BOATOS (4º página- <i>Aireper</i> e <i>Zarmot</i>) COUSAS E LOUSAS (4º página- <i>Zarmot</i> e <i>Nozuilelm</i>)
Reproduções		---	
Produções literárias		Poesias	

U R A	Noticiário	Sim – Rabiscas, Factos e Boatos Cousas e Lousa
	Anúncios	Não
	Errata	Sim (último espaço da última página)

- **Progresso (1878)**

J O R N A L	Título	O Progresso
	Subtítulo	*Jornal Litterário
	Epigrafe	---
	Administração	Club Litterario/ União Litteraria
	Data de criação	13 de junho de 1878
F O R M A	Tamanho	---
	Imagens ou ilustrações	---
	Recursos tipográficos	---
	Nº de páginas	---
	Nº de Colunas	---
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	---
	Dia de publicação	---
	Anos	01
	Números publicados	01-11
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	Sim (DIÁRIO DO MARANHÃO, n. 1571, p.01)
	Distribuição	---
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes do Liceu (O Paiz, 1878, n. 114, p. 02)
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	Presidente - Manuel Álvaro de Souza Sá Vianna Vice-Presidente – Francisco José Viveiros de Castro (Professor?) Secretários – Athenodoro Alves O. de Carvalho Tesoureiro – João Silvestre Nonato da Silva
	Redatores	A. C. A. (historiador)
	Jornalistas e Colaboradores	<i>Barão de Sururus; Péricles; Lantenac; Barão do Bacanga – Munduca Fandango.</i>
	Tipografia	---
	Jornais apoiadores	O Paiz e Diário do Maranhão
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	---
	E S T R U T U R A	Expediente
Seções fixas		---
Reproduções		---
Produções literárias		---
Noticiário		---
Anúncios		---
Errata		---

- A Escola (1898)

J O R N A L	Título	A Escola
	Subtítulo	Jornal Crítico e Litterario
	Epigrafe	No templo do trabalho é hóstia, verbo, sacrário, luz, sacerdotisa, - a imprensa, mãe da liberdade <i>Tomaz Ribeiro</i>
	Administração	Rua da Formosa, n. 40
	Data de criação	29 de Agosto de 1878
F O R M A	Tamanho	In-8º
	Imagens ou ilustrações	Não
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas e fontes diversas
	Nº de páginas	10
	Nº de Colunas	02
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Mensal
	Dia de publicação	Indeterminada
	Anos	01
	Números publicados	03-*
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	Sim
	Distribuição	Assinatura
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	---
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	Auto Pereira; Dias da Silva; Vianna dos Reis; Alfredo Galvão; Alf. De Barros Lima; J. A. C.; Jorge Odemira; Dias da Silva; A. B. Barbosa de Godois (Professor); Baptista Rego; Frederico severo; Souto Roupinho; R. A. dos Santos; Gil Menuncio (<i>o Miudinho</i>); A.; C. Castro; <i>Solfiéri</i> .
	Tipografia	Tipografia do Paiz
	Jornais apoiadores	---
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	1000 réis por bimestre
E S T R U T U R A	Expediente	---
	Seções fixas	SUMÁRIO (Capa); A ESCOLA – Artigo Editorial (1 página); FOLHETIM (1 página); AVISOS (última página)
	Reproduções	Sim
	Produções literárias	Poesias e Sonetos
	Noticiário	Não
	Anúncios	Não
	Errata	Não

- O Sorriso (1885)

J O R N A L	Título	O Sorriso
	Subtítulo	Periódico Critico, Litterario e Recreativo
	Epigrafe	Não
	Administração	Não
	Data de criação	01 de março de 1885
F O R M A	Tamanho	In-8°
	Imagens ou ilustrações	Não
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas, fontes diversas e separadores de seção de diferentes formas.
	Nº de páginas	04
	Nº de Colunas	03
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	02 vezes por mês
	Dia de publicação	Domingo
	Anos	01
	Números publicados	06--
	Números especiais	Sim (nº 06 homenagem a Victor Hugo)
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	Assinatura
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes de Preparatórios (O Paiz, 1875, n. 202)
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	<i>Sacivoua; Iframomoje; Uosrefaboje, A. Ferreira; Montaigne; Sacepela; Imresnom;</i>
	Tipografia	Tipografia da Pacotilha
	Jornais apoiadores	O Paiz e Pacotilha
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	1000 reis por trimestre
E S T R U T U R A	Expediente	Sim (1º página)
	Seções fixas	O SORRISO (1º página); EXPEDIENTE (informações sobre a circulação e permuta de jornais com a redação); ROLHAS E SACAROLHAS (Artigos); DE TUDO E TODOS (charadas); VARIEDADE e PUBLICAÇÕES A PEDIDO.
	Reproduções	---
	Produções literárias	Conto, Poesia e Soneto
	Noticiário	Não
	Anúncios	Não
	Errata	Sim (último espaço da última página)

- **O Repolho (1885)**

J O R N A L	Título	O Repolho
	Subtítulo	---
	Epigrafe	---
	Administração	---
	Data de criação	Março de 1885
F O R M A	Tamanho	---
	Imagens ou ilustrações	---
	Recursos tipográficos	---
	Nº de páginas	---
	Nº de Colunas	---
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	*Mensal
	Dia de publicação	---
	Anos	01
	Números publicados	1 a 4 - *
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	Sim (mês de maio)
	Distribuição	---
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes de Preparatórios
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	---
	Tipografia	---
	Jornais apoiadores	---
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	---
E S T R U T U R A	Expediente	---
	Seções fixas	---
	Reproduções	---
	Produções literárias	---
	Noticiário	---
	Anúncios	---
	Errata	---

- O Porvir (1885)

J O R N A L	Título	O Porvir
	Subtítulo	*Jornal Litterario e Crítico
	Epigrafe	---
	Administração	Sociedade Porvir
	Data de criação	09 de abril de 1885
F O R M A	Tamanho	---
	Imagens ou ilustrações	---
	Recursos tipográficos	---
	Nº de páginas	---
	Nº de Colunas	---
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	3x por mês
	Dia de publicação	10, 20 e 30 de cada mês
	Anos	01
	Números publicados	01 a 07- *
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	---
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes do Liceu – Estudantes de Preparatórios
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	Secretário – Traquinio Carvalho
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	<i>Strauss</i> ; Maria Firmina dos Reis (primeira autora negra a publicar um livro no Brasil)
	Tipografia	---
	Jornais apoiadores	Diário do Maranhão, O Paiz, Pacotilha, O Sorriso.
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	---
E S T R U T U R A	Expediente	---
	Seções fixas	---
	Reproduções	---
	Produções literárias	Poesia – <i>O Porvir</i> de Maria Firmina dos Reis
	Noticiário	---
	Anúncios	---
	Errata	---

- **O Estudante (1885)**

J O R N A L	Título	O Estudante
	Subtítulo	---
	Epigrafe	---
	Administração	---
	Data de criação	11 de junho de 1885
F O R M A	Tamanho	In-8°
	Imagens ou ilustrações	---
	Recursos tipográficos	---
	N° de páginas	---
	N° de Colunas	---
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	2x por mês
	Dia de publicação	Indeterminado
	Anos	01
	Números publicados	---
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	---
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes do Liceu
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	---
	Tipografia	Tipografia do Paiz
	Jornais apoiadores	Diário do Maranhão, O Paiz; Pacotilha.
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	---
E S T R U T U R A	Expediente	----
	Seções fixas	---
	Reproduções	---
	Produções literárias	---
	Noticiário	----
	Anúncios	---
	Errata	---

- A Liberdade (1886)

J O R N A L	Título	A Liberdade
	Subtítulo	*Jornal Litterario e Recreativo
	Epigrafe	---
	Administração	---
	Data de criação	02 de junho de 1886
F O R M A	Tamanho	---
	Imagens ou ilustrações	---
	Recursos tipográficos	---
	Nº de páginas	---
	Nº de Colunas	---
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	---
	Dia de publicação	---
	Anos	01
	Números publicados	01 a 02 - *
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	---
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes de Preparatórios
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	Machado Junior; Costa Lima e A. Viveiros
	Jornalistas e Colaboradores	P. J. da Costa Lima;
	Tipografia	Oficina do Sr. Parga – proprietário do O Paiz
	Jornais apoiadores	Pacotilha e O Paiz.
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	---
E S T R U T U R A	Expediente	---
	Seções fixas	---
	Reproduções	---
	Produções literárias	Artigos Literários e Poesias
	Noticiário	---
	Anúncios	---
	Errata	---

- **O Estudante (1887)**

J O R N A L	Título	O Estudante
	Subtítulo	---
	Epigrafe	---
	Administração	---
	Data de criação	23 de janeiro de 1887
F O R M A	Tamanho	---
	Imagens ou ilustrações	---
	Recursos tipográficos	---
	Nº de páginas	---
	Nº de Colunas	---
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	---
	Dia de publicação	---
	Anos	01
	Números publicados	01 a 05 - *
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	---
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	---
	Tipografia	---
	Jornais apoiadores	Pacotilha
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	---
E S T R U T U R A	Expediente	---
	Seções fixas	---
	Reproduções	---
	Produções literárias	---
	Noticiário	---
	Anúncios	---
	Errata	---

- O Século (1889)

J O R N A L	Título	O Século
	Subtítulo	Periódico Litterario, Critico e Recreativo
	Epigrafe	<i>Vivre au grand jour. – A Comte.</i>
	Administração	Redator – Antonio Lobo
	Data de criação	06 de agosto de 1889
F O R M A	Tamanho	In-8º
	Imagens ou ilustrações	Não
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas, fontes diversas e separadores de seção de diferentes formas.
	Nº de páginas	04
	Nº de Colunas	04
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Duas vezes por mês
	Dia de publicação	Indeterminado
	Anos	02 – 1889 a 1890
	Números publicados	Ano1 – 01 a 04 - *; Ano 2 – 10 n.
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	De março a julho no ano 02.
	Distribuição	Assinatura
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes do Liceu
	Público Alvo	---
	Patrono	Não
	Corpo editorial	Diretor de redação - Antonio Lobo; Gerente financeiro – Pacifico Bessa
	Redatores	Antonio Lobo, Aluizio Porto, Montrose Miranda, Manoel Miranda, Fausto Fragoso, Manoel M. Nina
	Jornalistas e Colaboradores	Augusto Fragoso; Dr. Lima Campos; Dunshee de Abranches; Antonio Lobo; Jayme; Fausto Fragoso; Solmac Oger; A. Britto
	Tipografia	---
	Jornais apoiadores	Pacotilha e Diário do Maranhão
	Redação	Rua de Nazareth, n. 34.
	Regulamento ou estatuto	Não
	Vendido ou gratuito	500 réis por mês
	E S T R U T U R A	Expediente
Seções fixas		---
Reproduções		---
Produções literárias		Poesia, Crítica, Artigos de literatura, Crônica, Logogrifo
Noticiário		---
Anúncios		---
Errata		---

- O Ensaio (1890)

J O R N A L	Título	O Ensaio
	Subtítulo	Orgão Estudantal
	Epigrafe	Não
	Administração	Rua da Formosa nº11, nos seguintes dias: quinta feira das 12 as 2 da tarde e domingo das 9 da manhã ás 3 da tarde.
	Data de criação	18 de setembro de 1890
F O R M A	Tamanho	In-8°
	Imagens ou ilustrações	Não
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas, fontes diversas e separadores de seção de diferentes formas.
	Nº de páginas	04
	Nº de Colunas	03
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Duas veze ao mês
	Dia de publicação	Indeterminado
	Anos	1890-1891
	Números publicados	08
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	Sim
	Distribuição	Assinatura mensal
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes de preparatórios
	Público Alvo	Estudantes
	Patrono	Não
	Corpo editorial	Não
	Redatores	J. C. Raposo Junior; Achilles Lisboa e Alcides Pereira
	Jornalistas e Colaboradores	Victor Perry ; Sylvio; Alcides Pereira; O. Mello; Lucrecio; Djalma Waldemiro
	Tipografia	Tipografia da Pacotilha
	Jornais apoiadores	Diário do Maranhão e Pacotilha
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	Colunas francas aos assinantes, isto é, os assinantes poderiam publicar no jornal.
	Vendido ou gratuito	300 réis
	E S T R U T U R A	Expediente
Seções fixas		---
Reproduções		---
Produções literárias		Poesia e conto
Noticiário		Não
Anúncios		Não
Errata		Não

- A Eschola (1891)

J O R N A L	Título	A Eschola
	Subtítulo	Orgão Estudantal
	Epigrafe	---
	Administração	---
	Data de criação	07 de fevereiro de 1891
F O R M A	Tamanho	In-8°
	Imagens ou ilustrações	Não
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas, fontes diversas e separadores de seção de diferentes formas.
	Nº de páginas	04
	Nº de Colunas	03
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	---
	Dia de publicação	Indeterminado
	Anos	01
	Números publicados	01 a 03 - *
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes do Liceu
	Público Alvo	Destinado à classe estudantal
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	Roberto Adolpho; Barreto Rocha; Roberto Adolpho; Sebastião Nogueira; Girardin; José Augusto Barreto de Mello Rocha.
	Tipografia	Tipografia da Pacotilha
	Jornais apoiadores	Pacotilha
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	---
E S T R U T U R A	Expediente	---
	Seções fixas	
	Reproduções	
	Produções literárias	Artigos literários; Artigos de opinião; Crônica e Soneto
	Noticiário	---
	Anúncios	---
	Errata	---

- O Athenas (1893)

J O R N A L	Título	O Athenas
	Subtítulo	*Periódico Litterario, Critico e Noticioso.
	Epigrafe	---
	Administração	---
	Data de criação	17 de abril de 1893
F O R M A	Tamanho	---
	Imagens ou ilustrações	---
	Recursos tipográficos	---
	Nº de páginas	---
	Nº de Colunas	---
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Mensal
	Dia de publicação	Indeterminado
	Anos	01
	Números publicados	01 a 05 - *
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	---
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Classe Estudantal
	Público Alvo	Classe Estudantal
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	---
	Tipografia	----
	Jornais apoiadores	Pacotilha e Diário do Maranhão
	Redação	
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	---
E S T R U T U R A	Expediente	---
	Seções fixas	---
	Reproduções	---
	Produções literárias	---
	Noticiário	---
	Anúncios	---
	Errata	---

- **O Porvir (1895)**

J O R N A L	Título	O Porvir
	Subtítulo	Orgão da Classe Estudantal
	Epigrafe	O trabalho e a ciência são d'ora em dante os senhores do mundo
	Administração	Casa n.1 da rua da calçada, canto para o Largo do Palácio
	Data de criação	15 de junho de 1885
F O R M A	Tamanho	In-8º
	Imagens ou ilustrações	Não
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas, fontes diversas e separadores de seção de diferentes formas.
	Nº de páginas	04
	Nº de Colunas	03
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Mensal
	Dia de publicação	Indeterminada
	Anos	01
	Números publicados	01 a 03 - *
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	Pagamento Adiantado
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes de Preparatórios
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	Gyrasol; Victor Hugo; E. Castello Branco; R. A.; A. Lustosa; Neves Ribeiro; Nando Fortes; Ceio Xisto, E. Castellar
	Tipografia	J. C. Leite
	Jornais apoiadores	Pacotilha
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	300 réis
E S T R U T U R A	Expediente	Sim (última página)
	Seções fixas	O PORVIR (artigo editorial), LITERATURA (artigos) (NOTICIÁRIO (notícias gerais e da comunidade escolar)
	Reproduções	Sim
	Produções literárias	Soneto; poesia, acrósticos.
	Noticiário	Sim
	Anúncios	Não
	Errata	Não

- **O Estudante (1895)**

J O R N A L	Título	O Estudante
	Subtítulo	---
	Epigrafe	---
	Administração	---
	Data de criação	07 de setembro de 1895
F O R M A	Tamanho	--
	Imagens ou ilustrações	---
	Recursos tipográficos	---
	Nº de páginas	---
	Nº de Colunas	---
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Mensal
	Dia de publicação	---
	Anos	01
	Números publicados	---
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	---
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	---
	Tipografia	---
	Jornais apoiadores	Diário do Maranhão e Pacotilha.
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	---
E S T R U T U R A	Expediente	----
	Seções fixas	---
	Reproduções	---
	Produções literárias	---
	Noticiário	----
	Anúncios	---
	Errata	---

- A Alvorada (1895)

J O R N A L	Título	A Alvorada
	Subtítulo	Orgão Litterario, Crítico e Noticioso
	Epigrafe	---
	Administração	Rua da Paz, Casa n. 40
	Data de criação	08 de setembro de 1895
F O R M A	Tamanho	In-8º
	Imagens ou ilustrações	Sim
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas, fontes diversas e separadores de seção de diferentes formas.
	Nº de páginas	04
	Nº de Colunas	03
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Semanal
	Dia de publicação	Indeterminado
	Anos	01
	Números publicados	01 a 10 - *
	Números especiais	Sim (Homenagem a Gonçalves Dias)
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	Assinatura
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	Gerente – J. P. d’Almeida
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	Dagoberto Lima; Armando Sganarello; Galeno Lyord; Jason; Alberto do Livramento; Kalimanôr Hazar Bad; Barbosa Costa; Silva Braga; Lamentor; Sgimão Travesso; Nourvady; Palmiro Leandro; A.dos Reis Carvalho; Galeno Lyord; B. das Chagas; Camelia Linhares; Placido Guerra; Tito Junior; Nicolau Linguarudo;
	Tipografia	Tipografia Ramos d’Almeida & C. Succs.
	Jornais apoiadores	Pacotilha
	Redação	--
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	P/ o estado 1200 (trimestre), 2100 (semestre) e 100 réis (avulso) P/ o exterior 1600 (trimestre), 3000 (semestre) e 200 réis (avulso)
	E S T R U T U R A	Expediente
Seções fixas		A ALVORADA (primeira página); FOLHETIM (segunda página)
Reproduções		---
Produções literárias		Poesia, Soneto (Dagoberto Lima), Crônica e Artigos de Literatura
Noticiário		Sim
Anúncios		Sim (última página)
Errata		---

- O Ideal (1898)

J O R N A L	Título	O Ideal
	Subtítulo	Orgão Literário e Estudantal
	Epigrafe	Obreiros do progresso, eu vos saúdo. Filhos da minha pátria, eu vos bendigo. Coragem Luctadores! <i>A. Pereira</i>
	Administração	Rua da Formosa n. 18
	Data de criação	20 de setembro de 1898
F O R M A	Tamanho	In-8º
	Imagens ou ilustrações	Não
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas, fontes diversas e separadores de seção de diferentes formas.
	Nº de páginas	04
	Nº de Colunas	03
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Mensal
	Dia de publicação	Indeterminado
	Anos	02 – 1898 a 1899
	Números publicados	Ano I – 04 ; Ano II – 01 e 02 - *
	Números especiais	Não
	Interrupções de tiragem	Não
	Distribuição	Sem menção
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Gremio Litterario Estudantal
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	L. Carvalho; C. Souza Junior; Viriato Correa (intelectual?); Octavio Galvão; Languterres; J. Lisboa; Liboa Filho; Cabrion; J. Vaz; E. Fernandes;
	Tipografia	Tipografia Ramos d'Almeida & C. Succs.
	Jornais apoiadores	Pacotilha
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	Sem informação
E S T R U T U R A	Expediente	Sim (primeira página)
	Seções fixas	O IDEAL (artigo- primeira página); RABISCOS (notícias gerais da cidade- ultima página); ECHOS DA REDAÇÃO (notícias da redação do jornal- ultima página)
	Reproduções	---
	Produções literárias	Poesias, Artigos de Literatura; Contos
	Noticiário	Sim
	Anúncios	Não
	Errata	Não

- **O Philomatico (1898)**

J O R N A L	Título	O Philomatico
	Subtítulo	*Jornal Litterario
	Epigrafe	---
	Administração	---
	Data de criação	12 de novembro de 1898
F O R M A	Tamanho	---
	Imagens ou ilustrações	---
	Recursos tipográficos	---
	Nº de páginas	---
	Nº de Colunas	---
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Mensal
	Dia de publicação	---
	Anos	---
	Números publicados	---
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	---
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	Cônego Leopoldo Damasceno
	Tipografia	---
	Jornais apoiadores	Pacotilha
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	---
E S T R U T U R A	Expediente	---
	Seções fixas	---
	Reproduções	---
	Produções literárias	Artigos, Poesias e Ensaios
	Noticiário	---
	Anúncios	---
	Errata	---

- **A Actualidade (1900)**

J O R N A L	Título	A Actualidade
	Subtítulo	Periódico imparcial, litterario, crítico e noticioso
	Epigrafe	---
	Administração	Consistório de São João, rua da paz
	Data de criação	16 de agosto de 1900
F O R M A	Tamanho	In-8º
	Imagens ou ilustrações	Não
	Recursos tipográficos	Letras maiúsculas, fontes diversas e separadores de seção de diferentes formas.
	Nº de páginas	04
	Nº de Colunas	03
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	Trimensal
	Dia de publicação	Dias 10, 20 e 30 de cada mês
	Anos	01
	Números publicados	01 a 08 - *
	Números especiais	Sim (homenagem a Gonçalves Dias)
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	Assinatura
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes de Preparatórios – Liceu Maranhense
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	Diretores: Luiz Carvalho e Henrique Fernandes
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	Costa Fernandes; Arthur Lobo; Ulysses tabajara; Esmeraldo Pinheiro; Viriato Correia; A. Caldas; Maranhão Sobrinho; Luiz Carvalho; Antoninho; Pinzon Bloc.
	Tipografia	Tipografia Antonio Pereira Ramos d'Almeida & C. Succs.
	Jornais apoiadores	Pacotilha
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	--
	Vendido ou gratuito	P/ a Capital – 300 réis por trimestre P/ o interior – 3000 réis por trimestre
E S T R U T U R A	Expediente	Sim (Primeira página)
	Seções fixas	BREGUEIRICES (Soneto); JORNAES DA TERRA (circulação e permuta de jornais) e NOTICIAS (em geral e da comunidade escolar)
	Reproduções	---
	Produções literárias	Poesia; Conto
	Noticiário	Sim
	Anúncios	Não
	Errata	Não

- **O Athleta (1900)**

J O R N A L	Título	O Athleta
	Subtítulo	---
	Epigrafe	---
	Administração	Gremio Litterario Estudantal
	Data de criação	04 de junho de 1900
F O R M A	Tamanho	---
	Imagens ou ilustrações	---
	Recursos tipográficos	---
	Nº de páginas	---
	Nº de Colunas	---
F R E Q U E N C I A	Periodicidade	---
	Dia de publicação	---
	Anos	---
	Números publicados	---
	Números especiais	---
	Interrupções de tiragem	---
	Distribuição	---
D I S P O S I T I V O S	Grupo organizador	Estudantes do Liceu
	Público Alvo	---
	Patrono	---
	Corpo editorial	---
	Redatores	---
	Jornalistas e Colaboradores	---
	Tipografia	---
	Jornais apoiadores	Pacotilha
	Redação	---
	Regulamento ou estatuto	---
	Vendido ou gratuito	---
E S T R U T U R A	Expediente	---
	Seções fixas	---
	Reproduções	---
	Produções literárias	Sim
	Noticiário	---
	Anúncios	---
	Errata	---

APÊNDICE D - Ficha de identificação

JORNAL	Sujeito/ Instituição	Lugar ocupado no jornal	Lugar ocupado nas instituições escolares	Lugar ocupado na sociedade

Fonte: Cabral, 2021.

APÊNDICE E – Tabela de análise das mensagens, notícias e produções literárias

JORNAL:		
Transcrição da mensagem/notícia	Palavras-chave	Finalidade do discurso

Fonte: Cabral, 2021.